UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

JOSEF DAVID YAARI

Fenômeno e trajeto: caminhos antropo-noéticos para uma nova epistemologia em Psicologia Social

São Paulo
2019

JOSEF DAVID YAARI

Fenômeno e trajeto: caminhos antropo-noéticos para uma nova epistemologia em Psicologia Social

Tese apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Profa. Associada Dra. Sandra Maria Patrício Ribeiro

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Yaari, Josef David

Fenômeno e trajeto: caminhos antropo-noéticos para uma nova epistemologia em Psicologia Social

/ Josef David Yaari; orientadora Sandra Maria Patrício Ribeiro. -- São Paulo, 2019.

244 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Psicologia Social. 2. Epistemologia. 3. Johann Wolfgang Goethe (1749-1832). 4. Desenvolvimento Humano. 5. Si Mesmo. I. Ribeiro, Sandra Maria Patrício, orient. II. Título.

Josef David Yaari

Fenômeno e trajeto: caminhos antropo-noéticos para uma nova epistemologia em Psicologia Social

Tese apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Social

Aprovado em:

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. (Presidente)_____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À começar agradeço à minha orientadora Dra. Sandra Maria Patrício Ribeiro que me acolheu, depois da primeira, amorosa e interessada, acolhida da Dra. Zélia Ramozzi Chiarottino, e me deu sempre excelentes subsídios para a elaboração desta tese.

Aos meus colegas do nosso querido "grupo de orientação" que de forma cordial me receberam com interesse dando sugestões, fazendo perguntas e apresentando respostas que me foram muito importantes ao longo deste trabalho.

E então ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, na área de concentração de Psicologia Social e do Trabalho, com seus mestres e doutores que me receberam com muita atenção e estimularam meu crescimento por meio da elaboração desta tese de doutorado.

Um especial agradecimento à Karina Schmidt Brancher que me estimulou a fazer o doutorado, me acompanhou nesse processo, esteve presente na qualificação, leu todo o conteúdo e me deu valiosas contribuições. E à Maria Cecilia Moraes Antunes que também esteve na qualificação e fez a primeira sugestão de formato global desta tese.

E agora às minhas queridas amigas Marina Breslau que com seu coaching comigo, abriu portais imensos, à Sandra Mara Sanches, minha terapeuta artística que tem me feito amar a mim mesmo e, daí, aos tantos outros, e, à Sibere Lourenço Mantovani que com carinho foi me acompanhando de longe mas com uma presença sempre atuante no dia a dia desde setembro de 2018.

E finalmente à minha família, meus pais já falecidos que com sua luta firmaram a base do que sou hoje e aos meus filhos por me acompanharem com sua significativa presença em todo este tempo, mormente ao meu caçula Dr. Michael Yaari, que é o único filho que mora aqui no Brasil, com quem venho aprendendo todos os dias pela sua luta e pelo seu exemplo.

Faça apelo aos gaviônicos restos de sangue Negro e Tapuia que você tem, Quaderna, e entenda que o penetral “é o penetral”, que o penetral “é”! O coisico, coisica: os cavalos cavalam, as árvores arvoram, os jumentos jumentam, as pedras pedram, os móveis movelam, cadeiras cadeiram, e o faráutico, machendo e feminando, é que consegue genter e farauticar! É assim que o túdico tudica e que o penetral penetrala - e esta, Quaderna, é a realidade fundamental!

Ariano Suassuna, *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* / folheto XXX (A Filosofia do Penetral), 1971

RESUMO

YAARI, Josef David. **Fenômeno e trajeto: caminhos antropo-noéticos para uma nova epistemologia em Psicologia Social**. 2019. 244 p.. f. Tese de Doutoramento – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

A presente tese fundamenta-se em estudo autoetnográfico e revisão bibliográfica integrativa, tendo em vista ressaltar a prioridade do protagonismo individual como forma de emancipação, com consequências relevantes para a Psicologia Social. Esquematicamente, a obra se constitui de cinco capítulos: no primeiro, advoga-se a necessidade de uma nova epistemologia em geral, e em especial para a Psicologia Social, uma epistemologia que, ultrapassando as limitações do mecanicismo e do biologicismo, seja capaz de compreender o anseio humano de criação de novos mundos. Os dois capítulos seguintes buscam oferecer os fundamentos que, segundo parece ao autor, poderiam sustentar esta "nova epistemologia": no segundo capítulo são apresentadas algumas consequências antropológicas que se pode derivar da nossa singular configuração morfológica, particularmente da neotenia, destacando dentre tais consequências a sensação do *si mesmo*, a liberdade, a criatividade e a possibilidade de acesso e simbolização da realidade não material; no terceiro capítulo procura-se destacar algumas contribuições da obra científica do poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), particularmente aquelas que foram retomadas por Rudolf Steiner (1861-1925) como fundamentos para a sua "Filosofia da Liberdade" e sua proposta de "autoeducação", procurando estabelecer as relações entre as obras destes pensadores, a história da epistemologia em geral e a necessidade de uma nova epistemologia, apontada no capítulo inicial. O quarto capítulo consiste numa tentativa de demonstrar a validade empírica da abordagem goetheanística, mediante sua aplicação à história de vida do autor. Finalmente, no quinto capítulo, são apresentadas as conclusões e propostas práticas que o autor pode haurir em sua trajetória de vida – um longo caminho de estudos teóricos e, sobretudo, de vivências, procurando-se reverberar também preocupações colocadas pela Filosofia da Paisagem e explicitar algumas novas questões a investigar, tendo sempre em vista a busca de respostas e as mobilizações necessárias para os enormes e urgentes problemas que afetam a todos nós no dia a dia.

Palavras-chave: Psicologia Social, Epistemologia, Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), Desenvolvimento Humano, Si Mesmo.

ABSTRACT

YAARI, Josef David. **Phenomenon and path - pathways anthropo-noetic for a new epistemology in social psychology**. 2019. 244 p.. f. Doctoral Thesis – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo (Brasil), 2019.

The present thesis is based on an auto-ethnographic study and in an integrative bibliographical revision, with the aim of highlighting the priority of individual protagonism as a form of emancipation, with relevant consequences for Social Psychology. Schematically, this work consists of five chapters: in the first, we defend the need for a new epistemology in general, and especially for Social Psychology, an epistemology that, beyond the limitations of mechanicism and biologicism, is be able to understand the human's yearning for the creation of new worlds. The next two chapters seek to offer the foundations that, according to the author, seem to support this "new epistemology". The second chapter presents some anthropological consequences that can be derived from our unique morphological configuration, particularly the neoteny, highlighting among these consequences, the sensation of self, freedom, creativity and the possibility of access and symbolization of non-material reality; in the third chapter we try to highlight some of the contributions of the German poet Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), particularly those that were taken over by Rudolf Steiner (1861-1925) as grounds for his "Philosophy of Freedom" and his proposal for "Self-education", seeking to establish the relations between the works of these thinkers, the history of epistemology in general and the need for a new epistemology, how it's pointed out in the initial chapter. The fourth chapter is an attempt to demonstrate the empirical validity of the Goetheanistic approach, through its application to the author's life history. Finally, in the fifth chapter, we present the conclusions and practical proposals that the author was able to assimilate in his life trajectory - a long journey of theoretical studies and, above all, of life experiences, seeking to reverberate also concerns posed by Landscape Philosophy, and to explain some new questions to be investigated, always having as objective the search for answers and the necessary mobilizations for the enormous and urgents problems that affect us all day by day.

Key-words: Social Psychology, Epistemology, Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), Human development, Self.

SUMÁRIO

PREÂMBULO: OS MOTIVOS DO MEU CAMINHAR... 12

A CARICATURA DA REALIDADE 13

A BUSCA DE RESPOSTAS 16

A REALIDADE E O MISTÉRIO DA GRANDE ORDEM IMANENTE... 20

AS QUESTÕES QUE ME MOBILIZAM E OS MEUS PRESSUPOSTOS... 34

ESTA TESE DE DOUTORAMENTO... 37

CAPÍTULO 1 - OS HORIZONTES DE UMA NOVA EPISTEMOLOGIA 41

1.1 OS PERCURSOS E PERCALÇOS DO CONHECER... 41

1.2 FENÔMENO E TRAJETO 44

CAPÍTULO 2 – O CAMINHO DO SER HUMANO: ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DE NOSSA ESPECÍFICA CONFIGURAÇÃO MORFOLÓGICA 50

2.1 - O "FATOR ANTHROPOS" 50

2.2 – A NEOTENIA 51

2.3 – O SER DA PRESENÇA 53

CAPÍTULO 3 – O CAMINHO DE CONHECIMENTO DE GOETHE E O GOETHEANISMO: POLARIDADE, INTENSIFICAÇÃO E METAMORFOSE 68

3.1 O GOETHEANISMO: CARACTERÍSTICAS RELEVANTES 69

3.2 MORFOLOGIA OU FENOMENOLOGIA 70

3.3 A ATENÇÃO CONCENTRADA NO FENÔMENO PRIMORDIAL DA POLARIDADE E INTENSIFICAÇÃO 76

3.4 O PENSAR OS FATOS SENSORIAIS E OS FATOS SUPRASSENSÍVEIS 77

INTERLÚDIO POÉTICO SOBRE A SUPERFLUIDADE DA METAFÍSICA PARA O PENSAR OS FATOS SENSORIAIS E OS FATOS SUPRASSENSÍVEIS 81

3.5 A ABORDAGEM GOETHEANÍSTICA DA REALIDADE OU "GOETHEANISMO" 87

CAPITULO 4 - EU, NO CAMINHO: A TRAJETIVIDADE DO SER E O PROTAGONISMO 102

4.1 - ELABORAÇÃO GOETHEANÍSTICA DO RECORTE DA HISTÓRIA DE MINHA VIDA 118

4.2 - SEQUENCIAMENTO CONGRUENTE DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA: OBSERVAÇÃO CRITERIOSA E DESCRIÇÃO CUIDADOSA DOS FENÔMENOS PERCEBIDOS 120
4.3 - JULGAMENTO PELO OBJETO – (PENSAMENTO INTER-RELACIONADO AO OBJETO): 156
4.4 - VERSATILIDADE DA INTENCIONALIDADE DA CONSCIÊNCIA: 161
4.5 - EXPERIÊNCIA DA EVIDÊNCIA: 169

CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DO CONHECER 172

5.1 – SOBRE A *POIÉSIS* E O CONHECIMENTO 172
5.2 – SOBRE A METAMORFOSE: 182
5.3 – ONDE FINCAR BANDEIRAS NESSE AREAL? 187
5.4 - OS OITO PRINCÍPIOS ANTROPO-NOÉTICOS 193
5.5 – UM PLANO DE SAÍDA? 201
5.6 – O ESPELHO... 233

REFERÊNCIAS 240
GLOSSÁRIO 243

PREÂMBULO: OS MOTIVOS DO MEU CAMINHAR...

Sabe de uma coisa? Muita gente estranhou quando eu me propus a realizar um doutorado aos 70 anos de idade. Mas além de uma vontade clara, em meu mundo interno, de desenvolver uma tese que venho gestando por muitos anos, também estou escrevendo porque muitos me pediram. Solicitaram que eu contasse o que aprendi e o que tem justificado o que venho fazendo. E o que espero conseguir é contar uma boa história que inspire a todos nós...

Porque a universidade não pode ficar alheia ao quotidiano do mundo. Temos assistido a falta de trânsito dos grandes temas tratados nas universidades com as mudanças que assim poderiam ser possíveis para a melhora da qualidade de vida da comunidade. Este trânsito é possível se estivermos atuando nos diversos ambientes que o dia a dia da vida nos proporciona. Não se trata de querer concorrer com o mercado de quinquilharias e da ampla oferta de sensações comuns a todos nós. Trata-se de "com-viver", "com-versar" e trabalhar com todos, compartilhando as descobertas e as contínuas ampliações de perspectivas que nossas pesquisas têm demonstrado.

Ainda jovem, em minha adolescência, eu queria estudar tudo, compreender por todos os ângulos como funciona o mundo. Lembro que ao visitar uma livraria, fiquei desesperado porque percebi que não conseguiria ler todos os livros e, portanto, não chegaria à ciência do Todo e de Tudo, como muitos cientistas buscaram… E, há muitos anos, num encontro com uma psicóloga, ela me disse que não queria pouco da vida, queria tudo. E me desafiou a traçar um caminho de como chegar lá. Depois perdi o contato com ela e comecei escrever cartas às pessoas diante de perguntas que elas me faziam. E estas cartas se tornaram livros que escrevi com entusiasmo, mas que não tiveram sucesso, ou seja, não chegaram a um grande público como todo escritor espera. Estou agora então, escrevendo os cadernos de Psicologia Metaformal e Consultoria Biográfica Multidisciplinar.

Quanto à presente tese, desde 1987 venho trabalhando os temas que formam seu fundamento e buscando agregar um grupo de pessoas que pudesse cultivar e compartilhar sentimentos, pensamentos e vontades ligadas a estes temas que considero essenciais. Neste momento em que a trago a lume, julgo necessário declarar, preambularmente, alguns dos motivos que me mantiveram no encalço destes temas ao longo de tantos anos...

A caricatura da realidade

Um tempo depois de iniciar este processo de doutoramento, apresentei um seminário de pesquisa no Laboratório de Psicologia Socioambiental / Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade (IPUSP/PST). Na ocasião, procurei fundamentar um aspecto que considero essencial neste trabalho, que é a proposição de atuação como "protagonista de um ativismo cordial", ou seja, de nos firmar como "pessoas atuantes a partir de um ato consciente de estar no mundo, usando nosso agir, querer e pensar a partir do coração". Tendo isto em vista, iniciei minha apresentação falando do por que decidi realizar este doutorado aos 70 anos de idade. Então contei uma passagem da vida de meu pai que ele descreve em sua autobiografia. É o livro publicado pelo nome "O Leão da Montanha" que eu comecei a escrever a partir de anotações do que meu pai foi me contando de suas lembranças, mas que depois ele continuou escrevendo até que uma editora, a senhora Júlia Bàràny, que foi minha esposa por alguns anos, fez uma edição profissional. Muito bem, a partir da página 147 deste livro, há um subtítulo "Os Russos Chegaram" que continua o relato de que quando meu pai e seu amigo Aron, fugiram do campo de concentração na Alemanha, chegaram a uma casa vazia, mas que logo descobriram que estava ocupada por oficiais alemães. Pegaram um pacote de açúcar e se refugiaram no paiol desta casa, ficando lá escondidos por oito

dias seguidos, sendo que o açúcar durou apenas três dias... Creio que, aqui, será melhor seguir o relato de meu pai no livro:

"Entramos na nossa nona noite no sótão do paiol. Esta noite era decisiva, pois estávamos no limite de nossas forças. Pressentimos a chegada dos russos, que haviam descoberto onde estava a artilharia antiaérea alemã. Ouvimos então, pela primeira vez, os famosos "katiushas", canhões com quatro bocas. Os obuses (as balas dos canhões) caíam por todos os lados e os soldados alemães fugiram pela floresta. O bombardeio durou a noite inteira. Nossa sorte ainda persistia, porque mesmo quando um dos obuses atingiu a casa e fez cair várias telhas do paiol, nada nos aconteceu. Pela madrugada houve algum silêncio, mas ainda ouvíamos o estrondo dos canhões e a passagem de centenas de aviões russos. Pela manhã do décimo dia alguns soldados alemães voltaram ao local para recolher algumas coisas. Levaram-nas para um caminhão e finalmente se retiraram. Resolvemos não descer ainda e aguardar o anoitecer. Assim que escureceu, descemos à procura de comida, mas nada encontramos, além de algumas batatas espalhadas; comemos assim mesmo, cruas e com casca. Como não havia ninguém pelos arredores, resolvemos fazer uma pequena faxina no sótão. Retiramos a palha suja e substituímos por palha limpa, para termos condições de sobreviver por mais uma noite. No décimo primeiro dia, pela manhã ouvimos novo barulho. Eram dois soldados, possivelmente russos. Mas como não podíamos ver o que se passava na casa, mesmo ouvindo-os falar em russo resolvemos ainda ficar escondidos, com medo (...) Estávamos em janeiro de 1945 e o frio era muito intenso. Mesmo assim, agora já dentro da casa, tiramos as roupas – após 11 dias sem nos lavarmos – e nos banhamos com uma bacia de água fria. Procuramos mais algumas roupas, agasalhamo-nos com qualquer coisa e nos pusemos a caminhar, seguindo a estrada no sentido contrário ao dos alemães. Com 11 dias sem andar, meus pés haviam melhorado muito, permitindo-me seguir em frente. Após alguns quilômetros começamos a ver caminhões e automóveis quebrados em valetas à beira da estrada. Avistamos ao longe um vilarejo com casas e nos dirigimos para lá. De repente ouvimos gritos vindos da valeta: "Schtói! (parem)". Então de um abrigo saltaram três soldados russos bem camuflados, aproximaram-se de nós e nos revistaram à procura de armas. Como não tínhamos nada, perguntaram quem

éramos... (...) Ao chegarmos ao acampamento russo, o oficial depois de uma nova revista, nos mandou para a cozinha pois falamos que estávamos com fome (...)

Foi aí que meu pai e seu amigo quase morreram porque devido a terem comido demais ficaram com convulsões e uma forte disenteria, sendo imediatamente hospitalizados no hospital de campanha dos russos. O oficial que os recebeu tinha o nome de Boris que logo os identificou como judeus e se identificou também como judeu ucraniano da cidade de Kiev. (...) Mais adiante no mesmo texto, onde meu pai conta importantes ocorrências, o relato continua:

"Certa noite, Boris me chamou e me pediu para que eu o acompanhasse até uma casa semidestruída, informando-me que se tratava da residência do líder nazista local. Quando lá chegamos, vimos na sala, ao lado da lareira, uma mulher idosa e uma menina de uns dez anos de idade. Então ele me entregou o revólver e ordenou: "Mate-as!" Embora eu soubesse do parentesco delas com o líder nazista, não tive coragem de matá-las. Em tom irônico, respondi que se um cachorro me mordesse, eu não sairia mordendo o cachorro. O capitão Boris, ficou furioso comigo; chamou-me de covarde, fraco e muito mais. Afirmou que eu nem sequer poderia me considerar judeu, já que a lei mosaica afirma "Olho por olho, dente por dente", etc. Boris matou a mulher e a criança no ato – e tive medo de que ele me matasse também. (...)

Diante desta história verídica, como é verídico o fato de que esse tipo de situação, independente de motivos particulares, diferentes entre si, se repete hoje em todos os lugares do mundo, e que, por incrível que pareça conta com uma visão moral de uma postura ética corrompida que "sustenta" esta conclusão equivocada e ignorante da frase "olho por olho, dente por dente..." e, afinal, de toda ética estabelecida que usa frases sábias e frases de efeito para justificar o injustificável, pergunto: Qual é a atitude que me resta tomar diante de cada um destes personagens, meu pai, os "Boris" do mundo, a miséria e a violência em todos os sentidos?

Andei e ando me cobrando uma atitude, a necessidade de fazer, de fato, um caminho diferente de tudo isso e que nos leve a salvar, com majestade, o ser humano oculto por detrás destes lamentáveis personagens... Penso que a miséria, a maldade, a indiferença e a violência são caricaturas da realidade vista pelo real; chamo de realidade a descoberta do Rei ou da Rainha, pois eles, a Rainha e o Rei, descobrem o real que é a beleza, a ordem, a vitalidade, o amor e a alegria. Não tem sentido continuar sem perceber os caminhos que no âmago de nossa vontade querem se revelar! Sabemos que somos mais, bem mais que isso tudo! De certo modo, a decisão de escrever a presente tese tem a ver com essa proposta de demonstrar que sim, somos muito mais do que a "sociedade do simulacro" quer nos fazer crer que somos!

A busca de respostas

Ainda tento compreender o que aconteceu? Como é que o ser humano desaparece de ser o que, de fato, é?

E falo com você que está lendo esse texto, esperando que você compreenda essa demanda que já me custou muita tristeza, lágrimas mesmo, por saber que, afinal, as pessoas até perderam essa perplexidade, essa ira, essa vergonha mesmo de estar no mundo e acabam, meu Deus, que tragédia, aceitando passivamente o domínio da ignorância, da grosseria e da maldade que chega a ser inacreditável, como o são as milícias do poder paralelo, que simplesmente matam quem queira enfrentá-las, estabelecendo um crime que não respeita qualquer nível mínimo de amor a um próximo mesmo que muito distante...

Recoloco a pergunta, tantas vezes feita: que humanismo é possível depois do Holocausto?

É claro que tenho certeza de que o humanismo só cresce, se renova, se retoma a cada ato de qualquer pessoa, mas então todas as pessoas são chamadas justamente ao ato, à atuação no mundo para o exercício da alegria de amar…

É isso! Esta tese visa estimular cada um a realizar a consciência como ato permanente no mundo. Esta tese de doutorado se firmou agora, como um alicerce de minhas elaborações. O objetivo é fazer um chamado às pessoas que querem cultivar e compartilhar sentimentos, pensamentos e vontades ligadas a estes temas que indicam trilhas que nos levem a santuários, estes locais que nos inspiram à meditação e às descobertas de novos rumos, como rizomas que se alimentam da terra para então formar tubérculos, raízes de novas plantas, de novas vidas que respondem à solicitação do cosmos, começando pelo sol, lua e as tantas estrelas…

Ah, não é fascinante olhar para a copa das árvores e perceber estes contínuos novos ramos que lançam folhas para captar a luz vinda do universo? Que força anima estes novos ramos? Não é também fascinante perceber que diante das tantas agressões contra, cada árvore lança, ainda mais, sempre estes novos ramos?

É isso! O que me parece é que, no mundo, a natureza e muitas pessoas resistem e insistem, são confiantes e não se deixam abater pelas tantas formas de desistência, de desânimo...

São muitas andanças e muitas descobertas entre tantos erros e acertos… Eu preciso lhe contar. Pela urgência, pelo limiar onde chegamos, pela desgraça mas também pela graça do ser limpo que vem surgindo agora, depois dessa longa noite escura de minha alma. Sim, agora que já passei dos 70 anos de vida, posso chegar aqui a partir de meu caos, de meu vazio e da minha perplexidade diante da guerra de todos contra todos… sentimentos que, de certo modo, correspondem a uma das memórias relatadas por Anthony Bourdain (2001 [2003]), em seu livro *Em busca do prato perfeito*:

“Já estava acostumado aos amputados, às vítimas do agente laranja, aos famintos, pobres, garotos de rua de seis anos de idade que você encontra às três da madrugada gritando "Feliz ano novo! Olá! Bye-Bye!" em inglês, e depois aponta para suas bocas e faz "bum bum?". Estou ficando quase indiferente aos garotos famintos, sem pernas, sem braços, cobertos de cicatrizes, desesperançados, dormindo no chão, em triciclos, na beirada do rio. Mas não estava preparado para o homem sem camisa, com um corte de cabelo a la forma de pudim, que me detém na saída do mercado, estendendo a mão. No passado ele sofreu queimaduras e tornou-se uma figura humana quase irreconhecível, a pele transformada numa imensa cicatriz sob a coroa de cabelos pretos. Da cintura para cima (e sabe Deus até onde), a pele é uma cicatriz só; ele não tem lábios, nem nariz, nem sobrancelha. Suas orelhas são como betume, como se tivesse mergulhado e moldado num alto-forno, sendo retirado pouco antes de derreter por completo. Mexe seus dentes como uma abóbora de Halloween, mas não emite um único som através do que foi um dia, uma boca. Sinto um murro no estômago. Minha animação exuberante dos dias e horas anteriores desmorona. Fico paralisado, piscando e pensando na palavra napalm, que oprime cada batida do meu coração. De repente nada mais é divertido. Sinto vergonha. Como pude vir até esta cidade, até este país por razões tão fúteis, cheio de entusiasmo por algo tão... sem sentido, como sabores, texturas, culinária? A família daquele homem deve ter sido pulverizada, ele mesmo transformado num boneco desgraçado, como um modelo de cera de madame Tussaud, a pele escorrendo como vela pingando. O que estou fazendo aqui? Escrevendo um livro de merda? Sobre comida? Fazendo um programinha leve e inútil de tevê, um showzinho de bosta? A ficha caiu de uma vez e fiquei me desprezando, odiando o que faço e o fato de estar ali. Imobilizado, piscando nervosamente e suando frio, sinto que todo mundo na rua está me observando, que irradio culpa e desconforto, que qualquer passante vai associar os ferimentos daquele homem a mim e ao meu país. Dou uma espiada nos outros turistas ocidentais que vagueiam por ali com suas bermudas da Banana Republic e suas camisas pólo da Land´s End, suas confortáveis sandálias Weejun e Bierkenstock, e sinto um desejo irracional de assassiná-los. Parecem malignos, comedores de carniça. O Zippo com a inscrição pesa no meu bolso, deixou de ser engraçado, virou uma coisa tão pouco divertida quanto a cabeça encolhida de um amigo morto. Tudo o que comer terá gosto de cinzas daqui pra frente. Fodam-se os livros. Foda-se a televisão. Nem mesmo consigo dar algum dinheiro ao coitado. Tenho as mãos trêmulas, estou inutilizado, tomado

pela paranoia... Volto correndo ao quarto refrigerado do New World Hotel, me enrosco na cama ainda desfeita, fico olhando para o teto com os olhos cheios de lágrimas, incapaz de digerir ou entender o que presenciei e impotente para fazer qualquer coisa a respeito. Não saio nem como nada pelas 24 horas seguintes. A equipe de tevê acha que estou tendo um colapso nervoso. Saigon...Ainda em Saigon. O que vim fazer no Vietnã?"

E eu, o que vim fazer neste mundo?

Não tenho mais argumentos, não há mais explicações, não quero mais falatórios, justificativas, compensações, autodefesas ou ataques, modelos de ser ou de não ser …

Hoje estamos todos entregues a nós mesmos, como se fôssemos todos refugiados de uma guerra neste mundo que vai se esvaindo pela terra arrasada e pela falta de referenciais do que é o humano que só em tese ainda defende o bem e a solidariedade. No entanto, a prática nas corporações e nas instituições se guia pela tese da guerra de todos contra todos. Porque ocorreram vários holocaustos, mas o da 2ª. Guerra Mundial foi a instituição friamente programada de uma organização completa com todos os mecanismos para matar pessoas indesejáveis!

O que se pode propor depois disso? Que perspectivas as pessoas têm além da oferta contínua de buscar prazeres por sensações grosseiras ou sofisticadas que provocam essa mobilidade agitada, sem espaço para a serenidade, precisando cada vez mais repetir, repetir e continuar no mundo das sensações? Não posso concordar com esta perspectiva de que vivemos, então, só para ter cada vez mais sensações. Sinto-me chamado a ser mais, a fazer mais!

Mas não estou aqui para dizer aos outros o que devem fazer, mas sim, contar, compartilhar muitas perguntas, procurar com os outros novos horizontes, expectativas que sei serem reais para todos nós.

A realidade e o mistério da Grande Ordem Imanente...

O que sempre me mobilizou foi uma vontade enorme, realmente profunda, que entendo estar no cerne, no âmago de todas as vontades, que é afinal, compartilhar e celebrar a beleza, a ordem cristalina do mundo e das coisas, como aquela que se revela ao quebrar uma pedra ao meio e descobrir nela o cristal escondido desde tempos imemoriais.

E isso tem a ver com descobrir o mundo e criar novos mundos!

Mas não busquei explicações (embora muitas vezes tenha sido confundido pelas explicações com que me deparei). Busquei as coisas, querendo conviver intensamente com elas. Lembro-me de minhas caminhadas pelo deserto e da minha vontade de me misturar à areia, como se eu pudesse assim estar no meio das coisas, no meio de tudo… Depois fui compreendendo que tudo isso é a expectativa do amor, esse tão grande amor que dá sentido à minha e à tua vida...

Peço, antes de tudo, o silêncio, o calmo silêncio da serena certeza de que estamos neste encontro, no qual a única razão é a do amor, do ser, do ser aí, do ser entre, do ser em fluxo …

Isto significa assumir o *"Ser-Aí-Entre as coisas e os Seres"* (o "Dasein", como afirmou Heidegger), ou seja, Ser, simplesmente ser, no mais amplo sentido do que isto quer dizer. Ser sem querer ser o maior ou menor, o que sabe ou o que não sabe das coisas. Ser é Estar Entre!

Temos muito a conversar, sim *com versar*, inventando novas métricas e os tantos ritmos para dançar, cantar, pintar, desenhar…

É preciso dizer... Porque estamos desnudados pelo nosso despreparo perante os gritos que batem às nossas portas, pelos milhões de seres refugiados, refugiados das guerras, refugiados dos grupos, das comunidades que não tem ouvidos para receber o que temos a dizer, refugiados que saem de tantos lugares e estão indo para um lugar nenhum!

O que preparamos para recebê-los? O que temos construído para acolher, para abrigar, para alimentar? O que temos para dar? Será que nossa responsabilidade é promover mais espetáculos nessa Sociedade do Espetáculo, ou do Simulacro? Ou repetir mais do mesmo, nessa criminosa inserção na estrutura de mercado de quinquilharias que mantém essa mórbida sociedade de consumo?

Sim, eu sei, não preparamos nada, construímos miragens e fogos de artifício…

Mas, agora, ao longe, no fim do túnel, tenho certeza de estar vendo lanternas acesas e ouvindo cantigas... e danças e alegrias… Porque estamos aqui, juntos, *com versando*... Ainda bem! Agora, ao final dessa minha noite escura da alma, agradeço que você possa me receber... Porque sinto que não podemos adiar indefinidamente nossa emancipação. O limiar está aí! Sentimo-nos perdidos, caóticos, dominados por ganância, maldades, desordem, violência e indiferença que faz com que não consigamos ter confiança no mundo, nas pessoas e tudo o mais!

Mas, por outro lado, é preciso atender a demanda de então começar falando desta Grande Ordem Imanente no mundo para abrir um caminho, para tentar compreender a triste tragédia destas tantas pessoas e instituições que declaram a guerra, a miséria e o caos. O que será possível realizar?

Todas as ciências, atividades artísticas, religiões, pesquisas, teorias, ideologias, elaborações de ideias, conclusões e hipóteses pressupõem uma regularidade e a *Ordem Imanente* ao mundo. Porque vivemos num mundo do qual pouco sabemos, mas o que nos deixa perplexos é que sempre se revela uma ordem, uma regularidade que se impõe e que é algo muito maior do que nossa compreensão abarca. Nosso corpo continua tendo muitos mistérios e o espaço sideral mais ainda.

É isso: há uma Ordem Imanente que justifica a ciência e todas elaborações culturais. O cientista busca prever os acontecimentos, perceber sua repetição ao longo do tempo para

então elaborar uma tentativa de explicação, uma teoria, uma forma que justifique a ordem dos fatos. O mesmo ocorre com as religiões, ideologias, ordens filosóficas, estabelecimento de hábitos, leis sociais, etc., etc.

Chama a atenção o fato de que os cientistas evitam falar dessa Ordem Imanente, embora devam contar com ela para realizar suas pesquisas e suas tantas elaborações. E, de fato, como resultados de estudos profundos da natureza e da presença humana no mundo, surgem a cada dia novos dados em apoio à realidade desta Grande Ordem Imanente. Assim se demonstra nos estudos da Geometria, a inerente ordem geométrica visível nos cristais, nas flores e nas tantas outras ocorrências. Vamos então caminhar por estas descobertas:

A primeira descoberta surpreendente desta ordem do mundo é a *poiésis* inerente a tudo que vivemos. A variedade e multiplicidade de formas, cores e caminhos suscitam e demonstram o sentimento da beleza, da poética em todas as coisas. O sentimento real de veneração diante das cores e multiplicidade das flores, mas também das raízes e de todas as plantas em geral, e daí das rochas, dos animais e das infinitas paisagens possíveis, implica na descoberta da linguagem poética do mundo.

A *poiésis* abarca o todo, no sentido de que nela há a equação, a aritmética e a matemática do mundo, a metamorfose das folhas para as flores, as combinações de cores mais estranhas possíveis, a razão, a emoção, a vida e a morte, o entusiasmo e a contemplante melancolia, a música e o silêncio, o cheio e o vazio, o infinitamente grande e o infinitamente pequeno... Tudo! Ou seja, há uma *poiésis* imanente no mundo e que se revela a nós no início do aprendizado das coisas na escola fundamental que ocorre entre o sete e quatorze anos mas que contínua muito ativa em toda adolescência. Com a maturidade e com o enfrentamento dos desafios que temos para nos firmar na vida, esquecemos ou até perdemos a percepção desta *poiesis* mas é óbvio que esta não deixa de existir.

Assim, o discurso poético que nasce dos *insights* produzidos pela convergência de sentimentos, compaixão, pensamentos, meditação, vontades, intensificação do querer, nos coloca de forma apodítica diante dos fatos. Porque acessando o Sentir, harmoniza a tendência polarizadora do Pensar e do Querer. Essa é a experiência que todos pesquisadores sérios tem diante da obra artística, como, por exemplo, os contos de Guimarães Rosa como "O Espelho", "A Terceira Margem do Rio", "Nada e nossa condição", etc., etc. ou com a obra de Beethoven como o "5º Concerto de Piano de Orquestra", as nove sinfonias, ou a obra de Debussy ou a força de "Guernica" de Picasso, etc., etc.

A linguagem da racionalidade que insiste em se manter no polo do pensar, exclui a metáfora que tem a mesma força de um teorema e o perigo comum é a tendência da descontextualização nas representações matemáticas. Ou seja, a maioria das representações matemáticas de um fenômeno se mantém as mesmas em diferentes contextos onde o fenômeno ocorre.

Por outro lado, podemos nos maravilhar com o professor emérito Milton Vargas, da Escola Politécnica da USP, que ministrou, no dia 19 de março de 1996, uma brilhante palestra sob o título "História da matematização da natureza", posteriormente publicada na Revista de Estudos Avançados (VARGAS, 1996). Nesta palestra, ele demonstra não só o fato do que em toda a natureza se revelam equações e ordens matemáticas surpreendentes, mas também que para compreender alguns processos mais complexos desta própria natureza, desenvolvemos elaborações matemáticas que se mostraram essenciais para o entendimento de vários aspectos que sem a intervenção com nossas ideias, não se revelariam! Assim, Milton Vargas inicia falando do *des-velamento* da realidade que pela filosofia grega se estabeleceu pela *èpisteme theoretike*, ou seja, por uma forma de pensar radicalmente nova que é a teoria, cujo alcance foi sendo potencializado também pelo desenvolvimento da Lógica. Assim, nas palavras de Vargas:

> "o pensamento teórico consiste em ver que por detrás das aparências cambiantes do mundo, há uma realidade idêntica a si mesma, não contraditória e verdadeira, ou falsa, não admitindo meio termo entre a verdade e a falsidade".

Simultaneamente, diz Vargas, iniciou-se o processo de *matematização da natureza*:

> "*Com Pitágoras e seus seguidores surgiu a fecunda idéia de que a arché da natureza, ou seja, o princípio do qual brotam todas as coisas e a ele revertem, é o número. Isto é, o que é permanente, unitário, verdadeiro e, portanto, inteligível sob as aparências enganosas dos fenômenos, são suas proporções harmoniosas, expressas em números. Em outras palavras, a realidade vista pela teoria (theoren, em grego, significa ver) são as harmonias que governam o mundo, desde o movimento dos planetas até o som das cordas de lira. Platão tratou da natureza e da sua origem em um de seus últimos diálogos: o Timeo, cujo subtítulo é exatamente Peri Physei (a respeito da natureza). Nesse diálogo ele assume a posição pitagórica quando descreve a construção da physis pelo Demiurgo - cujos olhos estão fixos num modelo pré-estabelecido - misturando, em proporções harmoniosas, duas substâncias indefinidas, incorpóreas e contrárias a que chamou de o um e o outro. Portanto, os números que expressam tais combinações são a própria essência da natureza.*".

É a esta ordem permanente, unitária e verdadeira, inteligível sob as muitas formas de aparências e impressões enganosas dos fenômenos, que se expressa em proporções harmoniosas em suas diversas equações e números, que estou chamando de A Grande Ordem Imanente – e escrevendo as palavras iniciadas com maiúsculas para diferenciar de quaisquer outras ordens menores. Parece-me oportuno, então, relembrar ao leitor apenas um exemplo dentre os muitos estudos que atestam a presença desta ordem: a sequência de Fibonacci...

Leonardo Fibonacci, que viveu em Pisa aproximadamente entre 1170 – 1250, percebeu que a sequência do número de filhotes de coelhos gerados mês a mês (1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, 377…) é o resultado da soma dos dois números anteriores. Constatou ainda que dividindo um número pelo número anterior, chegava ao número 1,618,

concluindo daí que a razão 1,618 é uma constante universal de evolução e crescimento da natureza. Há indícios históricos de que este "número de ouro", tão fundamental na Sequência de Fibonacci, tenha sido redescoberto várias vezes, o que explica o fato deste mesmo número ter recebido vários nomes, como "Proporção Áurea", "Número Áureo", "Proporção Dourada", "Razão Dourada", "Divina Proporção", "Proporção da Extrema Razão" ou simplesmente "Phi". Este número teria sido usado já no tempo de Pitágoras, Euclides, etc., depois entre inúmeros arquitetos, como Phidias, Le Corbusier, etc., amplamente por Platão, artistas como Leonardo da Vinci, Giotto, Salvador Dali, etc., na música por Mozart, Beethoven, etc. e, enfim acabou sendo citado e usado por uma quantidade incalculável de estudos nas diversas áreas da atividade humana porque, aparentemente, pode ser observado na estrutura atômica da matéria, nas espirais das galáxias, nas ondas do oceano, na refração da luz, nos furacões, nas pétalas das rosas, nos frutos como o abacaxi, nas folhas das árvores, nas conchas dos caramujos, nas escamas dos peixes, nos marfins dos elefantes, nas proporções do corpo humano, na arte, literatura, música, arquitetura, nas muitas expressões do design e até nas oscilações de preços do mercado financeiro…[1]

De certo modo, a pressuposição desta Grande Ordem Imanente esteve sempre implicada no pensar sobre a vida e o mundo. Aristóteles com sua *Physica* afirma que as coisas se movem e se transformam por meio de muitas causas e, eventualmente por acaso, ou seja, que a natureza seria dotada de animação, dotada de um movimento autônomo que almeja um fim ou lugar último e próprio[2]. Tem-se aí,

---

[1] O leitor interessado poderá introduzir-se rapidamente no assunto através de dois artigos do *website MathWorld -A Wolfram Web Resource*: CHANDRA, Pravin & WEISSTEIN, Eric W. "Fibonacci Number" (http://mathworld.wolfram.com/FibonacciNumber.html / acesso: 25/12/2018); WEISSTEIN, Eric W. "Golden Ratio" (http://mathworld.wolfram.com/GoldenRatio.html / acesso: 25/12/2018), os quais trazem diversas outras referências úteis.

[2]Hans Jenny, médico e cientista suíço, desenvolveu uma ciência que denominou de "Cimática" que é a relação entre vibrações e formas. Trabalhando com sons, percebeu como diferentes vibrações provocadas em superfícies planas, criavam diferentes formas em corpúsculos como areia, sementes, etc. jogados a esmo sobre essas superfícies. Este fato leva possibilidades de compreensão de assuntos os mais diversos, como, por exemplo, a sensação de aceleração do tempo que atualmente estamos tendo: De acordo com alguns, isso se deve ao fato de

portanto, o vislumbre de um movimento organizado que visa uma finalidade, o que é diferente da visão matemática que existe no Timeo de Platão, embora tenha, nessa organização e finalidade do movimento, uma lógica não muito diferente da geometria euclidiana.

Assim, a visão platônica, por dar prioridade às ideias, deu origem às doutrinas metafísicas que dão base ao idealismo, enquanto a visão aristotélica, afirmando que as ideias não são separadas das coisas, deu ênfase às substâncias, o que levou à doutrina do realismo. Ora, nas duas abordagens as ideias têm importância fundamental e, então, na busca da integração artística das polaridades, não pude deixar de lembrar da extraordinária pintura de Rafael, "A Escola de Atenas" na qual o que ele expõe é a entrada de Platão apontando para cima, para os céus, junto com a entrada de Aristóteles apontando para a frente onde todos os outros, representantes das diferentes tendências filosóficas da época, estão envolvidos, todos, com a filosofia, com as ideias. E, daí, lembrei da grande obra de Mussorgsky, "Quadros de uma exposição", que musicou a exposição de quadros de seu amigo Viktor Hartmann que havia falecido recentemente – Mussorgsky quis revelar, com a música, as ideias ocultas em cada quadro! Estas obras de Rafael e de Mussorgsky permitem vislumbrar o modo como, em nossas vidas, as ideias e as experiências se entrelaçam umas com as outras.

É preciso superar o aparente divórcio entre idealismo e realismo – e, de fato, parece que temos caminhado nesta direção. Hoje, nosso acesso ao mundo das ideias abre-se para a infinitude do mundo e ocorre uma extraordinária evolução da matematização em todas as áreas de estudo dos fenômenos naturais, desde os

---

que nossas células estão aceleradas em seu pulso para se adaptar ao incremento do pulso da terra (Frequência Schumann). Também usam estes conhecimentos para a compreensão de várias formas geométricas, bem ordenadas, que surgiram em campos de diversas gramíneas...

movimentos dos astros até o surpreendente movimento das partículas (ou "ondículas") subatômicas. Milton Vargas, em seu trabalho já mencionado, mostra o histórico dessas descobertas nos vários campos da ciência e mesmo da arte, chegando ao parágrafo onde diz:

> "Com a computação eletrônica digital tornou-se possível a solução de, em tese, qualquer equação nas condições de limites mais complexos, atualmente expressas em simbologias das mais abstratas. Em grande número de casos, porém, as próprias condições de contorno ou limites não são inteiramente conhecidas. Há, então, que se recorrer às simulações matemáticas para resolver o problema. Parte-se de um modelo matemático, o qual é resolvido pela simulação das condições diversas, que definiriam prováveis circunstâncias em que o fenômeno poderia acontecer. Para tanto são desenvolvidas técnicas de simulação em computadores, pelas quais as soluções obtidas sob diferentes condições de limites são comparadas e avaliadas entre si para se chegar a uma solução adequada. Assim são resolvidos problemas abrangendo toda a natureza: desde problemas cosmológicos extremamente complexos, referentes à constituição e à origem do universo, até questões tecnológicas que envolvem a vida diária da humanidade ou simplesmente referem-se a questões particulares."

E Milton Vargas, então, termina a palestra dizendo que:

> *"(...)É possível sustentar-se haver complementaridade entre a mente humana e o mundo físico de tal ordem que suprimindo um dos polos o outro desapareceria. A realidade radical, isto é, a fonte de onde brota toda a realidade com que nos defrontamos, contra a qual esbarramos, controlamos ou somos por ela subjugados no cotidiano de nossas vidas, é uma dualidade polar: mente-mundo que ainda não foi suficientemente analisada e compreendida pela filosofia."*

Ora, é no campo desta "dualidade polar mente-mundo" que a inteligência humana pode vislumbrar a Grande Ordem Imanente, a ordem inteligível no mundo –

vislumbre que nos convoca a buscar, cada vez mais amplamente, as possibilidades matemáticas e artísticas para chegar a um caminho de compreensão dos fenômenos, de descoberta de uma "estrutura profunda" no mundo aparentemente caótico. Dou um exemplo: na *Kaballah*, a forma dos "antigos mistérios" na tradição judaica, é estudada a "dualidade polar mente mundo" e nesta tradição é dito que a configuração dada nas letras do alfabeto hebraico que só representam consoantes, tem como consequência a configuração formativa dos sons, sendo que as vogais, como sinais ligadas à estas consoantes, permitem as diversas "tonalidades" ligadas à estas consoantes. As consoantes, então, tem a força de emanarem configurações formativas dos sons que tem o poder de dar forma material à sentimentos, vontades e pensamentos. Na Euritmia, arte de movimento inspirada por Rudolf Steiner, essas configurações formativas podem ser profundamente vivenciadas.

Vale a pena aqui pontuar que esta é uma tendência *instintiva* do ser humano e não *intuitiva* como muitos afirmam. É instintiva porque é baseada primariamente em sensações, melhor dizendo, em experiências sensoriais de movimento e forma, o que é muito diferente da percepção intuitiva, que é baseada no pensar que já exercita a meditação.

É preciso lembrar, ainda, que a aplicação desta inteligência humana para a compreensão das coisas, além de revelar aspectos da Ordem Imanente que não se revelam tão facilmente por nossa atividade empírica, acaba inventando técnicas e utensílios destinados a resolver várias questões práticas da vida, como, usando exemplos comuns de nosso quotidiano, o chuveiro elétrico, os aquecedores que usam bimetais para com o próprio calor abrir a vazão de um combustível, os foguetes e os aviões supersônicos e, mais recentemente os telefones móveis que, cada vez mais, são computadores completos. Não fosse pela obsolescência programada, estas

invenções são capazes de manter, com aplicação da plena qualidade técnica, serviços inestimáveis para as pessoas – estou dizendo isso para dar ênfase ao fato de que nossa inteligência chegou a excelentes resultados práticos, manchados infelizmente pela ganância e outros tantos jogos de poder…

É preciso pontuar ainda que nossa inteligência tende a manchar-se, também, pela reverência e encantamento pelas tantas possibilidades próprias do pensar, que podem gerar como que uma necessidade de fixar as visões dadas pela matemática ou pela música ou, afinal, pelas diferentes linguagens, dessa Grande Ordem Imanente ao mundo – condição que pode ser agravada pela preguiça ou pela omissão de seguir pensando e criando continuamente... Sob tais condições, tendemos ao abandono de nossa capacidade intelectual; deixamos, portanto, de acessar e pensar, contínua e criativamente, a Grande Ordem Imanente do mundo; simultaneamente, tendemos a perpetuar uma representação fixa, portanto falaciosa, desta Ordem – uma representação cada vez mais empobrecida, que alimenta crendices e atende à necessidade, como disse Nietzsche, de uma "consolação metafísica" diante de nossa grande perplexidade perante os inesgotáveis mistérios desta Ordem!

Mas seriam estes mistérios realmente inesgotáveis? Ou as visões proporcionadas pelo pensar criativo – a matemática, a música, a linguagem – poderiam não apenas indicar a existência dessa Ordem Imanente mas também revelar seu âmago real, sua essência? Ou seriam apenas leituras aproximativas e temporárias?

Ora, tais questionamentos colocam em pauta tanto a complexidade da Ordem do mundo, quanto a natureza e os limites do conhecimento. Tenho pensado muito nisso; por ora, prefiro responder que esta Ordem Imanente funciona como um dinamismo contínuo que, sem perder a harmonia, assume infinitas formas por contínuas metamorfoses, que em geral são intercambiáveis – tal como as propostas

observadas na arte cinética. Portanto, uma Ordem que teria em si mesma uma configuração cinética, metamórfica e intercambiável – à qual pertenceria, inclusive, a realidade da impermanência, da morte e ressurreição, muito bem observada na metamorfose da larva para a borboleta. A larva desaparece, morre. E neste corpo que fica "morto" ocorrem as mudanças para o emergir da borboleta; já a borboleta morre, desaparece para com sua substância dar subsídios para novas vidas…

É preciso dizer, então, que a morte é uma necessidade para a manutenção da harmonia revelada pela Grande Ordem. Neste sentido, o encantamento e a reverência precisam ser encaminhados para o cuidado, para um Dizer que se responsabiliza pelo Dito evitando ao máximo que este o traia, sempre lembrando que – como Paul Ricoeur denunciou com muita acuidade – muitas vezes o Dito não é bem o que o Dizer quis dizer. Assim, quando cuidamos que o Dito seja exatamente o que o Dizer quis dizer, garantimos o desenvolvimento infinito da ciência e da arte como formas de ampliação e revelação contínua da Ordem Imanente. Ou seja, partimos para um Dizer que se afirma por uma ética de cuidado permanente com o que seria o caminho verdadeiro, um Dizer que, por uma contínua atividade de interpretar ligações entre as coisas (evitando teorias ou explicações, como abaixo será retomado), se responsabiliza pelo Dito no passo-a-passo da evolução do conhecimento.

Isto que estou dizendo aqui está intimamente relacionado com a proposta da Abordagem Antropológica/Noética[3] de base Goetheanística, que trago adiante. É no

---

[3] Noético é o ato da consciência, a atuação do espírito no homem. Platão diferencia "noesis" de "dianóia". Para ele a *noesis* é superior à *dianóia* porque esta representa o conhecimento racional, discursivo, dialético. A "Noesis" é o conhecimento do "espírito" no homem para além das ideologias, teorias, etc. Assim a natureza com o ser humano, os animais e tudo o mais são constituídos por sua dimensão biológico-sistêmica, por sua dimensão psicológica e também social. No entanto o ser humano se difere da natureza porque, como ousamos demonstrar adiante, o seu ser é essencialmente o ser noético. Assim, o ser humano participa e está *na* natureza e simultaneamente está *perante* a mesma. Por isso em nenhum momento deixa de viver as demais dimensões, assumindo no entanto sua dimensão cultural/espiritual. Assim, a existência propriamente humana é a existência em espírito. Neste sentido, compreendemos que a dimensão noética inclui as dimensões biológico-sistêmicas, anímico/psicológicas e sociais, sem negá-las - o que garante a totalidade do ser humano.

bojo desta proposta que me permito afirmar a metamorfose como processo inerente na evolução que, no ser humano, se caracteriza pela sensação dos pensamentos e pela atividade do pensar; um caminho infinito de criação e ampliação desta Ordem Imanente que apresenta, deste modo, harmonias sempre novas para a realização humana na vida pessoal, profissional e social.

Este é o motivo essencial dos "Novos Mistérios", explicitados adiante, no sentido de que estes propõem a responsabilidade humana na ampliação da Grande Ordem, tornando-a, simultaneamente Imanente, Ampliada e Emanente, explicitando assim sua mobilidade dinâmica e, assim, sua impermanência. É normal que neste caminho, com a maturidade e com a meditação, revelem-se harmonias que contêm em si aparentes contradições e que resistem aos nossos esforços explicativos. Como exemplo, menciono três:

1. O ato consciente, lentamente, vai compreendendo que o assumir o "Eu Sou", implica em assumir o outro!
2. Assumir o "Eu Sou" é exercitar a postura do rei, ou da rainha, que precisa carregar sua coroa na cabeça para olhar para a frente, para o amplo horizonte, tendo, em seu ato consciente, as demandas da comunidade!
3. Assumir o Eu Sou é se perguntar permanentemente a quem eu alimento em minha vida interior: A quem eu dou o leite de meus seios? A quem entrego o ouro de meu ser íntegro? Estou entregando essas joias ao meu Ego que quer o outro para satisfazer meus prazeres ou meus poderes, ou alimento o Ego para que ele me leve realmente ao Eu Sou?

Sugiro convivermos com a proposição de que assumir o "Eu Sou" implica em assumir o outro, amar o próximo não só como a mim mesmo, mas como aquele que me ensina e me impulsiona a ser mais, e, que a postura real implica ter em vista as demandas da comunidade, o que representa o caminho para a permanente evolução criativa, permitindo assim que esta impermanência da Grande Ordem, seja simultaneamente Imanente, Ampliada e Emanente, exatamente pela nossa ação!

Tenho aprendido com Goethe e Fernando Pessoa a postura da fenomenologia "pura", ou seja, uma postura que cuida de compreender (aprender com) todos os fenômenos e a própria Ordem Imanente, como fatos, acontecimentos, coisas e dados que se ordenam entre si, intercambiando formas e tempos em infinitas configurações dinâmicas. São fatos evidentes por si mesmos e que exigem, a cada momento, a cada circunstância, a permanente atividade de interpretar as possíveis ligações que uma coisa tem com a outra – como faz o verdadeiro cientista, que elabora "simbolizações eficazes", hipóteses que sustentam a continuidade do trabalho de pesquisa, mas que tem o cuidado de seguir assim, com paciência, sem apressar-se em definir ou explicar as coisas e que, sobretudo, procura manter-se ciosamente afastado de todo tipo de metafísica. Sabemos que esta prática é, também, o tema constante dos "Mistérios", antigos e novos[4], para os quais todas as pessoas que procuram acabam

---

[4] Quando menciono os 'Antigos Mistérios", refiro-me às assim chamadas "Escolas Iniciáticas" que existiram em todas as grandes tradições da história da humanidade e no século XIX houve o reavivamento e, daí a renovação destes "mistérios", que então passaram a se chamar de "Novos Mistérios". É importante dizer que, na verdade, os "Mistérios" em todas as épocas são acessíveis a qualquer pessoa, desde que ela se proponha efetivamente ao silêncio, à paciência e à meditação. São chamados de "Mistérios" porque são praticados, sem nenhum alarde, ou individualmente ou em pequenos grupos, seguindo orientações existentes há mais de cinco mil anos. Infelizmente, houve muitos desvios realizados por pessoas que não se prepararam devidamente e que, então desenvolveram crendices e roteiros falsos, levando a diversos "espiritualismos" que resultaram em doutrinas que insistem em se afirmar como sendo "donas" de "verdades insofismáveis"! Ora, nos "Novos Mistérios", somos chamados à nossa responsabilidade de, por nossa atividade, a Ampliação e a Emanência desta Grande Ordem Imanente se faça orientada pelo efetivo amor ao próximo, incluindo tudo que nos rodeia. Por outro lado, muitas vezes, somos chamados a nos referir a nomes usados nos "Antigos Mistérios", quando, por exemplo, chamamos de "etéricas" às forças formativas na configuração de nosso corpo, ou de "astral", a expressão anímico/psicológica, em função de que o uso destes nomes revelam aspectos mais amplos, normalmente não contemplados na linguagem comum – por exemplo, "astral" lembra da relação milenar que é feita com os signos do zodíaco. Diga-se de passagem, quando Goethe (que também era ligado à prática meditativa tornando-se Grão Mestre de uma dessas linhas dos assim chamados "Mistérios), e também Rudolf Steiner (que desenvolveu a Antroposofia falando da renovação dos "Antigos Mistérios"), além de Fernando Pessoa em seus poemas,

por ser convidadas para o exercício permanente da coragem para a *entrega*, por um ato de renúncia de qualquer egocentrismo, para que algo maior ocorra na contínua elaboração dinâmica da Grande Ordem Imanente. O que se estuda e se pratica nestes grupos é o cuidado e a meditação permanente sobre tudo, procurando basicamente um controle sobre a atividade do pensar, a necessidade da experimentação, o cuidado para não se desviar para crendices e, afinal, para seguir o método científico em sua totalidade, não apenas como protocolo de conduta, mas como um caminho permanente de autoeducação, incluindo ainda, além do pensar intelectual, as outras categorias do pensar que são o pensar imaginativo, o pensar inspirativo e o pensar intuitivo.

Não é fácil, porém, manter uma tal postura fenomenológica "pura": ela exige que lidemos constantemente com a necessidade que temos de explicar as coisas e com a já mencionada tendência que temos a cristalizar nossas visões da Ordem em teorias estáticas. De qualquer modo, percebo que não temos alternativa: a Ordem Imanente é tão mais ampla, perante nossa consciência, que só nos resta pesquisar e esperar sua lenta revelação... Se nós aprendermos a ter paciência, se não cedermos à tentação de aplacar nossa ansiedade recorrendo apressadamente às "explicações" e "teorias prontas", aceitaremos com maior profundidade os fenômenos em sua ocorrência e, lentamente, aprenderemos a permitir que estes se revelem por si mesmos.

E não é de pouca paciência que se trata! Na minha vida, desde os onze anos de idade entrei em contato com estes conhecimentos, inicialmente movido pela curiosidade despertada pelos estudos de Franz Anton Mesmer (1734 - 1815) sobre o "magnetismo animal", cujas proposições contribuíram para levar muita gente a crendices, mas também contribuíram para o

---

afirmaram que para conhecer o mundo não há necessidade de nenhuma metafísica, deixaram confusos tanto estes "espiritualistas" quanto os materialistas e lógicos, pois era-lhes difícil compreender o enorme alcance desta afirmação; daí que muitas pessoas de bom nível cultural acabem por se afastar das obras destes grandes pensadores...

estudo de fenômenos como a hipnose e as doenças psicossomáticas – partindo desta curiosidade, procurei grupos que estudavam os assim chamados "Mistérios", passando a participar de várias instituições como a Fraternidade Rosa Cruz, Grupos Espíritas, Grupos de Estudos Espiritualistas de várias inspirações, no entanto, já a partir dos 17 anos de idade fui me afastando deles, à medida que ia descobrindo muitas falcatruas e jogos de poder no cerne de um meio cultural que, na verdade, é bastante pobre, pois as pessoas acabam se encontrando para um certo "tráfico de influência" e poucas realmente querem praticar algo maior… Mas nem tudo neste campo foram decepções: aos 14 anos, conheci um alfaiate que se reuniu a nós, que formamos um grupo de três amigos nessas andanças pela vida, e ele de maneira extremamente pedagógica nos introduziu à música erudita, que acabou sendo uma fonte infinita de aprendizado e inspiração, como um verdadeiro caminho de autoeducação ao longo de toda a minha vida até os dias de hoje – atualmente estou organizando grupos para estes estudos e práticas de modo mais profundo...

As questões que me mobilizam e os meus pressupostos...

Então, firmo e reafirmo as questões que me mobilizam ao pensar e ao criar:

1) Será que nossas perspectivas de plenitude podem ser resumidas à busca de prazeres em todos os níveis? Queremos mais e mais fruir os prazeres do corpo, da alma e do espírito *(Comer alimentos deliciosos? Ter orgasmos cada vez mais "selvagens"? Viver confortos acima do que tem sido comum às pessoas? – Fruir a música, as cores, as formas e, enfim, a beleza da Grande Ordem Imanente, com suas harmonias e desarmonias, com seus pontos e contrapontos? – Ter a certeza de um caminho infinito de evolução, etc., etc.?)*

2) O que temos preparado para atender as expectativas de nossos filhos e dos refugiados de todos os cantos do mundo? O que temos para dar ou para manifestar com eficácia nossa ternura?
3) A morte faz parte da vida? É, de fato, uma demanda para a harmonia da Grande Ordem Imanente?
4) Quando assumo meu caminho para a afirmação do "Eu Sou" assumo simultaneamente o outro?

Ou ainda:

5) Este "Eu Sou" é a postura do Rei ou Rainha que sempre tem o olhar voltado para o todo, para a comunidade, para equilibrar com desenvoltura sua coroa na cabeça?
6) Assumir o "Eu Sou" implica em parar de Resistir para assumir o permanente Re-Existir?
7) Qual é o propósito dos "Novos Mistérios"?
8) O que é, afinal, ser protagonista de seu "Si Mesmo"?

Quanto aos pressupostos que construí ao longo da vida, os quais estou assumindo, dos quais estou partindo e também propondo, poderiam ser resumidos nos seguintes:

1) Há uma *presença* que revela uma intencionalidade que está no cerne ou por trás de todas nossas vontades *(ânsias, desejos, impulsos, instintos...)* e que pode ser resumida no permanente atuar, celebrar e compartilhar a dinâmica impermanência da Grande Ordem Imanente Ampliada e Emanente ao mundo! A esta *presença* dou o nome de "Fator Anthropos"; o qual, segundo penso, constitui-se de Oito Princípios Antropo-Noéticos, em complemento aos princípios biológicos.
2) Estamos permeados e mesmo "atravessados" pela Grande Ordem Imanente / Ampliada / Emanente ao mundo que certifica, a cada momento, o existir, o ser no

mundo! Atualmente, a Física fala em expansão e contração de tempos e espaços e realativiza suas dimensões – há quem pense em espaços de até 11 dimensões, e intenta-se complexas representações de possíveis metamorfoses em permanente movimento. Parece-me evidente, no entanto – e no final deste trabalho busco expressar isto de maneira eloquente – que o amor, muito além deste amor quotidiano, comum, está presente em todas as dimensões e tempos possíveis, sendo que sua possível metamorfose é um contínuo desvelamento, um contínuo "tirar dos véus" que o cobrem, que o escondem em toda sua magnificência!

3) "Ser-Aí-Entre as coisas e os Seres" é estar consciente e intrinsecamente conectado com a Grande Ordem Imanente / Ampliada / Emanente. A arte como processo continuamente criativo, como prática e exercício desta consciência e desta conexão, abriu nosso caminho para o cultivo dos "Novos Mistérios", por cada indivíduo ou por cada grupo! Nestes "Novos Mistérios" a explicação não é esperada; o que se espera é encontrar caminhos para, senão abarcar, ao menos aproximar-se do segredo do viver, do estar no mundo sobre o chão, do amor que não tem lugar para a posse e não pode se permitir formar muros que nos separam uns dos outros. O intelecto é chamado a exercer a arte de *descrever com cuidado* cada fenômeno, não para *erigir teorias ou doutrinas*. A partir desta consciência se faz obrigatória a demanda de um *método científico integral* que se caracteriza por lidar com todas as categorias do pensar meditativo (intelectual, imaginativo, inspirativo e intuitivo), e, além disso, cada pessoa é chamada a realizar a otimização de suas capacidades por um permanente trabalho bio-antropográfico que, integrando pela arte as polaridades da tendência neurossensorial e, de outro lado, da tendência metabólica/motora, faz o caminho da conquista da Identidade Infantil/Biológica que leva à ancoragem da Identidade Madura/Antropológica para chegar à

Identidade Sábia. Essa Identidade Sábia é a identidade real, no sentido que é a identidade do Rei ou Rainha, como arquétipos das pessoas que fazem e decidem tudo pensando sempre na comunidade como um todo – como já indiquei, um carregar uma coroa na cabeça para sempre olhar para a frente, para o amplo horizonte, para a comunidade como um todo, mantendo a visão panorâmica das muitas possibilidades de estabelecer novas paisagens para o viver no mundo, sobre o chão!

4) "Ser-Aí-Entre as coisas e os Seres" é estar em contínua metamorfose como um "acting" que inventa personagens, formas, cores, sons e silêncios no dinamismo da impermanência inerente à Grande Ordem Imanente / Ampliada / Imanente!

Esta tese de doutoramento...

Quando me dei conta de que eu estava chegando aos 70 anos de idade, resolvi finalmente encarar o desafio de realizar um doutorado para defender uma tese que venho gestando há muitos anos.

Ocorreu que o prof. Nelson Fílice Barros, da Faculdade de Medicina da UNICAMP, me convidou em 2011 para a elaboração de uma matriz epistemológica que desse abrigo às medicinas integrativas e complementares. Realizei este trabalho com muito entusiasmo, mas não houve uma forma de realizar isso dentro de um doutorado na UNICAMP – além de dificuldades burocráticas, não encontrei, na época, uma forma adequada para apresentar essa proposta.

Então, fiquei durante dois a três anos pensando e cheguei à conclusão que eu deveria propor um doutorado na minha área de Psicologia, já que sou psicólogo formado na turma de 1974 no Instituto de Psicologia da USP. No princípio, centralizei minha proposta na Configuração Morfo/Antropológica do Ser Humano baseado nos estudos da metamorfose dos

ossos realizado por Goethe, e submeti meu projeto ao processo seletivo previsto pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, na linha de pesquisa Epistemologia e Psicologia Social. A professora Zélia Ramozzi Chiarottino, após discutimos um bocado sobre o que eu queria, resolveu aceitar-me como doutorando – creio que mais por curiosidade e pela possibilidade de uma excelente interlocução do que por uma real concordância com as minhas ideias. No entanto, logo percebemos que eu precisava da ajuda de um anatomista, embriologista, médico, etc. Acabei convidando um médico para ser co-orientador, mas fui percebendo a dificuldade que eu teria, na medida em que a tese estava caminhando para uma abordagem prioritariamente médica. Ficamos assim por um tempo até que, por sugestão da própria professora Zélia, chegamos à conclusão de que o melhor seria redirecionar o trabalho e, em razão de questões de ordem prática, buscar outro orientador para a minha pesquisa.

Assim, por ter participado da disciplina oferecida pela professora Sandra Maria Patrício Ribeiro, encontrei nela uma orientadora que se interessou pela proposta e a primeira conversa com ela foi fundamental para que eu me voltasse a tomar a Configuração Morfo/Antropológica do Ser Humano e o Método Cognitivo de Goethe como fundamentos para considerar aspectos mais inerentes à Psicologia Social.

Estimulado pelas discussões mantidas no Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade, encontrei um caminho prático de não me permitir ficar “encastelado” com o desenvolvimento de uma tese, pois desde o início procurei formas de levar os conteúdos de meu projeto de tese para uma atuação frutífera na comunidade; sobretudo o estudo da Filosofia da Paisagem, e nomeadamente dos conceitos de *Chôra* e de *Trajetividade*, ambos revisados e desenvolvidos pelo geógrafo Augustin Berque, contribuíram significativamente para que eu encontrasse, por meio da Filosofia da Paisagem e da aplicação prática da Psicologia Social, uma forma viva de vínculos com as demandas sociais na comunidade em geral. Por outro lado, a participação nos muitos seminários realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa ofereceu valiosas

oportunidades para dialogar com professores e estudantes de Pós-Graduação sobre minhas ideias e os caminhos a seguir no processo de elaboração da tese. Num destes seminários, quando apresentei formalmente meu projeto de doutoramento ao Grupo, recebi da professora Eda Tassara, logo secundada pela minha nova orientadora, a sugestão de realizar uma tese autoetnográfica – sugestão, aliás, reforçada também por vários outros professores com os quais tive o privilégio de dialogar...

Enveredei, assim, pela análise de minha experiência biográfica, incluindo a contribuição do Goetheanismo e do estudo da Configuração Morfo-Antropológica do Ser Humano para a compreensão do Protagonismo Individual como atitude pró-ativa estimulando a realização plena e criativa, buscando ressaltar a prioridade do protagonismo individual como forma de emancipação – e extraindo disto algumas consequências relevantes para a Psicologia Social. Procurei também reverberar o que tenho estudado nos últimos tempos no campo da Filosofia da Paisagem e explicitar algumas novas questões a investigar, tendo sempre em vista a busca de respostas e as mobilizações necessárias para os enormes e urgentes problemas que afetam a todos nós no dia a dia – e guardando, como princípio orientador nesta busca, a existência da impermanência de uma Grande Ordem Imanente que se torna Ampliada e Emanente pela nossa atuação.

Mas é hora, então, de concluir estas considerações preambulares e transitar, decididamente, para o corpo deste trabalho: esquematicamente, a obra se constitui de cinco capítulos: no primeiro, advogo a necessidade de uma nova epistemologia em geral, e em especial para a Psicologia Social, uma epistemologia que, ultrapassando as limitações do mecanicismo e do biologicismo, seja capaz de compreender o anseio humano de criação de novos mundos. Os dois capítulos seguintes buscam oferecer os fundamentos que, segundo me parece, poderiam sustentar esta “nova epistemologia” que defendo: no segundo capítulo apresento algumas consequências antropológicas que se pode derivar da nossa singular

configuração morfológica, particularmente da neotenia, destacando dentre tais consequências a sensação do *si mesmo*, a liberdade, a criatividade e a possibilidade de acesso e simbolização da realidade não material; no terceiro capítulo procuro destacar algumas contribuições da obra científica do poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), particularmente aquelas que foram retomadas por Rudolf Steiner (1861-1925) como fundamentos para a sua "Filosofia da Liberdade" e sua proposta de "autoeducação", procurando estabelecer as relações entre as obras destes pensadores, a história da epistemologia em geral e a necessidade de uma nova epistemologia, apontada no capítulo inicial. O quarto capítulo consiste numa tentativa de demonstrar a validade empírica da abordagem goetheanística, mediante sua aplicação à minha própria história de vida. Finalmente, no quinto capítulo, sistematizo as conclusões e propostas práticas que pude haurir neste longo caminho de estudos teóricos e, sobretudo, de vivências.

CAPÍTULO 1 - OS HORIZONTES DE UMA NOVA EPISTEMOLOGIA

1.1 Os percursos e percalços do conhecer...

Ao propor, já no título deste trabalho acadêmico, o fenômeno e o trajeto como caminhos para uma nova epistemologia em Psicologia Social estou defendendo uma abordagem antropológica-noética do conhecer e, portanto, estou já afirmando que esta proposta não está sendo realizada e que, por isso, nosso conhecimento da realidade tem falhas que considero graves para a vida de nosso dia a dia. De fato, penso e constato que a forma de conhecer dominante está bastante influenciada, de um lado, pela maneira mecanicista de olhar os fenômenos como efeitos de causas que devem ser buscadas de todas as maneiras possíveis e, de outro lado, pela base da biologia com sua visão sistêmica que mostra como tudo está interligado por determinações da vida.

Ora, no entanto, nós como seres humanos, temos outras razões que não são acessíveis mecanicamente e nem pela biologia. Temos razões fundadas em nossa busca de criar novos mundos, novas cores, novas formas... Somos seres essencialmente transgressores que desde o nascimento não aceitam o mundo como é dado, como se manifesta. Nós sempre queremos modificar as coisas, elaborar outras coisas, vivendo constantemente com sentimentos aparentemente contraditórios, com vontades, muitas vezes incongruentes, com buscas que estão além de uma satisfação imediata de alguma sensação... Ao contrário dos outros seres, nossos motivos não estão a serviço apenas da sobrevivência pois sentindo e constatando nossa *presença,* temos os impulsos que expressam nossa vontade de modificar, ampliar e buscar novos caminhos com a ousadia de inclusive mudar a concepção do mundo como nos é apresentada.

Queremos muito mais! Sim, somos seres vocacionados para a arte, para criar infinitamente novas formas e novos mundos.

E temos uma configuração morfo/antropológica que dá fundamento fisiológico a esta vocação. Cada vez mais vão sendo descobertas estruturas únicas do ser humano, como determinados neurônios, vários órgãos *(coração, pulmão, fígado, rim, dentes, etc.)* e afinal as formas novas oriundas de nossa postura ereta e todas suas consequências. Por isso, um capítulo desta tese é dedicado ao estudo desta configuração única que nos coloca não mais

como um ser natural, mas como um ser que está na natureza e, simultaneamente se coloca perante a mesma.

Por outro lado, foi muito bem vinda na história o respeito ao mundo no qual estamos inseridos e presentes como um todo, pois houve um tempo em que, de um lado, não quisemos aceitar nossa natureza em comum com o mundo animal e, por outro lado, a visão de que somos apenas animais singulares. Hoje sabemos que nenhuma dessas polaridades é cabível, pois vamos, cada vez mais, descobrindo a singularidade do ser humano que, com base em sua configuração provinda das muitas metamorfoses dos tecidos biológicos, vai delineando sua história única no universo. A fixação nestas polaridades sem a mobilidade óbvia das metamorfoses causou muitos percalços metodológicos, mormente quando foi instituída a hegemonia de abordagens que se mantiveram presas em uma ou outra maneira, seja mecanicista, biologicista ou mesmo antropologicista.

Outro perigo, que nos pode levar a uma visão equivocada, é o domínio do que vem sendo chamado de *"visão sistêmica"*, que entretanto se mantém presa a uma destas polaridades. Por exemplo, atualmente, se fala de uma visão sistêmica que, no entanto, está polarizada na visão biológica, como houve o tempo em que a visão sistêmica esteve polarizada na visão mecanicista.

Conviver com a mobilidade e a versatilidade de caminhos, é muito difícil para quem quer priorizar uma forma "segura" de compreender a realidade. No entanto, o século XXI está, cada vez mais, se caracterizando por desbancar qualquer forma de fixação ou "segurança" em relação a tudo no mundo. Assim, o que é para muitos uma decadência, pode ser compreendido como uma reviravolta benéfica para a emancipação do ser humano que assim pode, finalmente, escolher seu caminho de liberdade...

E aqui, então, já cabe pontuar que o Goetheanismo, que tem importância central nesta tese, propõe justamente a convivência permanente com a versatilidade, a variedade e as metamorfoses em todos seus aspectos, prescindindo desde seu início de qualquer metafísica, ou seja, prescindindo de uma doutrina ou teoria sobre as coisas. Desde seu início, o Goetheanismo conta com um processo de autoeducação[5] contínua do pesquisador, que é

---

[5] É preciso caracterizar a autoeducação como a constante atenção em si mesmo, na atuação do "Si Mesmo" ou do "Eu" do pesquisador em suas atitudes, no sentido de perceber que todo seu trabalho nasce de uma pró-atividade e não de uma "re-atividade", ou seja, de que ele ou ela não se deixa dominar por impressões, crenças ou quaisquer outras trajetórias reativas em sua expressão anímico/psicológica. Isso implica em uma permanente meditação, o que aqui pode ser caracterizada como sendo o acompanhar das impressões, percepções, dos pensamentos que irrompem pelo ato da consciência, além das sensações, sentimentos, emoções, vontades, etc. diante de qualquer situação.

chamado a se harmonizar permanentemente pela abordagem e atividade artística que evita a polarização entre o Pensar e o Querer, fazendo com que cresça com a própria pesquisa do *como* as coisas acontecem no mundo. Nesta abordagem, as respostas do *por que* nem são consideradas, pois a constatação da grande ordem imanente no mundo, adiante melhor explicitada, como realidade muito mais ampla do que nossa consciência pode abarcar, nos chama para a humildade e a veneração que abre os caminhos para que os diversos mistérios se revelem lentamente...

E o fundamento do Goetheanismo é uma permanente atenção na morfologia, ou seja, na forma como todos os fenômenos se apresentam nas mais diversas circunstâncias, no sentido de que esta forma se explicita pela demanda contínua de um vir a ser, de uma relação que sempre estabelece o *instante presente* pela convivência simultânea entre as exigências do *passado* e do *futuro!*

Outro percalço a ser exposto é o da escolha de uma forma de pensar fixada numa categoria do pensar, seja intelectual, imaginativa, inspirativa ou intuitiva. Assim, quando acreditamos que o correto é uma conclusão obtida pela lógica matemática, temos a tendência de desprezar uma conclusão vinda por uma inspiração obtida pelo silencio meditativo e que não atende a exigência desta lógica, mesmo que a queiramos como intrínseca a qualquer forma de pensar. Ocorrem, já desde os anos quarenta do século XX, estudos do que vem sendo chamado de *lógica paraconsistente*, mas ainda assim a academia, ainda em muitas áreas, despreza a riqueza do pensar imaginativo, acusando este tipo de pensamento como uma *"eikasia"* que é o nome dado pela *epistème* dominada unicamente pela lógica matemática para o que é considerado um conhecimento mais comum, popular, menor. Por outro lado, o pensar imaginativo, com sua abertura para os processos artísticos, é o domínio do estudo dos mitos, por exemplo, e o desprezo destes conhecimentos tem sido um erro crasso ainda perpetrado, com certa generalidade, em muitas áreas acadêmicas.

Um dos objetivos fundamentais desta tese é a proposição e a defesa do que estou chamando de *"método científico integral"*, que é justamente integrar a diversidade das categorias do pensar e do agir pela expressão artística que leva necessariamente para uma constante atividade meditativa (voltarei a isto adiante). Então não vemos necessidade de separar os conhecimentos obtidos pelo pensar lógico/matemático dos outros conhecimentos pois a arte é justamente integrar os conhecimentos conforme Piaget de maneira tão elegante descreveu como sendo conhecimentos obtidos pelos "sistemas lógico/matemáticos" e os conhecimentos obtidos pelos "sistemas de significação não-lógico/matemáticos". O que venho propondo não é desprezar o racionalismo, mas integrá-lo de maneira artística com as

várias e diferentes formas de pensar, como, por exemplo, o pensar oriundo de um movimento como a dança que "brinca" com as mais diferentes posturas... Lembro das práticas da tradição "sufi"!

1.2 Fenômeno e Trajeto

Estou caracterizando como *fenômeno* todo fato perceptível pelos órgãos dos sentidos físicos, além dos fatos percebidos pela atividade do pensar, como pensamentos, ideias, conceitos, sentimentos, desejos, vontades, etc., etc. Assim, ao vermos uma árvore, uma pessoa ou uma máquina, temos a sensação física da visão e, simultaneamente, o reconhecimento feito pelo pensar *(isto é uma árvore, uma pessoa, uma máquina com suas ideias inerentes)*, além de outras ideias elaboradas pelo ato consciente e, ainda, os sentimentos de alegria, tristeza, ódio, carinho, etc., além dos desejos de estar junto com esta árvore, pessoa ou máquina, e, mais ainda, a vontade de compartilhar, conversar, se achegar, etc., etc.

E, em vez de ficarmos discutindo se estas sensações, pensamentos, ideias, conceitos, sentimentos, desejos, vontades, etc., são subjetivos ou objetivos, valemo-nos do conceito de *trajection* (trajecção / trajeção), cujo sentido tem sido exaustivamente estudado no âmbito do Grupo de Pesquisa Mitopoética da Cidade, tendo em vista sua aplicabilidade à Psicologia Social (veja-se, por exemplo, RIBEIRO, 2015). Dentre os autores que se dedicaram a elaborar tal conceito, tendo sempre em vista a superação da dualidade cartesiana de sujeito e objeto, dois merecem destaque: Gilbert Durand[6] que, nos anos 1960, cunhou a expressão "trajeto

---

[6] Filósofo, antropólogo e sociólogo francês, nasceu em Chambéry, Savoie (1921) e morreu em Moye - Alta Saboia(2012). Concluiu sua carreira como Professor Emérito da Universidade Pierre Mendès (antiga Grenoble II), França, tendo tornado-se mundialmente conhecido pela Teoria Antropológica do Imaginário, sua tese de doutoramento em Letras na Universidade de Sorbonne, em 1960. Alberto Filipe Araújo, no memorial escrito por ocasião da morte de Durand, resume a essência de sua obra:

> *"O ponto de partida da sua obra são as estruturas antropológicas do imaginário, que se apresentam como uma classificação sistemática das «imagens arquetípicas» (imagens primordiais) tipificadas pelas estruturas figurativas, entendidas como «generalizações dinâmicas e afetivas da imagem» (estruturas heroicas, místicas e dramáticas) que dão conta, dado o seu enraizamento no trajeto antropológico (definido como a «incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social»), do imaginário, que não é outra coisa que este trajeto onde a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, as representações subjetivas se explicam «pelas acomodações anteriores do sujeito» ao meio objetivo. Muito ligada a esta conceção de imaginário encontra-se a conceção simbólica da imaginação, enquanto atividade dialética do espírito, que tem como funções não só negar eticamente o negativo (p. ex., a morte, a injustiça), como também fazer o equilíbrio entre termos contraditórios com vista a melhorar a condição sempre precária do homem (fator de equilíbrio psicossocial)"* [ARAÚJO, A. F.. *In Memoriam: Gilbert Durand (1921-2012)*, disponível em: http://www.yle-seti-imaginario.org/userfiles/file/In+Memoriam+12-2012%20-%202.pdf Acesso: 25/12/2018].

antropológico" e Augustin Berque[7]que, inspirando-se no primeiro, desenvolveu a idéia de "trajeto mesológico". De minha parte, tomo a noção de trajetividade caracterizando-a como sendo a permanente co-atuação entre as pulsões subjetivas que se integram com as exigências objetivas que emanam do Eu pró-ativo ("Fator Anthropos"[8]), da realidade do espírito nas coisas e da realidade das instâncias sociais.

Assim, a trajetividade resultaria da "mediance" (conceito elaborado por Berque, que pode ser traduzido aproximadamente como "mediação" no sentido de que os fatos também são valores e os valores também são fatos). Ou seja, fatos e valores são realidades trajetivas e não podem ser classificadas como dados objetivos ou subjetivos. Aqui é que a atividade artística no sentido de integrar as polaridades tem um papel central. Entenda-se como uma forma superior de "mediance" a atividade artística, toda a atividade criativa em todas as áreas. ***E a atividade criativa é necessariamente trajetiva!*** O que ocorre é que a realidade das pessoas ativas, especialmente aquelas que assumem seu protagonismo na vida, se expressa sempre no trajeto entre o subjetivo e o objetivo em cada situação. Em suma, podemos, por nossa atividade interior, tornar-nos, assim, seres efetivamente trajetivos, no sentido de se estabelecer em constante relação dinâmica entre o subjetivo e o objetivo, chegando assim aos elementos universais do conhecimento e das práticas humanas.

E aqui então retomo o "Ser-Aí-Entre" de Heidegger[9], no sentido de que "Ser-Aí" é "Ser-Entre" ou "Entre-Ser". "Entre-Ser" é "Entre-Tecer-Se" de maneira a se colocar num permanente estado criativo, meditativo diante dos fatos, sem ceder à tentação de logo "explicar", elaborar alguma teoria. É como se uma experiência ou um fato fizesse conosco uma "Entre-Vista" nos perguntando: "E então? O que acontece?" E nossa resposta fosse um convite para que nós, juntos, meditássemos e deixássemos nossas percepções sensoriais e

---

[7] Geógrafo francês nascido em Rabat (Marrocos) em 1942, Augustin Berque é orientalista e também considerado filósofo, sendo atualmente diretor da *Ecole de Hautes Etudes em Sciences Sociales* em Paris e membro do *Centre de Recherches du Japon*, sendo que também lecionou na Universidade de Miyagi no Japão entre 1999 e 2001.

[8] Reitero que *Fator Anthropos* é o nome que escolhi para identificar a *presença* de uma realidade única que leva à enorme diferenciação na configuração física do corpo, mas também na configuração da expressão dos sentimentos, pensamentos e vontades, provocando a enorme singularidade do ser humano em relação aos outros primatas.

[9] Citar Heidegger é validar descobertas deste filósofo que despontou no início do século XX como uma grande promessa para o desenvolvimento humano. Tenho plena consciência da forma lamentável, talvez mesmo criminosa, como ele agiu já sendo importante mentor do Partido Nazista e Reitor da Universidade de Freiburg na Alemanha. No entanto, ao longo desta tese não posso deixar de citá-lo várias vezes pois ele, de maneira única, conseguiu conceituar o *"ser no mundo sobre o chão"* numa brilhante elaboração filosófica.

percepções das ideias convergentes, conviverem entre si, até que o ato consciente realize uma síntese chegando aos fatos que, assim, se revelam por si mesmos.

Isso também é "Entre-Ter-Se". Entretenimento e não a forma macambúzia do sedentário… Ora, as singularidades trajetivas são espacialmente objetivas e subjetivas, materiais e imateriais, pois o protagonista é um "guerreiro"[10] que transita e elabora infinitas trajetórias, dando importância ao trajeto, enquanto que para o ser humano "civil sedentário" prevalece a divisão, as polaridades entre o sujeito e o objeto.

Nesse sentido, a atividade do cientista, pesquisador, operário, artesão, terapeuta, professor, engenheiro, dona de casa, poeta, músico, etc., etc. é de entretenimento, de entreter-se com seu objeto de ocupação, mantendo-se assim, permanentemente trajetivo!

O equívoco de separar o lazer do trabalho, entendendo-se o lazer para relaxar e se afastar do entretenimento de realizar algo, para buscar o prazer num outro entretenimento de *não* realizar, mas apenas atender a carência das sensações, nos afasta do ocupar-se no dia a dia, ficando nas polaridades da ação e da inação que evita a alegria silenciosa que se entretêm com o ritual da atividade e do descanso!

A trajetividade pressupõe uma *presença,* a *presença do espírito* que já caracterizei acima também como *"Fator Anthropos"* na vida e em todos os acontecimentos em que nós estamos. Esta constatação da *presença* é comum nas várias concepções da fenomenologia sendo citada de maneira muito clara por Heidegger, mas também por Husserl e Merleau-Ponty.

Este é mais um ponto central nesta tese e que vai ser bem especificado no estudo do Goetheanismo e na proposta epistemológica consequente. O fato é que hoje até a visão matemática inerente ao mundo chega à conclusão de que não há matéria sem que exista o espírito, já que as equações matemáticas, que são elaborações do espírito, revelam o como a matéria se comporta. E cumpre deixar claro, desde já, que Espírito ou Espiritual se refere à

---

[10]Na tese de mestrado sob o título "A Festa do Divino em Mogi das Cruzes: folclore e massificação na sociedade contemporânea" publicado pela editora Anablume/FAPESP em 2003, Fernando Oliveira de Moraes escreve:

> *"Sobre as condições impostas por um mundo racional e tecnológico, Paul Virílio é extremamente crítico quando afirma: De que serve a um homem ganhar o mundo inteiro se ele termina por perder sua alma? (...) Lembremos que "ganhar" significa tanto "chegar" e "alcançar" quanto "conquistar" ou "possuir" (...) Perder sua alma, anima, ou seja, o próprio ser do movimento. Historicamente nos encontramos diante de uma espécie de divisão do conhecimento do "ser no mundo", de um lado o nômade das origens, para quem predomina o trajeto, a trajetória do ser: e, de outro, o sedentário, para quem prevalece o sujeito e o objeto, movimento em direção ao imóvel, ao inerte, que caracteriza o "civil" sedentário e urbano, em oposição ao guerreiro nômade..."*

[N.A.: Paul Virilio (nascido em 1932) é um filósofo, urbanista francês, arquiteto, polemista, pesquisador e autor de vários livros sobre as tecnologias da comunicação].

.

ideias, formas geométricas ideais, toda a matemática, todas as leis, ideologias e outras elaborações e todas as coisas e entidades não materiais. As ideias ou as leis geométricas são as "cortinas" de uma "janela" que, uma vez aberta mostra a realidade não material muito ampla que inclui bem mais que ideias pois com a meditação podemos acessar configurações, feições (Gestalts), instituições, associações e entidades, como, por exemplo, cada indivíduo, incluindo nossa própria identidade em espírito, a *presença* e, muitas outras mais... Este fato nos chama com muito mais clareza para a liberdade que temos em todas nossas elaborações em espírito, o que nos remete para a enorme responsabilidade por cada pensamento e entidade com a qual nos ligamos! A ideologia materialista é uma elaboração *em espírito* que afirma, contraditoriamente, que a única "coisa" concreta no mundo é a matéria!

Todos estes dados nos levam à necessidade urgente de revisão da epistemologia em geral, na medida em que nossas demandas estão em todas atuações que obrigatoriamente lidam com nosso Pensar, Sentir e Querer. Uma Psicologia Social necessariamente estabelece vínculos com todas as instâncias subjetivas das pessoas, mas também com as questões políticas e econômicas que interferem na qualidade de vida, no meio ambiente e nos comportamentos das diferentes "mídias" que hoje tem significativa atuação diretamente no nosso quotidiano, além de, então, estabelecer vínculos com os dados objetivos e, finalmente trajetivos que estabelecem as bases de nossas decisões.

Na medida em que trabalhamos com tudo isso, estamos propondo efetivas mudanças nas diferentes paisagens que esperamos estabelecer para nos libertar das tantas tragédias que nos cercam. Assim, basta pegar um ônibus em São Paulo e, já na saída do centro urbano, vemos os aglomerados de casas mal construídas, ao lado de barrancos que podem cair a todo momento em função das mudanças de clima ou das obras irresponsáveis na busca do lucro a qualquer preço. É nossa responsabilidade, como estudiosos e participantes ativos desta mesma comunidade, propor outras vias! E sabemos que estas paisagens, em diferentes escalas, se repetem em todos os países do mundo. Ora, temos experiências, procedimentos e estudos para mudar essa situação. Para acessar todas estas instâncias é que proponho o que estou chamando de "método científico integral" que trabalha simultaneamente com as diversas categorias do pensar abrindo nosso caminho para atividade criativa que é a única saída para nossa emancipação.

Em função disso, afirmo a necessidade de uma nova epistemologia que atenda de fato às exigências da Psicologia Social contemporânea. Diante da decadência cultural que estamos vivendo e que, de certa forma também é devida ao domínio de uma forma de pensar com demasiada ênfase no racionalismo, a par de uma enorme focalização na, assim chamada,

Sociedade do Espetáculo, da necessidade de satisfazer sensações superficiais, com base nos estímulos da sociedade de consumo, do domínio das leis do mercado e tudo o mais, faz-se necessária essa nova epistemologia que assuma o todo do ser humano em sua expressão no Sentir, Querer e Pensar simultaneamente. Priorizar uma destas funções psicológicas em detrimento das outras, leva ao empobrecimento geral de nossa expressão e na fixação em polaridades sem a devida integração que é óbvia em nosso próprio organismo. Este não sobreviveria se priorizasse uma de suas funções em detrimento de outras.

Quando compreendemos as bases de nossa extraordinária configuração morfo-antropológica em relação aos outros seres vivos, poderemos compreender melhor a demanda de uma atividade que integre as diversas categorias do pensar em suas expressões intelectuais, imaginativas, inspirativas e intuitivas. Além disso a diversidade cultural dos povos e costumes de tantas regiões diferentes da terra, exige de nós uma capacidade de compreensão, no sentido próprio do compreender linguagens que utilizam prioritariamente imagens, ou formas inspirativas e intuitivas para sua expressão. Justifica-se, assim, a necessidade de ampliação do método científico tradicionalmente realizado, tal como estou defendendo. É preciso avançarmos na direção de um "método científico integral", que é aquele que integra artisticamente as diversas categorias do pensar.

Nessa maior atividade do pensar, além do pensar intelectual, está incluído o pensar imaginativo, inspirativo e intuitivo. Pois desde os tempos remotos, é chamada de intuitiva a forma de pensar em que o conteúdo está em conexão imediata com a forma. Falar de intuição, inspiração, etc. tornou-se "anti-científico" porque estas categorias do pensar foram muito desvirtuadas pelo senso comum. No entanto, são categorias do pensar muito bem elaboradas na história da filosofia. De fato, na busca pelo conhecimento seguimos todos os caminhos: do intelecto, da imaginação, da inspiração e da intuição – todos estes caminhos contribuem para o alcance de nossos conhecimentos, inclusive do que comumente chamamos de conhecimento científico! Este tema, aliás, vem sendo abordado por muitos estudiosos da tradição epistemológica inaugurada por Gaston Bachelard (1884-1962), mas não caberia aqui revisá-los. O que caberá, sem dúvida, é uma caracterização simples, clara, mas sumária, do que são estas categorias do pensar, tal como as compreendo:

1) **Pensar intelectual:** É a atividade de organização e catalogação de percepções e de fatos descritos, de ideias, de esquemas e das inter-relações possíveis entre todas estas coisas;
2) **Pensar imaginativo:** É o pensar nas imagens possíveis a partir das experiências com as coisas, das imagens de sonhos e das imagens que fazemos ao ler um livro, das

imagens desenhadas ou descritas, e das imagens artísticas elaboradas a partir de sonhos, histórias, contos e mitos, criando novas imagens e inter-relacionando-as umas com as outras; a imagem se forma pela relação que fazemos entre os imperativos e buscas que vivem em nosso interior pelo encontro com as descrições das descobertas que fazemos no mundo externo.

3) **Pensar inspirativo:** É o pensar no silêncio, sem dados, sem imagens, numa contemplação da própria atividade interna do pensar, deixando a mente vagar como se estivéssemos boiando serenamente no mar. É o que as instituições religiosas como o judaísmo e o islamismo sugerem, no sentido de que cheguemos a Deus, nele mesmo, sem imagens e sem nenhum dado. Por isso é proibido fazer imagens nestas instituições!
4) **Pensar intuitivo:** É a continuidade do silêncio com a espera serena da revelação da impermanência da ordem imanente/ampliada/emanente às coisas, ao mundo e aos outros, ou seja, essa revelação estabelece a identidade dinâmica entre nossas percepções dos fenômenos e as ideias inerentes. Fica assim evidenciada a demanda real de uma atitude meditativa nessa sequência.

Gostaria de dar um exemplo interessante dsta dinâmica integral do pensar; tomemos uma informação como:

- Há flores num jardim à espera das abelhas
- Que tragam novas sementes para florações ainda invisíveis...
- Quem poderá prever os novos mundos a surgir?

Temos aí alguns dados organizados de um modo específico pelo pensar intelectual. No entanto, estes dados nesta forma sugerem muitas imagens e se tiverem outro formato sugerirão mais outras muitas imagens, abrindo possibilidades para o pensar imaginativo. Mas após a palavra “invisíveis” estão as reticências à espera de algo que não pode mais ser preenchido com dados ou imagens, abrindo então a possibilidade para o pensar inspirativo. A partir daí só podemos continuar com o silêncio à espera do que virá além das palavras, dos dados e das imagens, abrindo nosso ser para a cognição intuitiva que se realiza pelo pensar intuitivo.

CAPÍTULO 2 – O CAMINHO DO SER HUMANO: ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS ANTROPOLÓGICAS DE NOSSA ESPECÍFICA CONFIGURAÇÃO MORFOLÓGICA

2.1 - O "Fator Anthropos"

Ser é. Um fato apodítico, ou seja, um fato evidente por si mesmo e que, por isso não tem necessidade de explicação e de nenhuma metafísica; é da ordem do Real, paralela, aquém ou além de esquemas, modelos e discursos de qualquer natureza. Um fato deste tipo é a clara mas silenciosa *presença* do "Si Mesmo" em cada ser humano que, como ato, vai tornando possível ser no mundo sobre o chão – a esta presença resolvi chamar de "Fator Anthropos". Esclareço desde já que pela denominação "Fator Anthropos" estou me referindo à identidade humana, antes de qualquer identidade social. Quando hoje a Antropologia se classifica como uma ciência humana, compreendendo-se como uma ciência da subjetividade na medida em que confunde a individualidade como uma "construção social", perde algo essencial, que vem sendo comprovado pela Neurociência e pela Antropologia Física, que é justamente a constatação da identidade individual (Si Mesmo) que emerge ou se manifesta em função dos fundamentos físicos de sua evolução embrionária e depois nos três primeiros anos de vida.

A sensação (pelo uso da organização sensorial) e, depois o sentimento (pelo uso da organização anímico/psicológica), dessa *presença* como sendo o "Si Mesmo" em cada um de nós, já ocorre desde a primeira infância. E essa sensação (e depois o sentimento) da *presença*, só é possível devido ao fato de que pela evolução das espécies, na elaboração da configuração embriológica, anatômica e fisiológica do ser humano ocorre a não especialização de alguns órgãos e muitas outras consequências, constatadas a partir de diferentes abordagens e inclusive pela observação goetheanística. Por outro lado, ocorre um extraordinário desenvolvimento de toda organização

neurossensorial que, sob muitos aspectos, é única no ser humano e não ocorre em nenhum outro ser da natureza[11]. Neste sentido, pode-se entender o "Fator Anthropos" como uma ação que se coloca perante à natureza – de certo modo, confrontando-a – e que dela se difencia, contrariando sua tendência normal que se expressa pela criação e reprodução de seres plenamente capazes para a sobrevivência física e a ação instintiva no mundo.

2.2 – A neotenia

Embora seja assunto altamente especializado que não seria possível revisar em detalhes aqui, será importante lembrar que a neotenia, especialmente marcante no processo embrionário humano, caracteriza-se pela suspensão do processo de desenvolvimento comum nos vertebrados em geral, evitando assim o sentido do desenvolvimento normal que vai em direção a uma grande especialização de muito órgãos o que facilita a sobrevivência e a expressão instintiva. Assim, no ser humano verifica-se uma especialização incipiente de muitos órgãos, mormente no sistema metabólico/motor, que então se mantém em sua forma primitiva – por isso a criança nasce totalmente incapaz de sobreviver por si mesma, precisando da atuação imediata da mãe ou de outra pessoa para alimentar-se, movimentar-se, etc., além de mostrar uma vida instintiva muito menos expressiva do que nos vertebrados em geral e, mais particularmente entre os primatas.

Daí que a criança demore em média três meses para levantar a cabeça, mais três meses para conseguir sentar, para só então, em torno dos 9 meses de idade, poder "gatinhar" (ou andar com o uso de quatro "patas"). Mas então, contrariando totalmente o equilíbrio e a harmonia do corpo animal, natural, busca a postura ereta que é muito mais instável e muito menos eficaz para o deslocamento no mundo natural! Com a postura ereta, a criança demora um tempo para conseguir andar sobre os dois pés apenas, o que lhe exige um desenvolvimento enorme da estrutura neuro-

[11]Veja-se, sobre isto, as extensas pesquisas de Adolf Portmann (1897 – 1982), Louis Bolk (1866 – 1930), Max Scheler (1874 – 1928), Helmuth Plessner (1892 – 1985) e Arnold Ghelen (1904 – 1976).

sensorial e, por outro lado, libertando as mãos e os braços, desenvolve a musculatura fina que se organiza de maneira única podendo então realizar articulações musculares finas e delicadas que chegam na laringe que pode então articular os sons e daí desenvolver a fala. Com a fala, a criança pode expressar as ideias e fazer simbolizações, o que desenvolve (tira os véus) o pensar.

Tenho defendido a necessidade de médicos, anatomistas e fisiologistas se dedicarem com afinco a uma Antropologia Física que tome como eixo a neotenia, com vistas a demonstrar os elementos diferenciais do desenvolvimento embriológico humano; ou seja, considero importante destacar que a neotenia abre, ao humano, o espaço e o tempo para o emergir de um novo ator que, então, se torna presente fisicamente no mundo[12]. Penso que, com esta base, é possível compreender o fundamento anatômico e fisiológico daquilo a qu chamo "Fator Anthropos". Seria esta especialização precária, neotenica, que permitiria ao indivíduo humano tornar-se efetivamente um ser epistêmico, no sentido de ser o único ser que tem o acesso imediato, claramente a partir dos dois anos e meio de vida, em média, às "Ciências do Espírito" (matemáticas, geometrias, humanidades e tantas outras que, afinal, são os fundamentos de todas as ciências), além do acesso a multiversos em seus vários campos morfogenéticos. Seria a partir disso que o ser humano iria aumentando cada vez mais seu distanciamento da natureza, e assumindo sua vida a partir do espírito – que é o que se evidencia no pensar que se abre às "Ciências do Espírito".

Reiterando: essa presença do "Fator Anthropos", fundamentada e tornada possível por uma extraordinária formação do Sistema Neurosensorial, atestada cada vez mais pelos neurocientistas, inaugura a possibilidade do acesso para cada ser humano, a partir dos seus dois anos e meio de idade, em média, para as realidades não materiais (as matemáticas, as geometrias, as ideias, ideologias, elaborações filosóficas, religiosas ou de qualquer outra fonte não material). Ou seja, a criança, a partir de mais ou menos seus três anos de vida, é capaz de identificar, ainda por imitação,

---

[12] Conforme, por exemplo, os trabalhos desenvolvidos pelo médico e embiologista Gus van der Bie, que podem ser acessados no site do *Louis Bolk Institute* (www.louisbolk.org). Este Instituto traz também bons exemplos deste tipo de atuação que defendo, ou seja, tomar em considerando os elementos diferenciais do desenvolvimento embriológico humano, dentre elas a neotenia, e as especificidades e as consequências individuais e sociais daí derivadas para, sobre estas bases, propor novas atividades na pedagogia, na medicina, na farmácia, na agro-ecologia etc..

o número (início de uma simbolização não material) de copos, xícaras ou pratos que estão numa mesa. Se faz possível então, a complementaridade da realidade em espírito perante a realidade natural. Ou seja, o Fator Anthropos é o ato antinatural[13].

Este acesso à realidade em espírito se inicia pela, ainda inconsciente, mas efetiva, sensação do Si Mesmo, já no primeiro ano de vida. Mas, então, quando este Fator Anthropos deixa de ser potência para ser ato, a partir dos três primeiros anos de vida, passa a ser possível conviver, radicalmente como fato concreto, estabelecido no mundo e perante a vida, com aquela Ordem Imanente a que já me referi. Ou seja, pela evolução das espécies surgiu a possibilidade de, já na formação embrionária do ser humano, encerrar a demanda prioritária por sobrevivência e aceitar a pobreza instintiva tipicamente humana, e substituir a necessidade imediata da sobrevivência pela necessidade imediata de estabelecer o ser criativo em todas infinitas possibilidades. Dessa forma a organização física e das forças de configuração orgânica estabeleceram, como fato apodítico, a realização do suporte físico e fisiológico para o ser que, agora materializado como humano, priorize a liberdade e a consequente e permanente demanda pela ação criativa da metamorfose.

Nesta perspectiva, quando ao longo do presente trabalho acadêmico proponho a abordagem antropológica do conhecer, tomo como eixo o fato de que ao descobrir que temos uma identidade única, como seres humanos, muito além de nossa base biológica, vivemos a *presença* em nós mesmos que se revela inicialmente como um Si Mesmo, ainda bem inconsciente no início de nossa vida. E, ainda, que há um caminho, em cada um de nós, que se faz do Si Mesmo para se assumir como um Eu.

2.3 – O ser da presença

Heidegger no seu livro "Ser e Tempo" nos diz a certa altura: *"O ser da presença é a cura"*.

---

[13] Aqui então podemos dizer que está estabelecida a Fisiologia da Liberdade como fundamento da Filosofia da Liberdade, como disse o Dr. Gerardo Antonorsi Blanco (Nascido em Caracas, Venezuela, em 1954 e falecido em São Paulo, Brasil, em 1992), amigo de várias interlocuções.

E aqui já é preciso adiantar a importância de ampliar a compreensão do que é o método científico em toda sua expressão. O método científico não pode limitar-se ao uso apenas do pensar intelectual, desprezando o pensar imaginativo, inspirativo e intuitivo, sob pena de estancar, ou de caminhar muito rapidamente a explicações e interpretações errôneas. Portanto, parece mais acertado adotar o que chamei de "método científico integral", que se expressa sobretudo por um processo cuidadoso de observação do mundo – algo que o paradigma fenomenológico tem contribuído para aprofundar e atestar[14]. Apenas através deste processo cuidadoso se pode elaborar o que venho chamando de "simbolizações eficazes". Este cuidado para não chegar à conclusões apressadas não deve impedir o cientista, ou afinal, qualquer pessoa, de tomar decisões. Pois, o *ótimo* é realizar o que é *bom*, a cada momento e a cada circunstância[15]. Ou seja, tomar a decisão de publicar uma conclusão, sabendo de antemão que é ainda uma simbolização que talvez, e apenas talvez, venha a se mostrar eficaz pode ser de muita valia para a continuidade de uma pesquisa[16].

A partir destas observações, permito-me dizer que:

1) Há uma configuração morfo-antropológica do ser humano que permite a constatação de uma ***presença,*** um "Si Mesmo", em cada um de nós. Assim, explicitando melhor, ocorre que em função de seu desenvolvimento embrionário pelo qual alguns órgãos não se especializam como nos outros primatas, caracterizando sua inadequação para a sobrevivência física e sua pobreza instintiva, o que é chamado de Neotenia, o ser

---

[14] A bem da verdade, é preciso dizer que o assunto de que aqui me ocupo já foi extensamente tratado por Hans-Georg Gadamer em sua obra "Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica", tendo como um de seus esteios fundamentais o pensamento de Heidegger; entretanto, uma revisão completa desta abrangente (e exigente) perspectiva epistemológica ultrapassaria em muito o fôlego disponível para o presente trabalho.

[15] Aqui, é preciso dizer algumas palavras sobre Objetividade, Assertividade e a Questão das Certezas. As pessoas assertivas, aquelas que tomam decisões firmes, são consideradas, em geral, muito eficazes. Mas a prática tem demonstrado que embora sejam, aparentemente bem eficazes, tendem a cometer erros que, muitas vezes, tem graves consequências. Por outro lado, as pessoas que tem medo de tomar decisões por medo ou excesso de zelo, causam outros muitos problemas, também com graves consequências. A proposta então é manter uma permanente atenção no passo a passo de várias decisões, dialogando com as pessoas envolvidas, com as diversas vertentes e circunstâncias, abrindo-nos continuamente às elaborações intelectuais, imaginativas, inspirativas e intuitivas e interpretando os fatos, caso a caso.

[16] Gostaria de mencionar duas obras que tratam deste tema numa profundidade tal que não seria pertinente, ou pelo menos não seria possível, abordar aqui: *The scientific imagination: case studies* (1978) de Gerald Holton (*A imaginação científica* / tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979); e *The scientific image* (1980) de Bas C. van Fraassen (*A imagem científica* / tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Ed. Unesp / Discurso Editorial; 2007).

> humano tem condições não só para a emergência da cultura, mas também para a descoberta desta ***presença***, acima caracterizada e que é um conceito central em toda obra de Heidegger. Esta sensação e posterior sentimento do "Si Mesmo", como fato dado pela experiência sensorial direta, são devidos ao extraordinário desenvolvimento da organização neuro sensorial, que inclui a elaboração e desenvolvimento de novos órgãos de sentidos, únicos no ser humano e que contribuem à, assim chamada, "gracilização" cranial e consequentes mudanças fisionômicas, além das muitas alterações sensoriais e mesmo anatômicas nos três primeiros anos de vida da criança pelo desenvolvimento do andar com mudanças fundamentais no sentido do equilíbrio por assumir a postura ereta e com o sentido cinestésico, com foco na laringe, desenvolvendo a fala que já expressa seu pensar[17].

O que ocorre é que com a postura ereta, liberta-se as mãos, sendo que a partir de seu movimento e atuação, ativa a musculatura fina de todo o corpo e, com isso, a maior articulação em todos os níveis. Essa maior articulação está mais centrada na musculatura fina, ao contrário da articulação elaborada nos outros seres, e torna possível a articulação dos sons, permitindo a elaboração de sílabas ordenadas em sequências que acabam formando as palavras. A partir daí, as palavras iniciam a expressão dos fenômenos não materiais como a aritmética e outras ideias iniciais que são inerentes às coisas, o que vai abrindo o espaço para o ato consciente e a plena expressão dos pensamentos que estão no mundo e nas coisas. Há ainda o fato de que a sensação do "Si Mesmo" se faz mais presente especialmente pelos sentidos do tato, paladar, visão e cenestesia (em algum grau também da cinestesia). O fato primordial é que esta *"presença"* se revela como ato, ou seja, é fundamental compreender que a contínua atividade interna, faz com que esta *presença* se efetive e desenvolva de forma permanente o ser humano como um todo. Assim, desde muito cedo a criança atua chamando a atenção pelo choro, pelo movimento em todas suas expressões, principalmente no

---

[17]A sequência dada pelo Andar, Falar e Pensar, segue uma organização neurológica particular que é estudada com vários detalhes na neurociência contemporânea.

brincar, para apreender o mundo e se colocar cada vez mais perante este mundo – isto é tão importante que a restrição da movimentação espontânea de uma criança acarreta graves consequências para o seu desenvolvimento e para que ela consiga colocar-se perante a realidade!

2) Ao descobrir, a princípio de forma inconsciente, este "Si Mesmo", cada criança continua a elaboração de sua morfologia, anatomia e fisiologia, principalmente nos três primeiros anos de vida, na sequência do levantar a cabeça, sentar, gatinhar e finalmente, assumindo sua ativa postura ereta, totalmente antinatural mas que lhe permite o andar. Esta postura antinatural por excelência, permite a liberação das mãos e, ainda, a relativa liberação do movimento da cabeça o que permite manter o cérebro em repouso enquanto o ser humano caminha ou corre, o que é mais uma razão para o incrível crescimento, da organização neurosensorial, único no ser humano em relação aos outros seres da natureza. No entanto, ainda tem muitas outras consequências em toda estrutura óssea e muscular e na organização dos órgãos dentro do corpo. Há o fato ainda de que a puberdade só é alcançada em torno dos 12 anos, em média. Ou seja, para a função biológica da reprodução o ser humano tem de demorar em média 12 anos… E nenhum ser, apenas biológico, pode demorar tanto para se reproduzir pois a espécie seria eliminada com o tempo.

Pelo andar, toda movimentação corporal facilita com que a musculatura fina possa se dedicar a movimentos mais profundos, como ocorre na laringe que se ordena para a complexa atividade da fala[18] e, a partir daí, essa mesma musculatura fina pelo movimento geral do corpo como um todo, associado à fala, estabelece os fundamentos fisiológicos neurais que permitem o acesso à atividade do pensar que já está no inconsciente, mas se desenvolve pelo *ato* consciente

[18]O movimento da musculatura fina que leva à articulação dos sons, às palavras, também passa a ter atuação formativa em toda organização corporal. As pesquisas em fonoaudiologia, mormente nas práticas de Reorganização Neurológica Funcional, levam os profissionais a trabalharem com muita ênfase, esse fenômeno! Ou seja, os fonoaudiólogos retomam a inicial formação das palavras com seus movimentos, ativando a musculatura fina que, por alguma razão, ficou afetada.

conjuntamente com a articulação muscular de todo o corpo, especialmente da laringe e do desenvolvimento dos diversos órgãos dos sentidos. Simultaneamente, a criança reafirmando a atividade de seu "Si Mesmo", elabora a criação de suas primeiras "identidades sociais subjetivas".

3) Mais tarde, a criação destas identidades sociais subjetivas se faz de maneira muito ampla, na medida em que cada pessoa realiza-se como *ato* que nasce de sua vontade inerente, a princípio inconsciente e se tornando, paulatinamente, consciente. Fazendo uso de uma imagem antiga de autor desconhecido, poder-se-ia dizer: a partir deste "Si Mesmo" que se expressa por um "Eu" também inconsciente, cada pessoa se constitui, pela atividade inerente, como um "Empreendedor" que rapidamente cria um "Gerente", sua personalidade principal, que se caracteriza como o que comumente se chama de Ego. E o "Empreendedor" junto com seu "Gerente" "contrata" "Colaboradores" que são seus personagens e máscaras. Mas, para que todas estas figuras escapem ao "buraco negro de sua subjetividade com suas paixões e redundâncias" (Deleuze)[19], é preciso que haja uma ativação interna; não basta apenas assumir-se pela vontade consciente como um "Eu Sou". Tal "ativação interna", sem apelo a qualquer elaboração metafísica, torna possível chegar ao sujeito epistêmico como fato objetivo. Quando esse assumir-se não se realiza, a pessoa fica no lugar comum, preso à personalidade, ao Ego, que é, no dia a dia, sua identidade social estável e subjetiva.

Com esta formulação – especulativa, certamente, mas que reflete uma extensa experiência clínica e de vida – estou sugerindo o que compreendo ser um caminho de crescimento do ato consciente que parte da sensação do "Si Mesmo", podendo, por sua própria pró-atividade, chegar a assumir-se como um "Eu", para então, por um trabalho consigo, ainda maior, fazer a jornada para chegar ao "Eu Sou". Há aqui uma proposta, uma perspectiva clara, para o crescimento consciente de

---

[19]Deleuze, Gilles – Citado por Michelle Nicié no artigo "A Máquina Abstrata da Rostidade" – Notas sobre artes, literatura e filosofia, a partir de Samuel Beckett – Questão de Crítica – Revista Eletrônica de críticas e estudos teatrais, 10/05/2008.

uma pessoa.

Aqui é preciso citar o trabalho de Ludwig Feuerbach (1804-1872), autor do 'Das Wesen der Christentum", que fundamenta nesta obra sua crítica à teologia cristã em função desta realizar a alienação genérica que nós mesmos nos fazemos no sentido de nos sentirmos limitados diante da natureza, submetendo-nos à divindade e buscando, assim, superar nossas limitações naturais. O que ocorre é que esta teologia cristã submete o ser humano, ou seja, seu fator antropológico, à necessidade da religião, para que assim possa superar sua submissão à natureza. Feuerbach fundamenta sua defesa do *Homem Integral* afirmando que é preciso uma nova filosofia e a liberação da religião cristã. Entende que o ser humano deve ser visto como um ser de carne e ossos, o ser real. Ou seja, Feuerbach quer uma filosofia que apreenda o homem efetivo, real, genuíno, em um mundo efetivo, não-transfigurado. Nada de uma filosofia que trate de seres inumanos, despidos de seus atributos reais e em um mundo inventado, que lhe seja estranho! Neste sentido, e mesmo sopesando as controvérsias sobre o caráter idealista e/ou materialista de sua obra, parece-me que Feuerbach, atendo-se à imanência e à integralidade do humano no homem, aproxima-se de Goethe na defesa de um homem livre, afastado de ideologias que o desviem de sua atuação criativa.

Essa ênfase no ser humano, como ser integral e que pode confiar em si mesmo para a realização de suas expectativas, sem precisar ser monitorado por sistemas teóricos, pela metafísica ou quaisquer outras formas externas a si mesmo, é uma raiz que levou a várias formulações, principalmente a partir de Nietzsche e vários autores, chegando a ser elaborada por muitos psicanalistas e na filosofia em geral, principalmente por Heidegger. E, se agora estamos falando do Homem Integral – alegoricamente, como um "empreendedor" que desenvolve um "gerente" e "colaboradores" para poder atuar de fato na vida – que realiza sua jornada perante os desafios que encontra, faz-se necessário aprofundar a questão do que é *subjetivo* e *objetivo* para chegar ao que, desde o começo, estamos falando do *trajetivo*. É preciso destacar, fazer notar, que em todas as suas atividades o ser humano é necessariamente *trajetivo*, pois quando passa a empreender, a partir de si mesmo, uma iniciativa qualquer em qualquer área, expressa sua subjetividade nos tantos

comportamentos quotidianos que emite, mas dirige seu enfoque para a proposta de sua iniciativa, traçando desde o início um plano de ação, uma trajetória efetiva para estabelecer e efetivar sua iniciativa (o que, naturalmente, não implica estar plenamente consciente de todos os elementos deste "plano de ação").

4) As elaborações das várias "identidades sociais subjetivas", surgidas em função da natural reatividade, vão exercitando um contínuo apreender no mundo, por meio do impulso lúdico, o brincar, fundamento da criatividade e, portanto, da arte – como tem sido reconhecido por muitos, como Huizinga e Winnicott, que se dedicaram a estudar a natureza e a condição humana. Pelo brincar entramos em contato, inicialmente pelas sensações, com as coisas e com as outras pessoas. E assim, lentamente, vai-se delineando, pelo brincar em seu mais amplo sentido e pelo pensar, o indivíduo trajetivo, como fato objetivo, que, então, também elabora seu conhecer pela criatividade não instintiva e, pelo acesso ao pensar, aos significantes das assim chamadas "Ciências do Espírito" (Matemáticas, Química, Física, Psicologia, História, Estudos das Ideologias, Doutrinas, Direito, Literatura, etc.), que são os fundamentos para todas as ciências.

5) E, então, o ser humano vai-se diferenciando intensamente em relação aos outros primatas, pois em seu brincar descobre novos elementos e, principalmente, pela sensação de um mundo interno, como uma realidade em espírito que se conscientiza no pensar, propiciada pelo "repouso" do sentido cenestésico (ou sentido vital), passa, então, a não aceitar o mundo como é dado, caracterizando sua permanente ação transgressiva, fundamento de toda a arte.[20] Pois o ser humano quer muito mais. Eudoro de Souza (1985) em seu livro

[20]Ou seja, a sensação de um mundo interno e dos pensamentos neste mundo interno, se torna possível quando o sentido vital não está tão ocupado com sua vitalidade, com suas funções metabólicas, dando lugar para "sensacionar" o

"Mitologia" logo na primeira página diz:

> *"O homem é o animal que se recusa a aceitar o que gratuitamente lhe deram e gratuitamente lhe dão. (...) o homem é a própria recusa, antes de ser o quer que seja ou o quer que venha a ser."*

6) A arte é a forma mais ampla de acesso e conhecimento do real, expressando-se pelas elaborações simbólicas e pelas muitas formas de expressão do imaginário, do pensar inspirativo e do pensar intuitivo. Neste caminho, o ser humano é chamado a integrar em si e em suas relações sociais o "eterno feminino" e o "eterno masculino" como complementaridades inerentes ao ser humano, "no mundo sobre o chão", o que lhe abre um universo inteiro de conhecimentos e experiências. Por ser sempre integradora, a arte não elimina ou aparta qualquer forma de expressão. Assim, a arte não se coloca acima nem abaixo ou subserviente a qualquer outra atividade humana pois está se realizando no "entre as coisas". E o Goetheanismo é a postura fenomenológica que é orientada pela abordagem artística da realidade, ou seja, pela abordagem que constata ser a arte, atuante no ***entre as coisas***, a expressão mais elaborada do impulso lúdico como o ato soberano para conhecer a realidade. Ora, a arte, por sua própria natureza, faz a contínua integração das diversas contribuições individuais, científicas e culturais. É por isso que me permito abrir nesta tese várias "janelas" a serem exploradas para a pesquisa, pois um processo integrador leva a sínteses criativas desde que o eixo se mantenha firme na proposta de perceber a prioridade da abordagem antropológica do conhecer[21]. Por isso estamos propondo a Antropologia Goetheanística que, por sua apresentação artística da morfologia e especialmente da

---

mundo interno – isso podemos experimentar de maneira eloquente quando fazemos um jejum, por exemplo. Abordei esta elaboração dos órgãos de sentidos em maior profundidade em meu livro "Os 12 Sentidos".

[21] É muito comum nos estudos e nos treinamentos empresariais, priorizar a necessidade de ter um foco ou vários focos para uma atuação mais eficaz. Tenho dito que ter um foco, ou vários focos, sem ter o eixo claro, leva à dispersão e à perda de muitos caminhos e de intenções sérias de trabalho. Adiante, neste trabalho, poderei sustentar melhor essa proposta quando falar da possível relação entre a epistemologia da Esquizoanálise com a Fenomenologia.

configuração morfo-antropológica que estamos tratando de explanar, abre uma amplitude que vai muito além da antropologia clássica.

7) Schelling (1991), com base no idealismo absoluto iniciado por Fichte, estabeleceu o caminho filosófico para a constatação desta presença do "Si Mesmo". No entanto, sua visão idealista, com base na metafísica, só faz sentido na época dele, em que não se sabia da configuração morfo-antropológica que estamos descrevendo e explanando, que constata o "Si Mesmo" como sensação imediata do Ser que, como dito acima, "não tem necessidade de explicação e de nenhuma metafísica". Na obra citada, Shelling constata que este "Si Mesmo" se caracteriza por um "continuum" imobilismo que só poderá ser superado quando cada pessoa acesse sua vontade com consciência para realizar sua afirmação como "Eu Sou", ou seja, assumindo seu protagonismo no sentido ativo de ser no mundo;

8) Uma maneira de se assumir como um "Eu Sou" com plenitude foi delineada por Rudolf Steiner, em seu livro "A Filosofia da Liberdade" (Steiner, 2000), no qual ele chama a atenção para atividade interna que trabalha para acessar a "cognição intuitiva" (Bach Jr., 2014). Esta possibilidade corresponde ao que venho chamando de "método científico integral", que inclui os protocolos do método científico geralmente aplicado, ampliado por duas atitudes: percorrer permanentemente, como já foi dito, o caminho das categorias do pensar intelectual, imaginativo, inspirativo e intuitivo, o que implica em uma contínua meditação e cuidado, além da total demanda de integração do feminino e masculino, de forma única, em todas as pessoas; e manter uma atitude de permanente interpretação do mundo, correspondente àquela propugnada por Heidegger e desenvolvida, por exemplo, na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (1999) e na ética hermenêutica como postura fundamental da clínica de Gilberto Safra (2006).

9) A bem-vinda retomada da prioridade do corpo, com suas demandas de prazer e de vida ativa, como forma trajetiva de atuar no mundo, enfatiza a também prioritária presença do "Si Mesmo" que, por se assumir conscientemente como um "Eu Sou", conforme indicado acima, ativa de maneira inédita o ser "creador"[22], artístico, e, por isso, necessariamente aberto ao exercício permanente de contrastar os juízos prévios sobre fatos e comportamentos com os mesmos fatos e comportamentos constatados na realidade experienciada, ou seja, realizando "constatações", em vez de julgamentos baseados em qualquer critério normatizador.

Para fazer juízos sem julgar fatos ou comportamentos de acordo com algum critério, todo pesquisador depende de um trabalho interior que vai exigir a demanda interna, em geral inconsciente, da busca contínua da sutil harmonia entre prontidão e *serenidade*, ou seja, é necessária uma atenção para o que tem que ser feito naquele momento e naquele espaço, sem que a tranquilidade do processo *meditativo* seja perturbada[23].

Assim, o pesquisador internaliza em si a atividade artística que, a rigor, é sempre usada na formulação de um modelo ou ideia científica como, por exemplo o modelo atômico da matéria, os modelos biológicos como a "espiral do DNA" e os tantos outros esquemas ou modelos. Realiza-se, desse modo uma série de simbolizações que podem se tornar "Simbolizações Eficazes" quando servem para um avanço na compreensão de um fenômeno ou servem para a elaboração de uma tecnologia que interessa às pessoas. Esta é, afinal, a forma universal utilizada pelo "fazer" científico, ou seja, elaborar modelos para expressão das descobertas e para a devida operacionalidade que permita a atuação e ampliação do compreender (apreender com) a realidade que se expressa nos fenômenos das "Ciências Naturais" (os fenômenos físicos) e das "Ciências do

---

[22] Acato aqui a recomendação de muitos autores que preferem usar o termo "creador" com **e,** para diferenciar do sentido mais usual de "criador", que seria uma pessoa que cria animais domésticos ou outros seres.
[23] Aqui, novamente se impõe a referência a Heidegger, particularmente às suas considerações sobre a necessária "abertura ao mistério" e "serenidade", como condições de um "pensamento que medita" (Heidegger, 2001).

Espírito" (os fenômenos da atividade do pensar). Assim tivemos essa maravilhosa atuação do ser humano que chegou hoje às elaborações práticas em todos os níveis não só na engenharia, na física, química e na medicina, com todas as tecnologias a que hoje temos acesso, mas também nas elaborações de ideias, histórias, mitos, imagens e tudo o mais que expressa nossas buscas e possibilidades de atuação ética, estética e solidária no contínuo aprendizado do amor aos fenômenos naturais, às pessoas e às infinitas possibilidades de expressão no mundo em que estamos. E isso ainda nos permite afirmar que a atividade humana na Ciência, na Arte e, afinal, em todas as suas expressões pelo uso das "Simbolizações Eficazes" não necessita e nunca realizou "explicações" ou "verdades" definitivas – ao contrário, como sabem todos os cientistas sérios, a ciência elabora explicações e significados sempre provisórios. De todo modo, na medida em que progredirá sempre, o fazer científico vem estabelecendo enunciados corroborados pela experiência e graças aos quais, por exemplo, fazemos exames médicos com aparelhos extraordinários, várias doenças têm sido curadas, várias vidas têm sido salvas. Graças a esses enunciados viajamos de avião, nos comunicamos por telefones móveis que tem em si quase todas as funções dos computadores mais avançados da tecnologia, superamos as fragatas e as jangadas e, sabemos, muito mais. Assim, progredimos porque no mundo há homens que dedicaram suas vidas à pesquisa que abriu sempre novas perspectivas para a humanidade em geral. É preciso, assim, ressaltar o enorme trabalho realizado pela "epistème", orientada pelos saberes dos Sistemas Lógico/Matemáticos, buscando continuamente soluções aos vários desafios do ser humano. E isso deve ser considerado independente do fato de que mesmo nos mais avançados institutos de pesquisa, ocorre, muitas vezes, uma acomodação em posturas epistemológicas que se tornam assim hegemônicas em função de suas bases teóricas irretorquíveis e de sua corroboração na experiência. No entanto, afinal, levam a tomar decisões que atingem e facilitam processos para as pessoas, tendo como base, na maioria das vezes, significados transitórios, às vezes restritos ou inadequados.

No entanto, quando afirmamos a prevalência dos Sistemas Lógico/Matemáticos estamos entrando no terreno das "Ciências do Espírito" como já antes demonstramos, por ser esta

abordagem do pensar. Ora, ao pensar entramos em contato com as infinitas vertentes possíveis para a compreensão dos fenômenos e com a tendência de enfatizar alguns aspectos podemos esquecer ou mesmo desprezar os outros tantos aspectos possíveis provocando a hegemonia de uma forma em relação à outra. Temos a tendência de querer localizar as coisas e os fenômenos que, na maioria das vezes não são tão localizáveis como nos parece. O exemplo do arco-íris é maravilhoso pois é um fenômeno material que, em sua ocorrência, não conseguimos localizar nem tomar em nossas mãos por ser uma impressão visual muito evidente mas, simultaneamente, impossível de ser manipulada… Isto nos permite a proposta preliminar de admitir outras formas de soluções por meio do que estamos chamando de Abordagem Antropo-Noética para o Conhecer que, por ser "antropológica", abarca a infinitude das vertentes, não permitindo o domínio de uma sobre a outra exigindo a paciência e o cuidado necessário para o trabalho meditativo.

O conhecimento, como o mundo e a vida, é ilimitado e essa amplitude não pode ficar represada, reprimida. Por isso mesmo, ou seja, pela amplitude que cada ser é, estamos propondo estudar a possibilidade de diminuir os efeitos redutores destes significados provisórios por uma metodologia de cuidado e de um estudo das possibilidades de ampliação do pensar. Assim, embora saibamos que os fatos dispensam argumentos e que a razão elabora "explicações" ou significados sempre provisórios – que só para os incautos e ingênuos parecem definitivos, conferindo uma aparente, mas enorme credibilidade – é importante, no entanto, chamar a atenção para o fato de que o provisório para os cientistas têm em si a proposta permanente de possibilidade de evolução e mudanças em função de que este provisório se estabelece num determinado universo, abrindo, portanto, a possibilidade de mudanças quando surgem novos universos. No conhecido, o conhecimento não é provisório. O conhecimento da mecânica clássica será sempre válido para o universo em que foi criado. O provisório para os leigos é apenas algo válido neste universo e que caberia também para outros universos, ou seja, o leigo generaliza o provisório como sendo uma lei que pode ser aplicada a qualquer momento, independente do universo em que se expressa.

A ansiedade humana por "explicações" ocorre perante a intensidade e perplexidade

causada pela força das emoções e sentimentos genuínos que, na maioria das vezes, atingem as pessoas de forma muito mais ampla do que qualquer forma de elaboração intelectual, mas também ocorre devido à ansiedade de estabelecer uma plataforma segura que dá o conforto do "entendimento" de um fenômeno. Ora, estas "emoções e sentimentos genuínos", além das "plataformas seguras de processos lógicos viciados", ocorrem em função de significantes, na maioria dos casos, inconscientes, ancorados em modelos seguros erigidos por estruturas que se tornaram bem aceitáveis para a tradição do pensar comum, leigo. Tornam-se plataformas seguras para os que ignoram qualquer ciência e são enganados pelas representações sociais.

Para nós fica claro, embora aqui estejamos tratando como possibilidade preliminar, que a forma de conhecer quando incluir uma abordagem antropológica-noética, poderá mobilizar, de maneira mais enfática, o todo das pessoas; poderá incluir, na obediência ao método científico em toda sua expressão, também a atividade lúdico/artística[24] na integração dos conhecimentos e a dinâmica de "navegar" pelo pensar intelectual, pensar imaginativo, pensar inspirativo e pensar intuitivo.

Assim, para estimular o ***ser*** nas pessoas, no sentido de que cada pessoa esteja íntegra, plenamente presente com sua singularidade e prontidão para a vida, é preciso trabalhar intensamente para evitar a tendência para o "mascaramento", para o ***parecer*****,** que é estimulado intensamente por estes muitos significados restritos tão comuns nestes "sistemas de significação",

---

[24]Ainda é rara a inclusão de atividades lúdicas e artísticas, pois para muitos esta é uma das formas de "conhecer", entendida pela ciência estabelecida como sendo eikasia, que, no sentido grego é uma conjetura, imago, reprodução imagística de um objeto sensível pela obra de arte, ou de um objeto inteligível. Nesta perspectiva, Eikasia é considerada como sendo um conhecimento mais superficial por não ter passado pelo crivo lógico/matemático. Para nós este é um dos preconceitos graves que domina a epistème que dá mais valor a uma visão racionalista e menos valor a uma visão artística, além de ficar preso a uma elaboração parcial do espírito que é a lógica matemática, realidade apenas inicial da atividade do pensar. O que propomos demonstrar é que o conhecimento obtido pela abordagem artística da realidade é mais amplo e, portanto, tem validade maior, unido à eficácia da ação trajetiva, indo, portanto, bem além do conhecimento obtido pelo racionalismo.

orientados pela pressa em dar “explicações”, ou seja, com “explicações” que parecem ser incontestáveis, as pessoas acabam elegendo formas de se comportar, pela escolha de um tipo, um personagem que lhes parece ser “mais agradável” ou “mais bonito” para os outros, evitando a ***presença*** íntegra de sua atuação e contribuição social.

E, então, por termos relativa consciência de que não estamos ***sendo*** plenamente, não ocorre então o contínuo cultivo da beleza, da alegria e da intensidade afetiva fundamental para a prática da forma cada vez mais criativa, do amor e de ser e acontecer no mundo e acabamos por aceitar os tantos significados que são limitadores de nossa força e de nossa plena potência. E vivemos, então, uma vida comum sem entusiasmo e alegria. Assim, por aceitar essa situação, por achar que *"A vida é assim mesmo",* as pessoas em geral, mas também muitos cientistas e pesquisadores raramente fazem o caminho cuidadoso de, no início do conhecer, procurar saber dos significantes que são a origem dos significados. Aceitamos a convivência comum, normal, com os significados sem buscar os significantes inerentes, porque consideramos que esta escolha por conviver com os significados, geralmente restritos, é o que todo mundo faz e por isso é fundamental para a aprovação social. Queremos ser queridos, acolhidos e reconhecidos. E, daí, por isso, as pessoas acabam legitimando uma vida medíocre em nome de carreira, demandas sociais, questões de carências afetivas, reconhecimento profissional e poder social. Sabemos ser mais fácil aceitar muitos significados provisórios como definitivos, exatamente por darem maior segurança para a convivência social.

Ser e Parecer são questões de cada individualidade que também depende da cultura na qual está inserida. Decorre daí, que cada individualidade é chamada a “Ser e Estar no mundo sobre o chão” com a consciência de uma ética que necessariamente é uma atitude social, trajetiva em seu amplo sentido de estar atuando e participando das demandas da comunidade. Estas demandas são devidas ao fato de que somos chamados a ser práticos, efetivamente ligados às pessoas e às coisas no mundo em sua ocorrência.

Tendo como proposta central deste trabalho oferecer, efetivamente, uma contribuição para o emergir de pessoas criativas e ativas, que atuem em suas comunidades tendo em vista a elevação

dos patamares de qualidade de vida, estamos propondo justamente rediscutir as "formas de conhecer", iniciando pela atitude de exercitar a integração das contribuições dos filósofos, cientistas, antropólogos e outros pesquisadores, sem julgar determinadas ênfases que eles deram aos seus trabalhos. Respeitando, portanto, estes "gigantes" que fundamentaram a cultura humana, nosso propósito é perguntar e sugerir observações para estimular novos passos na pesquisa.

Em suma, ao defender uma “Abordagem Antropo-Noética para o Conhecer”, escolhemos respeitar e valorizar as contribuições de todos os pesquisadores a que pudemos ter acesso. Porque os pesquisadores vivem intensamente em torno do objeto de suas pesquisas, principalmente em sua vida interior, em sua realidade anímico/psicológica, mas também em vários aspectos de sua vida exterior[25]. Assim, é preciso pesquisar com profundidade cada tese, cada proposição, buscando sua correspondência com a prática, mesmo que esta correspondência só fique clara, séculos depois. A fundação das universidades foi justificada por essa proposição, de que são instituições que patrocinam a possibilidade das pesquisas, buscando o enriquecimento da vida prática, mesmo que isso seja descoberto muitos anos após. É nesta perspectiva que buscamos resgatar, no próximo capítulo, a contribuição científica de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832), já em sua época um raro exemplo de uma alma e uma personalidade capaz de conjugar, profundamente, os fazeres do artista, do pensador e do pesquisador...

[252525] Cabe aqui referenciar as reflexões, profundamente pertinentes, do professor Luís Claudio Figueiredo acerca das relações inerentes entre a ética e os saberes e práticas psi. Para uma introdução ao tema, veja-se FIGUEIREDO, 2011.

CAPÍTULO 3 – O CAMINHO DE CONHECIMENTO DE GOETHE E O GOETHEANISMO: POLARIDADE, INTENSIFICAÇÃO E METAMORFOSE

Quando Rudolf Steiner (1861 – 1925) apresentou sua tese "Verdade e Ciência", na Academia Politécnica de Viena, ligada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi muito elogiado e indicado para trabalhar nos Arquivos Científicos de Goethe. Ele trabalhou nestes arquivos por nove anos, publicando vários trabalhos sobre a Abordagem Goetheanística da Realidade, e finalmente o livro "A Filosofia da Liberdade".

Conhecido muito mais por sua obra poética, Goethe, no entanto, apresentou estudos e conclusões nas áreas da Anatomia, Botânica, Zoologia, Física, Mineralogia e outros campos. Nestes estudos essencialmente práticos, ressalta a fundamental descoberta da metamorfose presente em todos os processos de evolução tanto na mineralogia quanto nos seres vivos. E para acessar e constatar essa metamorfose, Goethe demonstrou a prioridade da abordagem artística da realidade. Assim, a terminologia usada por ele desenvolveu uma linguagem dialógica e receptiva, não reduzindo suas observações a representações matemáticas e focalizando os aspectos qualitativos sem classificá-los como objetivos ou subjetivos. Na prática, por sua atuação, como é da própria essência da atividade artística, seguiu o "trajeto" das coisas como elas se apresentam. Mais ainda: como Goethe compreendia a prioridade do estudo da morfologia com suas metamorfoses, não só nas formas, mas também nos processos, a ênfase prioritária está na observação do passo a passo da percepção dos fenômenos sem elaborar teorias ou conclusões e explicações. A esta abordagem artística da realidade, com suas pesquisas que incluem os processos de metamorfose, Steiner deu o nome de "Goetheanismo", como também ampliou muito estes estudos em todos os campos de atividades, os quais continuam sendo realizados por vários institutos de pesquisas em muitas universidades.

O fato desta abordagem não ser amplamente conhecida é devido, principalmente, à visão dominante, já citada anteriormente neste texto, de que a arte é uma atividade subjetiva do ser humano, o que vem sendo contestado há muitos anos, especialmente pelas abordagens fenomenológicas que enfatizam a atividade do artista como fato objetivo na expressão social[26].

---

[26] Para uma exposição mais detida deste ponto, vide: KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência*. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro , v. 13, supl. p. 39-54, Oct. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500003&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Jan. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702006000500003.

3.1 O goetheanismo: características relevantes

É preciso pontuar a solidão de Goethe enquanto cientista. O que ele propunha era, e ainda hoje é, muito difícil de ser apreendido pelos seus mais íntimos interlocutores porque estava em franca oposição à corrente dominante dos pensadores, o que lamentavelmente ainda ocorre hoje, em geral, nas universidades.

Entre muitas coisas elaboradas por Goethe, ele dizia que não são os sentidos que nos enganam. O que nos engana é o julgar, os juízos feitos apressadamente!

Jonas Bach Jr., em seu livro "Fenomenologia de Goethe e Educação", diz à pág. 184:

> *"A proposta fenomenológica da autoeducação é o auge da atividade humana porque é processo de preparação para a experiência da evidência, a intuição da essência. O conhecer é compreendido como processo de aproximação aos segredos da existência."*

Em seguida transcreve um texto de Rudolf Steiner, traduzido por ele (Jonas), retirado de um artigo "Goethe, der Schauende, und Schiller der Sinnende" *(Goethe, o que olha, e, Schiller, o que "sensaciona")* publicado num periódico "Das Goetheanum, 1961c, p.129, onde Steiner diz:

> *"Para Goethe, a essência da natureza vive no ser humano como saber. E o conhecimento humano lhe é a revelação da essência da natureza. O processo do conhecimento não é para Goethe uma mera reprodução formal de uma essência escondida na natureza, mas a real manifestação do que sem o espírito do ser humano de modo algum existiria na natureza."*

Seguindo com Jonas Bach Jr. na mesma página:

> *"A educação é o processo que amplia o ser humano como "órgão do mundo", onde o que jaz como força oculta na natureza se apresenta de forma consciente. A autoeducação é vista como caminho para criar oportunidades de potencialização da manifestação do âmbito humano se efetiva quando o pensar se metamorfoseia em intuição (Anshauung)."*

O isolamento de Goethe enquanto cientista se explicita porque toda sua atividade tem por base exatamente uma permanente autoeducação que o leva a observar os fenômenos de uma maneira artística, de uma maneira que faz perceber as muitas possibilidades do mesmo fenômeno em sua expressão. Goethe não se coloca como um pesquisador frio que quer "torturar" a natureza para que esta se revele. Ao contrário, sempre denunciou que esta atitude é que afasta os cientistas da compreensão mais profunda dos fenômenos. Vale lembrar que aqui quando falo de compreensão, uso a palavra *"compreender"* no sentido da atitude de *"apreender com"*.

Ver as coisas de uma forma artística implica num contínuo “brincar” com as muitas possibilidades que cada fenômeno pode assumir. Assim, quando olhamos o rosto de uma pessoa, podemos imaginar o mesmo rosto num momento de alegria, raiva, tristeza, desânimo, júbilo, melancolia, etc., etc. Mas também podemos “brincar” assim com tudo, como, por exemplo, uma pedra em diferentes situações, uma planta com todas suas possibilidades de variações, um animal, um inseto, a organização de uma casa, de um condomínio e tudo o mais.

Esta é a base do movimento de Goethe quando estudamos os processos de *intensificação* (Steigerung em alemão) e da *polarização.* A duas atividades de intensificação e polarização, são justamente a realização do “brincar” no sentido mais amplo. Este “brincar” é uma atitude prioritária para quem busca compreender a realidade de qualquer fenômeno. Estamos aqui nos referindo ao conceito do “impulso lúdico” descrito por Schiller em suas cartas estéticas e que manteve uma grande e constante interlocução com Goethe. Mais recentemente Johan Huizinga escreve o livro “Homo Ludens” em que retoma o conceito de Schiller.

Bem, este “brincar” aparece bastante nos trabalhos mais famosos de Goethe que são a “A Metamorfose das Plantas” e “A Doutrina das Cores”. Então na observação das plantas, Goethe percebeu que as folhas tem formatos e tamanhos diferentes dependendo da altura e posição em que nascem e então coletando folha por folha, foi constatando a metamorfose destas folhas em todo o processo de crescimento da planta. Já no estudo das cores todos sabem que as cores básicas são o vermelho, o amarelo e o azul sendo que as outras cores são derivadas das misturas destas cores básicas. Assim, o verde é resultado da mistura do amarelo e do azul e o lilás é resultado da mistura do vermelho com o azul e daí podemos encontrar uma enorme variedade de cores. O “brincar” com as cores, tons e matizes nos faz ter um aprendizado vivo, prático, que vai delineando um conhecimento que se estabeleceu justamente nesta “doutrina das cores”. É necessário pontuar que para um pintor este conhecimento é o que interessa e dizer que as cores são resultado de diferentes comprimentos de onda da luz, pouco acrescenta em efetivo conhecimento prático para a pintura. E ficou famosa a frase de Goethe de que as cores são *resultado do “sofrimento” da luz em contato com a escuridão.*

3.2 Morfologia ou Fenomenologia

É fundamental pontuar que Goethe nunca falou em fenomenologia, pois esta surgiu muito mais tarde com Husserl. Goethe como poeta contemplava as formas e descobriu que o estudo da morfologia é um caminho seguro para compreender as coisas, os seres vivos em geral e o ser humano em particular. Assim, é preciso situar claramente a atuação de Goethe como um observador

muito cuidadoso das formas e pela descoberta da metamorfose, compreendendo os fenômenos como processos em permanente devir.

Feita esta observação poderemos compreender melhor que quando situamos o trabalho de Goethe como sendo fenomenológico, estamos estabelecendo seu movimento dentro da filosofia da ciência que, por se manter majoritariamente num posicionamento que estabelece protocolos de conduta relativamente estáticos, deve ser compreendida aqui com a ressalva de que cada fenômeno está em constante vir a ser num tempo móvel que faz do *instante* a dinâmica relação entre passado e futuro, atuando com o todo que inclui o observador, o pesquisador e todos os elementos que estão relacionados morfologicamente. Isso significa que todos, incluindo o pesquisador estão neste processo de vir a ser, o que implica numa permanente dinâmica pela qual a autoeducação se mantém como eixo prioritário na pesquisa.

Não seguir este caminho é atropelar os fatos e ceder à ansiedade e à pressa de querer legitimar a proposta goetheanística na tradição filosófica!

Assim, assumir o Goetheanismo como fundamento da compreensão dos fenômenos, é assumir uma atuação da prática permanente de nossas iniciativas com as muitas possibilidades de ocorrências e formas como estas se apresentam. Nesse sentido, um médico é chamado a alicerçar suas afirmações com o fundamento de sua prática clínica quotidiana com diversos públicos em diferentes circunstâncias, observando as formas como as doenças, os pacientes, os comportamentos e, principalmente, como ele, profissional, vem apreendendo e se constituindo como elemento integrante de todas suas iniciativas. O mesmo vale para professores, assistentes sociais, engenheiros, artistas, economistas, administradores, políticos e, afinal, para todas as pessoas, nas mais diferentes atuações e circunstâncias, nas quais “des-envolvem” suas iniciativas.

Convivemos assim, de maneira cada vez mais consciente, em círculos comunitários, em grupos e “tribos” das mais diferentes origens com as percepções das diversas ocorrências materiais e simultaneamente com as diversas ideias e as muitas realidades concretas do mundo imaterial.

É assim, melhor, mais correto e mais seguro situar Goethe no movimento filosófico da fenomenologia. Então podemos ler na obra “Fenomenologia de Goethe e Educação” da Lohengrin Editora (2017) de autoria de Jonas Bach Jr.:

> (...) *No entanto, Sarker (1994, p. 16) afirma “A história da fenomenologia pode ser delineada nas obras do grande poeta alemão Goethe...”, identificando assim Goethe como inaugurador do movimento fenomenológico. “Goethe era um forte apoiador da observação aguçada como da descoberta científica e nós não deveríamos esquecer que a fenomenologia coloca a mais pesada ênfase na observação.” Foi somente no século XX que a pesquisa científica de Goethe ficou reconhecida como fenomenológica, quando o filósofo Fritz*

Heinemann assinalou essa perspectiva – na década de 30 do século passado – como fenomenologia. Entretanto, foi nas últimas duas décadas do século XX que a fenomenologia de Goethe passou a ser publicamente considerada como tal, principalmente no âmbito acadêmico. Físicos como Heisenberg, Born, Weizsäcker, Heitler ocuparam-se com a Teoria das Cores de Goethe, pois a física clássica estava revendo seus fundamentos epistemológicos depois da irrupção da física quântica. A fenomenologia é um processo aberto de abordagem e compreensão da realidade que não padroniza sua dinâmica reflexiva. Não existe somente uma fenomenologia, uma vez que, depois de Husserl outros filósofos desenvolveram diferentes concepções de fenomenologias (Heidegger, Merleau-Ponty e Gadamer entre outros). (...)

Daí, Goethe, com sua abordagem, desenvolve uma fenomenologia para a compreensão da natureza propriamente dita[27], na medida em que estabelece uma contínua integração com a mesma, contrariando os pressupostos do empirismo e do racionalismo por assumir uma indissociação entre sujeito e objeto[28].

Outro aspecto fundamental na fenomenologia de Goethe é a concepção de que a percepção suprassensível da ideia e a percepção sensível dos fatos físicos, são considerados fenômenos que convivem entre si pelo ***ato*** da consciência. A proposição é conhecer a realidade em sua totalidade por esta atividade consciente e, daí pela rigorosa atividade do pensar, estas duas qualidades complementares na percepção se unem pelo juízo intuitivo (anschauende Urteilskraft – em alemão) que é conquistado pela permanente autoeducação que nos faz chegar a esta capacidade cognitiva que vai muito além da categoria do pensar intelectual, já que a ideia e o fenômeno físico são inerentes entre si, formando um todo só, o que vai ser melhor especificado adiante.

Continuando com Jonas Bach Jr, vamos ler à pág. 100 do livro já citado acima, que

"(...) Ao utilizar a palavra ideia, a fenomenologia goethiana incorre no risco de ser interpretada como platonismo quando não é este o caso. A ideia não está separada do fenômeno, a pesquisa fenomenológica não instaura nenhum dualismo. Ideia e experiência compõem um todo, a ciência de Goethe é monista. Sua fenomenologia adota procedimentos fundamentais que, ante a percepção do objeto, buscam uma percepção elaborada por conceitos mais elevados e vinculados aos aspectos inerentes ao fenômeno da vida.

---

[27] Mais para o final deste trabalho estou propondo a Antropologia Goetheanística que, então, na abordagem para o caminho de desenvolvimento do ser humano, vai além da natureza, já que integra a atividade do espírito.
[28] Lembro aqui da proposição da trajetividade tratada no início deste trabalho.

Os procedimentos da fenomenologia de Goethe se apresentam em fases que se desenvolvem através da não interferência da subjetividade (rompimento com as representações habituais e redução de julgamentos), da participação objetiva da subjetividade (geração de novas representações ou ideias, utilização de conceitos direcionadores, experimento de julgamentos), da variação contextual do objeto (diversificação da experiência) e da postura dialógica com a natureza (coexecução mental do fenômeno natural). Sem a dicotomia sujeito e objeto, na fenomenologia da natureza o sujeito não é nem mero espectador passivo, nem sobrepõe seus modelos representativos. Na percepção fenomênica há uma participação concomitante, tanto do objeto com suas características e propriedades, quanto do sujeito como configurador do procedimento metodológico[29]. Não há uma negação do sujeito como no empirismo baconiano. A fenomenologia goethiana tem seu ponto de partida na experiência, na empiria, mas não deve ser confundida com o empirismo absoluto. Wahl (Wahl, D., Zarte Empirie, Trivium, 2005, p. 75.) destaca o potencial dialógico da fenomenologia goethiana:
A "Zarte Empirie – empiria delicada – de Goethe, pode tornar-se uma importante ferramenta epistemológica para nos guiar em direção à participação adequada e, portanto, para a sustentabilidade. A capacidade de alternância consciente e responsável entre epistemologias[30] em plena consciência de seus respectivos pontos-cego de percepção nos ajudará a integrar o conhecimento reducionista e a sabedoria holística.

Continuando com Jonas Bach Jr., na mesma página 100 do livro referido:

"O empirismo abordou unilateralmente a realidade natural extirpando sua dimensão essencial. Em suas pesquisas científicas, Goethe manteve uma postura dupla, por um lado, conectado à percepção do fenômeno e, por outro lado, atento aos processos de sua própria consciência. Sua dinâmica investigativa consiste em desenvolver a simultaneidade da atividade da consciência que conecta a ideia subjacente ao fenômeno vital à percepção sensorial. Ideia e experiência são a polaridade no ponto de partida da pesquisa fenomenológica. O aspecto dual é superado na atividade cognitiva que desenvolve no

---

[29] N.A.: Chamo atenção, mais uma vez, que, adiante, quando proponho a Antropologia Goetheanística, passo a usar o conceito de trajetividade superando assim a discussão entre objetivo e subjetivo, pois este subjetivo só pode se referir a um sujeito pró-ativo e não a qualquer sujeito, e, por outro lado, o uso do pensar, e por conseguinte ao juízo intuitivo, passa também a se referir a fenômenos não naturais como, por exemplo, pensamentos, sentimentos, vontades, etc. de cada ser humano, pois estamos no âmbito da antropologia.

[30] N.A.: Adiante, quando cito Deleuze e Guattari, procuro demonstrar certas particularidades de convergência entre a Esquizoanálise e a Fenomenologia, mormente de Merleau-Ponty.

sujeito a capacidade de articular um conteúdo conceitual condizente ao que é inerente ao fenômeno.

Um pouco mais adiante, agora na pág. 101, Jonas Bach Jr. escreve:

(...) São necessárias diversas experiências, em diversos contextos e condições, no entanto, elas se apresentam sem conexão, somente exibem suas particularidades. As experiências do fenômeno e a ideia (sua essência) são de difícil conciliação. O esforço fenomenológico de superar este dualismo é expresso por Goethe como o "desespero por integridade".

O que então se ressalta é a permanente demanda de uma autoeducação de todo aquele que quer, de fato, pesquisar e compreender os fenômenos, permitindo que estes se revelem. Goethe, desde o início, afirmou com muita segurança de que forçar a natureza, e, podemos acrescentar aqui, e forçar o ser humano, por meio da tortura, dissecção e outras maneiras de uso de poder, tem o efeito contrário que se explicita num fechamento, numa forte negação de se revelar. Sabemos muito bem que em nossas relações humanas, todo o uso de força resulta mais em tragédias do que em abertura de caminhos. Assim, também, quando na natureza ocorrem os efeitos secundários da tortura que são a poluição, o lixo, surgem as reações típicas da natureza como tempestades, tremores de terra, "tsunamis", etc.

Por isso, somos chamados a uma constante reavaliação de nossas atitudes até assumirmos a prioridade da autoeducação permanente.

Nesse caminho, fica clara a assertividade do pesquisador que assume sua firme intenção para apreender os segredos dos fenômenos e quando sua autoeducação torna possível o juízo intuitivo que é uma capacidade conquistada pela contínua meditação, fica claro perceber que este juízo intuitivo[31] se exerce pela intencionalidade do ato consciente para a apreensão da ideia apropriada ao objeto pesquisado chegando então ao seu auge pela celebração da descoberta da conciliação harmônica entre o espírito e o fenômeno que demonstra a superação do aparente dualismo espírito-matéria.

Portanto a pesquisa fenomenológica não fica numa observação ingênua de cada fenômeno, pois propõe um método acurado que pode ser sintetizado nos seguintes pontos, conforme elaboração de Jonas Bach Jr no livro já citado:

---

[31] O juízo intuitivo é a elaboração que nasce após a contemplação ampla do fenômeno, seguida do silêncio e da espera pela sua manifestação. É a conclusão da identidade entre a sensação e percepção do fenômeno com a percepção da ideia inerente. Portanto, para chegar a este juízo é preciso a serenidade dada pelo exercício meditativo que se segue simultaneamente com a percepção do fenômeno.

Observação criteriosa e descrição cuidadosa dos fenômenos percebidos, apreciando o objeto e suas relações contextuais, considerando os fenômenos percebidos pelos órgãos dos sentidos e os fenômenos das percepções suprassensíveis (pensamentos, sentimentos, vontades, etc.);

Sequenciamento congruente: Como não há nenhuma hipótese prévia para apreensão do fenômeno, ocorre uma ordenação das percepções nas diversas situações contextuais e de acordo com os princípios subjacentes ao próprio fenômeno. Exercitando os movimentos da polaridade e da intensificação que são os impulsos que movem toda a natureza, aprofundamos as percepções em contextos diferentes e, fazendo a partir destes experimentos um sequenciamento congruente seguindo passo a passo a expressão do fenômeno. Aqui cabe um exemplo: trabalhando com as cores, na procura de um tom de verde, podemos partir de um tom de amarelo, misturando-o com vários tons de azul, cada vez mais intensos, fazendo o mesmo movimento partindo do azul e misturando vários tons de amarelo. Além disso é preciso diferenciar o amarelo ouro do amarelo mais comum, ou o azul prússia do azul anil. Na verdade existem centenas de tons para cada cor. E o azul é resultado da cor magenta com o ciano [CMYK é a abreviatura do sistema de cores subtrativas formado por Ciano (Cyan), Magenta (Magenta), Amarelo (Yellow) e Preto (Black (Key). Assim, magenta mais amarelo produzirá vermelho, magenta mais ciano produzirá azul e ciano mais amarelo produzirá verde)];

Julgamento pelo objeto: Contrariamente ao julgamento discursivo, o julgamento proposto por Goethe é o que ele denominou de "pensamento inter-relacionado ao objeto" (gegenständliches Denken), exatamente como já especificado anteriormente como sendo o pensamento que está inerente ao objeto, ou seja, o julgamento que o sujeito realiza vem do próprio objeto como fenômeno suprassensível percebido pela atividade consciente do pensar. Aqui, mais do que em qualquer item, a autoeducação é uma expectativa obrigatória pois a subjetividade não pode invadir o objeto com representações mentais de um sujeito reativo. Goethe chega a afirmar que *"cada objeto novo, bem contemplado, inaugura em nós um novo órgão" (Bedeutende Fördenis durch ein einziges geisreiches Wort*, Deutscher Taschenbuch V., 2000c, p.38);

Versatilidade da intencionalidade da consciência: A atenção do pesquisador é dirigida para uma clara e precisa apreensão do objeto, e, simultaneamente, para a consciência como um ato permanente. É uma atenção dupla que tem foco no objeto e na pró-atividade de si mesmo como pesquisador que assume a trajetividade plenamente. Como diz Jonas Bach Jr., *"o método goethiano é multiforme porque a realidade fenomênica, em sua qualidade de manifestação, é multiforme. Daí que a versatilidade da intencionalidade da consciência é uma condição para a apreensão da multiformidade dos fenômenos e das percepções do sujeito. Esta versatilidade é incorporada na utilização de conceitos orientadores que tem a função de diversificar o modo de olhar. Como*

técnica na aplicação de conceitos orientadores, Goethe fez uso de conceitos dinâmicos e de símbolos. A linguagem simbólica é mediadora entre realidade e o sujeito. O conceito simbólico é um conceito aberto, solicita a participação interpretativa do sujeito que, ao elaborá-lo junto às suas percepções do fenômeno, lhe permite "ver" (schauen) o que a percepção convencional ou trivial não acessa, ou o que a representação mecânica, matemático-geométrica não possibilita(...)." Mais adiante, Jonas Bach Jr., à página 113, diz:

> *"Ao explorar a magnitude expressiva da linguagem simbólica, Goethe foi, para muitos, excessivamente poético, estes se esquecem ou negligenciam a dimensão produtiva e criativa da natureza, sua poiésis. Contudo, ele estava propondo um caminho que pertence ao futuro da ciência e tem como pré-requisito número um a metamorfose do cientista e a parceria num nível superior inerente e inusitado entre ciência e arte."*

Experiência da evidência: Chegamos aqui, finalmente à apreensão do fenômeno como um todo, justificando a diferença essencial da proposta fenomenológica de Goethe em relação às outras propostas fenomenológicas expressas pelos diversos autores. Opondo-se ao experimento isolado, típico na pesquisa da mais rigorosa *epistème*, nas várias propostas epistemológicas, Goethe propõe a realização de experiências em processos que evidenciem a produção do fenômeno na multiplicidade de condições em que este fenômeno se manifesta, podendo assim chegar assim ao fenômeno puro (rein Phänomen) ou fenômeno primordial (Urphänomen). Assim, chegamos ao que Jonas Bach Jr. declara em seu livro *"A pedagogia Waldorf e a liberdade", Novas Edições Acadêmicas, 2016, p.49-50):*

> *"Aqui residiria, caso o homem soubesse ser modesto, talvez a derradeira meta de nossas forças – pois aqui não se indagam as causas, e sim as condições sob as quais os fenômenos se manifestam. Seu resultado, consequente, seu eterno retorno sob milhares de condições, sua unicidade e mutabilidade, tudo isso é observado e aceito; sua determinação é reconhecida e novamente determinada pelo espírito humano."*

Resumindo então, chegamos aqui, depois deste enorme trabalho de observação acurada dos fenômenos e, ao mesmo tempo, de uma rigorosa autoeducação permanente, por um caminho meditativo contínuo, ao juízo intuitivo que apreende a ideia inerente a cada fenômeno como evidência, como fato apodítico.

3.3 A atenção concentrada no fenômeno primordial da polaridade e intensificação

A polaridade foi sempre usada por Goethe no sentido de perceber nos fenômenos os processos de expansão e contração, atração e repulsão, luz e escuridão, etc. A intensificação é o processo de gradação, potencialização e crescimento contínuo da expressão do fenômeno. Assim na pesquisa de cada fenômeno, Goethe como artista "brincava" com estas variáveis de polarização e intensificação para poder observar as várias formas de expressão e poder clarear os modos de aparição do fenômeno à nossa observação. Com essa forma de observação ele se mantinha estritamente na abordagem do fenômeno, como se realizasse uma redução contínua ao fenômeno, para não extrapolar ou interpretar. Essas experiências foram bem relatadas por Goethe em sua teoria sobre as cores, na botânica, na metamorfose dos ossos, na mineralogia, etc., etc.

Realmente, na observação dos fatos naturais e mesmo não naturais, é sempre possível verificar uma *complementaridade entre contração e expansão, crescimento e decrescimento, diminuição e aumento, verticalização ascendente e descendente, luz e escuridão, etc.* Por outro lado, podemos entender a intensificação como a contínua caminhada para os polos, no sentido de uma *complementaridade que se dá pela tendência de ir ao máximo de um polo a outro*. Percebemos assim que o fenômeno da intensificação e da polarização é intrínseco a tudo e se chega a esse conhecimento pela experiência direta, pelo acompanhar os processos de ocorrência na vida em geral.

E é este fenômeno que nos dá a certeza de que estamos sempre num processo de um vir a ser, numa caminhada, numa trajetória que se explicita em vida, criatividade, busca e permanente realização. Então podemos perceber a intensificação pela potencialização e gradação expressa por uma variedade infinita de polaridades estabelecendo uma continuidade em permanente movimento, realizando transições e metamorfoses.

Cabe aqui pontuar que, ao contrário do que seria a tendência comum de se pensar, que é a tendência para chegar a algo pronto, é este fenômeno de permanente movimento que mantém a grande ordem imanente com sua *poiésis*, com sua regularidade e contínua adaptabilidade aos mais diferentes graus de mudanças. E isso nos leva a demonstrar que para aprofundar melhor esta temática temos que tratar de como a atividade do pensar lida com a percepção dos fatos sensoriais e simultaneamente com a percepção dos fatos suprassensíveis.

3.4 O pensar os fatos sensoriais e os fatos suprassensíveis

Logo que o ser humano tem uma percepção sensorial, o ato de sua consciência realiza também uma impressão suprassensível por meio de uma ideia ou um conceito que está inerente à percepção sensorial em questão e que pode, ou não, ser percebido imediatamente. Ora, o pensar a

ideia inerente ao fato sensorial é a atividade do espírito complementando a atividade material. Já o pensar as ideias é a atividade do espírito em seu próprio âmbito, ou seja, trata-se do pensar os pensamentos, o que implica em que nós nos percebamos como sendo uma *presença* consciente em contínua atividade e intencionalidade.

É fundamental conscientizarmos de que essa intenção e a percepção mais profunda dessa presença tem o tempo que nós podemos nos dar para realizar este processo. Ora, se temos este tempo é imperativo que nós o usemos e com cuidado, sem pressa portanto, Observando-nos nessa ação e não permitindo que essa ação se torne uma mera impressão, mas sim, uma elaboração consciente no passo a passo que abre a possibilidade da real compreensão *(ação de aprender com)* de um fenômeno. É neste tempo que cada um pode se dar, que podemos perceber quem tem uma ação meramente reativa e quem tem uma ação pró ativa, que inclui o meditar cada passo dado no apreender. Pois este tempo usado com seriedade, parcimônia e a devida atenção para a meditação do processo como um todo (impressão, percepção sensorial e percepção suprassensorial, análise e síntese, etc) seguidas da espera na qual o fenômeno se esclarece, se revela, é que aparece o pesquisador sério e cuidadoso. Pois quem responde a uma pergunta imediatamente após a primeira impressão, tende muito mais a errar!

Assim, quem vive apenas instintivamente ou reativamente não tem como ser pesquisador! E, ainda, é esta *presença de espírito* que caminha entre as polaridades por um processo contínuo de intensificação, podendo então compreender como *polaridades* os fatos materiais e a *intensificação* como a atividade do espírito em contínua elaboração. Graficamente, diríamos que:

MUNDO MATERIAL → se manifesta por suas polaridades
REALIDADE DO ESPÍRITO → se manifesta por intensificação

Fica claro aí como esta constatação afirma uma cosmovisão monista da realidade do mundo pela qual a matéria não existe sem o espírito e o espírito não existe sem a matéria. E esta cosmovisão monista é o fundamento da atitude de Goethe, como ação prática de pesquisa que prescinde de qualquer metafísica.

Assim na página 124 do livro já citado de Jonas Bach Jr. podemos ler:

> *"(...) O sequenciamento congruente dos dados observados demonstra outro aspecto qualitativo diferenciado na interação dinâmica entre o pesquisador e o que vem sendo pesquisado, para chegar à profundidade do desafio em estabelecer um julgamento que não provenha da própria subjetividade. A versatilidade das representações é um desafio da formação (Bildung) individual, ou melhor, da autoformação que significa a assunção de*

uma responsabilidade sobre sua própria inserção na interação, pois a experiência da evidência, como meta epistemológica, é sempre potencialidade do método e não garantia.

A fenomenologia de Goethe é intrinsecamente um procedimento participativo que envolve a contínua autoformação do pesquisador. Os resultados da pesquisa possuem significados diferentes quando é apenas comunicado a quem não transformou seu modo de ver as coisas, comparado a quem chega até eles participando das etapas metodológicas. No primeiro caso, lida-se com algo pronto sem o reconhecimento dos seus aspectos intrínsecos, no segundo caso, o resultado ou a evidência tornou-se experiência vivida através de uma autoeducação, ou seja, foi incorporado pelo pesquisador."

Quando este, o pesquisador, assume essa autoeducação, ele parte de seu **Sentir**, iniciando pelas impressões, sensações, sentimentos, emoções que vive com o fenômeno e que revelam a expectativa, a necessidade imperiosa da completude, por se sentir metade, por se sentir a parte, uma parte do mundo. E a partir dessa busca pela completude, pela vontade de vínculo com as coisas e com as pessoas, ativa seu **Querer** com sua atuação e então, com seus instintos, impulsos, desejos, ansiedades, ele se adentra no fenômeno vivenciando-o intensamente. Depois disso, volta para si, no entanto, para conviver com as percepções das ideias, concepções, imagens que o fenômeno lhe trouxe e, assim, com seu **Pensar** complementa a realidade que sem sua atuação estava entregue às forças naturais ou culturais em sua emergência no Caos criador. Continuando com seu pensar, pode então elaborar modelos, esquemas, imagens de como o fenômeno se expressa. E, assim, não há como não se autoeducar enquanto tudo isso acontece!

Uma das mais elaboradas formas atuais do reconhecimento da obra científica de Goethe, foi desenvolvida por Henri Bortoft (1938 – 2012) que como professor no Bruckberg College na Alemanha, publicou sua última obra em 2012 sob o nome de "Taking Appearance Seriously – The Dynamic Way of Seeing in Goethe and European Thought"; nesta obra ele conta do caminho que trilhou para chegar à prática científica elaborada por Goethe. Assim, a partir da observação prática de métodos pedagógicos e de variadas formas de educação de adultos, principalmente em treinamentos empresariais, ele percebeu a vontade e o esforço de realizar um conhecimento baseado numa "Ciência de Tudo e do Todo", por meio de esquemas conceituais que estabelecem várias categorias de dados buscando "uniformidades estruturais nos diferentes níveis da realidade". Bortoft lembra que estas formas de educação foram baseadas nos estudos de von Bertalanffy e de Descartes, reconhecendo nestes autores uma busca de uma ciência holística, no sentido de alcançar o Todo e Tudo, mas, que no entanto, na prática, ironicamente, realiza um enorme reducionismo. Então Bortoft, buscando uma nova abordagem para uma Ciência do Todo (Science of Wholeness), devido

à sua pesquisa na Física Quântica no Birkberg College na Inglaterra, encontrou David Bohm que lhe indicou um novo caminho de pensar no Todo, principalmente com base nos estudos de hologramas nos quais cada parte revela o Todo e o Todo revela as diferentes partes. Esta visão holográfica o levou a participar de um grupo de profissionais de várias áreas (médicos, psicólogos, filósofos, etc.) que resolveram praticar a fenomenologia em suas atividades a partir dos estudos de Heidegger e Hans-Georg Gadamer. Depois de várias experiências com este grupo de práticas fenomenológicas, encontrou um estudo de Goethe sobre a formação das nuvens que demonstrou a possibilidade de descrição do fenômeno como se ao mesmo tempo mostrasse as várias faces do mesmo, como forma de ver as duas faces de uma moeda de uma vez só. Este exemplo mostrou a ele que no ato de distinção de uma nuvem da outra se realizava uma atividade analítica e simultaneamente holística. Ele ligou esta forma de apreensão com a noção da presença de Heidegger, já citada acima.

Ora, quando Bortoft fala de uma *"atividade analítica e simultaneamente holística"*, chama nossa atenção, mais uma vez para o que estou propondo como método científico integral que, incluindo o fazer artístico, coloca a meditação como o fundamento de sua pesquisa.

E para compreender melhor ainda como Goethe trabalhava é preciso chamar a atenção para a atividade permanente dele buscando as polaridades e a intensificação de cada fenômeno observado, no sentido de que a observação fenomenológica foi seguida por uma ordenação extremamente criteriosa sempre centrada no objeto de pesquisa, ou seja, as coisas, pessoas ou outras entidades em sua ocorrência, estabeleceram sempre o único referencial de suas pesquisas.

Por isso, é interessante pontuar, desde o início, que Goethe, seguido depois por Steiner, não considerava a necessidade de nenhuma metafísica para a compreensão dos fenômenos. Entendia que o ser humano tem em si a capacidade da experiência sensorial, dos fenômenos físicos, e, simultaneamente, a experiência dos fenômenos conhecidos como fatos suprassensíveis acessíveis pelas "Ciências do Espírito" (Matemáticas, Geometrias, Lógicas e os estudos da Biologia, Física, Química, além, entre tantas outras, como as elaborações das ideologias, doutrinas, sistemas e tecnologias). Com estes dados, o pesquisador pode fazer experimentos com ***intensificação*** e ***polarização*** dos fenômenos, depurando assim os processos inerentes a estes fenômenosTrata-se de uma postura fenomenológica integral, no sentido de que inclui tanto os fenômenos físicos quanto os fenômenos não materiais ou suprassensíveis como acima exposto. Há nisso, evidentemente, um acesso ao mundo físico e simultaneamente ao mundo *metafísico.* Mas não ocorre nada além disso, ou seja, nenhum apelo a uma teoria ou ideologia, como normalmente se caracteriza a metafísica.

INTERLÚDIO POÉTICO SOBRE A SUPERFLUIDADE DA METAFÍSICA PARA O PENSAR OS FATOS SENSORIAIS E OS FATOS SUPRASSENSÍVEIS

Aqui, parece-me necessário um interlúdio. Conforme já antes deixei sugerido, penso que a capacidade de acesso às percepções suprassensíveis é fundamentada pela Configuração Morfo-Antropológica do Ser Humano. E fica claro porque não há necessidade de uma metafísica para isso.

É interessante lembrar de Alberto Caieiro, heterônimo do poeta Fernando Pessoa, quando em dois poemas, que transcrevo abaixo para facilitar a consulta, deixa claro que não precisa da metafísica para compreender o mundo. Embora pareça que ele despreza o pensar, o que ele quer afirmar é que pensar buscando a finalidade ou o sentido "íntimo" das coisas, nos desvia do ato da percepção em si, e desviando da percepção em si, nos desvia simultaneamente da compreensão real dos fenômenos. Adiante veremos como Steiner, baseado em Goethe, estabelece a relação da atividade do pensar com as percepções *(atividade de pensar com as coisas, vivenciando as coisas)*, sem, no entanto, apelar a finalidades ou "sentidos íntimos" das coisas.

Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso

Que ideia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre Deus e a alma
E sobre a criação do mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

"Constituição íntima das cousas"...

"Sentido íntimo do universo"...
tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentado, é como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou!

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.
Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?

Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.
E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.
.-
Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

"Olá, guardador de rebanhos,

Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?"
"Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?"

"Muita cousa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram."

"Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti."

.-

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai

E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.
O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.
.-

Isto, que vivenciamos na leitura do poema, é viver integralmente as percepções, caminhando com as mesmas e deixando que, lentamente elas se revelem...

Outro fato interessante é a contradição de que estas ciências naturais, que se caracterizam por considerar os fenômenos materiais como sendo os únicos fenômenos objetivos, consideram as assim chamadas "Ciências do Espírito" como sendo subjetivas e, ao mesmo tempo, só dão validade objetiva às elaborações lógico-matemáticas que, afinal são elaborações suprassensíveis ou no sentido acima exposto, metafísicas!

Partimos destes dados, ousando afirmar que, afinal, as próprias Ciências Naturais são disciplinas das Ciências do Espírito que, buscando compreender a realidade dos fenômenos naturais, realizam as atividades suprassensíveis de organizar, classificar e conceituar de variadas formas estes fenômenos naturais, além de fazer o mesmo com os fenômenos culturais.

O termo "Ciências Humanas" substituiu o nome "Ciências do Espírito" devido ao domínio tanto das visões biológico/sistêmicas quanto das visões sociológicas e a antropologia em geral ficou submissa a estas elaborações.

Estamos, portanto, nos situando na matriz fenomenológica do conhecimento no sentido de manter essencialmente o rigor epistemológico seguindo a tradição de René Descartes (1596-1650) que se norteia pela busca de um fundamento absoluto e indubitável para o conhecimento. Ora Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), acentua que esta busca tem fundamento na *intencionalidade* que opera em toda prática científica. A *intencionalidade* como fato concreto escapa à maioria dos pesquisadores na atualidade, e que

é o fato de que o ser humano é *um ser ativo, e que, ainda, por decisão própria pode se tornar pró-ativo, que, assim, realiza uma atividade concreta e efetiva como um ser objetivo* como fato apodítico que se vale tanto de sujeitos como de coisas para sua atuação. Há, então, aí, uma ação de conhecer que dispensa a metafísica e se atém à fenomenologia em todo seu rigor e sua expressão...

3.5 A Abordagem Goetheanística da Realidade ou "Goetheanismo"

Luís Cláudio Mendonça Figueiredo em seu livro "Matrizes do Pensamento Psicológico", comentando Husserl, diz à página 174 da 12ª. Edição, que:

> *"(...) O esclarecimento do homem é pré-condição para a fundamentação do conhecimento do mundo. É verdade que a fenomenologia é uma herdeira da disposição iluminista de abolir os preconceitos e as crenças mal fundadas. Nesta medida, a fenomenologia é um anti-romantismo, o que se manifesta na oposição de Husserl ao historicismo de Hegel e Dilthey e na defesa da legitimidade de um conhecimento invulnerável ao ceticismo decorrente da subordinação do ideal científico ao relativismo humanista. No entanto, ao esposar com o máximo de fidelidade a perspectiva cartesiana e kantiana, ao radicalizar mesmo esta tradição, Husserl opôs-se também à vertente objetivista do iluminismo, o que se manifesta na oposição ao naturalismo e em particular ao ceticismo psicologista(...)"*

Daí, ao afirmar a ***intencionalidade*** estamos procurando compreender a configuração geral da consciência que nos leva também à ***temporalidade*** e ao ***horizonte*** desta consciência. E, aqui então, também aproximamo-nos de Franz Brentano (1838 – 1917), psicólogo austríaco e professor de Husserl, de Sigmund Freud e de Rudolf Steiner. Brentano assim aproxima-se de Goethe pois refere-se à consciência como ***ato*** e não como conteúdo. Ou seja, a consciência não é algo que está dentro de um recipiente corporal ou comportamental, mas um ***ato*** que visa um objeto.

Baudelaire, em seu livro "As Multidões", diz:

> *"O poeta goza o inigualável privilégio de poder ser, conforme queira, ele mesmo ou qualquer outro. Como almas errantes que buscam um corpo, penetra, quando lhe apraz, a personagem de qualquer um. Para o poeta, tudo está aberto e disponível; se*

alguns espaços lhe parecem fechados, é porque aos seus olhos não valem a pena serem inspecionados"[32]

Esta frase, afirma e atesta a prioridade do *ato* no sentido dado por Brentano, acima citado, revelando o fato concreto, repetindo, de haver *um ser ativo, uma atividade concreta e efetiva de um ser objetivo*[33] que se vale tanto de sujeitos como de coisas para sua atuação.

Seguindo este caminho, será preciso retomar os trabalhos de Johan Gottlieb Fichte (1762 – 1814) e Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775 – 1854) que formularam o idealismo absoluto e chegar a Max Ferdinand Scheler (1874-1928) que, de acordo com o professor Luís Cláudio Mendonça Figueiredo em seu livro "Matrizes do Pensamento Psicológico", diz à página 174 da 12ª. Edição, que Scheler conclui,*"(...) ao cabo de suas investigações sobre a simpatia, o amor e o ódio, que o conhecimento do outro, o reconhecimento de sua existência, é um fenômeno primitivo, anterior ao autoconhecimento e, portanto, independente da analogia e projeção"*.

E a partir destes estudos percebemos que é possível fazer a ligação de Goethe com as doutrinas existencialistas e outras, passando por Soren Aabye Kierkegaard (1813 – 1855) e Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900), chegando a Karl Theodor Jaspers (1883 – 1969), Martin Heidegger (1889 – 1976), Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905 – 1980) e Ludwig Binswanger (1881 – 1976) e, mais adiante a Ludwig Wittgenstein (1889 – 1951).

No contexto cultural, especialmente nos últimos 30 anos do século XIX estão em conflito o idealismo dos filósofos alemães com o positivismo dos filósofos franceses e ingleses, além da grande ênfase do romantismo em geral. Ocorre grande alvoroço quando Wilhelm Wundt (1) cria em Leipsig em 1989, o primeiro laboratório de psicologia, pois diante dos irrefutáveis resultados de laboratório, a discussão filosófica ganhou novos dados pela eficácia dos experimentos empíricos. Por outro lado, o emergir do indivíduo, ou seja, da experiência individual, retomou perguntas antigas:

Como este indivíduo pensa?

Os pensamentos são produzidos pelo cérebro ou são produtos do espírito?

---

[32]Citação feita por Bernardo Barros Coelho de Oliveira em seu trabalho sob o título:
"A Filosofia enquanto crítica literária. O Baudelaire de Benjamin, e vice-versa"

[33]Portanto quando Luis Cláudio Mendonça Figueiredo diz acima, em sua citação, que "Husserl opôs-se também à vertente objetivista do iluminismo" quero chamar a atenção que essa oposição se justifica enquanto atitude iluminista, mas não nega o fato de que o ser ativo pode estar exercendo uma atitude claramente objetiva e não apenas subjetiva, o que nos traz definitivamente ao fato de que o fazer, o ato ligando impressões, percepções, ideias, etc. é necessariamente uma postura trajetiva!

Até que ponto a experiência individual depende do meio social ou de outros fatores externos?

No entanto, a epistemologia hegemônica iniciou sua caminhada com grande ênfase nos condicionantes sociológicos em meio ao idealismo representado fortemente por Hegel e o materialismo representado por vários autores, mas ganhando grande ênfase na apresentação das descobertas de Darwin. Assim, a ideia de que haveria uma atividade humana independente de sua natureza física, fundamento do idealismo, foi perdendo muita força, tendo ainda o apoio dos importantes trabalhos de Kant e Schopenhauer.

Então já no início do século XX, o materialismo se estabeleceu como orientação filosófica da visão de mundo, estabelecendo a ciência como a busca da compreensão de todos os fenômenos pela interpretação lógica e matemática de dados sensoriais da realidade. Esta se firmou como a metodologia hegemônica das ciências naturais e a antiga denominação das "Ciências do Espírito" passou a ser "Ciências Humanas".

Nesta situação contextual, Rudolf Steiner (1871-1924) como jovem estudante universitário, descobriu nos estudos científicos de Goethe *(Johan Wolfgang von Goethe – 1794-1832)*, como por exemplo o fenômeno das cores na física e nos estudos de botânica, zoologia e mineralogia, uma nova abordagem. Assim em sua autobiografia ("Minha vida" - Editora Antroposófica – 2006) ele diz:

> *"Apesar de todas as objeções feitas pelos físicos à teoria das cores de Goethe, eu era cada vez mais impelido, por meus próprios experimentos, para a abordagem física que era usual em Goethe".*

E no mesmo texto, mais adiante:

> *"Contemplava os membros do organismo humano, do animal e do vegetal em suas configurações. Com isso cheguei à minha maneira, à teoria das metamorfoses de Goethe."*

Goethe construiu em Weimar uma escola veterinária, um observatório de mineralogia e um jardim botânico. Assim pôde realizar e ampliar suas pesquisas científicas,

publicando em 1790, *A metamorfose das plantas.* Depois disso publicou suas *Contribuições ao estudo da óptica,* em duas partes, a primeira em 1791 e a segunda em 1792. Em 1810 publica *A Doutrina das Cores* e, entre 1817 e 1824 edita seis cadernos em dois volumes denominados *Zur Naturwissenschaft überhaupt, besonders zur Morphologie ("Sobre o conhecimento da natureza em geral e, em particular, sobre a Morfologia")*. Além destes textos, encontram-se apontamentos científicos em pequenos ensaios, aforismos, poesias, cartas – especialmente em sua correspondência com Shiller entre 1794 e 1803 – e em relatos de suas conversações com Johan Peter Eckerman, seu secretário particular e revisor de suas últimas obras. Também ocorre que aos 35 anos em estudos anatômicos no crânio humano, Goethe descobriu o osso intermaxilar, refutando os criacionistas que diziam que a ausência desse osso no crânio humano, era uma das provas de que o ser humano era um ser criado diretamente por Deus, portanto, sem vínculo evolutivo com os animais.

Steiner foi elaborando uma sistematização da abordagem científica de Goethe, chegando a uma formulação própria representada na Abordagem Goetheanística da Realidade ou "Goetheanismo".

Pelo fato de que a epistemologia hegemônica, polarizada no elemento masculino da racionalidade, não ter percebido o papel exercido pela arte, muitas conclusões de Goethe tiveram sua credibilidade questionada, apesar da clara exposição que ele fez da metamorfose pela qual pode se observar na natureza como esta produz uma parte nova a partir de outra na contínua reelaboração de um mesmo órgão. A arte, como apreensão muito mais ampla da realidade, em função do fazer, do atuar, leva à descobertas que, registradas, se tornam conhecimentos objetivos, empíricos, como qualquer outro fenômeno empírico!

Referindo-me, mais uma vez, ao importante livro "Matrizes do Pensamento Psicológico", 20ª. Edição, o autor, Luís Cláudio Mendonça Figueiredo, à página 154, citando W. Dilthey (Nascido em 1833 na Alemanha e falecido em 1911), toma um trecho em que este diz:

> *"A arte representativa consegue a apreensão concreta e plástica do universal individualizado no típico: A arte representativa oferece mais que reproduções da vida humana. A visão e a representação do típico, é a sua maneira de captar no real a lei que o determina. Na visão do típico igualmente, a compreensão artística e a compreensão científica se reencontram. (...) Nesta concepção do típico como fusão do universal e do singular numa imagem concreta, sendo assim uma categoria central à arte e às ciências morais, reconhece-se a posição de Goethe para quem a beleza e a*

verdade também se fundiam na forma original do fenômeno primitivo, a que não se chegava por abstrações, mas pela intuição concreta. A posição de Dilthey merece alguns comentários: em primeiro lugar observa-se nela uma aproximação entre a arte e as ciências do espírito – o que caracteriza o ideário romântico; nesta aproximação é a arte que recebe uma função cognitiva positiva (ele fala sempre de arte representativa). Não é portanto a ciência que se irracionaliza na intuição do inefável, mas a arte que se apresenta como uma via de conhecimento com sua racionalidade própria concretizada na representação do típico."

E na página 170 do mesmo livro, Luís Cláudio Mendonça Figueiredo, falando agora da linguagem e da linguística, citando Noam Chomski, hoje com quase 90 anos de idade, linguista e filósofo, autor de vários livros importantes, nos diz:

"Chomski critica a linguística estruturalista por ter permanecido em um nível demasiado empírico e descritivo, tornando-se com isso incapaz de dar conta da mais importante e original característica da linguagem humana – a sua criatividade: é possível inventar e entender uma quantidade ilimitada de novas mensagens. Esta criatividade fica mais em evidência na linguagem poética, mas existe como possibilidade em todo sistema linguístico e se atualiza mesmo no uso quotidiano. (...) O conceito de forma interna da língua (Humboldt) da língua, refere-se ao fato de que a linguagem é energeia e não ergon. É uma força criadora de forma, mais do que um modelo rígido, algo produtivo mais que produzido (novamente aqui nos defrontamos com um Urphänomen goethiano). Há portanto, sob a forma do discurso, por debaixo da estrutura da mensagem, uma outra forma – mais decisiva; a forma criadora de formas. Para Chomski a linguística estruturalista tomara como objeto principalmente a forma aparente, quando uma teoria completa da linguagem deveria se voltar exatamente para a forma interna que será chamada por Chomski de estrutura profunda."

Estas duas contribuições, expostas por Luís Cláudio Mendonça Figueiredo, chamam nossa atenção para o fato de que, de um lado reafirmam ***"é a arte que recebe uma função cognitiva positiva"*** e, de outro lado, como como veremos adiante, o acesso da criança entre 2,5 e 3 anos de idade ao pensar, abrindo exatamente a possibilidade de acesso às Ciências do Espírito (matemáticas, geometria, ideologias, etc., etc.) tem uma base física, mas sua

elaboração é dada pelo acesso aos fatos não físicos. E o medo dos cientistas é de que estaríamos com isso abrindo a possibilidade de uma visão idealista, romântica ou ainda religiosa. Ora, para nós é claro que é um todo atuante, físico, material e não-físico, imaterial. Portanto não importa a discussão de que a origem seja física ou espiritual. O importante é que o ser humano tem acesso, pelo pensar, à uma realidade não física e que, por isso mesmo, se torna infinita como o é este conceito de *"estrutura profunda"* de Chomski ou, afinal, a prática da arte como atividade do conhecer a realidade. É o que estudaremos a seguir na abordagem de Goethe.

Em seu livro "O método cognitivo de Goethe", 2ª. Edição, publicado pela Editora Antroposófica em 2014 de São Paulo, temos na edição reimpressa em 2016, as seguintes frases de Steiner:

> *"Por toda parte existia a confissão de que o ser humano, com sua cognição, depara com certos limites além dos quais não é capaz de penetrar no campo da verdadeira realidade. Contra tudo isso havia para mim o fato vivenciado interiormente e, nessa vivência, conhecido, de que o ser humano, quando aprofunda suficientemente seu pensar, vive com ele dentro da realidade do mundo como numa realidade espiritual. Eu supunha possuir esse conhecimento como algo que pode estar na consciência com a mesma clareza interna do que se manifesta no conhecimento matemático. Perante esse conhecimento não pode existir a opinião de que existem tais limites cognitivos, como a caracterizada linha de pensamento acreditava dever estabelecer."*

Pág. 14 com grifo meu.

Fica claro aí este posicionamento que afirma o pensar como uma realidade ilimitada como podemos observar claramente na matemática.

Daí, na página 15, no meio do primeiro parágrafo:

> *"Perante este correto conhecimento do sensorial, ficava-me claro que só pode admitir "limites ao conhecimento", conforme foram estabelecidos naquela época, quem se depara com esse elemento sensorial e o trata da mesma forma como alguém trataria uma página impressa caso apenas dirigisse o olhar para as formas das letras e, sem qualquer noção de leitura, dissesse que não pode saber o que está por detrás dessas formas."*

E no parágrafo seguinte…

"Por detrás dos fenômenos sensoriais eu não procurava mundos atomísticos não-espirituais, e sim o espiritual que aparentemente se revela no interior do ser humano mas que, em realidade, pertence aos próprios objetos sensoriais"

Aqui, Rudolf Steiner afirma seu posicionamento aristotélico integrado plenamente com a visão de mundo do ideal platônico que acaba sendo um tema com o qual ele trabalhou por sua vida inteira, dizendo-se assim, aristotélico/platônico simultaneamente.

E, mais uma vez, ao dizer que *"não procurava mundos atomísticos não-espirituais, e sim o espiritual que aparentemente se revela no interior do ser humano mas que, em realidade, pertence aos próprios objetos sensoriais"*, deixa claro a não procura por significados ou "explicações" que não estão nas coisas.

Mais adiante na página 22 e 23, Steiner, numa importante nota para a edição da mesma obra em 1924, ou seja 38 anos após a primeira edição, nos diz:

"(...) Ao pensar é acessível aquele lado da realidade do qual um mero ente sensorial jamais poderia experimentar alguma coisa. Ele não existe para ruminar o que é acessível aos sentidos, mas para penetrar naquilo que está oculto para eles. A percepção dos sentidos oferece apenas um lado da realidade. O outro lado é a compreensão pensante do mundo. Contudo, no primeiro momento o pensar se nos depara como algo totalmente estranho à percepção. A percepção nos invade do exterior; o pensar se desenvolve do nosso interior para fora."

Para Steiner (e para Goethe) o *"conteudo pensamental"* está nas coisas, nos objetos, mas só a experiência do pensar tem acesso a este conteúdo. Ampliando esta ideia, podemos ler na pág. 69 quando Steiner aborda o processo cognitivo, o seguinte:

"A realidade se desdobrou para nós em dois campos: a experiência e o pensar. A experiência entra em consideração em duplo sentido. Primeiro, na medida em que é pertinente à natureza do nosso espírito – cuja essência consiste na observação (portanto, numa atividade dirigida para fora) – o fato de os objetos a serem observados penetrarem em seu campo visual, isto é, novamente lhe serem dados sob forma de experiência. Ora, pode ser que esta forma do elemento dado não encerre em si a essência da coisa, e então a própria coisa exige que ela apareça primeiro na percepção (experiência), para depois revelar sua essência a uma atividade do nosso espírito que ultrapasse a percepção. Outra possibilidade é a de a essência já se

encontrar no que é dado imediatamente, devendo-se atribuí-lo apenas à segunda circunstância – a de que tudo deve mostrar-se à nossa mente com experiência – o fato de não captarmos logo essa essência. Esta última possibilidade acontece com o pensar, e a primeira com a restante realidade. No caso do pensar, basta superarmos nossa limitação subjetiva para captar o elemento dado em seu cerne. Aquilo que no caso da restante realidade se encontra fundamentado concretamente na percepção objetiva – isto, que a forma imediata de manifestação deve ser superada para ser explicada – no caso do pensar reside apenas numa particularidade do nosso espírito. Lá, é a própria coisa que confere a si mesma a forma de experiência; aqui é a organização da nossa mente. Lá nós ainda não temos a coisa inteira ao captar a experiência; aqui nós a temos."

Em relação a este parágrafo acima, temos muito a conversar. Estamos vendo o jovem Steiner falando da experiência como dado sempre acompanhado da *correção* do pensar e o pensar sempre acompanhado da *correção* dos sentidos. E ele diz que para isso *"basta superarmos nossa limitação subjetiva..."* Ora, sabemos que hoje, praticamente 150 anos depois disto ser dito, aparece como uma frase ingênua perante todas as discussões e trabalhos de pesquisadores sobre a questão da subjetividade. No entanto, Steiner, manteve estas frases e este formato do livro até o ano de 1924, ou seja, 40 anos depois, quando ele relê o conteúdo. Por que? Será que ele, de fato, é ingênuo do ponto de vista das tantas ponderações e práticas epistemológicas?

Os resultados de suas pesquisas e elaborações em todos os campos na educação, na medicina, na agricultura biodinâmica e tantas outras contribuições práticas, nos indica que Steiner estava imbuído da demanda de que cada ser humano deve ter um permanente trabalho de autoeducação para perceber, a cada passo, onde está sendo subjetivo, onde está fazendo um juízo apressado, etc., etc. e, ao mesmo tempo profundamente ancorado na realidade prática, no contato com as coisas, com o mundo em suas diferentes vertentes para corrigir suas impressões e apreender como um *eterno aprendiz* as formas como a Grande Ordem Imanente se revela.

Porque logo em seguida à página 75, Steiner afirma:

"Nosso modo de ver mostrou que toda aceitação de um fundamento existencial que se encontre fora da ideia é um absurdo. Todo o fundamento existencial derramou-se no mundo, difundindo-se nele. É no pensar que ele se mostra em sua forma mais perfeita,

tal como é em si e por si. Portanto, se o pensar realiza uma combinação, se emite um juízo, o que se combina é o próprio conteúdo do fundamento do mundo, que afluiu para ele. No pensar não nos são dadas afirmações sobre nenhum fundamento transcendental do mundo – este foi que afluiu substancialmente para o pensar." (Grifo meu)

E aqui Steiner reafirma a postura de uma atuação que tem como fundamento o protagonismo de cada Eu pensante em permanente autoeducação! E tendo claro que os pensamentos surgem com o cuidado dessa autoeducação, reafirma que não há necessidade de nenhuma metafísica!

Assim, quando não ocorre a autoeducação, a reatividade domina e impossibilita o protagonismo do "Eu" e perde a possibilidade real de participação objetiva perante a vida! *E só quem realiza essa permanente autoeducação pode perceber quem a realiza e quem não a realiza!*

Porque se nós objetivamente nos concentrarmos na atividade do pensar, faremos com que o *conteúdo pensamental* como experiência vivida após uma sensação de um objeto qualquer se integre com o *conteúdo pensamental* como experiência vivida após a sensação de outro objeto, sem que haja nenhuma interferência de nossa parte. *Portanto, estamos no ambiente do próprio pensar como experiência objetiva!*

Daí, podemos então mostrar como esta atividade de conhecimento da realidade se dá no mundo inorgânico, orgânico e nas "ciências humanas":

a) A cognição da natureza inorgânica

Estamos aqui no âmbito da *experiência imediata*, onde a sucessão de fatos se dá na situação de que os estados de uma coisa aparecem como consequência dos estados da outra. Não há um ser exterior que condiciona estes estados entre os dois objetos diferentes.

É claro que a percepção das relações entre os fatos entre si, só é dada pela experiência do pensar que se dá simultânea às sensações destes objetos. Mas as sensações das experiências ocorrem pela sucessão contínua dos acontecimentos.

Ora, a cognição nesse campo se dá então pela combinação dos fatos na experiência imediata. Se a combinação encontrada não satisfaz nossa necessidade de esclarecimento, buscamos então outra combinação possível até chegarmos à transparente clareza de como os fenômenos se relacionam. E Steiner diz à página 78:

"A falta de transparência e clareza de um fenômeno ou de uma circunstância do mundo sensorial só pode ser superada ao distinguirmos bem exatamente que eles são o resultado de determinada constelação de fatos. (...) e justamente esse modo de atuação conjunta deve ser completamente permeável ao nosso intelecto. A relação à qual são conduzidos os fatos deve ser ideal, em conformidade com o nosso espírito, sendo que estas relações entre as coisas, que são conduzidas pelo intelecto, estão de acordo com a própria natureza destas coisas."

A transparência é plena quando examino os fatos e destaco destes, aqueles que são *incondicionalmente* necessários para que o processo ocorra. Desta maneira, a mente reduz todos os fenômenos da natureza inorgânica a fenômenos em que o efeito parece resultar *imediata e necessariamente* da causa. Não há necessidade de ultrapassar o mundo dos fenômenos e, daí, o conteúdo científico é um fato objetivo. *A combinação entre os fatos se dá de modo a que a atuação entre eles ocorre conforme sua própria natureza e apenas de acordo com ela!*

Podemos, então, produzir artificialmente as condições necessárias para que o fenômeno aconteça. Isto é um experimento científico. Criamos então diversas modificações na correlação entre os fatos e, em consequência descobrimos que uma constante se mantém em todas estas combinações, ou seja, descobrimos um componente factual permanente em todas as experiências isoladas. E então, compreendemos quando Steiner afirma à pag. 83 (sempre do mesmo livro):

"O componente factual que sempre permanece o mesmo é a experiência superior na experiência; é fato fundamental ou fenômeno primordial."

E no último parágrafo da mesma página, Steiner diz:

"É na natureza inorgânica, portanto, que se manifesta de modo absoluto a relação geral que constatamos entre experiência e ciência. A experiência comum é apenas metade da realidade. Para os sentidos existe apenas essa metade. A outra metade só existe devido a nossa capacidade mental de compreensão. O espírito eleva a experiência de uma "manifestação aos sentidos" à sua experiência própria."

b) A cognição da natureza orgânica

À página 85, Steiner, escreve:

"No final do século XVIII, ainda dominava a opinião generalizada de que não há uma ciência que explique os fenômenos da vida no sentido de uma ciência esclarecedora como, por exemplo, a Física. Kant tentou até mesmo dar um fundamento filosófico a essa opinião em seu livro Crítica do Juízo (Kritik der Urteilskraft, na introdução, V: Das Prinzip der Formalen Zweckmässigkeit der Natur ist ein tranzendentales Prinzip der Urteilskraft; E mais: Na parte II, Kritik der teologischen Urteilskraft). - Ou seja, Kant – achava que nosso intelecto só pode ir do particular para o geral. O particular, os detalhes, ser-lhe-iam dados, dos quais ele abstrairia suas leis gerais. Kant denomina essa maneira de pensar como discursiva, considerando-a a única acessível ao ser humano. Portanto, em sua opinião, só existe, das coisas, uma ciência em que o particular, considerado em si e por si, é totalmente desprovido de conceito, senão apenas subsumido sob um conceito abstrato. Nos organismos Kant não encontrou esta condição preenchida. Aqui o fenômeno isolado denuncia uma estruturação de acordo com um fim, isto é, segundo um conceito. O particular traz em si vestígios do conceito. Mas para compreender tais seres (orgânicos) nos falta, segundo o filósofo de Königsberg, toda e qualquer disposição. Nós só podemos compreender algo quando o conceito e o objeto individual estão separados; aquele representa algo geral, este um particular. Portanto, nada mais nos resta senão fundamentar nossas observações dos organismos na ideia da finalidade; tratar os seres vivos como se seus fenômenos se fundamentassem num sistema de intenções. Portanto, Kant como que fundamentou cientificamente o não-científico. Goethe, porém, protestou decididamente contra tal conduta não-científica. Ele nunca pôde entender por que nosso pensar não deveria ser suficiente para indagar, a respeito de um órgão de um ser vivo, de onde ele surge, em vez de para que ele serve. Isto estava em sua natureza, que sempre o impelia a olhar cada ser em sua perfeição[34] intrínseca. Parecia-lhe uma abordagem não-científica preocupar-se apenas com a finalidade externa de um órgão, isto é, com seu proveito para outro. O que isso deve ter com natureza interior de uma coisa? Jamais importa a Goethe para quê algo serve, e sim sempre e unicamente, como esse algo se desenvolve. Ele não quer observar um objeto como uma coisa concluída, e sim em sua evolução, a

[34] N.A.: Perfeição intrínseca deve ser compreendido aqui como a ação permanente de se perfazer que cada órgão ou ser vivo realiza!

fim de conhecer sua origem. Spinoza o atraía particularmente por não admitir a externa característica de finalidade dos órgãos e organismos (...)"

Boa parte dos cientistas até hoje acredita que devemos transferir para a natureza orgânica o método da ciência inorgânica, por exemplo, o método da Física. Mas quem disse que esta é uma atitude de fato científica?

Steiner afirma à página 87:

"(...) Em vez de examinar em que se baseia a cientificidade das ciências inorgânicas, para então buscar um método aplicável ao mundo vivo – mantendo-se as exigências resultantes disso – simplesmente se declaram universais as leis obtidas naquele inferior da existência." (...) (Porque) em lugar de pesquisar o orgânico de acordo com sua natureza, impõe-se a ele um conjunto estranho de leis. Desse modo, porém, na medida em que se nega o orgânico, jamais se virá a conhecê-lo. Tal conduta científica simplesmente repete, em nível superior, o que adquiriu num inferior (...)

Tudo isto provém da opinião errônea cuja crença é que o método de uma ciência seja algo externo aos objetos da mesma, não sendo condicionado por estes, mas por nossa natureza. Acredita-se que se deveria pensar de determinada maneira sobre os objetos, e aliás sobre todos – sobre todo o Universo – de maneira idêntica. Promovem-se investigações para demonstrar que, devido à natureza de nossa mente, só podemos pensar de maneira indutiva, dedutiva, etc. Entretanto, com isso não se leva em conta que talvez os objetos não toleram de modo algum o modo de observação que lhes queiramos impor. (...) Na natureza inorgânica, nós percebemos um fato e para sua explicação procuramos um segundo, um terceiro e assim por diante; e o resultado é aquele primeiro nos parece a consequência necessária do último. No mundo orgânico não ocorre assim. Aqui nós precisamos, além dos fatos, de mais um fator. Devemos fundamentar as influências das condições externas em algo que não se deixe determinar passivamente por elas, e sim que as autodetermine ativamente sob essas influências. Qual é, porém, esse fundamento? Não pode ser nada além daquilo que no particular se manifesta sob forma de generalidade. No particular, porém sempre se manifesta um organismo determinado. Aquele fundamento é, portanto, um organismo sob forma de generalidade – uma imagem genérica do organismo, compreendendo em si todas as formas particulares do mesmo."

Goethe chamou este organismo genérico de *tipo*. Ou seja, ao experimentar pelo espírito os pensamentos que se geram ao observar um ser orgânico, percebemos nessa experiência o surgir de uma forma genérica do organismo, ou seja, a animalidade do animal, a planta genérica na planta específica, pois o tipo desempenha na vida orgânica o mesmo papel que a lei natural desempenha no mundo inorgânico.

Como toda imagem, o tipo é uma elaboração fluida que pode adotar as mais variadas configurações. Por isso as formas orgânicas particulares só podem ser desenvolvidas a partir da forma genérica representada pelo tipo, pois a ciência orgânica não se realiza pelo confronto externo entre o genérico e o específico, mas pela evolução de uma forma que se origina de outra. No mundo inorgânico os fenômenos podem ser compreendidos pelo confronto externo entre os fatos, enquanto no mundo orgânico, as formas particulares só podem ser desenvolvidas a partir da configuração genérica do tipo. O método demonstrativo é substituído pelo método evolutivo.

O tipo é uma descoberta científica mais ampla, por ser mais abrangente do que o fenômeno primordial no mundo inorgânico. E esta descoberta se realiza por uma atividade mais intensiva de nossa mente, pois no tipo a forma e o conteúdo estão intimamente ligados. A mente participa produtivamente, como *atividade interna* trajetiva na geração do conteúdo, simultaneamente à geração da forma. Enquanto observa a forma, realiza como ato mental a configuração genérica do tipo.

Foi por isso que Dilthey, citado acima, em seus trabalhos hermenêuticos, apelou para esta imagem semelhante do tipo quando se refere ao típico na expressão artística e que ele afirma ser um conhecimento tão válido quanto ao conhecimento estabelecido pela visão racionalista que só dá validade ao conhecimento com base lógico/matemática.

c) A cognição nas "Ciências Humanas"

No caso das Ciências Humanas, nossa consciência lida com seu próprio conteúdo mental que é o espírito humano individual, com as criações da cultura, da literatura, com as diferentes e elaborações e convicções científicas, com as criações da arte, etc. Aqui a realidade já é o conteúdo ideal com as leis reguladoras, o que é diferente em relação à natureza pois as leis nesse caso só se revelam na concepção mental simultaneamente à sensação dos fatos naturais. Ou seja, o que nas ciências da natureza é produto da reflexão

sobre os objetos, já está inato nas Ciências Humanas. Porque lidamos com atos, criações e elaborações ideológicas.

É aqui um impulso humano como fato objetivo que se expressa em função de uma demanda subjetiva. O ser humano é chamado a propor a si mesmo as metas de sua existência e de suas atividades e se descobre leis, estas são leis que ele outorga a si mesmo. Por isso, Steiner à página 100 de seu livro, nos diz:

> *"As Ciências Humanas são, portanto, eminentemente ciências da liberdade". A ideia da liberdade tem de ser seu ponto central, a ideia que a domina. O fato de as "Cartas Estéticas" de Schiller ocuparem lugar tão elevado é por quererem encontrar a essência da beleza na ideia da liberdade, pois a liberdade é o princípio que as impregna."*

E mais adiante na página 101:

> *"O que na Ciência Natural vale apenas como ponto de transição – o particular – é só o que nos interessa nas Ciências Humanas. O que procuramos naquela – o geral – só entra aqui em consideração na medida em que nos esclarece sobre o particular."*

Assim, diz Steiner, à página 102:

> *"Se a mente possui uma propriedade apenas na medida em que atribui a si mesma, o método psicológico é o aprofundamento da mente em sua própria atividade. Autocompreensão é aqui, pois, o método."* (grifo meu)

Estamos diante do fato de que toda a atividade humana é chamada a ser resultado de cada indivíduo que se autodetermina! Ora, infelizmente, esse não é o caso na maioria das pessoas que são manipuladas pelo mercado, por poderes políticos e pelas tantas outras formas de alienação! Assim, cada pessoa deveria estar consciente de que seu pensar, sentir e querer são atividades de seu "Eu". Ocorre, no entanto, que as pessoas não chegam a assumir seu "Eu", mantendo apenas uma centelha de seu "Si Mesmo". No próximo capítulo estes conceitos ficarão bem mais claros.

À página 107, Steiner diz:

"(...) Se o homem não trouxer em si os fundamentos do seu atuar, precisando orientar-se conforme mandamentos, estará agindo sob um jugo, estará sujeito a uma necessidade, quase como um mero ser natural."

Por isso, concluindo, Steiner, afirma à página 111, no capítulo "Cognição e Criação Artística":

"Tanto a atividade cognitiva quanto a artística se baseiam no fato de o homem se elevar da realidade enquanto produto, à realidade enquanto produtora; ascender do elemento criado ao processo criador, da casualidade à necessidade. (...) Cada objeto da realidade nos apresenta uma das infinitas possibilidades ocultas no seio da natureza criadora. Nosso espírito se eleva à visão da fonte onde estão contidas todas essas possibilidades."

E Steiner, termina o livro com a seguinte citação de Goethe:

"Penso que se poderia chamar a ciência de conhecimento do genérico, de saber obtido; a arte, ao contrário, seria ciência aplicada à ação; a ciência seria razão e a arte seu mecanismo, e por isso também se poderia denominá-la ciência prática. Por fim, então, a ciência seria o teorema, e a arte, o problema."

Aqui, fica claro que a atividade objetiva humana, como autodeterminação consciente, se dá pelo conhecimento e pela atividade artística. Cada ser humano é chamado a ser, intensa e totalmente, quando cria o conhecimento pelas muitas formas de acesso à realidade, seja lógico/matemática, seja por sua atividade artística.

CAPITULO 4 - EU, NO CAMINHO: A TRAJETIVIDADE DO SER E O PROTAGONISMO

A mim me parece que assumir o protagonismo em nossa vida é um caminho para seguir adiante perante os tantos desafios que a vida nos traz. Mas este protagonismo não é de um personagem que queremos exercer por algum motivo. Sim, isso é claro que podemos fazer a qualquer momento, mas o protagonismo do qual estou falando é da presença que venho percebendo como um ato permanente em minha vida, presença atrás dos personagens ou mesmo da personalidade estável que uso em meu dia a dia.

Tive a sorte de compartilhar a vivência com o ator José Celso Martinez Correa que, muitas vezes, dizia que o caminho não é resistir mas que é preciso re-existir. *Re-existir* é retomar-se toda vez que ocorre uma perda do "Si Mesmo" ou do "Eu". *Re-Existir* é também realizar o "acting", o agir consciente que inventa personagens para atuar no mundo com eficácia e determinação.

Assim, um recorte de minha vida se justifica aqui para mostrar um caos aparente, mas a insistência de um indivíduo que por não contar, muitas vezes, com referências externas, se obrigou a re-existir ao longo da vida, reencontrando-se, com alegria, com a impermanência da Grande Ordem Imanente, Ampliada e Emanente ao mundo.

E em minha vida fui constantemente chamado a realizar meu protagonismo, a me manter sempre como uma pessoa pró-ativa, por estar sempre diante do fato de que não tive uma pátria, uma referência cultural estável. Isto mesmo, bem como algumas pessoas que me conhecem suficientemente bem, sugeriu a idéia de apresentar, como um dos argumentos na defesa das ideias que aqui apresento, uma reflexão inspirada na abordagem goetheanística sobre minha própria trajetória ao longo da vida. Assim:

Estávamos lá, em München (Munique) na Alemanha, com outras famílias que tinham feito o mesmo trajeto clandestino, e fomos escoltados pela polícia alemã que nos tirou do trem e nos levou para um saguão de uma sinagoga onde mal dormimos no chão naquela noite e, alguns dias depois, fomos morar na rua…

Isso aconteceu quando eu tinha um pouco mais de seis anos e meio. Chegamos, meu pai, minha mãe, minha irmã com cinco anos e meio e eu, numa noite chuvosa a uma estação de trem nesta viagem clandestina, ilegal portanto, para tentar alguma forma de sobrevivência após muitos anos de uma vida bem caótica. Porque nasci na Alemanha, num campo de refugiados de guerra, nos arredores de Lampertheim, cidadezinha entre Mannheim e Heilderberg, onde meus pais se conheceram depois das experiências absurdas, passadas por vários anos, nessas "máquinas de matar", diversos campos de concentração, dos quais, afinal, sobreviveram.

Até hoje, não sei exatamente meu lugar de nascimento. Estive em Lampertheim, há alguns anos e o que visitei foi uma base da OTAN que, conforme me foi informado, foi construída no lugar onde antes havia um "Campo de Refugiados", mas ninguém sabia me informar se este era o único que havia lá.

Muitas coisas se sucederam depois disso.

Lembro hoje que, em meio à minha ingenuidade, medo e susto por tudo que estava ocorrendo, eu tinha o sentimento de certeza e indignação porque eu sabia que não estávamos fazendo algo errado e não conseguia entender a violência daquela situação. Foi neste momento que se estabeleceu comigo um personagem com muitas inquietações, ansiedades e inconformismos com o que se apresenta como normal, necessário, adequado, pois minha vida nunca foi normal. E passei a me defender buscando saídas para as vozes que falavam a partir de meu mundo interno. Fui crescendo e aprendendo com as instituições, com as questões sociais, políticas e

econômicas procurando razões, mas sempre perplexo com o grande jogo de faz-de-conta que se instituiu nas muitas organizações políticas, socioeconômicas e culturais. Ficamos na Alemanha, mas como nossa situação estava impossível, o governo alemão providenciou que fôssemos, minha irmã e eu, para um lar de crianças enquanto meus pais resolveriam como iríamos viver. O lar de crianças foi, na minha vida, o primeiro lugar onde tivemos, minha irmã e eu, camas próprias, comida, brinquedos e um ritmo gostoso de vida. Porque antes perambulamos pela Europa, depois de que eu e minha mãe termos ido a Israel quando eu completei seis meses de vida. Lá fomos morar no deserto, num assentamento, longe de qualquer cidade, em condições muito precárias. Meu pai, que chegou depois, e, diante da situação precária, encontrou a possibilidade de alugar uma espécie de apartamento onde moramos algum tempo, mas que, por exigir um pagamento maior do que seria possível, saímos e, daí, nos estabelecemos num estábulo de camelos como "casa" para nós, depois de minha irmã ter nascido lá. Vivíamos com medo em função de bombardeios, granadas jogadas a esmo por ingleses e árabes que não aceitaram (e hoje, em parte, lhes dou razão), esses assentamentos clandestinos. Mas agradeço muito ter morado no deserto. Lá brinquei com escorpiões, lagartos e até com cobras numa convivência funda com a vida que se esconde em meio às areias de onde surpreendentemente brotam flores de infinitas cores e formas. Mas viver nesse assentamento estava sendo muito ruim, quase impossível. Por isso voltamos para a Europa, vendendo tudo para obtermos o dinheiro necessário apenas para atravessar o Mediterrâneo e chegar ao porto de Marselha na França de onde, clandestinamente, a pé, de trem, e por várias outras formas de deslocamento, como carroças, eventuais caronas, etc., chegamos ilegalmente à Alemanha. Essa volta para a Europa expõe uma triste realidade: uma marcha de muitas famílias sem nenhuma perspectiva,

desterradas, apátridas e desenraizadas. A pé, de carona, de trem, em meio a noites frias e inseguras, muitas vezes em estações de metrô, quase nenhuma comida, chegam as várias famílias ao seu destino. O único espaço possível é aquele que se presta à caridade, ao alívio espiritual das penas e culpas. No galpão de uma sinagoga, as famílias se aninham, se instalam em raízes provisórias[35], marcam com giz no chão seus territórios, arremedos de pátrias.

O que se vê, nessa emblemática micro expressão das cercas dos campos comunais[36], é o acirramento das disputas pelo que restou de esperança, um pedaço de chão. A peleja não se apoia em causas importantes. Uma luta corporal, facadas e outras agressões lamentáveis, tem seu início deflagrado pelo simples fato de uma criança invadir um território alheio, ou seja, ter atravessado a linha marcada a giz. No deserto, entre escorpiões e cobras, não estava tão escancarado o que acontece quando se deixa à própria sorte pessoas sem nenhuma perspectiva.

Meus pais queriam ficar na Alemanha para poderem trabalhar e se organizar como uma família. Sabiam falar bem o alemão porque sempre moraram na fronteira entre Polônia e Alemanha. Apesar de terem sofrido nos campos de concentração não tinham outra opção de vida pois perderam seu lugar na Polônia: Indo para lá, logo que sobreviveram, foram abandonados em meio ao nada, foram rechaçados de suas antigas casas, ocupadas agora por famílias polonesas que não os reconheceram e não

---

[35] Raízes provisórias e uma constante precariedade tem marcado minha vida até hoje. Ocorre uma certeza interna de que, por não ter raízes estáveis, a provisoriedade e precariedade se mantém, mesmo que se consiga condições materiais mais do que suficientes para isso. Hoje com 71 anos de idade, me surpreendo com minha escolha quase inconsciente pela precariedade material justificando essa necessidade por estabelecer como prioridade uma grande segurança em mim mesmo, por meio das elaborações em espírito (estudos filosóficos, escritos e a constante hermenêutica no passo a passo das constatações obtidas pelas percepções sensíveis e suprassensíveis), além das muitas possibilidades de encontros onde meu protagonismo possa fluir livremente.

[36] As terras comunais inseriam-se em uma tradição econômica de utilização comunitária que remontava à Idade Média, e sua privatização representava a ruptura das relações capitalistas com o antigo mundo feudal. O senhor feudal deixava, assim, de ser o detentor da posse de terras para se tornar o seu proprietário.

os receberam bem. Em certo sentido, o antissemitismo era mais forte na Polônia do que na Alemanha.

Mas o governo alemão, mesmo eu tendo nascido na Alemanha, não permitiu que ficássemos e nos expulsou, dando então a opção de meu pai ter um emprego no Departamento de Água e Esgotos de São Paulo. Meu pai veio trabalhar com picareta e enxada na construção do reservatório de água da Cantareira na Zona Norte de São Paulo. Chegamos aqui em janeiro de 1954 e fomos levados a morar em barracões de obras entre Santana e Tucuruvi. Quando a Alemanha resolveu pela expulsão, o Brasil surge como território para mais uma passagem. Nas fronteiras abertas pelo imenso Oceano Atlântico, o porto de Santos é a outra beira. Com roupas de retirantes, não vestimentas de turistas, as famílias caminham por entre estivadores na hora do almoço. E me lembro desta cena na qual, ao chegarmos no porto de Santos como retirantes, na descida do navio cargueiro que nos trouxe para o Brasil, um portuário, em sua hora do almoço oferece seu prato de comida, com o costume maravilhoso no Brasil de dizer: "Está servido?" E foi este gesto que fez meu pai decidir ficar no Brasil. E sempre me lembro disso! Aliás, cabe interpolar aqui as reflexões do professor Rinaldo Correr ao me ouvir contar este episódio; escreveu-me ele:

> *"Eis que o retirante/imigrante se depara com o inusitado: nesse local portuário, que melhor desenha o que vem a ser fronteira, a diferença se desmancha pelo gesto solidário, puro e sem nenhuma ideologia. As grandes distâncias erigidas pela cultura se anulam quando um pobre, crendo que ao somar sua miséria com outra miséria a tornará menor, ou ressignificada quando compartilhada. A oferta de um prato de comida desata um laço; abre-se uma lacuna e uma possibilidade, numa ciranda dialética: O que é isso? Pergunta-se o pai assustado. "Isso é bom", expressa o filho, mergulhado na esperança e na satisfação imediata que o gesto promete. O medo se transforma na estrela guia quando se perde todas as referências; impulsiona o seguir adiante, arrebatando os puros de suas ingenuidades. O turista vem com um tempo. Para o turista o mais importante é a vista que ele vai conhecer e não o caminho que*

ele vai percorrer, quanto mais fácil e rápido ele chegar aos locais visitados, melhor. O turista mal contempla o caminho, apenas quer aproveitar a paisagem antes de voltar ao seu lugar."[37]

Voltando à minha história: quando meu pai foi nos buscar (minha irmã e eu) no lar de crianças, ainda na Alemanha, eu me escondi dele para que não me levasse embora, pois eu não queria voltar para a vida de perambular, para mim sem sentido, pelas ruas. Eu não queria mais aquela vida e aquela família… O professor Rinaldo Correr me lembra que "a humanidade é a aspiração dolorosa, anti-natural que movimenta, impulsiona, faz brotar misteriosamente o desejo".[38]

Recebemos na Alemanha documentos como apátridas pois não éramos cidadãos de qualquer outro lugar. Depois, quando eu tinha 20 anos, consegui me naturalizar brasileiro.

Muito mais tarde, em função de vários outros fatores, fui até o consulado alemão verificar se poderia obter minha cidadania alemã. Neste jogo de faz-de-conta, fui

---

[37]Cabe também fazer uma breve referência à análise e à palestra do psicólogo Yves de La Taille no Café Filosófico da TV Cultura, na qual ele retoma a comparação do homem pós-moderno, do ponto de vista ético e moral, a um turista, por oposição a um peregrino. O turista, de acordo com ele, viaja por recreação, busca apenas o prazer, não dá atenção à situação social do local que visita e muito menos às pessoas que lá estão apenas para servi-lo. Raramente traz de volta uma experiência de vida. Para o turista, pouco importa o caminho. O tempo da viagem é um hiato, um tempo perdido, programado, quando geralmente ele dorme. A programação do turista é prévia: ele quer conhecer partes, em tempos corretos, e nada pode dar errado. Sua viagem, em geral, nada tem a ver com o momento que está vivendo, antes e depois das férias. Já o peregrino, segundo De La Taille, viaja porque tem um querer, busca alguma coisa, uma identidade. Escreve um diário e traz da sua viagem uma experiência. Para ele, a ida e a volta são lentas e importantes, o caminhar tem seu valor. O peregrino não busca o prazer, mas a alegria. Enquanto o turista espera, o peregrino quer. *"Que cidadãos estamos reproduzindo na escola, turistas ou peregrinos?"*, pergunta De La Taille, acreditando ser a primeira opção a resposta. Para ele, vivemos numa era de fragmentação, tanto de tempos como de espaços. *"Nosso tempo é uma sequência de pequenas urgências"*, argumentou. O celular, que o psicólogo fez questão de dizer que não tem, e o *e-mail*, da forma como são utilizados, são os exemplos máximos desse tipo de fragmentação. *"Vivemos a ditadura do prazer numa época em que a ordem é comunicar-se, o que é muito diferente de estar com o outro"*. A intervenção encontra-se integralmente disponível em: https://www.google.com/search?q=yves+de+la+taille+turista+ou+peregrino&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=KNACJ1JVRQY8pM%253A%252CHxL8UrCAHeVPJM%252C_&usg=AI4_-kQzteZ2fT4guUWCZ8f9LyimCH3Q_A&sa=X&ved=2ahUKEwjv6Y39jMHfAhVGH5AKHWDUAP0Q9QEwDnoECAEQBA#imgrc=KNACJ1JVRQY8pM: (acesso: 28/12/2018).

[38]Desejo vem do Latim DESIDERIUM, de DESIDERARE, "esperar por, desejar, ter expectativa, exigir", cujo sentido original talvez tenha sido "esperar pelo que as estrelas trarão", de DE SIDERE, "dos astros, a partir dos astros"

informado que diante de minha história não posso me considerar cidadão porque nas palavras de uma funcionária da embaixada alemã em São Paulo, eu soube que casos, como o meu nascimento na Alemanha, são considerados “acidentes de guerra” e que então o país não poderia me dar esta cidadania.

Entendi o significado disso e, é claro que é compreensível dentro da organização social na qual estamos porque é preciso ordenar as ações sociais em função das muitas vertentes de interesses e jogos de poder, já que, afinal, as pessoas não podem ter o direito de decidir, a seu bel prazer, onde querem morar e trabalhar. Há o caso, repetido muitas vezes, de mulheres grávidas atravessarem a fronteira de um país que lhes parece melhor para que seus filhos, nascidos neste novo local, sejam cidadãos desse país. É claro que não era essa nossa situação, já que fomos expulsos e meus pais foram levados prisioneiros aos campos de concentração pela única razão de serem judeus, ou seja, considerados não arianos!

É isso. Eu sei. Há, portanto, uma estrutura que mesmo que seja compreensível pelas muitas razões implicadas, mas que eu não consigo legitimar pois acaba aceitando um “status quo” que se ancora na miséria e em muitas visões políticas e econômicas equivocadas, tendo como consequência o descarte de milhares de pessoas, como uma das muitas formas de manutenção do jogo perverso de poder.

Meus pais decidiram que vindo ao Brasil não se identificariam como judeus pois isso só lhes trouxe sofrimentos. Meu pai trabalhou no DAE (Departamento de Água de Esgotos) de São Paulo e depois foi contratado como serralheiro por uma metalúrgica. Como ele levava trabalhos para casa, como fazer janelas de ferro para colocarem vidros (“vitreaux”), lembro de meu orgulho em ajudá-lo, como meu primeiro emprego, ao cortar diariamente muitas cantoneiras de ferro para serem

soldadas. Tinha muita alegria, aos oito anos de idade, ao fazer isso. Também ajudava a preparar a solda e segurar os ferros para meu pai soldar.

Tivemos que mudar para Santo André onde fomos morar num barracão de madeira, com chão de terra e telhas de zinco. Lá, um dia, num final de tarde, eu estava brincando fora da casa e meus pais não estavam. Chegou então um senhor que começou a falar hebraico comigo. Eu sabia hebraico por ter sido alfabetizado ainda em Israel e por ter então falado a língua. Fiquei surpreso e feliz por uma pessoa vir falar comigo. Eu tinha entre 8 e 9 anos de idade. Então este senhor me disse que esperaria meus pais. Quando meus pais chegaram, este senhor se identificou como membro da comunidade judaica de Santo André que recebeu a informação de que uma família judaica morava lá. Daí ele disse que não adiantava continuar nessa vida, pois como assalariado meu pai não chegaria a proporcionar à família uma vida digna e que os judeus aqui no Brasil se dedicavam ao comércio, iniciando como mascates e, daí, poderiam ganhar mais e se arrumar melhor. Fez então a proposta de conseguir que a comunidade assumisse como fiadora, com um comerciante atacadista do Bom Retiro em São Paulo, na compra de tecidos, peças de tecido-morin que na época era usado para fazer lençóis, fronhas, etc. (Não havia jogos de lençóis e fronhas como atualmente), cobertores, toalhas e panos de limpeza. Meu pai não aceitou, não quis. Mas minha mãe e eu imediatamente dissemos que nós podemos fazer isso: Sim, vamos lá comprar e eu me proporia a sair vendendo na rua. Assim, ser judeu não parecia ser um bom cartão de visitas. O passado histórico e recente apontava para o lado oposto: ser judeu parecia ser um problema e o melhor era um novo nascimento; uma ressurreição em que o novo transubstanciasse o velho (Essa sempre foi a saída: o sentimento nuclear para fazer a ressurreição, assumir o próprio protagonismo!). O novo seria a oportunidade oferecida a Noé após o dilúvio. O pai se lembrava da velha

pele e se convencia de que, apesar da dor, valeria a pena. A lembrança de duas pichações vista na Alemanha em que, de um lado da rua se lia – os judeus são aproveitadores dos sistemas financeiros – do outro lado se via – os judeus são comunistas – retroalimentava a ideia do homem novo: sem pátria, sem religião, sem ideologia.

Mas, nem o homem velho, nem as lembranças são riscadas do caderno histórico da nossa existência, ao contrário, surgem aqui e ali, nos lembrando sempre do que fomos feitos, moldados à ferro e fogo. Se o nosso corpo segue um caminho previsível de evolução, que nos determina pelos misteriosos acasos da fecundação e da morte, nosso ser vai se espalhando pela amplitude biográfica, não menos misteriosa, igualmente enigmática. Os encontros e desencontros, as frustrações e gratificações, os laços e desenlaces, tudo se ajunta. Os pedaços da vida, os traumas, o desespero arremessa o ser para fora de si. Essa exterioridade, essa força centrífuga é a mesma energia que traz o polo de gravidade do ser de volta, uma força de qualidade análoga, dialética, centrípeta. A exterioridade não é simples, as escolhas do pai, a resistência da mãe, o convite do rabino que despertou em mim, nesse menino traumatizado, um valor inequívoco: o domínio da língua hebraica. O homem velho aparece travestido de homem novo. O pai está decidido e não quer olhar para trás e nem para a frente; quer olhar para as próprias mãos, que constroem barragens e cortam cantoneiras para serem transformadas em “vitreaux”. A mãe quer olhar para o futuro e vê no outro a chance de se reencontrar com sua gente, sua terra, sua religião.

Meu pai resistiu, mas diante do apelo de minha mãe e de minha disposição para fazer isso, cedeu. Fomos a Bom Retiro e fizemos a primeira compra destas mercadorias. E, então, passados alguns dias, mesmo eu sendo um menino muito tímido, tive que ter a coragem, a princípio junto com minha mãe, de bater palmas nas

casas e oferecer as mercadorias. Foi difícil no início, mas então, por ter sido recebido muito bem pelas mulheres na periferia de Santo André, acabei vendendo roupa com muito sucesso. A forma que as pessoas simples recebem alguém que trabalha na porta, é sempre muito linda. As mulheres ficaram comovidas com o menino vendendo e ajudando os pais e acredito que compravam até por compaixão.

Nos mesmos bairros, na época, o sr. Samuel Klein, fundador das Casas Bahia em São Caetano, também vendia roupa e eu várias vezes conversava com ele. Tive estes contatos com ele, mas foi meu pai que se tornou depois amigo dele. Nesta época eu ia à escola às tardes, pois vendia roupa todas as manhãs, com muito sucesso, e meu pai, agora vendo os resultados, se engajou no trabalho ficando na cobrança das mensalidades, porque eu vendia na época em dez vezes sem juros sem nenhum documento comprovatório da venda. Tínhamos um cartão onde para cada compradora, era anotado o nome, o endereço e a mercadoria comprada. E nem havia assinatura. Como todos sabem, o nível de inadimplência é, no máximo de dez por cento. Comprávamos as mercadorias por um valor e, em geral, dobrávamos este valor e vendíamos para pagamento em dez vezes. No quarto mês de compras já tínhamos o crédito nas lojas do Bom Retiro pois nos tornamos bons pagadores. Não dependíamos então, a partir daí, da comunidade judaica para isso.

Eu me inseri na cultura brasileira por ter que falar a língua para negociar, conheci as muitas vozes populares, os terreiros de umbanda, as mulheres poderosas e as mulheres com alguns homens perdidos nas periferias...

No entanto, meus pais se engajaram na comunidade judaica de Santo André participando das festas, indo à sinagoga, etc.

Quando cheguei aos 13 anos de idade, meus pais decidiram que eu deveria realizar a cerimônia do Bar-Mitzvá, que é a celebração pela qual as crianças

assumem oficialmente o judaísmo, ligados à comunidade, como orientação espiritual para a vida.

Nesta cerimônia, os meninos que não sabem hebraico decoram um trecho da Torá e fazem de conta que estão lendo o trecho escolhido para a congregação que assiste esta leitura. Pelo menos na época, o menino fazia isso estando de costas para a congregação e depois ele se voltava para esta ficando então de frente para afirmar publicamente seu vínculo. No meu caso, não tive que decorar o texto pois eu sabia ler em hebraico; e quando fiz a leitura fui tomado por uma profunda emoção, como uma espécie de tremor, inquietação e alegria por fazer aquilo, como uma espécie de pequena iluminação. Mas quando me virei para a congregação vivi uma enorme decepção pois havia um senhor lendo um jornal com as duas folhas bem abertas e, ainda, várias pessoas conversando, sem prestarem atenção àquele momento. Fiquei muito irritado, ofendido, e não assumi publicamente meu vínculo, desci do palco e saí. Meus pais e as pessoas em geral, entenderam que eu fiquei emocionado e que não soube como deveria me comportar, mas não perceberam meus motivos.

A partir desta situação, decidi fazer meu caminho próprio, fundamentado na clara sensação da presença em mim, aos 14 anos, fui estudar à noite para trabalhar o dia inteiro querendo ganhar mais dinheiro. E nunca mais estudei de dia. Até a faculdade de farmácia fiz em período noturno. E, daí, nunca mais participei ativamente da comunidade judaica, embora tenha estudado depois o judaísmo e me ligado intensamente ao judaísmo esotérico que recebe o nome de Kaballah que cultivo até hoje. Mas não me considero judeu, ou seja, não sou partícipe dessa comunidade, de suas festas, comemorações, etc.

Mas já que citei a Kaballah, sinto-me chamado a fazer um comentário que considero fundamental: minha inserção, assimilação na comunidade, se fez por uma

escolha do racionalismo para me defender de minha emotividade. Li muito, fui um aluno exemplar, estudei com entusiasmo. E, exatamente, por esconder essa emotividade por uma postura racional, acabei por ficar bastante isolado, solitário. Ocorreu-me que isso acontece com a maioria dos judeus que acabam sendo pessoas muito racionais e a racionalidade dá um grande poder até porque não se deixa envolver pela emotividade. Não será por isso que muitos judeus ganharam prêmios Nobel, se destacaram na comunidade, sendo que na maioria dos casos, ficaram isolados? Ora a Kaballah, que é uma das expressões dos "Antigos Mistérios", sabe, exercita o fato, de que o racionalismo é uma forma pobre que apenas compreende parte da realidade, pois a Kaballah se caracteriza justamente por priorizar o silêncio, a paciência e a meditação que abre portais inimagináveis para o senso comum, ampliando em muito a percepção e a compreensão do mundo. O interessante é que os praticantes destes "Mistérios", sem falar neles, se engajam amplamente na comunidade!

Quando fui estudar à noite, conheci um amigo que teve um papel muito relevante em minha vida pois me levou à visitar a casa de outro rapaz que também se tornou um amigo fundamental em minha vida e que era enteado de um alfaiate, o sr. Munir, que nos introduziu de maneira muito didática, de maneira extraordinária ao mundo da música erudita. Adiante esta vivência será bem mais explicitada.

Hoje me considero uma pessoa que estuda e trabalha pela liberdade, sem nenhum vínculo com qualquer instituição religiosa, trabalhando pelo respeito e solidariedade a todos.

Mas veja-se esta minha história: por não ser alemão, não ser judeu, não querer, aos quase sete anos, continuar com a família, tive a experiência de ficar, então assim, sempre remetido a esta presença de um indivíduo em mim, com minha subjetividade

e assumindo respostas objetivas em minhas formas de me comportar e observando meus personagens e minhas máscaras.

É óbvio que desenvolvi várias identidades sociais, mas por ter que me confrontar com o fato de que algumas dessas identidades foram bastante perturbadas, ou seja, identificação cultural com um povo, com um país, com uma família e, mais tarde, com uma orientação filosófica que não me permitia aceitar estar em determinado grupo, fui remetido a um constante confrontar-me com esta presença que vocaciona, que chama o protagonismo objetivo do ser em mim, ou, lembrando Heidegger, do "Ser-Aí-Entre as coisas e os Seres" (Dasein).

Há muito tempo me pergunto por que, então, não se pode pensar na existência de uma *presença* como um indivíduo objetivo e criador de novas realidades e de suas identidades sociais? Será esta a atitude que se espera de todo ser humano, no sentido de ser o protagonista efetivo e eficaz, totalmente responsável por si mesmo? Este é o cerne desta tese, pois ao constatar essa *presença* em mim, observando-a em todas as pessoas que encontro, foi ficando claro que assumir essa presença como ato consciente, abre o caminho para o protagonismo consciente que assume sua responsabilidade por seus atos e por suas identidades...

Esperando que o que vou dizer agora não sirva à maldade como argumento positivo, permito-me pensar que em nossa época tão conturbada pelas tantas guerras e violência generalizada no mundo, causando a fuga, o abandono das muitas raízes conquistadas e estabelecidas por séculos de trabalho, levando milhares e até milhões de famílias a um total e doloroso desenraizamento, talvez poderíamos pensar que este desenraizamento acaba por ser uma força propulsora de impulsos criativos. Isto certamente até acontece, mas as dores do desenraizamento com as tantas lacunas para

a formação harmoniosa da personalidade, ficam como cicatrizes que, muitas vezes abrem as feridas originais dificultando a atuação no mundo[39].

Há, ainda, um outro fato, bastante importante na minha vida que torna esta discussão ainda mais séria: Quando eu estava com 13 para 14 anos, num momento de angústia, tive de repente uma espécie de pequena iluminação quando me ficou claro que meus pais me deram uma forma, uma matriz básica que estava dando corpo ao meu ser interno, a esta presença, ao meu "Si Mesmo" que certamente, por várias constatações, pouco tinha a ver com aquela família. A alegria dessa descoberta abriu pequenas veredas, caminhos e, depois, estradas e avenidas para começar a compreender o mundo.

Esta constatação ainda provocou em mim, influenciado por muitas experiências internas, o interesse pelas pessoas (e mesmo em minha relação com mulheres), buscando o encontro com o ser, com o "Si Mesmo" oculto pelas aparências.

Na prática, isso me fez, sempre, interessar-me, mesmo nos namoros, pelo encontro, pela possibilidade de interlocução, compartilhamento de expectativas, antes de efetivo interesse pelo corpo, pelas vestes, pelas formalidades estabelecidas socialmente, o que me causou uma série de problemas e equívocos. Muitas mulheres me acusaram de não ser romântico, de não ser referência para a cultura vigente, principalmente por não me interessar tanto pelas vestimentas, pela busca de sensações e tantos outros requintes da superficialidade dominante. Não que eu despreze a importância desses elementos, já que tenho claro que as aparências são os assentos de nossos desejos, de nossos impulsos, mas sempre considerei que o encontro com o outro tem como âmago os outros elementos pelo menos tão

---

[39]Esta hipótese não tem validade para a criminosa e ignominiosa ação de escravizar um povo por preconceitos absurdos, como fizeram com os negros, causando sofrimentos incalculáveis e eliminando sua cultura por imposição de outra cultura e, depois, por uma decisão meramente política e burocrática, decidir por "beneficiar" este povo com a "liberdade".

importantes quanto estes, como a ternura, o carinho, o compartilhar sentimentos, a beleza e a criatividade. Preferi sempre os requintes da sensibilidade e desprezei, muitas vezes de modo até exagerado, os requintes da superficialidade. Atualmente isso mudou muito exatamente pelo contato com o silêncio e a meditação que me fez muito mais aberto para os outros.

Essa busca de interlocução, tinha também a expectativa de equilibrar a polaridade neurosensorial muito presente em mim, como defesa perante a violência que vivi no mundo. A necessidade de integrar esta polaridade ao mesmo tempo em que a outra polaridade da expressão metabólica/motora se realizava no trabalho externo, me levou muito a buscar no feminino o processo rítmico da respiração e pulsação que se expressa no sentir as coisas e harmonizar estas polaridades pela complementação.

E aqui cabe acrescentar um fato que marca muito minha vida até hoje: Sempre procurei o encontro com o feminino como complementaridade necessária para conhecer de fato a realidade. Eu tinha fascinação pela maneira como uma mulher compreende o mundo. Sempre quis associar a minha compreensão da realidade com a compreensão feminina desta mesma realidade e, ao longo de minha vida, embalado pela visão ingênua de almas gêmeas, procurei uma companheira que viesse complementar a forma de sentir, agir e pensar a realidade. Esta minha expectativa nunca se realizou até agora. Houveram momentos em que tudo parecia convergir para isso, mas não aconteceram de fato. Essa constatação dolorida, hoje, tem aspectos bem diferentes, já que entendo alma gêmea como possibilidade real num nível bem diferente de um casamento ou outra forma de contrato social!

Pois desde a adolescência percebi o amor por uma pessoa, como se revelando na vontade para que ela consiga a realização de suas expectativas. Já aos 17 anos

percebi que o sexo e o orgasmo *(que é a finalidade da vida para a maioria das pessoas),* é a estratégia usada pela Grande Ordem Imanente, Ampliada e Emanente ao mundo, para que possamos apreender este amor real ao próximo, no sentido de que a experiência sensorial do prazer, do gozo erótico, sempre foi a forma com que Eros trabalhou para que a realidade em espírito do interesse pelo outro se materialize na Grande Ordem Imanente para ampliá-la e assim torná-la Emanente como fato incontestável atuante para a infinita criação e ampliação dos multiversos. Há como que uma complementaridade entre a experiência da sensação como fato físico que abre um portal para a experiência em espírito do amor como realização efetiva para o permanente aprendizado do que é o amor ao próximo que, por sua vez, é a sustentação dos multiversos.

Ocorre aí a abertura de um espaço interno para a vivência do amor no interior de si mesmo, sem a necessidade de alguém saber que você está vivendo isso, mas de forma a se afastar da carência do corpo para o abraço mais amplo com a vida, vivenciando isso direcionado para o ser amado. É como se cada pessoa se dispusesse a modelar esse ser amado em cera ou barro e fosse a cada toque procurando o inefável, o inapreensível que este ser irradia no olhar ou na voz...É o que um retratista ou um pintor faz quando trabalha a expressão de uma pessoa. E quanto mais trabalha essa expressão mais ama e se alegra com este amor! E este amor em sua vida interior tem uma doçura e uma força que supera em muito a vivência apenas sensorial, sensual...

Assim, ao constatar, com clareza, que somos prioritariamente indivíduos epistêmicos que buscam no conhecimento a ordenação que orienta sua atuação no mundo, pude assumir a responsabilidade de não me deixar dominar por um domínio de polaridades como ocorre na visão sedentária que separa o objetivo do subjetivo,

para então dar lugar para a realidade trajetiva que integra as polaridades e, modela, a partir delas, novos mundos e novas configurações.

Enquanto essas questões não são esclarecidas, estamos sujeitos às decisões sociais e políticas que não acreditam no indivíduo epistêmico, ou seja, o indivíduo pronto para conhecer as coisas e os outros a partir de uma liberdade interna que não se deixa levar por impressões subjetivas. Por não reconhecer este fato, a epistemologia em geral, tem, em sua maioria, considerado como verdades afirmações baseadas em posturas que são, quase que inteiramente, dominadas pela visão sociológica, causando ainda o fato de que os estudos e trabalhos na área da Antropologia Cultural têm dado maior ênfase à subjetividade.

Em minha história, estive várias vezes diante do fato de que apesar de todas variáveis sociais que estavam a minha volta, fui tomando consciência dessa *presença* que se manifesta diariamente por um "acting" (palavra inglesa, já citada acima, que significa elaborar conscientemente um personagem, como o faz o ator no teatro ou no cinema). E devemos ter claro que esta é uma necessidade, uma ação dessa presença no mundo. Trata-se de assumir uma ação objetiva que, no quotidiano da vida, se torna trajetiva e pode, por isso, ser produtiva inclusive no nível epistêmico. Em suma, essa *presença* é, segundo penso, uma abertura para o conhecimento; daí que eu considere fundamental percebê-la "na prática" para que se possa compreender a importância do Goetheanismo como caminho para uma apreensão da realidade do mundo que esteja, de fato, à altura da exigência do ser humano.

4.1 - Elaboração goetheanística do recorte da história de minha vida

Penso que cabe aqui fazer uma análise e uma elaboração goetheanística de minha própria biografia como proposta de fundamento de uma nova perspectiva para o desenvolvimento do ser humano. A sugestão de que a tese deveria conter minha própria biografia partiu da professora Eda Tassara, após me ouvir justificando minha decisão de fazer o doutorado, baseado em minha história. Essa sugestão foi prontamente secundada por minha orientadora, professora Sandra Maria Patrício Ribeiro, e reforçada pelo professor Jonas Bach Jr. Por ocasião do Exame de Qualificação. Bem, isto corresponde exatamente ao que acima deixei claro quanto ao âmago do caminhar desta tese: "É disto que se trata: cada um de nós é vocacionado para ser protagonista de si mesmo!"

O que eu quis nesta tese é, em essência, afirmar a necessidade que todos nós temos de nos depurar para encontrarmos a ***presença*** em nós, atrás de toda nossa personalidade, personagens e máscaras que usamos, para a partir dela tomarmos nossa vida em nossas próprias mãos. Só que esta depuração é permanente, contínua, revelando sempre novas artimanhas, facetas e escaninhos ocultos de nós mesmos, pelo medo de ficarmos demasiado expostos em nossa fragilidade.

Da maneira como Goethe demonstrou que para conhecer a realidade foi preciso fazer várias experiências de intensificação e polarização faço um sequenciamento dos fatos, pontuando algumas vezes estes processos que, de fato, me fizeram apreender muito de mim mesmo.

Assim, quanto mais assumimos nossos desafios, tendo já maduros, a consciência que estes desafios são justamente as formas que para nos des-envolver (tirar nossos envoltórios), sabemos que todas nossas atividades estão centradas em nós mesmos para a partir deste núcleo possamos contribuir efetivamente para a crescimento da realidade do mundo.

Fazer uma descrição sequencial é possível de várias maneiras e todas elas montam um esquema que aponta para uma realidade, sem, no entanto, ser sempre exata. Faço esta nota aqui, porque, cada vez que releio o que escrevi, percebo que poderia ser dito de outra maneira, ou que poderiam ser apontados outros tantos fatos, mais ou menos importantes e assim por diante. Portanto, feita no início uma observação criteriosa e cuidadosa de cada passo, é agora interessante fazer um sequenciamento ordenado dos fatos de minha biografia:

4.2 - Sequenciamento congruente da minha história de vida: observação criteriosa e descrição cuidadosa dos fenômenos percebidos

1947

- Nasci no dia 17 de janeiro, filho de Arie Yaari e Zipora Yaari, ambos judeus poloneses, sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, que encontraram-se e casaram em um campo de refugiados em Lampertheim, Alemanha, após o fim da guerra.
- Com 6 meses de idade fui para a Palestina, Israel, para o deserto nos arredores de Ashkelon, com a mãe grávida da irmã, num navio clandestino.

Assim, após minha chegada em Israel aos seis meses de idade, minha mãe me contou como que eu procurava um abrigo, um buraco, um local no qual eu queria entrar. Revelava isso, “cavando” no berço um canto, me contorcendo e me dobrando sobre mim mesmo, como que querendo me tornar um ponto, uma pequena bola que poderia achar um pouso. Acredito que aí já me era clara a presença de mim mesmo, querendo achar um abrigo, um envoltório

1948

- Em 1 de Fevereiro de 1948 nasce minha irmã Shoshana (Rosa – em hebraico).

- Mudanças em várias casas até a adaptação de um estábulo de camelos.

E quando eu comecei a andar, depois de já caminhar com certa desenvoltura, eu queria sair, andar, andar e andar. E, daí, já por volta dos 18 meses de idade, me lembro, caminhando seguidamente pela areia fina do deserto em torno de minha casa, desde uma pequena casa em meio a um laranjal até o tempo em que ficamos na casa que meu pai constituiu adaptando o estábulo de camelos onde estávamos morando numa pequena comunidade que já agora não era mais clandestina mas que fez o caminho clandestino para assumir este local. Descubro aí, como fundamento do protagonismo que se inicia timidamente, um primeiro indício de uma intencionalidade não instintiva, ou seja, com a sensação da presença, já antes percebida, acrescenta-se com clareza uma intencionalidade semiconsciente que busca focos de atuação no mundo com perplexidades, perguntas, anseios...

1949

- Menino solitário, muito silencioso, andando muito em torno da casa e convivendo muito com os bichos do deserto – lagartos, cobras, escorpiões, abelhas.

Brincava sozinho mexendo bastante na areia onde eu ia descobrindo os escorpiões enquanto alguns lagartos andavam e corriam em torno. Numa grande árvore, que acredito ter sido a única que estava lá, eu ouvia continuamente o zumbido das abelhas e, mais tarde, quando subi por alguns troncos vi o movimento das abelhas entrando e saindo do favo. Meu pai também trouxe galinhas e patos que andavam soltos por lá em torno da casa.

1950

- Quando completei 3 anos de vida desatei a falar com muita intensidade com grande relacionamento com outras crianças.

Sim. A certeza de um mundo interno, da presença em mim que já estava guardando os muitos “segredos” de minhas observações pela andança e pelo brincar com os insetos, foi me permitindo a confiança para falar, falar bastante querendo contar à minha mãe das tantas coisas que eu vivia internamente, como um exercício quase consciente de intensificação. Aqui já está bem mais clara a intencionalidade que vai ficando cada vez mais consciente.

1951

- Para meus pais ocorre uma vida muito dura e no final deste ano, minha mãe tenta suicídio por não aguentar a realidade daquela vida, querendo voltar para a Europa. Com o susto passo a ter um cuidado permanente de minha mãe e de minha irmã.

Pelo modo retraído e silencioso de meu pai e pela inquietude e inconformidade de minha mãe com seus contínuos nervosismos, aprendi a viver em polaridades claras, começando a não manifestar meus sentimentos e vontades. Minha fala se concentra nos pensamentos que me invadiam por torrentes ininterruptas e que, tenho que admitir, ocorrem até hoje. A constatação, já nesta época, de que posso formatar meus pensamentos me deu uma alegria imensa que carrego ainda atualmente e então percebo como, por defesa de minhas emoções, fui elaborando uma forma de intensificação, cada vez maior, que se traduz numa enorme atividade neuro-sensorial.

1952

Começo em setembro a frequentar a escola – alfabetizado em hebraico.

1953

- A partir de setembro deste ano toda a família tenta sua volta para a Europa. O intuito era chegar à Alemanha, mas desembarcamos no porto de Marselha. De lá, depois de muitas caronas e caminhadas chegamos à Paris e daí pegamos um trem

clandestino para a Alemanha e na chegada em Munique ficou marcado em mim o episódio da polícia nos cercando no trem, sensação de injustiça, medo.

- Chegamos e fomos levados para uma Sinagoga em Munique – As famílias ocuparam os espaços, dividindo-os, uns dos outros, com linhas traçadas com giz no chão. Sair dessas linhas marcadas levaram a violências, agressões, numa espécie de ritual macabro de uma confraria da miséria e de muito frio.

- Apesar do frio vivido dentro da sinagoga, mesmo assim, em função da violência, saímos de lá e fomos para viver na rua, sendo que poucos dias após isso, um serviço social de lá, levou a mim e a minha irmã para o lar da infância, por dois meses – melhor lembrança da infância – primeira vez que eu tinha cama, brinquedos, comida, carinho.

- Meu pai teve a oferta de viver na Noruega ou no Brasil. Ele não teve dúvidas. Decidiu vir para o Brasil pois ser judeu, para ele, na Europa, ainda era sinônimo de muito sofrimento. No navio para a América fui alfabetizado por minha mãe usando as letras latinas, o que me facilitou enormemente a alfabetização em português e minha inserção no quotidiano no Brasil. Antes usei as letras hebraicas e a escrita sendo feita da direita para a esquerda. Agora, aprendi, a duras penas, que o mundo é "ao contrário". Neste novo mundo escreve-se da esquerda para a direita e as letras são bem diferentes, mais redondas e, no caso da língua portuguesa, com muito mais vogais! A musculatura fina com suas articulações é chamada para uma nova organização neurológica e uma readaptação às pressas para este novo mundo!

1954

- Passo, exatamente em meu aniversário (17 de janeiro de 1954), de 7 anos, o dia de cruzar a linha do equador, na imensidão do mar. Chegamos ao Brasil no porto de Santos, no dia 22 de janeiro de 1954.

- Neste dia 22 de janeiro de 1954, passando pelos estivadores que estavam em sua hora de almoço, um deles oferta sua marmita no clássico gesto brasileiro de “Tá servido” e meu pai, estupefato diante daquele gesto que ele nunca tinha visto em lugar nenhum do mundo, decide ali que nunca mais sairá do Brasil pela generosidade que sentiu aqui.
- Fomos para um albergue do governo para estrangeiros no bairro do Brás em São Paulo.
- Em São Paulo, na cidade de Santo André, fui para a Escola Pública mesmo não sabendo falar o português, mas no final deste mesmo ano cheguei a ganhar uma medalha por minhas provas, inclusive de língua portuguesa, depois de sofrer “bullyng” por causa da língua.
- Passo a ajudar meu pai em serviços de Serralheria.

1955

Meu pai recebe indenização de guerra e compra um lote de terreno em Santo André.

Por sugestão de um membro da comunidade judaica, minha mãe e eu começamos a trabalhar como mascates, vendendo roupas nas ruas de bairros da periferia de Santo André. Meu pai, antes resistente, passa a fazer a cobrança das mensalidades que eram pagas pelos clientes. Como eu vendia muito bem, minha mãe parou de ir junto comigo e então passei a vender roupa sozinho, iniciando, aí sim, um claro protagonismo que passa a ser, efetivamente um, ou o eixo de minha vida. Usamos como transporte uma charrete e um cavalo. Adquiro o gosto de cuidar do cavalo, lavar, dar de comer, levá-lo ao estábulo...

- Começo a entender melhor o português e me tornei um leitor voraz e um ótimo aluno.
- Nasce minha irmãzinha, Paulina e me apaixono por Marli, uma linda amiga de minha irmã. Pode-se dizer meu primeiro amor, totalmente platônico.

1956

-Como vendia roupas à tarde, meu pai providencia a mudança para uma escola particular (Duque de Caxias) e passo a vender roupa pela manhã.

Meu pai constrói, com mais um pedreiro e minha ajuda como servente de pedreiro, uma casa no terreno antes comprado. Trabalho com muita alegria.

1957

- Escola e Trabalho de Mascate

1958

- Escola e Trabalho de Mascate

Neste ano faço leituras cada vez mais complexas e o livro sobre Hipnotismo, de Mesmer, causa grande impacto, me levando à extrema curiosidade e vontade de ser pesquisador nessa área. Simultaneamente minha mãe tem séria crise de saúde, asma, bronquite.

1959

- Meu pai constrói Loja de Móveis, e diminuo meu trabalho como mascate, passando a montar e desmontar os móveis e arrumar os móveis no pequeno caminhão (Ford 29) que fazia as entregas dos móveis vendidos.

- Decido nesta época que eu quero ser médico, ainda mais porque passei a ser o cuidador de minha mãe, ajudando-a a se trocar, se arrumar, cuidando da medicação, aplicando injeções, etc.

- Faço curso de contabilidade e de datilografia. Há o sentimento de que começo a tomar conta de minha própria vida.

1960

- Faço meu Bar-Mitzva e decido não participar da comunidade judaica, assumindo firmemente meu protagonismo perante meus

pais e minha comunidade. Aqui fica marcada de maneira muito forte um primeiro movimento vivo de intensificação que mobiliza meu ser inteiro, desde uma reordenação interna e real atenção concentrada nos processos corporais, associada ou mesmo proveniente do enorme aumento de forças de expressão de toda organização anímico/psicológica. Essa intensificação na verdade já estava em curso pois durmo pouco e trabalho muito

- Inicio meu trabalho em Santo André, no Cartório de Registro de Imóveis, além de registro das ocorrências policiais, primeiro como atendente em geral, depois como datilógrafo.
- Começo a dar aulas para um grupo de alunos da própria classe.
- Passo a trabalhar de dia e estudar à noite.
- Começo a ter sérias crises nervosas, convivendo às vezes com espasmos quase incontroláveis, talvez como resultante dos processos de intensificação.

1961

Estudo, leio muito, trabalho no Cartório e ajudo meu pai na loja, ajudando a organizar a parte burocrática.

1962

- Família muda para São Paulo - Saio do Cartório e vou trabalhar na organização e arquivo de toda área burocrática de uma pequena indústria química no bairro da Penha. Depois mudo para o 15º Tabelionato onde trabalho como office-boy e depois como datilógrafo e onde aprendo a fazer escrituras de todo o tipo e vários trâmites jurídicos.
- Acabo ficando doente por dormir muito pouco e ter crises nervosas. Mudo de escola, passando a cursar o Colégio Brasílio Machado na Vila Mariana.
- Conheço o meu amigo Décio e, em seguida o Cláudio, enteado do sr. Munir, um alfaiate que realiza conosco uma extraordinária iniciação musical na área da Música Erudita, convivendo com vários músicos da Orquestra Municipal de São Paulo, o que abre

as portas para a convivência com uma elite cultural. Adiante falo disso com mais detalhes.

- Começo a frequentar o Meio Espírita, chegando a ser mais tarde, aos 16 anos de idade, Terceiro Secretário Geral da Sociedade Espírita do Estado de São Paulo, o que me permite viajar para várias cidades do estado, ministrando palestras e várias outras atividades.
- Passo a realizar estudos de Astrologia, Artes Esotéricas, Quiromancia os processos das "Antigas Escolas de Mistérios. Começo a fazer parte da Escola Esotérica do Pensamento, da Comunidade da RosaCruz Áurea e outros grupos correlatos.
- Conheço o jornalista José Herculano Pires, que é também professor de filosofia da USP e que me dá aulas de Filosofia em geral, sugerindo uma leitura didática da filosofia, desde os pré-socráticos até Nietzsche com o qual me identifico totalmente, adotando o livro "Assim Falava Zaratustra" como livro de cabeceira. Também nessa época li o livro "Teosofia", de Rudolf Steiner.
- Passo a ter muitas experiências suprassensíveis.
- Simultaneamente a tudo isso, participo de uma pequena quadrilha de pequenos furtos, mas também de automóveis, além da participação de atos de protesto formado por um grupo do Colégio Brasílio Machado.
- Não passei de ano neste 1º grau do Ensino Médio, pois participei do grupo, ligado à pequena quadrilha acima citada, que resolveu incendiar a secretaria com todos os documentos da diretoria do Colégio Brasílio Machado. Fomos, todos os alunos do colégio, reprovados, a maioria que não tinha nada a ver com o crime.

Fica evidente aqui um ritmo de vida de muita intensidade, como claro processo de extraordinária ***intensificação*** e simultânea ***polarização*** não só interna

mas nas atividades externas, ou seja, enquanto internamente eu vivia grande profusão de ideias e processos psicológicos, externamente eu tinha uma vida dupla ou tripla, pela elaboração de personagens totalmente díspares. Assim como Goethe propõe realizar polarizações e intensificações como experimentos para conhecer melhor a amplitude dos fenômenos, ***essas polarizações e intensificações funcionaram como experimentos feitos comigo mesmo,*** no sentido de conhecer meus limites e minhas possibilidades de expressão. Esse exercer experimentos consigo mesmo, todas as pessoas fazem, mormente na adolescência, como forma de conhecer e se aprofundar nos fenômenos da vida. Para facilitar minha locomoção, comprei uma bicicleta usada com freio de pé e fiz o que muitos meninos fazem, como intensificações e polarizações, que foi, por exemplo pedalar com muita intensidade e deixar a bicicleta correr sem frear por ruas com grande movimento de automóveis e pessoas, fazendo o mesmo em grandes descidas em avenidas movimentadas.

Na descrição que faço dos fatos que vão do nascimento até mais ou menos os dez anos de idade, não falo dos sentimentos, pensamentos e vontades que estiveram em mim enquanto os fatos se sucederam. Assim, quando a partir dos 11 anos passei a ler muito, aprendi a argumentar mas raramente demonstrar o que de fato penso ou sinto. Já na escola me destaquei pela capacidade de argumentar e de apresentar um tema tanto de história, geografia, literatura, ciências, etc. Era uma forma de guardar em mim, ficar comigo, com minha ***presença*** que sempre quis outra realidade para além das formas sociais estabelecidas. Meu contato direto com certa violência, com a enorme e profunda doença física e psicológica de meus pais me falaram de um mundo que está mais ligado às raízes de nossa humanidade que muito além da necessidade de abrigo, comida ou sexo, quer a vida livre, criativa, com ternura, fora dos padrões que se me apresentavam. Os movimentos jovens, de vários tipos, que,

por exemplo, cortam seus cabelos de maneira não convencional, que ferem seu corpo com objetos cortantes, estranhos, que se dedicam a uma causa, a um ídolo, buscam exatamente isso, uma forma de se libertar de ordens convencionais, ***uma forma de ser verdadeiramente***! Por isso, a partir dos 11 anos de idade, passei a fazer longas caminhadas à noite depois de meu trabalho e estudos e, principalmente nos fins de semana. A caminhada me fez pensar, meditar, e, enquanto isso, ao observar as casas, os jardins, os quintais, as ruas, ia percebendo um mundo que fica submerso no dia a dia das pessoas. Ou seja, no corre-corre do quotidiano da vida, há vontades, sentimentos e pensamentos que passam rápido pela nossa consciência e ficam submergidos pelas imagens que passam pelo dia. Algumas destas imagens voltam metamorfoseadas nos sonhos, mas a grande maioria das pessoas não presta atenção a tudo isso. Essas polaridades existentes nas pessoas foram conscientizadas muito cedo em minha vida, já nessas andanças Enquanto eu olhava para as casas, muitas vezes vendo as famílias reunidas nas salas, me vinham os pensamentos de que conversas elas poderiam estar tendo e do que seria, de fato, de importância fundamental para elas.

Por outro lado, o dia a dia em minha casa era acordar cedo, levantar e ir à cozinha, fazer minha própria refeição e sair para o trabalho. Minha irmã ficava em casa ajudando minha mãe e cuidando de nossa irmã menor. Minha mãe ficava mais acamada ou doente do que ativa no quotidiano da casa. O que importa aqui ressaltar é que raramente tínhamos como família, um sentar à mesa para rir ou chorar junto como é comum nas famílias, o que não me educou para as convenções normais da vida familiar. Meu pai, evidentemente mais que eu, saía para o trabalho para conseguir o dinheiro para as despesas mas não havia o chegar em casa para o encontro familiar.

Outro fato importante é que eu vivia muito solitário pois por falar mal o português tinha dificuldade de relacionamento com os outros meninos e, apesar, de ter participado de grupos de moleques de bairro, eu ficava de lado. Aprendi a jogar futebol, mas evidentemente eu não era um bom jogador. Minha vida interior era preenchida com muitas leituras de livros clássicos que eu emprestava da biblioteca pública de Santo André - SP, onde eu morava.

Conto isso para então mostrar aspectos essenciais que me empurraram para um protagonismo próprio, estabelecendo mais uma vez outra polaridade, longe de minha família, em ambientes sociais totalmente diferentes do que seriam os ambientes de minha família. Assim, após me retirar da comunidade judaica, procurei outras comunidades, e aconteceu que após uma doença minha devido ao stress de acordar muito cedo para ir ao trabalho e ter de dormir por volta da meia noite depois de voltar da escola, pois passei a estudar à noite desde os 13/14 anos, como já contei antes, conheci o Décio, um amigo que acabou me levando para visitar o Cláudio, o outro amigo que vivia no alto da Mooca enquanto eu morava na Vila Mariana e, lá o padrasto deste outro amigo, o sr. Munir, um alfaiate de origem árabe, nos introduziu na música erudita de uma forma tão didática que se me abriu um novo mundo. Este outro amigo já tocava trompa como aprendiz na Orquestra Municipal de São Paulo e, então, passamos a praticar o ritual de nos encontrar aos domingos no Teatro Municipal de São Paulo para o concerto, com entrada gratuita, das 10 horas da manhã, e, na saída, tomar um café na Leiteria Paulista à Rua Xavier de Toledo e tomar o ônibus para a Mooca na casa deste alfaiate que propunha que fizéssemos juntos o almoço, sendo que depois do almoço e de um descanso, ele escolhia alguns discos para ouvirmos as grandes obras musicais dos clássicos, desde a música barroca até a música eletrônica que estava aparecendo aqui no Brasil na época. Com muita

paciência este alfaiate nos chamava a atenção para o toque de cada instrumento da orquestra, as diferentes interpretações de uma mesma obra e os contextos culturais da época dessas obras. Foi uma verdadeira escola de arte. Arrisquei apreender a tocar oboé mas eu não tinha condições de tempo, dinheiro e apoio em minha casa para isso. Foi este senhor que nos introduziu no movimento espírita, onde eu rapidamente me destaquei como um bom conhecedor pois pela minha tendência de intensificação no sentido de me estabelecer numa nova realidade, li quase toda obra de Allan Kardec e de outros espíritas, tornando-me palestrante desta doutrina, quando cheguei a ter o programa de rádio de uma hora a cada domingo respondendo perguntas ao vivo para o público que telefonava para o rádio.

Minha família não participava em nada desta minha vida, pois durante a semana, nesta época trabalhando como office-boy e depois datilógrafo no 15º Tabelionato de São Paulo, aprendendo como fazer escrituras de vários tipos e atendendo as exigências legais neste trabalho, quando eu saía, ia direto para a escola chegando em casa por volta das 23 horas. O interessante é que eu entregava religiosamente o total de meu salário ao meu pai. Nunca me permitia gastar um dinheiro com refrigerante, um lanche, etc.

Aconteceu portanto que o assumir meu protagonismo com a consciência possível nesta idade, se iniciou justamente após eu ter abandonado a comunidade judaica aos 13 anos. Eu estava sedento de conhecimentos e a prática externa na vida do trabalho dava muito pouca ajuda nesse sentido. Por isso o contato com a música que se constituiu na prática como uma educação da sensibilidade e da constatação da poiésis no mundo, foram configurando internamente uma nova personalidade que convivia com a beleza como um segredo vivido nos finais de semana e que preenchia a alma

durante todo o tempo, adicionado a outro fato fundamental que guiou e guia meus passos até hoje.

Aconteceu, então, que entre os 13 e 14 anos li e reli algumas vezes "O Nazareno", um livro simples, escrito por um judeu de nome Sholem Asch. Este livro é considerado uma obra prima da literatura ídische e que é dividida em três partes: a primeira descreve a história, antes da 2ª. Guerra mundial, de um oficial militar nazista que é um especialista em assuntos judaicos e, que, no entanto, tem duros pesadelos nos quais se vê como um soldado romano crucificando alguém, pregando mesmo as mãos na cruz. Isso o perturba muito e ele então procura um rabino...; a segunda parte é uma descrição muito bonita, até poética das paisagens de Israel, enquanto descreve um evangelho escrito por um amigo de Jesus que inclusive o ajuda a levar sua cruz para o calvário e a terceira parte é um evangelho escrito por Judas Iscariotes que termina quando este está em meditação no Monte das Oliveiras...

É interessante que eu tinha vergonha de citar este livro que, na verdade, causou um grande impacto em minha vida, pois na época eu já lia os "Diálogos de Platão" e outras obras filosóficas e, considerava este livro, que, aliás, foi traduzido por Monteiro Lobato, como uma "obra menor".

O fato, é que este livro é de grande beleza e demonstra como Jesus era um judeu que simplesmente queria cumprir os preceitos sagrados do judaísmo essencial, que pode ser considerado mesmo visceral, e, minha ligação foi total, com esta simplicidade do ser humano, totalmente humano, com suas lutas do dia a dia e suas perguntas internas como revelações da angústia de "ser no mundo, sobre o chão" pela qual vai-se apreendendo o amor... E eu pensava comigo que é com este judaísmo que eu me identificava. E passei a compreender porque muitos judeus se identificaram com este movimento de Jesus.

Existem estudos que mostram que essa relação do judaísmo com o que se denomina de cristianismo esotérico[40], tem também vínculos com outras culturas, como, por exemplo, com o evento de El-Amarna quando foi instituído o Deus único, benevolente por Akhnaton e Nefertiti...

Bem, para mim, este livro de Sholem Asch, se constituiu como um guia na medida em que revela o ser humano em sua expressão plenamente humana, mas na figura do marceneiro que demonstra que o mal nasce de nosso desejo de vingança e descreve a incompreensão generalizada da angústia pelo bom fazer no dia a dia das coisas! Quando percebemos que o que nos move no mal é a vontade de vingança e, por um esforço interno nos afastamos dessa vontade para apreender a atitude do perdão, abre-se um portal que ficou pouco conhecido para a maioria das pessoas. O "cinema de ação" atiça este desejo de vingança pois ao assistirmos esses filmes ficamos presos ao desenrolar das histórias esperando que os males sejam vingados! Ou seja, este livro conta a história de um homem livre que não estava ligado a uma doutrina, a uma instituição de qualquer tendência ideológica. Ele só queria fazer o bem, afastar-se de qualquer movimento de vingança para fazer as coisas com cuidado, com qualidade, sem significados estranhos à essas coisas, e inconscientemente, sem uma metafísica que o guiasse. O que o guiava era a madeira no trabalho da marcenaria e as pessoas em sua ocorrência no mundo. Ele simplesmente queria "Ser-Aí-Entre-As-Pessoas-E-As-Coisas"!

---

[40] A palavra Cristo é originária de uma palavra grega, "Crestos" que caracteriza a "Aura Solar". Usamos na língua portuguesa a palavra crestado ou crestar: Tostado ou queimado, em especial pelo sol. Falamos de uma pele crestada. Esta "Aura Solar" definia as pessoas que chegaram a tal patamar de desenvolvimento que irradiavam a luz solar em torno da cabeça como aparece em muitas pinturas e que também representavam os "deuses solares". Assim, quando se fala de que Jesus no batismo no Rio Jordão, se tornou o Cristo, está se fazendo a referência ao ser solar que é aquele que se identifica com o Sol que nasce para todos, sem julgar para decidir a quem iluminar, ou seja, que ama a todos sem distinção. Assim, ao longo da história ocorreram vários "cristos", como Krishna (Índia), Ra (Egito), Mitra (Pérsia), Átis (Frígia, Roma). E na Persia falava-se do Deus das Trevas (Ahriman), e do Deus do Sol (Ahura Masdao). Outro aspecto destes conhecimentos é que representam os seres que assumem a esfera solar como expressão de suas vidas, diferentes dos seres que assumem a esfera lunar como expressão de suas vidas. Assim, o judaísmo e o islamismo são religiões "lunares", enquanto que o cristianismo representa as religiões solares.

Eu buscava uma atuação no mundo que fizesse sentido para mim, para meu protagonismo que se chocou sempre com a expressão da maldade diante das tantas possibilidades de vida simples de um artesão que pode exercer o “Ser-Aí-Entre-As-Coisas” com a alegria do sempre vir a ser. Por isso o encontro com o Goetheanismo foi tão importante!

Então a alegria do trabalhar para no fim de semana conviver com a música e o fazer a comida juntos, fazia muito sentido para mim. Isso me levou a essa intensificação de buscar em todos os lugares a oportunidade destas vivências. Daí a atuação no meio espírita foi de início muito importante, por ter encontrado o professor de filosofia de nome José Herculano Pires, um líder espírita que tinha uma mente bem aberta e que me emprestou muitos livros dos grandes filósofos desde o Renascimento até a atualidade. Mas logo percebi que este meio espírita, apesar da excelente convivência com este professor, não era o meu meio pois, para mim, havia muito moralismo e uma falsa mansidão que chegava a ser irritante nos contatos. Fui também participar de um chamado “Círculo Esotérico do Pensamento”, Sociedade Teosófica, Ordem Rosacruz, mas, de novo para mim, essa falsa mansidão se repetia em todos estes meios. Quando cheguei à Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade de São Paulo, no curso noturno, passei a fazer parte das lideranças estudantis pois estávamos nos anos de 1966, 1967 em plena movimentação política dos anos 60 e 70 do século passado. Minha atividade se dirigiu principalmente aos projetos de reforma universitária que preconizaram bases em que as resoluções fossem resultados de Círculos de Diálogos e de Fundamentação para chegar a decisões colegiadas. E este formato sempre tinha a ver com minha expectativa de participação de movimentos sociais.

Mas, como todos sabem, tivemos a ditadura militar e fiquei exercendo minhas atividades como professor de Química e Biologia nos cursinhos vestibulares “Equipe” e depois no “Objetivo” pois conheci muito bem o João Carlos Di Gênio que foi um jovem professor brilhante e tinha muito boas ideias práticas que acabaram por não se concretizar com o gigantismo de sua iniciativa que hoje representa os cursinhos “Objetivo” e as faculdades da Universidade Paulista.

Foi no Objetivo que um amigo meu, professor de Português que veio de Angola, me indicou a Escola Waldorf que procurava um professor de Química. A partir daí, com o encontro com as práticas do meio antroposófico (Pedagogia Waldorf, Agricultura Biodinâmica, Medicina e Farmácia ampliadas pela Antroposofia, que se fundamenta no Goetheanismo, Economia Associativa, Pedagogia Curativa num trabalho contínuo de inclusão de deficientes nas escolas normais, etc., etc.) percebi o campo fértil desse humano, profundamente humano, nas muitas possibilidades de atuação, e que tinha como guia principal a “Filosofia da Liberdade” que dirigia minha atividade principalmente pela descoberta de que a inspiração de todo este movimento é o Goetheanismo com o fundamento da Trimembração Social.

É preciso lembrar que isso aconteceu depois de minha frustração com as lideranças e os caminhos que se seguiram com o movimento político de 1966 a 1969. Acabei tendo uma briga com o José Dirceu, o Serra e outras lideranças e acabei me afastando...

Assim, minha saída da comunidade judaica, encontrou um eco profundo no movimento antroposófico enquanto atuação prática. No entanto, para minha surpresa, acabei por conhecer mais uma vez uma Sociedade Antroposófica que era mantida por uma maioria que buscava o mesmo misticismo ingênuo e a falsa mansidão dos outros

meios... Fazia-se real o que Nietzsche denunciou como a busca de uma “consolação metafísica” para os amplos desafios da vida!

Sempre quis me formar como médico e quando fiz meus estudos para o vestibular percebi o quanto isso era um objetivo difícil de conseguir. Então optei pela faculdade de farmácia e bioquímica que passei a cursar em 1966 na Cidade Universitária. Na universidade entrei em contato com o movimento estudantil, nas discussões políticas e sua referência com a universidade e fui então um líder deste movimento, sem muita projeção pois minha militância era à noite, após meu trabalho, enquanto a grande maioria das lideranças eram filhos da classe média alta, que não trabalhavam e ficavam nas infindáveis reuniões durante o dia a dia da universidade.

Nestes encontros com outros estudantes e nas discussões culturais e políticas, entremeadas por noitadas em bares e restaurantes nos quais eu apenas estava junto pois não tinha dinheiro para isso, fui percebendo que eu me tornei um tipo exótico que mostrava grande base cultural mas não tinha o requinte dos modos de comportamento comuns nestes círculos. Para mim, comer e beber era uma obrigação necessária para saciar a fome e a sede, mas não para o prazer do bom prato ou da boa bebida. Até hoje, pouco sei disso. De novo constatei a existência de uma polaridade inconsciente nesses movimentos, na medida em que ocorria um discurso revolucionário e simultaneamente um submergir numa vida de busca de sensações que acabavam por se misturar no emaranhado sentimental/emotivo da vida mundana, comum à grande maioria que não queria que algo mudasse. Havia ainda a influência de uma forma de ser que adiante explicito melhor e que está ligada à imagem, nos contos dos irmãos Grimm, do “alfaiate que se tornou rei”.

Na Faculdade de Farmácia e Bioquímica na USP, não encontrei o que esperava, ou seja, eu tinha a expectativa de que iríamos estudar diferentes abordagens de como

as doenças se instalam e como os medicamentos podem atuar de maneira a estimular as pessoas para mudarem hábitos e fazer escolhas que possam liberá-las de comportamentos viciados. Fiz assim, no terceiro ano do curso um estudo à parte sobre os mecanismos bioquímicos dos psicodislépticos e psicoanalépticos, estudando as principais drogas de efeito psíquico da época: maconha, LSD, cocaína, anfetaminas, heroína, etc. visando compreender como estas afetariam as pessoas em sua procura por algo mais do que a vida comum[41]. Ocorreu que o professor Dr. César Ades, da Faculdade de Psicologia da USP procurou o diretor da Faculdade de Farmácia e Bioquímica pois queria estudar o efeito das drogas nas pessoas e nos animais. O Diretor da Faculdade de Farmácia e Bioquímica indicou a mim para dar aulas ao Professor César Ades e a convite deste fiz o vestibular e cursei a Faculdade de Psicologia.

Ou seja, ciente de que a Faculdade de Farmácia e Bioquímica não estava, nem de longe, atendendo minha expectativa, aceitei a sugestão do professor César Ades e fui cursar essa faculdade que ironicamente também funcionava em horário integral enquanto eu trabalhava todos os dias, em horário integral pois já tinha minha família com esposa e dois filhos. Acabei achando formas de cursar a faculdade me oferecendo como aquele que faria todos os trabalhos escritos ou de seminários a ser expostos a pedido dos professores. Mostrei aos professores que seria capaz disso e eles aceitaram desde que eu estivesse presente nas aulas com o mínimo de 40 % de presença. Consegui isso a duras penas, pois após o trabalho do dia a dia, eu ia até a Faculdade e lá me inteirava com alguns alunos na Biblioteca de como tinha sido o dia de aula. Daí, voltava para minha casa e ia preparando os trabalhos escritos ou

---

[41] Sim. É isso que sempre me mobilizou, ou seja, para além da vida quotidiana, estamos, todos, buscando a vida real, a verdade da beleza, da ordem, da criatividade e do amor. E muitas pessoas apelam para as drogas de efeito psíquico para conseguir isso...

seminários, combinando com os professores de ministrar esses seminários perto da hora do almoço ou no fim da tarde. E, assim, consegui terminar a faculdade com excelentes notas e boa frequência.

1963

- Com a intensa atividade de palestrante no meio espírita, iniciei o programa de rádio, acima citado, pelo qual eu tinha uma hora por semana para fazer uma pequena palestra e responder perguntas do público sobre os diversos temas ligados ao espiritismo.
- Enquanto isso eu cursava o 1º Colegial no Colégio Brasílio Machado e passei a ser professor de Ciências, Matemática e Física em um curso de Madureza no centro de São Paulo.
- No meio espírita conheci uma médium muito atuante que me pediu para que eu desse aos domingos aulas particulares para a filha dela. Acabei sendo namorado desta menina, mas logo que ela conseguiu tirar boas notas na escola, fui me afastando. No entanto, a mãe dela, me fez voltar à casa para dar aulas para a irmãzinha (Áurea), que passei a orientar em geral, para depois namorar quando ela tinha apenas 13 anos e com quem acabei casando em 1969, sendo ela a mãe de meus três filhos.

1964

2º Colegial, onde me firmei como aluno participante em todos os grupos, desde os dedicados que estudavam bastante até o grupo de ladrões que realizavam pequenos furtos e traficavam algumas drogas simples...

1965

3º Colegial - Fui fazer o exame vestibular para Medicina, mas não passei. Decidi fazer o cursinho.

- Neste ano vivi muito intensamente uma rica vida interior que se manifestou em muito, por vários processos de intensificação. Assim com estes meus dezessete anos, ficou evidente a expectativa de encontrar uma companheira que com seu feminino viesse complementar as descobertas que eu estava fazendo. Essa constatação ocorreu com muita clareza num dia, neste ano de 1965, em que ouvi várias vezes a música de Schubert que tem o nome de "A Morte e a Donzela"[42]. Ouvindo essa música tive, como experiência interna, a visão de como o feminino se expressa e de como queria que essa experiência se estabelecesse como uma constante em minha vida e que eu pudesse levá-la a outras pessoas. A expectativa de encontrar uma companheira que pudesse comigo realizar esse trabalho de levar à outras pessoas o que é possível descobrir pela integração entre o feminino e masculino guiou todos os meus relacionamentos com mulheres, com as quais eu me irritava pela expectativa delas de viver um romance comum, uma vontade de ir a baladas, bailes, restaurantes, etc., etc.

- Li, nesta época, o livro do extraordinário Vitor Hugo, "O Corcunda de Notre Dame" com o qual me identifiquei profundamente, pois a história é a do corcunda que se apaixona por uma dançarina cigana que lhe dá água depois de ser torturado em meio à praça na frente da Igreja de Notre Dame em Paris. O padre (Dom Cláudio Frollo) que era o dirigente dos rituais desta igreja, estudava ocultamente os antigos mistérios e se dá conta de repente de que aquela dançarina (Esmeralda) por quem se apaixona totalmente, representava o eterno feminino que era o que sempre faltava para o real conhecimento da realidade no mundo. No final do livro, fica evidente, o quanto este amor do corcunda (Quasímodo) é a realidade maior perante o dia a dia comum na vida de todas as pessoas.

---

[42] Peço desculpas, mas não posso deixar de citar o fato, para mim extremamente chocante, de que um torturador na ditadura militar brasileira que se iniciou em 1964, usava justamente essa música como fundo musical para a tortura de mulheres! (Tive que respirar fundo depois de ter escrito isso).

1966

- Trabalhando como professor do curso de Madureza, inicio meus estudos no cursinho, tendo grande contato com os professores que depois fundaram o Objetivo, um curso pré-vestibular resultante da união de professores dos dois cursinhos mais atuantes em São Paulo, o Cursinho Nove de Julho e o Cursinho Brigadeiro. Em outubro deste ano, o Cursinho Objetivo iniciou suas atividades e no mesmo dia os dois cursinhos foram a falência. Foi um golpe muito bem engendrado por estes professores. Participei de aulas avulsas do curso Objetivo que não me cobrou nada por isso.
- Fiz os exames do vestibular e entrei na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da USP, conformado com o fato deste curso ser noturno, o que me permitia continuar trabalhando, mas também conformado com o fato de que eu não poderia cursar a Faculdade de Medicina por ser uma faculdade de horário integral diurna e, até com aulas noturnas.

1967

- Faculdade de Farmácia
- A entrada na Universidade de São Paulo abriu um grande portal de expressão cultural em vários níveis. Rapidamente eu me liguei ao movimento político estudantil tendo como foco uma proposta de reforma universitária, no sentido da universidade estar mais presente no dia a dia da comunidade. Estive em várias reuniões com as lideranças deste movimento com as quais tive várias discussões, percebendo que a maioria destes estudantes não tinham uma visão real do mundo do trabalho e do quotidiano da classe trabalhadora. No entanto, apesar destas discussões eu me vi amplamente vinculado à uma ação na vida política, buscando campos de atuação possíveis para mim. A experiência de ter vendido roupa nos bairros periféricos de Santo André, do contato com as tantas pessoas destes locais e, por outro lado,

estar trabalhando no centro de São Paulo, onde iniciei minhas atividades no cartório, o 15º Tabelionato, primeiramente como "office-boy" e depois como datilógrafo, me deu uma noção muito prática do que as pessoas viviam no trabalho, da forma como vinham e saíam do trabalho, dependendo de um transporte público, em geral, muito ruim, e, ainda com os problemas da alimentação em barzinhos e restaurantes populares. Outro aspecto importante foi meu contato com os mendigos e com as muitas pessoas que viviam nas ruas, dormindo em vãos de vários prédios ou mesmo nos bancos de jardins públicos. O encontro com estas pessoas me trouxe lições inesquecíveis das muitas formas de compreender as várias questões que afetam as pessoas e a comunidade em geral.

Chegar com isso na universidade, onde as lideranças estudantis vinham da classe média alta ou mesmo da elite financeira do país, foi um choque de percepção de como a sociedade se organiza com suas contradições e propostas que não atingiam o núcleo dos problemas.

Houve portanto grandes aprendizados!

1968

- Faculdade de Farmácia – Grande atuação no movimento estudantil

1969

- Com o apoio de um médico que tratava de minha mãe, decido usar uma poupança que tinha feito para comprar aparelhos e montar um laboratório de análises clínicas. Havia o sonho de pesquisar e fabricar medicamentos que levassem o corpo a uma melhor performance possível em vez da supressão de sintomas muito comum na medicina alopática.

- O laboratório de análises clínicas seria uma base para a pesquisa enquanto simultaneamente financiaria todo o projeto. E, ainda me pediram para organizar um Banco de Sangue, o que eu

fiz com muito sucesso. Mas eu ainda não conhecia a “máfia” dos laboratórios de análises com toda distribuição de porcentagens aos médicos que os indicavam. Quando descobri tudo, justamente num hospital público, ligado à Igreja Católica, abandonei o projeto, vendi os aparelhos e continuei dando aulas em cursinho.

- No final deste ano casei com a Áurea, mãe de meus filhos. Éramos muito jovens sem experiência alguma e o casamento se deu como forma de tentarmos criar um caminho novo em nossa vida que estava bastante perturbada por várias situações particulares nas famílias de origem e nas possibilidades de expressão de nossa afetividade.

1970

- Este foi um ano muito intenso, um exemplo de um processo de intensificação que me levou a importantes descobertas:

- Foi neste ano que, na Faculdade de Farmácia, dei aulas ao professor César Ades, pesquisador da Faculdade de Psicologia da USP. Nestas aulas, dadas ao professor César Ades, tivemos uma intensa interlocução sobre como o comportamento pode ser afetado e quais as consequências do uso das drogas entre jovens. A partir destas conversas, o professor César Ades me convidou a prestar a vestibular para a Faculdade de Psicologia, para então trabalhar com ele nestas pesquisas. Então só cheguei ao bacharelado em Farmácia e Bioquímica e em 1971 iniciei a Faculdade de Psicologia.

- Mas neste ano, depois de ser professor do “cursinho” Equipe, iniciei como professor de Química e Biologia no “cursinho” Objetivo, dando aulas para salas com mais de 150 estudantes.

- Por outro lado, fui participar de um grupo de teatro ligado ao Teatro Oficina fundado pelo ator e diretor José Celso Martinez Correa, com quem aprendi muito realizando a série de exercícios de teatro sugerida por Grotowski.

- Neste grupo, a Áurea, minha esposa, conheceu o Reinaldo, um rapaz alegre e bastante atuante como jornalista. Os dois acabaram por ficar juntos e ocorreu então minha separação após dez meses de casamento.
- O desmontar o apartamento que tínhamos estabelecido foi um desmonte de toda uma jornada de vida. Doei alguns móveis, levei outros para a casa de meus pais, mas o ato simbólico mais forte foi colocar quase 800 livros, alguns muito raros no meio da praça na Vila Buarque, perto do SESC, como forma de dizer, para que? O que significa ler tantos livros se sua vida afetiva se quebra dessa maneira tão intensa? Estavam lá os Diálogos de Platão, as obras de Kant, Bion, algumas de Freud, a Divina Comédia de Dante, etc. Só não coloquei as obras de Nietzsche, Guimarães Rosa, Exupèry...
- Depois disso resolvi fazer a viagem de carona que me levou de São Paulo até Manaus e a volta para São Paulo. Foi um mergulho fundo no Brasil e, simultaneamente um encontro profundo comigo mesmo. Resolvi nessa viagem que eu queria uma reordenação de minha vida, pedindo para ser chamado a algo novo, uma escola, uma ordem filosófica... E foi aí que entrei na Escola Waldorf como futuro professor do Ensino Médio, tornando-me, muito jovem, por ausência de alguém mais velho, o coordenador deste Ensino Médio. Troquei um ganho mensal médio de Cr$ 4.000,00 por um salário na Escola Rudolf Steiner de Cr$ 670,00 com a certeza de que dei um grande passo para me tornar um verdadeiro professor. E isso se confirmou pelo enorme aprendizado do que é ser professor, do que é acompanhar adolescentes e crianças num processo de crescimento físico e cultural.
- Foi também nessa viagem pelo Brasil que tive encontros com pessoas das mais diversas origens, experiências sexuais com algumas mulheres, o que me livrou de quaisquer modelos de como devemos nos comportar, de como devemos nos conduzir...

1971

- Cheguei de minha viagem no início de fevereiro e já tinha prestado o exame vestibular entrando na Faculdade de Psicologia.
- Foi então que a Áurea me procura para retomarmos o casamento, confessando estar grávida. Assumi imediatamente feliz porque eu estava retomando um caminho que eu havia estabelecido. A mim me pareceu como sendo um reconhecimento, mesmo sabendo que ela estava fazendo isso porque o Reinaldo teve que fugir do país, devido às perseguições da ditadura.
- Logo em seguida a isso, eu estava iniciando o Ensino Médio na Escola Rudolf Steiner de São Paulo, na época ainda Escola Higienópolis.
- No final do ano nasce, agora meu filho, Rafael. Foi para mim uma vivência extraordinária. Acompanhar o parto, o nascimento deste meu primeiro filho, teve um papel de emancipação, de superação. Agora sou pai, sou um homem responsável por alguém tão importante em minha vida. Ter assumido esse filho foi um ato de intensificação interna e externa que me fez descobrir as muitas possibilidades de uma real participação na comunidade humana.
- A partir daí passei a estudar com muito afinco o que era a Antroposofia e, rapidamente descobri o movimento essencial desta proposta que é o Goetheanismo, surpreso com o fato de que a maioria dos profissionais atuantes neste meio, mal conhece esta proposta fenomenológica essencial. Tive que me deparar com o fato de que as pessoas se ligam a um movimento mais por aspectos exteriores do que por seu motivo (no sentido do que move, do que mobiliza como elemento essencial e responsável). Descobri a necessidade que as pessoas tem uma “consolação metafísica” pelo aspecto aparentemente espiritualista que a Antroposofia pode mostrar. Por isso procurei outros fundamentos, outros grupos que estudavam e achei pessoas muito mais elaboradas que me ensinaram estes fundamentos que

nascem do trabalho de Rudolf Steiner na elaboração do Goetheanismo e da Filosofia da Liberdade.

1972

Minha vida familiar foi muito intensa pois eu ajudava a Áurea em todas atividades caseiras, chegando a lavar fraldas, trocar meus filhos, preparar mamadeiras, colocar para dormir, etc., etc. No final do ano, dia 30 de dezembro nasce meu filho Ariel que veio para mim como a confirmação do estabelecimento de minha família própria, o que, depois se afigurou para mim, em função da quebra do casamento, como sendo uma ilusão. O que é mesmo uma família própria?

1973

Continuo neste ritmo com grande atuação nas reuniões de professores da Escola Rudolf Steiner de São Paulo.

1974

- Neste ano ocorre com maior clareza a crise que havia em meu casamento o que estabeleceu em mim a polaridade entre um modelo social e os fatos que contrariam o modelo intelectual. A Áurea decide fazer um aborto que teve grande repercussão em minha vida interior, na medida em que negava a formação do que antes compreendi como sendo o estabelecimento de minha família própria. Convivo até hoje com as consequências internas deste aborto, o que percebi ser muito raro entre os homens.
- Termino o ano como Bacharel em Psicologia, vindo depois a me tornar psicólogo alguns anos mais tarde quando fiz o 5º ano de Psicologia.

1975

Inicia-se com minha coordenação um Grupo de Estudos do Jardim das Amoras, que mais tarde forma a base do Colégio Micael, fundado por minha insistência em dar coragem ao grupo

para que se tornasse um grupo de trabalho, além de Grupo de Estudos. Adiante tem mais dados sobre esta caminhada.

1976

- Nasce meu terceiro Michael, enquanto estou envolvido profundamente com a fundação do Colégio Micael.

1977

Provavelmente o ano de maior intensificação em minha vida em função do Colégio Micael.

1978

Fundação do Colégio Micael, após doação de minha própria casa para a compra do terreno desta escola.

1979

Viagem para a Alemanha, representando o Colégio Micael no 1º Congresso Internacional de Pedagogia Waldorf.

- Inicio alguns trabalhos com Daniel Burkhard ministrando aulas sobre os Ritmos Biográficos, em consultorias empresariais.

1980

Grandes conflitos com o meio antroposófico.

1981

Os conflitos só aumentam resultando na decisão de me afastar do meio antroposófico. Aqui compreendo ser interessante contar o seguinte:

Quando comecei a contar estórias para meus filhos, com base nos contos dos irmãos Grimm, foi fundamental encontrar os contos cujo núcleo é o “do alfaiate que se tornou rei”. Eu me identifiquei imediatamente com esta imagem, pois é como eu

me sentia e, muitas vezes ainda, me sinto até hoje, me percebendo agora com fundamentos bem mais tranquilos. Nestes contos ocorre que um alfaiate se propõe a defender o reino onde ele vive e por sua inteligência e suas muitas habilidades passa a ser um guerreiro que se torna chefe dos exércitos e daí passa a ser aclamado rei. No entanto, é um rei sem requinte, sem seguir as tradições da nobreza e, apesar de se manter sempre limpo e aprumado, mostrando atitudes sérias e corretas para exercer um bom reinado, aparece exatamente como uma figura exótica que fica isolada e nem atrai as princesas ou as outras mulheres do reino que inclusive, entre elas, falam mal dele por ele não ter a educação adequada para sentar à mesa, participar das festas, dançar, etc., etc.

Pois bem: Esta imagem parece vir bem ao meu encontro, no sentido de que sempre vivi em polaridades evidentes, em dois mundos simultaneamente, e, ainda, inclusive no sentido de que todas as demandas e discussões que a nobreza preza não são suficientes para que haja um bom reinado, precisando do alfaiate, mas não o incluindo no círculo dos mais íntimos... O alfaiate é aquele que trabalha ponto a ponto, amarrando o que fica solto e costurando caminhos e elaborações em todos os níveis, inclusive nos filosóficos. O alfaiate percebe um fazer paciente e sente prazer na elaboração de suas criações. Por isso ele tem as capacidades de se tornar rei e como Rei, assumir a função de se responsabilizar de fato pela comunidade sem necessidade dos requintes da superficialidade, podendo, no entanto, aprender e praticar os requintes da sensibilidade. E este é mais um estímulo para que meu protagonismo pudesse aparecer com maior evidência, o que, para mim, é um ganho considerável no processo de crescimento interior.

Lembrei-me de um fato da história que é bem interessante. Nas várias biografias escritas sobre a vida de Beethoven, conta-se que ele acabou convivendo de certa

maneira com Goethe. Mas este foi um nobre muito bem envolvido com toda a vida da nobreza na Alemanha e Beethoven foi um músico, filho de um músico contratado pelo palácio para tocar nas apresentações, festas e outros eventos. Algumas vezes, Goethe convidava Beethoven para um passeio ou uma festa no palácio e sempre chamava sua atenção para que se comportasse devidamente, pois Beethoven não esperava a passagem de um séquito dos nobres, atravessando no meio do séquito quando queria estar do outro lado e nas refeições à mesa, nas festas, não seguia o protocolo estabelecido, comportando-se exatamente como um "alfaiate que era um rei". Não estou aqui querendo insinuar qualquer comparação minha com Beethoven, mas é uma ilustração que chama minha atenção. Nesse sentido os biógrafos contam que um dia Beethoven procurou Goethe para que este o aconselhasse se ele deveria aceitar o convite de uma loja maçônica para participar mais ativamente desta confraria, havendo a expectativa de que ele, Beethoven, poderia compor peças musicais seguindo a esteira de Mozart que sendo membro da maçonaria compôs o extraordinário concerto "A Flauta Mágica" que está totalmente fundamentado nos rituais maçônicos. Goethe, no entanto, não acolheu Beethoven devidamente e este nem pôde pedir o conselho que ele esperava, provavelmente por não perceber a angústia de Beethoven diante destas questões. Beethoven volta para a casa dele desolado e com raiva de Goethe. Ocorrem, daí, especulações de que a maçonaria e a sociedade em geral, perdeu muito com isso, afastando-se de sua expressão mais ampla e se ativando para os jogos de poder político e econômico. Quem quiser ler mais sobre isso, deve consultar a obra "A Gruta: Memórias da Amada Imortal" (Pró-Libera, 2008) do maestro brasileiro Marcos Menezes.

O "alfaiate que se torna rei" é, assim, talvez, a melhor ilustração de como fui me comportando e inserindo nos diversos meios culturais e sociais no Brasil,

explicitando um personagem que esconde sua presença chegando a atuar decisivamente, por exemplo, na Secretaria de Projetos Especiais do Ministério da Educação em Brasília depois de assessorar várias prefeituras em muitas cidades brasileiras na área da educação, fazendo treinamento de professores, proferindo palestras para psicólogos, médicos, administradores e outros profissionais que lidam com pessoas.

Por outro lado, me inseri ativamente no meio antroposófico, iniciando como professor da Escola Rudolf Steiner de São Paulo, fundando depois o Colégio Micael e assessorando várias escolas Waldorf em várias cidades no Brasil. Depois passei a trabalhar como consultor biográfico que é a atividade principal que exerço até hoje.

No entanto, em todos estes grupos sociais, comunidades e iniciativas, sempre me senti estrangeiro, como se ficasse claro que não tenho pertinência real, intrínseca nesta sociedade... Há, sempre para mim, a constatação de que ocorre uma ação de faz de conta ou mesmo certa inconsciência dos emaranhados que sustentam estas comunidades, impedindo, em geral, a emergência do protagonismo das pessoas.

Essa constatação se confirmou a partir do meu lindo encontro com Ariano Suassuna. Ele me recebeu em sua casa em Recife e me saudou como um judeu errante, do qual tinha certa inveja por eu ser “cidadão do mundo”, enquanto eu o saudava, também com certa inveja, como um protagonista que emergiu brilhantemente de seu meio social com todas as amarras típicas que este meio tem. E foi um reconhecimento mútuo que tivemos, um do outro, nas várias conversas sobre seu livro “Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”. E este reconhecimento se confirmava nos vários encontros e conversas posteriores!

Cabe aqui, então, situar minha experiência como fundador do Colégio Micael que fica no Jardim Boa Vista, altura do Km 16,5 da Via Raposo Tavares em São Paulo.

Fiquei fascinado com a Pedagogia Waldorf e, desde o início procurei os fundamentos metodológicos desta pedagogia e tive a surpresa de que ninguém sabia me dizer com melhor precisão o que eram estes fundamentos. As pessoas tinham, como ainda muitos hoje tem, a impressão que Rudolf Steiner tinha a visão total da Pedagogia Waldorf pronta em sua consciência. É claro que ele tinha uma visão abrangente mas a elaboração do dia a dia foi sendo realizada por muitos professores que em contato com Rudolf Steiner foram estabelecendo o plano de ensino, a evolução curricular, insights de formas de ensinar, etc., etc. Só conheci melhor os fundamentos metodológicos com um pastor da Comunidade de Cristãos que conhecia profundamente o Goetheanismo, o que, por incrível que pareça, como já disse antes, não é muito comum no meio antroposófico.

Outro aspecto é o da Antroposofia que exige uma postura profunda de realização da Renovação das Antigas Escolas de Mistérios e que, no entanto, ainda está muito ligada às formas exteriores destes antigos mistérios. Sobre isso há um enorme trabalho ainda a ser feito e, por isso, o meio antroposófico é avaliado como sendo um movimento sectário, místico, o que, de fato acontece na maioria de suas iniciativas.

E, finalmente, preciso enfatizar que a primeira escola Waldorf foi realizada com todo o apoio do sr. Emil Molt, dono da Fábrica de Cigarros Waldorf, sendo portanto uma escola totalmente financiada por ele, mas que na época tinha custos muito menores do que os custos das escolas Waldorf atuais. Há hoje, no mundo inteiro, a discussão do porque as Escolas Waldorf se tornaram tão caras!

O que quero aqui enfatizar foi que minha intensificação neste movimento e que me levou à decisão de fundar uma escola me permitiu um ritmo de trabalho enorme que, em geral, ocupava vinte horas de todos os meus dias incluindo os fins de semana.

Um bom exemplo de intensificação ocorreu quando vários pais de alunos deste jardim de infância se interessaram em estudar a Antroposofia e organizamos um grupo de estudos coordenado por mim. Este grupo de estudos rapidamente se metamorfoseou em um Grupo de Trabalho pois a falta de vagas para o primeiro ano na Escola Rudolf Steiner motivou muitos pais a pensar na fundação de uma nova escola. Então, pela minha experiência em várias atividades, passei a coordenar as muitas reuniões deste grupo de trabalho e, principalmente por ter sido auxiliar de escrevente no cartório de notas, onde trabalhei em minha adolescência, concentrei meu trabalho na organização dos documentos necessários para uma nova escola, o que implica em Plano de Ensino, Organização Administrativa, Plano Curricular, etc. que acaba sendo a elaboração de alguns processos com mais de 100 páginas cada um. O meu grau de entusiasmo e de participação neste processo fazia com que eu trabalhasse uma média de 20 horas por dia (eu mal dormia) sem me sentir cansado. Minha produção cultural nessa fase foi a mais intensa em toda a minha vida, confirmando o princípio de que a ***intensificação*** e a realização em espírito se realiza como ***solução de complementaridade das polaridades.***

Surgiu a necessidade de termos um lugar para a escola e, houve então, o tempo em que alugamos salas na Escola Rudolf Steiner, mas procuramos áreas para serem emprestadas, doadas ou alugadas para a escola. Tivemos algumas ofertas que, na verdade, não eram ofertas reais. Uma delas chamou nossa atenção pois um senhor nos ofereceu uma linda área num loteamento que estava sendo vendido num lindo lugar perto da Raposo Tavares, mas quando fomos verificar tratava-se da área verde

deste loteamento e quando interpelamos o dono, ele disse que ninguém tiraria uma escola de uma área verde. É óbvio que ele queria a escola para facilitar a venda dos lotes.

Daí surgiu outro momento forte de ***intensificação*** pois depois de muita reflexão decidi doar minha casa onde estavam as duas salas de jardim de infância e, como eu não tinha outro local para morar, os pais alugaram uma casa para minha família. Essa doação, realizada com grande entusiasmo, me causou muitas dores de cabeça, fofocas maldosas, mal estares, etc. Houve um dia em que fomos convidados, a Áurea e eu na casa de um senhor que estava apoiando a escola e ele me levou até a garagem desta sua casa, me dizendo que se sentia constrangido pois lá estava um carro esportivo importado, um Mercedez Benz e outro bom carro equivalente a um Volvo atual. Aí ele me disse: "Olhe o carro esporte é um sonho de minha adolescência e chegar a ele foi um longo trabalho, o Mercedez Benz é o carro de minha família e outro carro é da minha esposa. Como faço? Não posso doar nada!" Aí eu tive que lhe dizer que minha doação não queria constranger ninguém e que eu o fiz com muita convicção, sem cobrar ninguém por isso. Certa vez, eu disse que minha doação era um ato livre e tranquilo e que eu tinha como ideal a vida de São Francisco. Aí tive que amargar a fofoca de que eu estava me comparando a São Francisco e estas foram as fofocas mais leves. Houve, como há até hoje, fofocas pesadas, maldosas, que povoam as mentes de pessoas que nunca vieram conversar comigo para saber minhas motivações reais.

Escrevi no Plano Geral do Colégio Micael que essa escola seria um centro comunitário no qual os pais, alunos e professores estariam sendo sempre aprendizes permanentes, participando de encontros com música, pintura, modelagem, aulas de mecânica, eletrônica, seminários biográficos, elaboração de projetos em todos os

níveis incluindo um ativismo político como o próprio Rudolf Steiner exerceu. Por outro lado, havia uma grande ligação com o trabalho da Favela Monte Azul pois eu estava imbuído do ideal de realizar uma escola aberta para todas as classes sociais e a proximidade com a Cidade Universitária tinha também o objetivo de ser esta escola um laboratório de novas práticas pedagógicas, mas principalmente, novas práticas de centros comunitários. Assim, logo que mudamos para o espaço que hoje é o Colégio Micael, subi o morro e fui encontrar as lideranças desta comunidade para propor um trabalho conjunto. Eu estava nesse tempo tendo a alegria de realizar o que tinha proposto para a universidade na época do movimento estudantil e que até hoje se constitui como movimento vivo para propor uma nova organização social e uma nova paisagem para viver.

Com a doação do dinheiro da venda de minha casa houve a possibilidade de comprar de fato uma área e na procura, andando pela Raposo Tavares, fui informado que um senhor japonês estava vendendo esta área e, aí, vim parar no local do atual Colégio Micael e o encontro com este senhor foi para mim uma lição inesquecível para minha vida pois depois que fizemos uma negociação, ele numa conversa particular comigo disse ter aceito nossa proposta, que era muito ruim, pois ele tinha prometido ao pai que esta área seria uma escola. Ele tinha três ofertas que lhe pagariam muito melhor e quando ele me contou isso, chorei muito e me arrependi de querer ser esperto na negociação com ele.

As fofocas, mal estares posteriores e maquinações politiqueiras me desgastaram muito e, finalmente, depois de fazer o levantamento da área do Colégio Micael, usando teodolito e fazendo os mapas, sob orientação do professor Gabert, depois de enormes trabalhos que incluem toda a mudança de móveis e objetos e tantas outras coisas, além de desenhar com o arquiteto Bernardo Blanco um desenho artístico do

prédio da escola que serviu de base para uma arquiteta fazer o desenho técnico das plantas de construção, fui “convidado elegantemente” a abandonar essa escola o que quase me custou uma doença muito grave, até porque tive que sair com minha esposa e filhos. Hoje agradeço por tudo isso. Aprendi muito e tenho ideia como deve ser fundada uma escola e como lidar com os tantos interesses.

Esta experiência é a mais significativa de um processo de ***intensificação*** total de meu ser e que me demonstrou o quanto ocorre como que um rejuvenescimento que só não foi adiante devido às decepções sofridas.

Mas o viver esta experiência me deu as condições de outras intensificações com grau bastante grande em que pude constatar mudanças profundas inclusive em minha expressão física.

1982

- Mudança com toda minha família para São Lourenço, que na época era sede de vários movimentos esotéricos, também porque lá é a sede do movimento que tem o nome de Eubiose. Lá, então, apareceram muitos “Gurus” e eu fui identificado como sendo um deles.

Junto com a Áurea assumimos uma escolinha de crianças que deu base mais tarde para várias outras escolas na região.

1983

Volto para São Paulo, assumindo o cargo de coordenador de cursos do Centro Paulus em Parelheiros na zona sul da cidade. Nesta função realizei muitas viagens pelo Brasil dando palestras para captar público para os cursos.

1984

Continuo neste movimento.

1985

Passo a ajudar meu pai na administração do hotel Leão da Montanha em Campos do Jordão.

1986

Enquanto ajudo na administração do hotel estabeleço uma Clínica com o médico Gerardo Antonorsi em São Paulo. E inicia-se a construção em Campos de Jordão do Centro de Cursos que recebeu o nome de Veredas.

1987

- Separação definitiva do casamento e muitas mudanças internas coincidindo com a inauguração do Veredas. Grande tensão com a relação com o meu filho Rafael que chegou a ter um pequeno infarto.
- Crise de Depressão curada com a decisão de fazer muitos móbiles no mato para reequilibrar-se. Tive medo real de enlouquecer.

1988

- Em Taubaté curso o quinto ano de Psicologia tornando-me definitivamente Psicólogo. Começo de novos relacionamentos amorosos.
-Iniciam-se os Seminários Biográficos que constituem minha atividade principal que exerço até hoje.

De 1989 até hoje ocorrem muitas mudanças mas os fundamentos estavam delineados desde 1987 e 1988, pois ao fazer o sequenciamento dos fatos de uma vida, podemos perceber a unidade, a *presença* que subjaz às várias modificações morfológicas. Esta presença estabelece os momentos ou períodos de intensificação ou polarização dependendo do grau de protagonismo conseguido.

4.3 - Julgamento pelo Objeto – (Pensamento inter-relacionado ao objeto):

Aqui, exatamente caminhando pelo "pensamento inter-relacionado ao objeto" cabe uma observação que pude descobrir em algumas conversas como sendo uma forte tendência minha de relacionar com o Goetheanismo a noção de "Rizoma", fundamento da Esquizoanálise.

As experiências de ***polarização e intensificação***, aliadas a uma vida interior intensa e permanente, expressa em pensamentos, meditações entremeadas de sentimentos sutis sobre o mundo, as coisas e as pessoas, foram configurando uma personalidade intrincada que sempre fazia inter-relações complexas[43] com o mundo, o que me tornou, muitas vezes complicado ou confuso. Com o tempo, no entanto, a maturidade ajudou a descomplicar esses comportamentos.

Assim, nos estudos da psicologia, sempre fui muito interessado pelas elaborações da psicanálise com seus vários intérpretes, especialmente Lacan e com as fascinantes elaborações da Gestalt. No entanto, em relação à Psicanálise mantive sempre uma desconfiança pois os trabalhos e conclusões não levam em conta o que está expresso no capítulo sobre a Configuração Morfo/Antropológica do Ser Humano, embora as análises da cultura tem sido excelentes. Por isso, sem me ligar à Psicanálise, acabo por ler uma a duas obras a cada ano que ampliam em muito a compreensão do fenômeno humano.

Este meu comportamento na busca de compreensão dos fenômenos psicológicos, esteve e está presente na intensa busca de integração de experiências e pensamentos relativas a diferentes fenômenos em áreas complexas da atividade humana, como

---

[43] Complexas não quer dizer complicadas! A complexidade é a qualidade de estabelecer muitos vínculos, percebendo vertentes, algumas inesperadas, entre os fenômenos.

engenharia da resistência e resiliência dos materiais, as questões políticas e econômicas, a compreensão dos fenômenos da história e da geografia e assim por diante. Desde muito cedo em minha vida, percebi que atrás de meus comportamentos externos, havia como que um processo meditativo incessante interno que pode ser relacionado, até certo ponto, com a elaboração do conceito de "rizoma" proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari, que atinge de maneira intensiva exatamente a dinâmica de ir seguindo informações, imagens, silêncios, evitando definições ou explicações e priorizando a fluidez e a paciência no acompanhamento dos processos que os fenômenos expressam. O resumo adiante expressa bem este conceito:

> *A noção de rizoma foi adotada da estrutura de algumas plantas cujos brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, assim como engrossar e transformar-se em um bulbo ou tubérculo; o rizoma da botânica, que tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independentes de sua localização na figura da planta, servindo para exemplificar um sistema epistemológico onde não há raízes - ou seja, proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras - que se ramifiquem segundo dicotomias estritas. Deleuze e Guattari sustentam o que, na tradição anglo-saxã da filosofia da ciência, costumou-se chamar de antifundacionalismo (ou antifundamentalismo, ou, ainda, antifundacionismo): a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas sim elabora-se simultaneamente, a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes observações e conceitualizações. Isto não implica que uma estrutura rizomática seja necessariamente flexível ou instável, porém exige que qualquer modelo de ordem possa ser modificado: existem, no rizoma, linhas de solidez e organização fixadas por grupos ou conjuntos de conceitos afins. Tais conjuntos definem territórios relativamente estáveis dentro do rizoma. Neste modelo epistemológico, a organização dos elementos não segue linhas de subordinação hierárquica – com uma base ou raiz dando origem a múltiplos ramos –, mas, pelo contrário, qualquer elemento pode afetar ou incidir em qualquer outro. Em um modelo arbóreo de organização do conhecimento - como as taxionomias e classificações das ciências - o que é afirmado dos elementos de maior nível é necessariamente verdadeiro também para os elementos subordinados, mas o*

contrário não é válido; já em um modelo rizomático, qualquer afirmação que incida sobre algum elemento poderá também incidir sobre outros elementos da estrutura, sem importar sua posição recíproca. O rizoma carece, portanto, de centro, característica que torna-o particularmente interessante na filosofia da ciência e política, e também para a semiótica e as teorias da comunicação contemporâneas. As propostas topológicas, descrições das condições discursivas, que Guattari e Deleuze propõem a partir dos conceitos de raiz, radícula e rizoma apresentam possibilidades interessantes ao embasamento epistemológico para análise de sistemas. A topologia da raiz alude a uma condição de totalitarismo, despotismo, que se exerce a partir da biunivocidade. "Isto quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo um método espiritual. (...) *É uma condição que estabelece a continuidade de um eixo-tronco ao que ramifica-se dicotomicamente a partir dele e, ao partir dele, a ele retorna em sua continuidade. É uma condição de rigidez teórica e circularidade argumentativa, em que tudo no fim das contas "é porque é" através do retorno ao poder do eixo principal que é exercido sobre suas ramificações. A dicotomia é o exercício do poder totalitário que divide o mundo em ramos binários: os loucos e os normais, os dominadores e os dominados, o bem e o mal, o certo e o errado, o zero e o um. De maneira próxima à raiz estaria a topologia da radícula, imagem da qual a modernidade se vale de bom grado. Um sistema fasciculado que visa aproximar-se da condição das multiplicidades, mas que não alcança nada além de um simulacro das mesmas. Quando se reduz uma multiplicidade a uma estrutura rígida, compensa-se seu movimento ao reduzir as suas leis de funcionamento. Vale dizer que o sistema fasciculado não rompe verdadeiramente com o dualismo, com a complementaridade de um sujeito e de um objeto, de uma realidade natural e de uma realidade espiritual: a unidade não para de ser contrariada e impedida no objeto, enquanto que um novo tipo de unidade triunfa no sujeito. O mundo perdeu seu pivô, o sujeito não pode nem mesmo fazer dicotomia, mas ascende a uma mais alta unidade, de ambivalência ou de sobredeterminação, numa dimensão sempre suplementar àquela de seu objeto."* (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p. 13-14).

Assim, na história de minha vida, fui convivendo com as coisas, pessoas e instituições com a consciência simultânea de acompanhar com a consciência as multiplicidades de posturas e as possibilidades diferentes de compreensão dos fenômenos. Foi me parecendo que ***um fenômeno é ou não é ao mesmo tempo, mas está sendo...*** Mas enquanto está sendo ocorrem sempre diferentes possibilidades de interpretação e de caminhos a serem seguidos.

Por outro lado, relendo recentemente o extraordinário "Sermão da Montanha" no versículo 5, 37: ***"Seja porém, o vosso falar: Sim, sim, Não, não, porque o que passa disto é de procedência maligna.",*** o que significa que não devemos titubear pois nos cabe dizer Sim ou Não e não nos cabe ficar "fazendo média" ou divagando infinitamente de maneira irresponsável. Este fato nos leva a compreender assim que, diante das muitas possibilidades de interpretação e de caminhos a serem seguidos, sempre, em cada uma destas possibilidades e de caminhos, cabe dizer Sim ou Não, ou, então, sem dizer mais nada, esperar!

Ora, isso fui e continuo aprendendo com a minha maturação depois de fazer várias intensificações e polaridades em relação aos comportamentos que poderiam ser possíveis nas diversas circunstâncias.

Essa maneira de pensar e agir é bastante sofrida na prática porque ao perceber sempre as tantas possibilidades, ocorre o medo de afirmar ou escolher uma das tantas. Para isso, no entanto, ajudou muito o estudo mais aprofundado dos fatos.

Seguindo então com Goethe na tentativa de compreender melhor minha história, posso perceber a lenta configuração de uma personalidade complexa que foi firmando um corpo e uma psique ágil tendo algumas formas rígidas por me defender de meus próprios sentimentos, mas que lentamente se dissolvem.

Mas então, o Goetheanismo fundamentado na contínua observação das formas, ou seja, pela Morfologia, mantendo-nos atentos, evita a possibilidade de nos perder em inúmeras elaborações fantasiosas pois a forma e suas metamorfoses constituem os limites para a pesquisa.

Já o processo de polarização e intensificação pode se valer bastante dessa forma "rizomática" de pensar, na medida em que nestas duas formas podemos seguir com grande força na pesquisa das muitas possibilidades de formas que, no entanto, pelos limites impostos pela morfologia, impedem qualquer divagação ou elaborações que levem a uma infinitude irresponsável.

A constatação de que são rizomas factuais e não fantasias, vão nos levando a certezas de que as descobertas possibilitam pesquisas efetivas e que a eficácia no acerto das relações que se estabelecem só depende de uma cuidadosa descrição e desenho das configurações que vão surgindo. Um exemplo, da falta de cuidado que uma forma rizomática de pensar pode causar, é o caminhar dos sentimentos de ternura ou de raiva por uma pessoa que vão se associando com sentimentos de ternura ou raiva por outras pessoas relacionadas com a primeira, causando o acolhimento, ou afastamento ou agressão, ao grupo que se forma em função de todas possíveis relações que se estabelecem... E assim, as pessoas afirmam sem perceber frases do tipo: "Amo essa gente" ou "Odeio essa gente"...

No entanto, no caminhar pelos "rizomas" e "tubérculos" há como que um júbilo silencioso pela diversidade de descobertas das possibilidades de ligações entre ideias e coisas convergentes numa sucessão de ramificações que só aumentam as intensificações nestas caminhadas.

Essa forma de pesquisa é feita até inconscientemente em inúmeras ações como, por exemplo:

1) Levantamento de hipóteses factuais na elucidação de uma trama;
2) Nos possíveis desenhos de um tecido;
3) Nas estratégias de um jogo ou de uma luta;
4) Nas possibilidades de uma viagem;
5) Sequencias de melodias possíveis numa composição musical;
6) Aplicações financeiras possíveis pra um determinado valor monetário;
7) Desenhos possíveis na planta de uma casa, etc, etc.

Em todos estes exemplos, a morfologia possível é o limite, não permitindo que o júbilo leve à divagações e para elaborações fantasiosas.

4.4 - Versatilidade da Intencionalidade da Consciência:

Lembrando que:

Mundo material → se manifesta por suas polaridades

Realidade do espírito → se manifesta por intensificação

Como esse movimento aparece em minha biografia?

Assim quero já de início dizer que desde criança, como é comum em todas as crianças, procurei o movimento para vivenciar as polaridades, procurando intensificar ao máximo essas experiências no sentido de compreender onde e como estou na vida. Ou seja, na expressão material, no mundo exterior, eu assumi as diversas polaridades possíveis, mas quando busquei a realidade do espírito inerente à cada polaridade, fui me valendo da intensificação como, por exemplo, nas elaborações culturais dos vários meios em que participei ou na inserção em determinadas comunidades como nas iniciativas antroposóficas.

E a vitalidade sempre foi ampliada quando eu busquei esta intensificação viva, criativa. Desde cedo percebi que toda intensificação me tornava mais vivo, mais feliz e, principalmente mais jovial!

No brincar havia como que uma atração pelo perigo, provocando lagartos e escorpiões que estavam ao redor de minha casa. Minha mãe, me apavorava com minha relação com estes bichos mas eu ficava um pouco distante da casa para poder perceber até onde eles reagiam às minhas provocações e o interessante é que nunca fui picado por um escorpião ou agredido por um lagarto e, mesmo por uma cobra que era muito comum nestas regiões desérticas.

Mais tarde, já no Brasil, apesar da dificuldade de contato em função de não conhecer a língua eu acabei me envolvendo intensamente com a molecada do bairro em Santo André, formando uma espécie de “clube” e enfrentando “clubes” de outros bairros. E, no início da adolescência acabei participando de uma espécie de “gang” da escola envolvida em tráfico de drogas e roubos de carros, mas nunca usei drogas ou roubei um carro diretamente: ajudava como olheiro que poderia avisar se estava vindo alguém que poderia atrapalhar o roubo ou criar algum problema. Em tudo isso, havia em mim, a vontade de testar os limites e as polaridades sociais, vivendo vários personagens, alguns exatamente polares em relação aos outros. Assim me ligo a um grupo de mais do que transgressão, acaba sendo de perversão pelo fato de praticar roubos e até um incêndio, e, de outro lado, eu sempre fui um aluno brilhante na escola, tirando excelentes notas e ganhando muitos prêmios e medalhas devidas a trabalhos escolares.

Minha família nada sabia destas atividades pois eu falava muito pouco com meus pais sobre a escola ou sobre meu trabalho. Eles estavam ocupados demais com seus problemas.

Depois com o impulso dado pelo sr. Munir que, como falei, foi o alfaiate que de forma didática nos iniciou no ouvir e fruir a música erudita, eu mergulhei intensamente nesta atividade que acabou sendo uma escola profunda de educação estética na minha vida. E, assim foi também no meio espírita onde cheguei a ser um líder muito respeitado, a ponto de muitas pessoas, dizerem que eu era a "reencarnação" de Allan Kardec pois sabia trechos inteiros dos livros de Allan Kardec devido às leituras de toda obra dele.

A elaboração desta tese tem tido como valor, entre muitos outros fatores, a conquista de uma solidez que assume a tarefa de conquistar a sutil harmonia entre prontidão e serenidade perante os muitos desafios do dia a dia, porque venho descobrindo que desde a infância tive certa consciência da ***presença*** em mim, apreendendo que esse ato consciente tem como um de seus impulsos a grande demanda interna de Ser, Ser inteiro sobre o chão e que "autoriza" muitos passos para a conquista do mundo.

Nessa caminhada ficou mais evidente o papel do medo.

O medo me remete à presença que de início tem sido um refúgio, mas que com o tempo se constitui como relicário de cultivo do Eu e da caminhada deste para o Eu Sou. Esta constante volta para a ***presença*** nos primeiros anos de vida, garante a assunção do protagonismo como ação positiva, pró ativa, perante os desafios do quotidiano.

Aqui cabe pontuar que a visão comum dos analistas de que todas essas elaborações podem ser interpretadas como uma fuga da realidade, tem sido uma armadilha para quem fica preso às configurações típicas da visão biológica/sistêmica que analisa os fatos como sendo desdobramentos instintivos ampliados pelas experiências culturais.

Um belíssimo exemplo desta discussão foi dado pelo cineasta mexicano Gillermo del Toro com seu extraordinário filme “O Labirinto do Fauno”, geralmente interpretado como uma elaboração de uma fantasia de uma menina para “fugir” da dura realidade em que ela vivia. No entanto, outra visão, para mim, muito mais real, é que a menina com sua ***presença*** descobre um outro lado da realidade, só acessível para quem de fato assume seu protagonismo diante da vida!

Por isso, para mim e, tenho certeza, para todos que assumem seu protagonismo perante a vida, tem como fundamento e prioridade essa ***presença*** fazendo com que seu comportamento quotidiano seja uma forma secundária de atuação social no mundo. E este fato caracteriza bastante minha performance social na vida.

Assim, ao fazer o sequenciamento cuidadoso dos fenômenos, podemos nos permitir perceber a unidade que subjaz às várias modificações morfológicas e esta unidade, revelada aqui como sendo a ***presença nos dá o fundamento para a observação dos processos em seu contínuo devir.***

E então pude perceber que a diferença entre o grau de manifestação da metamorfose estava revelando a intensificação na manifestação do ser, obedecendo ainda a busca de uma máxima versatilidade da intencionalidade da consciência.

Isso significa que ***cada ser tem em si mais possibilidades de manifestação quando realiza mais intensificações de si mesmo.*** Ou seja, se nos situamos em nossa presença e a partir dela intensificamos cada possibilidade de manifestação abrem-se caminhos infinitos de formas e metamorfoses, podendo algumas ser até desastrosas, o que nos fará apreender muito.

Aqui é preciso pontuar o movimento interno causado pela ansiedade: Quantos erros e descaminhos tive que amargar devido à ansiedade! É surpreendente minha experiência atual com o tempo: Quando eu tinha 30 anos de idade, era acometido

pela pressão da pressa que se dava com a ingênua convicção de que determinada ação tinha que ser realizada “hoje e agora” se não, não seria possível mais! Nesse caminho eu imaginava que quando eu ficasse mais velho, a pressa aumentaria. Mas agora, aos 72 anos de idade, vivo com a sensação e a alegria de que tenho tempo, muito tempo: Nada tem que ser feito em função da pressa ou da ansiedade! O que fica claro é o permanente aprendizado de realizar as coisas, como eu disse acima, simultaneamente com prontidão e serenidade.

E quando este foi o impulso básico, ocorreram outros caminhos vitoriosos na conquista de patamares que aumentaram minha possibilidade de atuação e conhecimento.

É necessário aqui, para completar o olhar de minha vida pelo Goetheanismo, falar um pouco de minha vida afetiva:

Na adolescência minha autoestima, como me parece ser comum entre os jovens, era muito baixa. Eu me sentia feio, inadequado e sem nenhum interesse nas expressões românticas típicas nesta idade. Para fugir de meus medos diante de minha vontade emotiva de namoros e romance, eu vivia em função das emoções elaboradas pela fruição da música erudita e da leitura da filosofia em geral, o que me dava um prazer e uma alegria interna que só conhece quem vive estas realidades.

Meu primeiro namoro ocorreu nos meus 17 anos, com uma garota que agora, senhora, vive em Israel. Durou menos de um ano, mas foi bastante bom para o aprendizado do namorar. Mais tarde tive outra namorada e, depois, finalmente, passei a namorar com a Áurea, que é a mãe de meus filhos. Depois que casamos, quando eu ainda tinha 23 anos e ela um pouco menos de 18 anos, passados 10 meses, enquanto estávamos encenando uma peça de teatro dentro do movimento cultural do início dos anos 70, ela se apaixonou, como já contei antes, e nos separamos, mas poucos meses

depois ela me procurou para reatar nosso casamento, estando, no entanto, grávida deste outro rapaz que foi obrigado a sair do país por ser, na época, jornalista de esquerda... E eu, num movimento de enorme entusiasmo, assumindo uma ***consciente intensificação,*** assumi de novo o casamento. E meu primeiro filho, portanto, não biológico, é o filho dela com este rapaz que já faleceu em função de uma doença grave. Este meu casamento não foi um casamento tranquilo, leve, feliz. Ao contrário, embora não tivéssemos brigas pesadas, não havia um clima de ternura e muitas dificuldades no quotidiano de nossa vida. Logo, no entanto, ela engravidou de mim e assim tivemos mais dois filhos. Quando meu primeiro filho chegou aos 14 anos, o pai biológico reapareceu e ela novamente se separou de mim para assumir um novo casamento com ele. Numa das reuniões nas quais decidimos os termos jurídicos desta separação, ela me chamou de lado e me confessou que nunca, na verdade, teve amor por mim. Essa confissão dela, ao contrário de me magoar, causou uma grande alegria a mim, pois antes eu me sentia menor, incapaz de estabelecer realmente um casamento. Assim, quando ela me falou que nunca me amou, me senti liberto desse sentimento negativo em relação a mim mesmo e, pude, a partir daí, crescer rapidamente na capacidade de relacionamentos em geral.

Foi possível então fazer um caminho bem mais maduro e vivi com muitas fortes emoções outros relacionamentos que foram “eternos” enquanto duraram, mas que me fizeram perceber que a constituição das famílias e os casamentos em geral, são evoluções advindas do sentimento gregário que, em verdade, está muito longe do amor que se vive querendo, de fato, o bem do outro, sem nenhuma vantagem ou recompensa para si mesmo, custando inclusive a total separação e consequente distância de um em relação ao outro.

Nesse sentido acabo de divulgar uma carta que foi entregue ao Professor Bert Hellinger, na qual afirmo que o que ele chama de "Ordens do Amor" eu estou chamando de "Ordens do Sentimento Gregário" quando se referem a uma família.

Embora não pareça, porque sempre disfarcei bastante meus sentimentos e emoções, vivi cada um destes casamentos e relacionamento com muita intensidade, chegando várias vezes a processos muito fortes de intensificação com enormes arroubos de paixão. E percebo em mim, um fundo aprendizado do que, de fato, pode-se chamar de amor. Ou seja, o formato deste amor em sua configuração anímica tem um caráter bem diferente do que se chama de a-paixonamento, no sentido de que estar a-paixonado, é estar numa dependência da atenção do outro, porque se perdeu a paixão inerente a si mesmo. Visitando a Zona da Mata no sul de Minas Gerais, perto do estado do Rio de Janeiro, ouvi de várias pessoas a seguinte expressão: "Pôxa, hoje estou muito apaixonado pois morreu um grande amigo meu", ou seja, essa frase pode ser traduzida pela seguinte: "Hoje perdi minha paixão pela vida devido à morte de um amigo meu."

O que vivo hoje, com certa serenidade, é um amor por estas pessoas num formato de interesse, de estar acompanhando, mesmo de longe, as conquistas que desejam. Falo isso sem pieguice, querendo demonstrar, em função da análise goetheanística, que a forma e o conteúdo deste sentimento tem um caráter único, bem diferente do caráter comum dos relacionamentos afetivos. E, se fizermos um estudo morfológico deste estado de sentimento, podemos perceber que esse novo formato estabelece, com muito maior clareza, a relação entre a realidade sensorial que deixa de ser tão imperativa, e, a realidade em espírito, que dá maior serenidade e um aumento de surpreendente amplitude a este sentimento! Esta atitude já vem se delineando desde minha adolescência quando descrevi como eu vivi

internamente minha relação com o amor, mesmo convivendo com a exigência do gozo erótico e simultaneamente a forte demanda interna, ainda inconsciente na época, pela atuação criativa na vida do espírito na Grande Ordem Imanente para ampliá-la, como escrevi no início deste meu relato quando me referi ao pintor ou retratista que busca mostrar a expressão da busca do devir em cada rosto.

Para aprimorar nossas possibilidades de sermos verdadeiros, ou, por outras palavras, para sermos responsáveis de fato conosco mesmos e com os outros, aperfeiçoando nossa habilidade do ser em nós, aparecer de fato, há a contínua necessidade de uma constante auto elaboração, como uma ***intensificação*** consciente!

Ora, esta auto elaboração pode ser feita em qualquer momento de nossa vida, já que, então, retomando agora o tema da maior jovialidade experimentada em cada intensificação, é preciso lembrar que uma árvore, por exemplo, é muito mais jovem nas pontas enquanto sua vitalidade é menor no tronco. Ou seja, nas pontas nascem sempre novos brotos que lentamente lançam um caule, as primeiras folhas e, depois, as flores e os frutos[44]. Assim se expressa uma polaridade viva entre tronco e brotos o que é uma afirmação eloquente do quanto a elaboração morfológica é um estar presente que vai se configurando pela dinâmica permanente entre o passado e o futuro. Esta descoberta da dinâmica na configuração morfológica é que manteve Goethe distante das outras elaborações que buscam uma explicação dos fenômenos e não se permitem verificar que morfologia é um processo vivo de um vir a ser permanente que qualquer explicação pontual esconde na observação.

Mas estes fatos nos levam a um outro aspecto fundamental que é o fato de que sendo o ser humano elaborado pela Neotenia, ele mantém embrionários diversos

---

[44] É interessante pontuar que uma árvore, um arbusto ou mesmo ainda uma planta menor quando tem pouca terra, poucos insumos orgânicos para a sobrevivência, intensifica a produção de novos brotos priorizando a sobrevivência da espécie. Na vida psicológica das pessoas isso também pode ser observado: há como que uma intensificação emocional nos tempos de dificuldades de sobrevivência e a procura de uma forma de se perpetuar...

órgãos de seu corpo, ***abrindo possibilidades para contínuas configurações morfológicas novas ao longo de sua vida***, mesmo que já esteja em idade avançada. Este fato não é possível nos vertebrados em geral, mormente nos primatas, pois a especialização dos órgãos não permite essa maleabilidade. As consequências desta realidade são surpreendentes: O ser humano pode conviver sempre com as possibilidades morfológicas dadas pela dinâmica entre passado e futuro, mantendo uma vitalidade constante até o final de sua vida.

Ou seja, a auto elaboração contínua pode, em vez de nos desgastar, pode tornar-nos bastante joviais e muito ativos no convívio social, abrindo nossa alma às novas tendências e novas ideias que vem surgindo a cada época cultural. Assim, é emocionante verificar uma pessoa cheia de rugas em função de uma idade avançada, ficar com a pele mais lisa e com o rosto mais iluminado quando está entusiasmada com uma intensificação de seu ser perante a elaboração de uma nova ideia, de um novo propósito em sua vida! E este fato tem acontecido com certa frequência em minha vida, na medida em que participo dos temas fundamentais que afetam a todos nós, desde nosso quotidiano para a sobrevivência pela alimentação e pelo abrigo, até as questões econômicas e políticas que se sucedem continuamente em nosso dia a dia.

Este é o tema básico de Christoph J. Hueck com seu livro “Evolution im Doppelstrom der Zeit” – (Evolução na dupla corrente do tempo) pelo qual demonstra a possibilidade extraordinária de metamorfose e evolução do ser humano, justamente por ser moldável devido à neotenia.

4.5 - Experiência da Evidência:

Com o fundamento acima delineado é que proponho a Antropologia Goetheanística como alicerce para um contínuo evoluir, muito além das perspectivas normalmente dadas em nossa cultura.

O que isto quer dizer?

Assim como tenho percebido em minha vida pessoal, profissional e social, a proposta é apontar possibilidades de realização a partir da assunção do “Eu Sou” como individualidades que se tornam focos de criatividade permanente em todas as áreas de atividade humana, ou seja, as possibilidades na música, na pintura, na escultura, na modelagem dos mais diversos ambientes de convivência e de paisagem, nas diversas tecnologias, na administração de negócios, na elaboração e criação de máquinas, etc., etc., são infinitas.

E então, podemos nos estabelecer como indivíduos que estão sempre elaborando novas formas, novas escritas e novas possibilidades de “design” em tudo que é necessário para a expressão e fundamentação de nossa vida.

CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DO CONHECER

Nestas minhas considerações finais não me furtarei a colocar-me no limiar, no fulcro, no foco dos incêndios, no centro dos furacões... o leitor há de compreender que eu tome, então, duas liberdades: falar desabridamente o que penso e me valer de poetas que me ajudem nesta empreitada!

5.1 – Sobre a *poiésis* e o conhecimento

A *poiésis* na vida em geral, é um fato da grande ordem imanente e nesta tese estou sempre fazendo questão de afirmar essa realidade, deixando claro que para que possamos de fato, elaborar um método científico integral, *não há como não integrar a atividade artística como forma real de conhecimento dos fenômenos e da realidade do espírito.* Pontuar com esta ênfase essa constatação se faz obrigatoriamente necessário pois ainda vigora a postura ingênua de que a arte é uma ação meramente decorativa nas atividades humanas. Mas quem tem maior maturidade com o conhecimento, percebe como a prática da abordagem artística na pesquisa vai formando novos "órgãos" de percepção, cada vez mais elaborados tanto na contínua reeducação dos órgãos dos sentidos, como também na reeducação contínua da atividade do **pensar** em suas diferentes categorias (intelectual, imaginativo, inspirativo e intuitivo), além da atividade do **agir (querer)**, harmonizados pelo **sentir.** Nesse sentido, o pesquisador, longe de qualquer subjetividade passiva, passa a assumir a trajetividade criativa no processo de conhecimento do mundo, realizando definitivamente sua vocação de ser transgressor, e daí necessariamente criativo perante a atividade de mera constatação de fatos[45]. A consequência inesperada desta criatividade é a participação ativa no vir a ser permanente tanto do mundo físico, mas principalmente da realidade do espírito inerente ao todo do mundo.

Aqui então cabe mostrar o quanto o ***ato*** artístico revela fenômenos que não são percebidos apenas pelo pensar intelectual. Assim, as percepções relatadas nas obras de

---

[45] A "mera constatação" dos fatos é ainda a impressão sensorial, a sensação, e não o conhecimento ou mesmo o reconhecimento destes fatos!

Antoine Saint-Exupèry com seu "Pequeno Príncipe" ou "A Cidadela", Richard Bach com seu "Fernão Capelo Gaivota", ou ainda o "Sermão da Montanha" e a obra completa de João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Mia Couto e tantos outros autores... E aqui cabe citar a obra de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin que, estudando as obras de Dostoiévski, as chama de obras feitas com um "discurso polifônico" onde várias vozes se cruzam com diferentes visões de mundo que se combinam num mesmo evento... E então Bakhtin fala de uma vasta literatura como *"lugar de uma práxis carnavalesca*" em sua concepção de *"carnavalização da literatura"*. A ideia é acentuar o sentido da vitalidade no carnaval, onde a liberdade, a igualdade e a abundância predominam – assim:

> *"O núcleo da visão carnavalesca não compreende uma simples sátira, que tem como objetivo somente o divertimento, mas carrega em si a degradação e a regeneração de todos os valores, ideias e coisas. O sagrado e o profano, o espiritual e o corporal, o grande e o insignificante, o alto e o baixo, são aí aproximados e trazidos em toda sua relatividade."*[46]

A citação da obra de Bakhtin aqui ainda tem o propósito de mostrar que nos estudos da linguagem, há muito ocorre a percepção da necessidade de superar um discurso monolítico de dominância intelectual para abrir veredas para a compreensão de fatos que não se explicitam com amplitude com essa forma apenas racional.

Como exemplo dessa forma de expressão, reproduzo nas próximas páginas um trecho de meu livro publicado em 1989, "Psicologia da Metamorfose"; as reflexões começam por uma longa, mas necessária, transcrição do folheto XXX de o *"Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta"* de Ariano Suassuna:

A FILOSOFIA DO PENETRAL

> *"Há muito tempo que eu desejava me instruir sobre aquela profunda Filosofia clementina, para me ajudar em meus logogrifos. Por isso avancei:*
> *— Clemente, esse nome de "penetral'' é uma beleza! É bonito, difícil, esquisito, e, só por ele, a gente vê logo como sua Filosofia é profunda e importante! O que é que quer dizer "penetral", heim?*
> *Clemente, às vezes, deixava escapar "vulgaridades e plebeísmos" quando falava segundo sublinhava Samuel. Naquele dia, indagado assim, respondeu:*

---

[46] Durães, FANI SCHIFFER em seu livro "O Mito de Fausto em Grande Sertão Veredas", pág. 75, citando a obra de Bakhtin.

— Olhe, Quaderna, o "penetral" é de lascar! Ou você tem a "intuição do penetral" ou não tem intuição de nada! Basta que eu lhe diga que o "penetral" é "a união do faraute com o insólito regalo", motivo pelo qual abarca o faraute, a quadra do deferido, o trebelho da justa, o rodopelo, o torvo torvelim e a subjunção da relápsia!

— Danou-se! - exclamei, entusiasmado. - O penetral é tudo isso, Clemente?

— Tudo isso e muito mais, Quaderna, porque o penetral é "o único amplo"! Você sabe como é que "a centúria dos íncolas primeiros", isto é, os homens, sai da "desconhecença" para a "sabença"?

— Sei não, Clemente! - confessei, envergonhado.

— Bem, então, para ir conhecendo logo o processo gaviônico de conhecimento penetrálico, feche os olhos!

— Fechei! - disse eu, obedecendo.

— Agora, pense no mundo, no mundo que nos cerca!

— O mundo, o mundo... Pronto, pensei!

— Em que é que você está pensando?

— Estou pensando numa estrada, numas pedras, num bode, num pé de catingueira, numa onça, numa mulher nua, num pé de coroa-de-frade, no vento, na poeira, no cheiro do cumaru e num jumento trepando uma jumenta!

— Basta, pode abrir os olhos! Agora me diga uma coisa: o que é isto que você pensou?

—É o mundo!

— É não, é somente um parte dele! É "a quadra do deferido", aquilo que foi deferido a você, como íncola"! É o "insólito regalo"! É "o coisico", dividido em duas partes: a "confraria da incessância" e "a força da malacacheta", representada, aí no que você pensou, pelas pedras. Agora pergunto: tudo isso pertence ou não pertence ao penetral?

— Não sei não, Clemente, mas pela cara que você está fazendo, parece que pertence.

— Claro que pertence, Quaderna! Tudo pertence ao penetral! Tudo se inclui no penetral. Entretanto, para completar "o lúdico' você na sua enumeração do mundo deixou de se referir a um elemento fundamental, a um elemento que estava presente e que você omitiu! Que elemento foi esse, Quaderna?

— Sei não, Clemente!

— Foi você mesmo, "o faraute"!

— O Faraute não, o Quaderna! – disse eu logo, cioso da minha identidade.

— O Quaderna é um faraute! – insistiu Clemente.

Como aquilo podia ser alguma safadeza, reagi:

— Epa, Clemente, vá pra lá com suas molecagens! Faraute o quê? Faraute uma porra! Faraute é você! Não é besta, não?

— Espere, não se afobe não, homem! Faraute não é insulto nenhum! Eu sou um faraute, você é um faraute, todo homem é um faraute!

— Bem, se é assim, está certo, vá lá! E o que é um faraute, Clemente?

— Ora, Quaderna, você, leitor assíduo daquele "Dicionário Prático Ilustrado" que herdou de seu pai, perguntar isso? Vá lá, no seu querido livro de figuras, que encontra! "Faraute'' significa "intérprete, língua, medianeiro"! O curioso é que "a quadra do deferido" e o "rodopelo" pertencem ao penetral, mas o faraute, seja "nauta-arremessado" ou "tapuia-arrante", também pertence' Não é formidável? É daí que se origina "o horrífico desmaio", o "tonteio da mente abrasada"! Inda agora, quando pensou no mundo, você não sentiu uma vertigem, não?

— Acho que não, Clemente!

— Sentiu, sentiu! É porque você não se lembra! Quer ver um coisa? Feche os olhos de novo! Isto! Agora, cruze as mãos atrás da nuca! Muito bem! Pense de novo naquele trecho do [47]insólito regalo em que pensou há pouco! Está pensando?

— Estou!

— Agora, me diga: você não está sentindo uma espécie de tontura, não?

Eu, que sou impressionável demais, comecei a oscilar, sentindo uma tonteira danada na cabeça. Pedi permissão ao Clemente para abrir os olhos, porque já estava a ponto de cair da sela.

O Filósofo, triunfante, concedeu:

— Abra, abra os olhos! Como é, sentiu ou não sentiu a vertigem? Sabe o que é isso? É a "oura da folia", início da "sabença", da "conhecença"! A oura causa o "horrifico desmaio". Este leva ao "abismo da dúvida", também conhecido como "a boca hiante do contempto". O abismo comunica ao faraute a existência do "pacto" e da "ruptura". A ruptura conduz à "balda do labéu". E é então que o nauta-arremessado

---

[11]O autor trata toda essa conversa, no que ele chama de "sessão a cavalo", onde estão três personagens, Clemente (filósofo negro-tapuia), Samuel (filósofo ibérico-português) e Quaderna (que aspirava ser o "gênio da raça brasileira). Ao longo dessa obra, os três debatem o que seria o caráter essencial da raça brasileira.

e tapuia errante torna-se único-faraute. Isto é o faraute é, ao mesmo tempo, faraute do insólito-regalo, faraute do rodopelo e faraute do faraute! Está vendo? O que é que você acha do penetral, Quaderna?

— Acho de, uma profundeza de lascar, Clemente! Para ser franco, entendi pouca coisa, mas já basta para me mostrar que sua Filosofia é foda! Mas o que é mesmo, penetral?

— Vá de novo ao "pai-dos-burros". "Penetral" é a parte mais recôndita e interior de um objeto". Mas: na minha Filosofia, essa noção é ampliada, porque além de abranger a quadra do deferido e o rodopelo, o penetral abrange também o faraute, através da subjunção da relápsia! Mas, no momento em que se fala friamente do penetral, tentando capturá-lo em categorias de uma lógica sem gavionice negro-tapuia, ele deixa de ser apreendido! Faça apelo aos gaviônicos restos de sangue Negro e Tapuia que você tem, Quaderna, e entenda que o penetral "é o penetral", que o penetral "é"! O coisico, coisica: os cavalos cavalam, as árvores arvoram, os jumentos jumentam, as pedras pedram, os móveis movelam, cadeiras cadeiram, e o faráutico, machendo e feminando, é que consegue genter e farauticar! É assim que o túdico tudica e que o penetral penetrala - e esta, Quaderna, é a realidade fundamental!"

E, então, não fica claro o quanto o texto poético ou de humor, nos fala muito mais?

Este magnifico texto de Ariano Suassuna, aparentemente louco, "sem pé, nem cabeça", remete-nos diretamente à uma discussão central na história da filosofia e da psicologia. Assim quando procuramos a questão "essencial", "a última motivação", "o momento supremo" que nos leve ao "moto primordial", a "Deus", estamos falando desse "Penetral" como sendo "a parte mais recôndita e interior de um objeto".

Ariano Suassuna, com sua natural picardia e humor, consegue transmitir o questionamento da filosofia com grande ênfase e intensidade, sem, no entanto, falar de uma metafísica ou de uma teoria ou, ainda, de um acesso especial a fenômenos não comuns por métodos ocultos. O que ele espera é a "gavionice negro-tapuia", sugerindo que todos nós, no processo de seguir o trajeto das coisas na vida, nos deparemos com a devoção, o encantamento, com a "oura da folia", que leva à vertigem do "horrífico desmaio" para entender o "pacto" e a possibilidade da "ruptura"! Mas, Suassuna lembra bem que "no momento em que se fala friamente do penetral, tentando capturá-lo em categoria de uma lógica sem "gavioníce negro-tapuia", ele deixa de ser apreendido!" Até porque *"além de*

abranger a quadra do deferido e o rodopelo, o penetral abrange também o faraute, através da subjunção da relápsia!", que assim integrando as diversas polaridades, incluindo ainda o próprio observador ou pesquisador dos fenômenos, evita o domínio polar da atividade neuro sensorial ou da atividade metabólico/motora pela harmonização resultante do ritmo que sente as coisas em sua ocorrência factual!

Ocorre uma transcendência da percepção dentro do mundo em que estamos, exatamente pela atitude de abarcar os fenômenos físicos e não físicos inerentes à realidade. É uma real transcendência conseguida pela capacidade de integração, pela capacidade de conviver com o "penetral"!

No dia a dia comum, mesmo em nossas universidades, ainda ocorre um discurso limitado, de uma lógica ainda ingênua, que por ser assim, não consegue apreender o ato criativo, por estar no polo apenas racional da realidade. Talvez seja por isso que muitos professores na academia estejam com uma insatisfação constante perturbada ainda por uma série de exigências burocráticas para atender os protocolos de conduta deste mesmo racionalismo que não consegue chegar a esta "oura da folia" que abre os portais para a amplidão do compreender uma totalidade que integra os polos e num processo de respiração e circulação abarca o todo de um fenômeno. Assim, por não encontrar o caminho para o "penetral", por não poder conviver com a saborosa "inquietude criativa", tão fundamental para o verdadeiro pesquisador, estabelecem a teoria, uma elucubração que decreta a inacessibilidade ao "penetral", a implenitude constante como a única realidade possível! Fica, desse modo, instituída a eterna carência, a falta, a vontade insaciável que, talvez, só se resolva na pulsão da morte que, afinal, acaba sendo a mesma coisa, "A Coisa"!

Esses mesmos autores, em várias ocasiões, buscam uma identificação entre o "prazer máximo da vida intra-uterina" e o "Gozo Místico" explicitado como exemplo em obras como as de Santa Tereza D'Ávila, Mestre Eckhardt e outros. Propõem, então, dentro de um discurso intelectual, a possibilidade de transcendência ou por uma liberação "irracional" de nosso material reprimido ou por uma sublimação "superior" como a vemos na Psicossíntese de Assagioli. Mesmo a arte passa por esse pobre crivo analítico da lógica sofisticada, mesmo acrescida de suas muitas reformulações. Assim, mesmo Lacan com sua conhecida bandeira de "retorno a Freud" faz uma releitura brilhante, mas embora reconheça o papel da arte como caminho de superação da limitação imposta pelo intelectualismo, acaba por manter-se no mesmo raciocínio, embora mais elaborado, pois termina por construir um edifício teórico apoiado na moderna lógica linguística fazendo contínuas relações com a lógica matemática. Há momentos de brilho, de criatividade única, nos estudos topológicos que, quando não ficam

restritos às análises geométricas racionalistas podem libertar-se para o encontro com o "penetral".

Já a psicologia junguiana, com bases no amplo conhecimento da mística e das novas proposições metodológicas, denuncia a pobreza intelectual, mas como a Psicossíntese, estabelece uma formulação eclética que acaba por dividir a "psiquê" entre a imperiosa necessidade de individuação e a saudade da relação meramente instintiva/intuitiva com a vida.

Há como que uma dificuldade em ultrapassar o abismo de nossa época, o que provoca o apego a imagens sincréticas do passado!

Há que refazer. Falta a arte! O depoimento do artista é mais amplo que a discussão intelectual. Suassuna: colocando o "faraute", o humano, no centro do processo de descoberta da realidade, encontra na atitude trajetiva a postura objetiva que, por incluir o subjetivo, vai além. E, quando lemos, por exemplo, a obra de Santa Tereza D'Ávila, "O Castelo Interior", percebemos a proposição de passos, graus, as chamadas "Sete Moradas", que implicam em estágios, patamares nos processos de autoeducação, para o aprendizado contínuo de harmonizar no passo a passo das descobertas, possíveis sínteses que vão compondo o que possa ser chamado de realidade.

Há hoje uma instância de aprofundamento, pois após o desencanto ainda vigente, o momento social torna oportuna uma postura que transcenda as limitações elaboradas em gabinetes distantes das reais necessidades humanas. Paulo Freire, depois de realizar uma análise da linguagem usada em teses cientificas, chegou à interessante conclusão de que o pensar, chamado de cientifico, tem sido apenas um forma de dar maior rigor ao senso comum! Ora, esse senso comum, fundamenta-se em modelos utilitaristas, de fácil consumo, onde o simplesmente fruir, num contínuo hedonismo, é a meta de vida.

Não sejamos, no entanto, cruéis. A um bom observador, em todas pessoas existe um busca genuína de um ambiente em que o pensar a ética e a estética esteja compatível com a emergência do humano no homem! Mas o conflito gerado por este abismo que instaura a impossibilidade do pleno conhecimento, do amor e da realização humana, carece, para ser superado, de caminhos não convencionais. Nesse sentido, é preciso, com uma urgência "urgentíssima", reintroduzir na filosofia e no discurso cientifico, uma visão estética no método, um texto novo, entremeado de linguagem mais solta, poética, entrelinhas novas que demonstrem a demanda de cada um de nós para ser. Há cada vez mais a demanda de trazer o elemento feminino, dos cantares e das rodas de conversas de mulheres enquanto fiam e tecem. Nas comunidades, são elas (as mulheres) que estabelecem o ritmo de atividades, integrando o elemento masculino e as crianças como participantes dos atos de elaboração e organização

necessários para o conhecimento das necessidades e as formas de suprí-las. Essa demanda é seguida, sempre (observe-se as manifestações populares), de algum ritual, algo festivo, que ou procede da cultura expressa no folclore, ou é, necessariamente, um processo criativo, tendo portanto intimidade com a estética e a expressão artística.

É claro que essa tese não é nova. Mas precisamos rever o processo histórico que levou o conhecer para essas consequências de terem ficado à parte das necessidades quotidianas da comunidade.

A questão é que a maneira oficialmente aceita de atuação, foi, e ainda é, muito determinada por um domínio inteligente e sofisticado de forças anêmicas que ao longo do tempo provaram que, no fundo, não gostam da vida. Afinal, domina a ironia, um pobre cartesianismo e a pálida objetividade que tem como precursores pessoas esguias e melancólicas como Kant, um homem que nunca saiu de sua aldeia, Kõenisberg: não se deixou "dominar" por uma grande paixão, e, passa a afirmar que o conhecimento real só existe em nível de representações mentais. Ora, o que se pode esperar dessa personalidade na vida! Em nome de uma estreiteza moral de homens ociosos, sedentários, sem uma paixão real e sem genuíno interesse por tudo que é vivo, criou-se uma pretensa base científica, um edifício de ideologias que acabaram por expulsar da universidade o vibrante apelo da alma poética, da alegria criadora que nasce do trabalho, da exatidão e clara contemplação dos fenômenos!

Não podemos mais aceitar esse triste reducionismo que transformou cores e música em meras sequências de comprimentos de onda! Pasolini, citado por Michel Lahud, nos brinda com as seguintes palavras, trechos de alguns escritos seus:

> *"Quando faço um filme, ponho-me em estado de fascinação diante de um objeto, de uma coisa, de um rosto, dos olhares, de uma paisagem como se se tratasse de um engenho onde o sagrado estivesse na iminência de explodir". "Alimento um ódio visceral, profundo, irredutível contra a burguesia, contra sua suficiência, sua vulgaridade; um ódio místico, ou, se preferir, religioso (...) por burguesia não entendo tanto uma classe social quanto uma verdadeira doença. Uma doença muito contagiosa (...) O burguês - digamos espirituosamente - é um vampiro que não fica em paz enquanto não morde sua vítima no pescoço, pelo puro, simples e natural prazer de vê-la se tornar pálida, triste, feia, desvitalizada, disforme, corrompida, inquieta, cheia de sentimentos de culpa, calculista, agressiva, terrorista, tal como ele mesmo".*

Essa massa de pessoas é manipulada por um sistema consumista que chama de realidade uma série de meias-verdades, que formam valores médios, fortes porque irreais, iludindo em especial os jovens que perderam o vínculo com a vida manifesta, concreta. Continuando com Pasolini:

> *"(...) no final dos anos 60 - quando começava a triunfar a irrealidade da subcultura do "mass média" e, portanto, da comunicação de massa·-, o último baluarte da realidade parecia ser a dos corpos "inocentes" com a violência obscura, arcaica, vital de seus órgãos sexuais. (...) No seu próprio corpo, os jovens do povo vivem a mesma dissociação aviltante, cheia de falsa dignidade e de orgulho estupidamente ferido, que os jovens da burguesia. (...) O desejo ansioso e conformista de serem sexualmente liberados transformou os jovens em pobres erotomaníacos neuróticos, eternamente insatisfeitos (precisamente porque sua liberdade sexual não foi conquistada, mas oferecida) e, portanto, infelizes."*

Acontece que os valores burgueses falam muito em amor pela vida. Mas o amor é confundido com a posse. Assim, não amam propriamente a vida, mas querem ser proprietários dela! Os cientistas querem o controle da natureza e não a descoberta de sua poiésis, de sua ordem e dos portais que se abrem para o efetivo conhecimento da vida.

No entanto, na arte, na ciência e na filosofia não faltaram expoentes que denunciaram essa interferência dos fracos e medrosos. Já há muitos anos ouvem-se em várias conversas sérias, mas informais, a denúncia desta problemática. A exigência de um protocolo racional mais fácil para uma pessoa metódica, sedentária, acaba por ocultar a vitalidade e o júbilo dos descobridores que convivem com a alegria e com a celebração das descobertas daqueles que estão no movimento da vida e do mundo com um todo.

Berzelius, um homem de laboratório, alicerçado na tradição prática da química, responsável pela maioria das fórmulas, atualizou a simbologia dos elementos químicos não se deixando, no entanto, dominar por uma estrutura matemática na formulação da Teoria Atômica da matéria, advertindo a limitação que esta visão meramente matemática, sem a base da atividade de laboratório, impunha à pesquisa cientifica. Então num período de mais ou menos dez anos, Berzelius estudou em torno de dois mil compostos químicos, descrevendo vários elementos químicos até então desconhecidos, como o cério, selênio e o tório. Isolou o silício, zircônio e o titânio. Assim deve-se a ele a estruturação da atual notação química e a introdução dos conceitos de isomeria, halogênios, ação catalítica e radicais orgânicos, o que

faz dele, junto com John Dalton, Antoine Lavoisier e Robert Boyle um dos fundadores da Química Moderna[48]. Já no final do século passado, muitos cientistas chamaram a atenção para o fato de que com a visão atomística, a matéria passou a ser abordada como uma estrutura matemática, baseada assim em modelos abstratos que esquecem a feição global quantitativa e qualitativa. Na medida em que a matemática, com sua lógica intrínseca, é o único ponto de apoio, é comum a confusão entre evolução cientifica e tecnológica. O real conhecer é confundido com habilidade técnica!

Mozart, Beethoven, Michelângelo, Debussy e tantos outros lutaram até a morte precoce para impor a vitalidade na arte, em contraposição à padrões estabelecidos pela maioria. Também na religião, na filosofia e na psicologia contemporânea, muitas vozes levantam-se contra a forma de trabalhar basicamente com o conceito de redenção ou superação da "culpa" ou com a força amortecedora de uma "explicação" que, no fundo, apenas justifica a falta de coragem de assumir formas novas e realmente libertadoras do humano no homem. É difícil conviver com o fascínio e abertura da experiência humana. O homem médio, procura o refúgio de uma sistematização lógica.

Na obra genial de Antoine Saint-Exupèry, que não teve um cunho acadêmico, encontramos afirmações e sentenças que, sempre que citadas, provocam, entre todos que ouvem estas citações, um silencioso acordo, por uma espécie de compreensão tácita, de que estamos falando de algo essencial.

É preciso, portanto, seguir outros caminhos!

No século XVII, vemos nascer na Europa um movimentado artístico, vivo, com irradiação para todo o mundo, que se caracteriza por dar um impulso totalmente novo para o cultivo da vida interior. Já que esta não tinha lugar mais na universidade e nem encontrou aconchego real na mística e mesmo nas confissões instituídas, especialmente a Igreja, ela pôde encontrar sua plena expressão na arte. Ou seja, o questionamento e experiências que o homem buscava na religião ou na ciência, ele encontrou agora na expressão artística! Nesse movimento tão importante ocorre o germe de uma nova postura que dá uma luz revolucionária à metodologia cientifica49. Este germe sobrevive com muita força em meios

---

[48] Myriam Krasilchik, "Berzelius" in: A grande aventura da descoberta cientifica: Editora Abril e Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino e Ciência (FUNBEC), 1971.

[49] É interessante pontuar que a partir do século XV, os europeus exploraram com suas expedições, principalmente pela navegação, locais e culturas com os quais, apesar da violência, com seus vergonhosos latrocínios, apreenderam formas novas de expressão, e, ainda, trouxeram inúmeras riquezas como ouro, prata, especiarias, etc., que deram fundamento financeiro para a emergência desse extraordinário movimento artístico que se colocou como uma nova alternativa de expressão que traz novas bases para o conhecer a realidade, incluindo a emergência dos assim chamados "Novos Mistérios" que surgem como forma revolucionária diante

não-oficiais, pois na universidade padronizada foi atropelado pela trôpega falsa objetividade a serviço do poder.

Houve assim, na história mais recente, uma nítida falência do pensamento criador que só tem sua salvação na arte, que por sua própria natureza sempre está acima dos valores médios. O que está contida na arte, além é claro, de toda sua expressão, é a proposta de que a Estética deveria, sempre, ser orientadora do método, pois seu núcleo, a atividade criativa, é um constante exercício de formalização sem o perigo da estagnação ou vínculo com ideologias nascidas a partir de análises intelectuais, o que obrigatoriamente revela sua parcialidade.

Atribui-se a Beethoven a frase: *"Há mais filosofia na música do que na própria filosofia"*. Também João Cabral de Melo Neto nos mostra que a descrição poética, mesmo de uma pedra, é muito mais abrangente:

"Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições de pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la."
(João Cabral de Melo Neto)

5.2 – Sobre a metamorfose:

Na pouco conhecida obra científica de Goethe, há uma idéia-fundamento, um moto básico, a essência do processo criativo, que é o princípio da metamorfose. Esse conceito é diferente do conceito de transformação, transcendência ou sublimação. Metamorfose é um processo que ocorre após longo preparo, após um crescimento lento de um fenômeno que inclui transformações variadas, tendo a característica de não ser linear ou contínuo como o é a transformação. A metamorfose, a passagem da folha para a flor, da larva para a borboleta, do

---

da decadência das antigas "Escolas de Mistérios" existentes em todas as grandes tradições culturais da humanidade.

nascimento da criança para seu sorriso, tem um “momentum” não mensurável, não apreensível pela metodologia comum, pois depende de uma observação artística da realidade. A confusão que normalmente se faz entre as palavras de significados tão diversos, como o são metamorfose e transformação, é devida às dificuldades de percepção dessas sutilezas. Assim, se estes fatos e seus conceitos correspondentes não são apreensíveis pela universidade e nem pela religião, entendendo estas duas instituições como formas oficiais, eles o são, entretanto, claramente experienciados na atividade do artista. Basta viver a criação poética, musical, cênica etc.

Mas para que a ciência seja permeada pela estética, é preciso vencer a ideia medíocre que se faz do equilíbrio.

O que significa ser moderado?

Desde a adolescência ouvimos que o exercício da sabedoria é a moderação, o segredo do famoso “Shangri-lá”. Que triste elaboração que se fez em torno dessa palavra! Dá desespero ouvir a moral burguesa, carente de sensibilidade, propor esse teorema!

Você já viu uma grande personalidade ser moderada?

Michelangelo, Mozart, Beethoven, Goethe, Fernando Pessoa, Santos Dumont, Aleijadinho, lsadora Duncan, Freud, Mme. Curie, Marx, Francisco de Assis e tantos outros caracterizam sua vida exatamente por atitudes desequilibradoras e radicais (foram à raiz das coisas).

Peter Schafer, em sua peça “Amadeus” discute exatamente esse tema quando conta a história de Antonio Salieri, um homem que elegeu a “renúncia”, a “abstinência” e a “moderação”, perante um Mozart, “irreverente”, “egoísta”, “fanfarrão” etc. Salieri pergunta por que Deus elegeu essa “desprezível” criatura com a genial capacidade de compor uma música tão harmoniosa, divina! E toda trama a partir daí, revela a luta desse fraco, moralista, selvagemente prudente e cruel Salieri, contra a sadia vitalidade e criadora alegria de Mozart.

A verdade é que o “espírito de Salieri” domina o *status quo*, expulsando os homens que contribuem para o engrandecimento da liberdade. A história dessa fraqueza é antiga. Já o Helenismo, tão decantado, é, em grande parte, a vitória da mediocridade sobre a atividade desafiadora! Nietsche em 1872, em sua Origem da Tragédia, escreve:

“...O “Deus ex machina” substituiu a consolação metafísica. Não quero dizer que a concepção trágica do mundo tenha sido universal e definitivamente aniquilada pelo esforço do espírito antidionisíaco; sabemos somente que ele teve de fugir do domínio da arte, teve de se refugiar, por assim dizer, no mundo das trevas e de degenerar em culto secreto. Mas, sobre toda superfície do Helenismo, desencadeou-se o sopro devastador deste espírito que se manifesta debaixo desta forma de “serenidade grega”

que defini já como expressão senil e influência da felicidade de viver. Esta serenidade é a paródia da admirável "ingenuidade" dos Gregos antigos que deve ser vista, segundo o caráter que lhe reconhecemos, como a flor da cultura apolínea que emerge do fundo de um abismo sombrio para se expandir como a vitória alcançada pela vontade helênica, graças à sua visão de beleza, sobre o mal e sobre a filosofia do mal. O aspecto mais nobre da outra forma de "serenidade grega", a alexandrina, é a serenidade do "homem teórico": ela apresenta os mesmos sinais distintivos que mostrei serem consequência do espírito dionisíaco. Ela combate a filosofia e a arte dionisíacas, pretende dissolver o mito e pôr em lugar de consolação metafisica, uma consonância física, sim, um "deus ex machina" de sua invenção, o deus das máquinas e dos laboratórios, quer dizer, as forças dos espíritos naturais agora descobertos e utilizados em serviço do egoísmo requintado, crendo que o mundo pode ser endireitado por meio do saber, que a vida deve ser governada pela ciência; enfim, é capaz também de encarcerar o homem individual no círculo estreito dos problemas solúveis, para que ele possa dizer com muita serenidade à vida: "Quero-te; és digna de ser conhecida."

Nessa mesma obra, Nietsche, comentando alguns sonhos de Sócrates, demonstra como este filósofo, esse "homem teórico" viveu com certa angústia a dúvida perante os limites da natureza lógica quando se dedicou "a tal música, embora pouco a estimasse". Observamos então que Sócrates é assim, um representante da tradição "apolínea", da forma, do impulso masculino, do aspecto *animus* do conhecimento. Estamos, no entanto, perante a grande tarefa de resgatar a tradição "dionisíaca", a música, o impulso feminino, o aspecto *anima* desse mesmo conhecimento. Assim como a dinâmica surgida da diferenciação sexual abre caminho à criação, assim a dinâmica dessa radical polaridade entre a arte plástica e a música, a forma e o movimento, abre a possibilidade da individuação humana! Essa individuação não pode ocorrer sem o efetivo resgate e integração do masculino e feminino perante a consciência contemporânea.

Todos filósofos e cientistas que abriram suas mentes para esse resgate e integração deram os passos gigantescos para a emergência do humano, verdadeiramente humano nos atos e no conhecimento da realidade.

É importante dizer aqui que o racionalismo que nasce com o Renascimento, toma seus fundamentos justamente do Helenismo, instituindo dessa maneira as bases de nossa cultura repressiva. A *Anima* fica, então, mais uma vez refugiada na "perigosa floresta"! As bruxas,

feiticeiras e sacerdotisas tiveram que se esconder deste poder cego que atrasou em muito nossa evolução.

Temos que vencer essas barreiras! Chega de moderação, prudência, "valores comunitários bem-comportados" e todos os mecanicismos decorrentes. A derrocada de Bastian Baltazar Bux, no incrível livro "A História sem Fim" de Michael Ende, começa justamente quando a feiticeira Xayíde, aconselha-o a ser prudente. Xayíde, que tem cada olho de cor diferente, diz:

> *"Agora que você tem o cinto que o deixa invisível, está mais bem protegido contra qualquer perigo, disse ela docemente, e isso para mim é mais importante que tudo, senhor.*
> *— Perigo? perguntou Bastian, ainda um pouco confuso.*
> *Que perigo?*
> *— Oh, ninguém está à sua altura, murmurou Xayíde, ninguém quando se é prudente. O perigo está no senhor mesmo, e por isso é mais difícil proteger-se dele.*
> *— O que você quer dizer com isso ... em mim mesmo? quis saber Bastian.*
> *— A prudência consiste em estar acima de todas as coisas, não odiar ninguém, nem amar ninguém. Mas o senhor continua a dar valor a amizade. O senhor confia nos outros. Seu coração não é frio e indiferente como o cume nevado de um montanha ... e por isso há alguém que pode lhe fazer mal.*
> *(...) Bastian experimentara tantos sentimentos, medo e alegria, tristeza e triunfo, passara de desejo em desejo, mas nada disso lhe dera um momento de paz. Nada o tranquilizara ou contentara. Mas ser prudente significava ser superior à alegria e à tristeza, ao medo e à compaixão, ao orgulho e à humilhação. Ser prudente era ser superior a todas as coisas, não odiar nem amar ninguém, mas aceitar também com indiferença ou repúdio total o afeto dos outros. Nada interessava a quem era realmente prudente. Era inacessível, e nada iria atingi-lo. Sim, ser assim era uma coisa verdadeiramente desejável! Bastian estava convencido de que esse era seu último desejo, aquele derradeiro desejo que o conduziria à sua Verdadeira Vontade, como dissera Graoman. Acreditava agora compreender o que isso significava. Queria ser um grande sábio, mais sábio de toda a Fantasia!"*

É a partir daí que Bastian começa a se perder e vai sofrer muito até aprender que afinal a vida é de outra natureza. As grandes realizações só surgiram quando alguns heróis tiveram a

coragem de ir contra a prudência, contra a moderação e contra qualquer equilíbrio estático que cabe muito bem na balança, mas não na alma humana!

O homem é necessariamente um artífice, criando o artificial para realizar o destino ao qual se propôs. Qualquer naturalismo é incompatível com a realidade humana. Parece que é preciso viver o deserto para descobrir o valor de um jardim. Pelo menos esse tem sido o modo de caminhar do homem contemporâneo, tanto no oriente quanto no ocidente. Afinal não podemos mais viver de preceitos vindos de médias aritméticas. Estamos perante a descoberta do indivíduo para muito depois chegarmos à comunhão. Mas comunhão é algo muito diferente de contrato comunitário. O homem é um artífice que cresce para um artesão, para depois chegar à sua forma mais elaborada, o artista!

O artista tem intimidade com o *pathos*, com a paixão de ser co-criador do mundo. O artista vive com o "genius". As espécies platônicas da "mania" ou "loucura divina", foram colocadas pela cultura burguesa na categoria dos atos condenáveis e reprimidos. Sabemos, no entanto, que o imperdoável é fazer média! A sabedoria da vida escolhe a loucura, a doença ou o ato criativo como saídas honrosas do homem. Não podemos aceitar essa tragédia de saúde balofa, média!

Quero demonstrar a força de um Goethe que, com coragem, dedicação e muito trabalho, valeu-se de sua alma poética, estudando quase todos os campos da ciência, deixando-nos, além de suas valiosas descobertas, a pista do como proceder. Rudolf Steiner sistematizou e ampliou enormemente este "como proceder científico", principalmente pela influência de Franz Brentano quando este propõe a ***consciência como ato***. Resgatando a força expressiva de Fichte (com sua poderosa síntese da aparente divisão sujeito-objeto), baseando-se nos escritos de Schiller e Goethe, e, a par de uma profunda reflexão filosófica das várias correntes de pensamento, Steiner pode reelaborar cuidadosamente os argumentos, fundando um monismo que resultou em sua "Filosofia da Liberdade". Com um sólido conhecimento da história da epistemologia, permeada pelas conquistas da expressão artística, e, com sua observação constante da realidade esotérica da vida, pôde fecundar uma extensa área de atuação social como a pedagogia, a medicina, a agricultura, relações políticas em seus aspectos jurídicos, econômicos e culturais.

Steiner rompeu muitas amarras. Ligou-se já no início do século XX com os movimentos de emancipação feminina, dando todo apoio para a dança e o teatro, além de criar a Euritmia, a arte de movimento que torna visível fisicamente com todo o corpo a articulação dos sons na sua interrelação com a laringe. Precisamos fazer o mesmo, para encontrar, afinal, a humana dimensão do homem no mundo!

E então...

5.3 – Onde fincar bandeiras nesse areal?

Eterna Hierosólima, envolta nesse halo dourado...

Não é que tenhamos medo de ficar parados! É que os ramos e hastes são caules e não encalhes. Ora, como sustentar as flores?

Não quero fazer uma procissão, mas preciso acender o seu lume...

Onde fincar bandeiras nesse areal?

Por que a errança transtornada?

Onde encontrar teu coração?

Com meu alazão afogueado que vem da água do mar distante, ando compassos, com gingas, mandingas, desenho as faces, deslizes, enlaces, disfarces...

Careço de sua atenção, na curiosa moda de roda de violeiro que faz um ritual no mundo do meio, humano, com medos e gulas, mas conta do destino sagrado de cada um. Procurando perdido entre as palavras, os espaços silêncios que falam mais, quero aquietar-me a seu lado, no aconchego de ser dois, para sairmos deste deserto, encontrando o ritmo, a batida, de quem anda no rumo do mais certo!

Antes roída, hoje incendida, minh'alma se põe em demanda real, com raízes de casa antiga, de candeeiro protegido que guarda a chama, que sabe das muitas instâncias, da busca exata, visceral. Por isso, agora, depois de tantas miragens, ocorre a plena certeza nestas veredas, mesmo sob o fogo das espadas, mesmo sob sarcasmos e ironias. Pois quem sabe das sete moradas, do gosto bom de viver, percebe que no mundo verdadeiro, que inclui o exterior, estão o encontro paralelo, a canção do trovador, que segue a trilha oculta, na entressombra, na entrelinha interior.

Mas ato-alado em meu gesto, na espera e na procura, encontro seu olho manifesto, para dançar a tempestade e o silêncio da manhã, desta aurora antes do sol, dessa expectativa que supera a lagrima de orvalho em pétalas dos estranhos temperos de um mundo de outrora...

Precisamos partir. Agora que rasgamos caminhos e os elos proibidos tiveram sua sina, rompidos, só podemos, é mister, que sigamos adiante!

Como?

Ah! Prisioneira em mim, a inocência pede espaços. Mas os laços desfeitos, libertam linhas que querem tecer um novo cenário. Então, tuas flores fascinam meu jardineiro que se põe de ferramentas e terras e frutos e sabe ... Sempre está à disposição. Ele, afinal, é de outras

paragens. Chega contando histórias de garimpos e pedras brilhosas. Por que seus olhos e o queixo param com saudades? De quê? De onde? Sim! Esse jardineiro é de outras andanças...

Ele gosta de dar presentes. Tem um sorriso tão alegre que mais parece caminho de hortências entre trama de orvalhos nas cidreiras dos morros. É, também, um bom passeador, andando em beiras, descendo grotas, visitando fontes.

Mas se você pensa que isso acontece, assim, sem que haja trabalho, sem dar produção, você não me entendeu. Perceba bem, observe: as fontes estão aqui, com grotas e beiras, abismos e montes, vales e tudo. E que mais? O jardineiro participa. Junta papéis da impressora, programa a previsão do estoque, recadastra as flores dos oásis e faz a estatística da ocorrência das chuvas e dos ventos entre as madeixas, as hortas e construções. É por isso que ele pode projetar novos jardins!

Mesmo quando tudo está amarrado, com armaduras fechado e os caminhos, todos, se cruzam em disparates, ele, do alto de seu eixo, computa e teleximplifica as centrais de transmissão, distribuindo ações cordatas e projetando paciência para as diretrizes do mercado futuro. Compreender o louco e não mamar médias, visitar a praia ao pôr do sol e seguir o curso das cavernas onde se escondem os peixes não convencionais, desenhando esquadrias coloridas nas assimétricas harmonias das lagoas ocultas, é um exercício que meu jardineiro teima realizar nas entressafras diárias de sua elaboração!

Vamos então assentar as ferragens e amarrar os tijolos. *Presença!* Esta é a qualidade do jardineiro. Estar atento às fagulhas, farfalhas e passadiças, costurando e serzindo cada farrapo de minha tentativa, formando o desenho das nuvens pelo eco constante do chão... ***Presença!***

Sei de teus alicerces. Abra esplanadas, reserve espaços e venha! Conto então com você!

Por que você não vem visitar meu jardim?

Se incógnitas colorem o gramado é porque seus passos não abriram corolas e nem deram asas às sementes. As novas folhagens precisam de sua mão! Sozinhos somos espectros e fôrmas sem pão. A massa só poderá ser preparada se você providenciar a farinha. Só posso contar histórias de personagens vestidos pelo alfaiate que só você sabe providenciar!

Somos dos novos caminhos onde o alvocrescer dos lírios, trouxe pétalas poemas que alimentam novas raízes. Rememoramos cânticos...

Cânticos lembram cântaros e vasos que meu jardineiro deixou na estufa. A terra fofa precisa colher sementes e mudas para folhagens inesperadas nesses apertamentos construídos em prateleiras ocupando desertos onde outrora cresciam jardins.

Ficamos dispersos, é verdade! Mas isso aconteceu porque percebemos que nossa união desembocou em girândolas de soluções cinzentas das antigas corporações industriais cuja objetividade englobou não só as emoções, mas até as volúpias suprassensíveis.

Novas especiarias, no entanto, provocam outras expedições. Andar, agora, significa o encontro com outras geometrias, galácticas, de estelares trajetórias, veredas. Atalhos já traçados, revelaram retas planas que vão do nada a lugar nenhum. Embora fundamentos, não são o todo. O lodo mesmo, também lembra outras veredas...

Você viu como meu jardineiro sabe descobrir a sempre nova geometria das estrelas?

Sempre foram guias de barcos, jangadas e navios, mas sendo estrelas são indiferentes a rumos pré-estabelecidos. ***Esperam rumos sem metas!*** Nossas mãos, assim, aprendem a coragem de modelar e constroem a partir dos esquifes que nos deixaram, maquetes dos templos que aguardam os rituais de nosso novo espanto, esse assombro-prontidão para um voo desconhecido.

Preciso aprender a amar! Esse é o único fundamento aceitável para explicar nosso mistério. Ser consciente, ter liberdade, criar, tudo é sinônimo do amor. Qual a cor que devo usar? Que acordes tenho que compor? Vem *Anima* e me ensina como devo me vestir!

Atitudes têm que ser retomadas. Arrumar a casa, estabelecer o ritmo das crianças e fazer, sobretudo fazer. Mantendo silêncio, discrição e coragem. Ritmo. Respirar e fluir com o sangue chegando a todos os recantos.

Estabelecer expectativas viáveis sem perder a inquietude, a arte! Enfim e novamente eu chego a você. Por que sua voz não conta os segredos de outras orquídeas? Onde estão suas palavras mais sábias? Encontro uma vogal entre suas asas e acompanho os lances de sua luta. Facilite-me o acesso a seus verbos. A parede de adjetivos ou provérbios, impede atravessar o portal de seu olhar. Quero enfileirar todos os substantivos que lhe expressam para encontrar o calor de seu abraço amigo. Afinal... no acordar, em meio à noite, com o frio da falta de aconchego, surge esse afeto, afago ansiedade, a força...

O jardineiro não tem angústia. Ele é! Angústia é o medo de não ser. Mas a certeza de estar sendo, a “scienteza” do vivendo, sendo servo de uma nova reverência, é a luz suficiente para continuar.

Somos todos pobres de metas estritas, estreitas! Temos que ir além dessa sempre impaciência, do jogar-se, sempre intensamente, em tudo!

Que outro sentido haveria?

Saber-se metade é o segredo maior de todo conhecimento. Endurecer é secar, é quebrar-se em partículas. Ser fluído, moldável, é encontrar a aspiração do complemento.

A lição maior é o amor!

Por que não contar novas estórias?”

-.-

E quero então estimular a todos para ler os extraordinários contos do livro “Primeiras Histórias” de João Guimarães Rosa, publicado em 1962 com muitas reedições.

Mas para terminar, transcrevo aqui o famoso poema de Carlos Drummond de Andrade:

A MÁQUINA DO MUNDO

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco;
e aves pairassem no céu de chumbo,
e suas formas pretas
lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,
a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.
Abriu-se majestosa e circunspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável
pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar
toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera
e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,
convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,
assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,
a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
"O que procuraste em ti ou fora de teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,
olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,
essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo
se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo."
As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge
distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber
no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar,
na estranha ordem geométrica de tudo,
e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade:
e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,
tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.
Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,
a esperança mais mínima — esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;
como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face
que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,
passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes
em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,
se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.

E aí “de mãos pensas” chegamos a nós mesmos, retomamo-nos. Não há mais necessidade de algum significado... Os significantes são brinquedos de armação de palavras, de cores, de sons...

Ocorre a serenidade, a confiança, o instante que se perpetua porque o tempo se suspende, o espaço é o todo que inclui o material, o imaterial, o social e o espiritual.

Porque Ser é desvincular-se de quaisquer atributos ou tarefas. Ser se dá no vazio, no repouso!

.-.

5.4 - Os Oito Princípios Antropo-Noéticos

Estes *Oito Princípios Antropo/Noéticos* foram elaborados por mim durante um curso que fiz sob o título de As Cinco Leis Biológicas e a Nova Medicina Germânica.

Muito impactado pelas descobertas do Dr. Ryke Gerd Hamer, criador desta medicina que hoje prefere ser chamada Germânica Heilkunde (“Forma Germânica de Curar” em alemão), percebi a ênfase total na visão biológica e minha reação imediata foi, no próprio curso, elaborar o que primeiramente chamei de As Oito Leis Antropológicas.

É claro que estes oito princípios antropo/noéticos representam um ensaio, uma primeira elaboração do que seriam princípios antropo/noéticos e só estou inserindo nesta tese por se explicitar como um roteiro útil para a tentativa de estabelecer operacionalmente a

Abordagem Antropologica/Noética de base Goetheanística com sua consequência para um trabalho bio-antropográfico. No sentido, então, de estabelecer a correspondência entre os conhecimentos e a prática, elaborei estes princípios que firmam uma nova relação com os fundamentos biológicos que constituem o Ser Humano.

Por outro lado, tenho clara consciência das muitas críticas existentes no meio científico para o Dr. Ryke Gerd Hamer: ele teve que fugir da Alemanha para não ser preso, depois de condenado pela justiça alemã por convencer pacientes a abandonar os tratamentos convencionais para o câncer, sendo que alguns destes pacientes morreram; depois, teve que fugir também da Espanha – afinal, faleceu em 2017. Seu trabalho é considerado uma pseudociência pela grande maioria dos médicos em todo o mundo, embora haja quem sustente que ocorreram também muitas curas. Este assunto é extremamente complicado e excede inteiramente o escopo do presente trabalho; aqui, o que importa é indicar que a tentativa do Dr. Ryke Gerd Hamer de elaborar uma síntese de uma medicina psicossomática é, independente de seus resultados, louvável, e tem contribuições interessantes para a compreensão da sintomatologia e protocolos de conduta perante as doenças.

O que me motiva então a ousar propor estes oito princípios é a demanda de operacionalização exigida pela Abordagem Antropológica/Noética do Conhecer, pois incluir a atividade do "Fator Anthropos" em sua total convivência com os determinantes biológicos, pode nos fazer compreender muito mais intensamente os propósitos inerentes à realidade humana que, já na elaboração dos tecidos celulares tem características específicas que, como já foi dito, delimitam possibilidades próprias e únicas que vão muito além das leis biológicas.

A ênfase então é se concentrar não só em processos de sobrevivência biológica, mas também nos *motivos* que podem ser conscientizados pela ação do Fator Anthropos.

É fundamental relacionar cada um destes princípios, incluindo evidentemente as leis biológicas, com sua clara manifestação nos tecidos celulares e suas metamorfoses.

Ciente, portanto de que este é um assunto que ainda é um ensaio e que precisa de muita e contínua pesquisa, deixo aqui nesta tese apenas a citação destes princípios pois o propósito é ampliar as possibilidades de atuação prática da Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística em todos seus aspectos.

Assim, passo a enumerar "Os Oito Princípios Antropo/Noéticos" como guias para a compreensão de nossos muitos desafios quotidianos.

1º) Cada pessoa é única e fonte primordial de si mesma

O ser humano é um primata mas não pode apenas ser compreendido como espécie biológica.

Cada pessoa elabora uma única e própria história. Usa a base física dos primatas e com este fundamento vai elaborando sua individualidade que é única e que, então, estou chamando de "Fator Anthropos". É preciso lembrar que essa singularidade é registrada fisicamente nas impressões digitais. Por isso toda tendência a estabelecer estereótipos é um resquício de nossa natureza animal. No caso humano não há modelos.

2º) Como seres humanos somos vocacionados para sermos seres livres, essencialmente transgressores

(Nenhum animal é transgressor pois cumpre seu desígnio natural).

E a transgressão no ser humano se revela no impulso do "brincar", no impulso lúdico que se amplia em muito na atividade artística, nas invenções e nas elaborações de qualquer ideologia, projeto ou iniciativa! Quando este impulso é impedido, por exemplo por uma reprimenda feita pelos pais que não estão percebendo a brincadeira da criança, a transgressão se transforma em uma perversão. Ou seja, a criança ou a pessoa quando não pode brincar, usa

a mentira, a fuga, e, mais tarde, a corrupção, a agressão, a guerra e, daí todas as consequências vindas destes atos de perversão.

3º) O Ser Humano é um "Eu empreendedor" que se explicita por uma "Organização do Eu"

A expressão desse Eu que é o nome que damos a nós mesmos e que é descoberto por nós em torno dos três anos de idade, demanda por uma configuração única para cada um, denominada de "Organização do Eu" que é ordenada pelo Eu propriamente dito que é o eixo que se revela psicologicamente em cada pessoa e é o responsável único por sua vida. Este Eu elabora e vale-se de uma personalidade que pode ser entendida como a expressão, a aparência ou "roupagem" deste Eu. Essa personalidade vai se formando ao longo da vida, diante dos inúmeros desafios que cada um tem no relacionamento com os outros e com o mundo, e, essa personalidade recebeu muitos nomes como "Eu Inferior", "Ego", "pessoa", etc. Estes nomes já causaram muitas confusões porque várias propostas doutrinárias, acabam por responsabilizar este "Eu Inferior", "Ego" ou "pessoa" pelos atos deste Eu, em função de moralismos, crenças e comportamentos que sempre podem ser discutíveis.

A vida física, psicológica e espiritual pode ser comparada, alegoricamente (como já foi referido) com um empreendimento formado pelo Empreendedor (Eu -Si Mesmo-Espírito), pelo Gerente (Personalidade–Ego–Eu Inferior-Pessoa) e Co-Laboradores (Máscaras e Personagens). O Eu pode ser entendido como a afirmação do Si Mesmo como entidade única que se estabelece no mundo com seu protagonismo também único. No entanto, quando este Eu ainda entende que ele é "o mais importante", aquele que precisa se mostrar como o "especial", somos chamados a compreender que esta atitude é sua defesa, seu medo de que suas carências de alimento, abrigo, carinho, aconchego e de valorização, não poderão ser satisfeitas. E então

aparece seu egocentrismo e suas consequências.

O rabino Nilton Bonder, em seu livro "O Sagrado" da Editora Rocco, publicado em 2007, no qual ele fala do segredo do sagrado, na página 11, escreve:

"Transvertido de oculto, o segredo é o desejo por clareza, por manifestação daquilo que é imanifesto. Essa tentação que já vestiu muitas roupagens em distintas épocas ganha hoje o estilo do consumo, dos ideais capitalistas e do individualismo. É claramente uma controvérsia pagã de nossos dias."

E nas páginas 13 e 14 do mesmo livro, ele escreve:

"O grande problema de qualquer sistema de pensamento ou de consciência são as lógicas dissimuladas de interesses outros que se fazem passar por interesses do próprio indivíduo. Assim agem os vírus em nosso organismo. Com seu material genético com interesses particulares se fazem passar pelo próprio corpo do indivíduo infectado, driblando todas as proteções celulares mais básicas. Ao permitir que o vírus frequente o sistema mais privado de um organismo se lhe é dado acesso ao código que defende a identidade e a integridade de um ser. Assim também são os vírus de computador que inteligentemente se combinam às lógicas intrínsecas do sistema e o escravizam para que cumpra vontades que não são do usuário, mas de um outro interventor que se impõe.

Para a consciência humana nada é mais perigoso do que a mensagem subliminar, ou seja, sentidos que encontram brechas em nossos pensamentos e se combinam com nosso discernimento, mascarando a realidade e cegando nosso juízo. Esse vírus é o "segredo", é o que camufla de nós mesmos e impede que tenhamos um verdadeiro acesso ao bem-estar.

O segredo não é a chave para resolver problemas, é na verdade a fonte dos problemas e causa das maiores distorções que fazemos ao tentar entender a vida e a realidade a nossa volta.

Temos que descobrir que um segredo para estes "segredos" e que o que há de mais oculto é o que eles tentam ocultar. Em algumas culturas místicas este vírus é chamado de "Eu", na psicologia de "Ego" e na religião de "Satã", É comum que o neófito, o calouro na arte do oculto, conheça o segredo e este se transforme na maior de todas as armadilhas. Se não conhecer o segredo do segredo permanecerá por

longo tempo iludido, seguro de ter encontrado algo, quando aprofundou seu engano; confiante de ter iluminado algo, que de fato tornou-se mais obscuro."

4º) O Ser Humano se descobre no Universo, formado por Multiversos. Esta grande ordem se revela em diferentes "Campos Morfogenéticos" que se compõem e se explicitam por "Molduras", Organizações e Estruturas Integradas de Ordenação.

Então, o ser humano, ele mesmo, é um destes Campos Morfogenéticos e, por exemplo, a "Organização do Eu" é uma das estruturas integradas de ordenação de cada um de nós. Vivemos em infinitos hologramas que se descortinam, se descobrem, pela atividade meditativa que se faz quando nos contemos e nos libertamos da pressa e da ilusão de "explicar" as coisas.

Ou seja, como um Eu (Si Mesmo ou o Espírito) tenho acesso aos multiversos por um contínuo trabalho meditativo.

Outro dado importante é o de um órgão dentro de um organismo: o fígado, por exemplo, em uma pessoa, tem uma estrutura muito semelhante ao fígado de um boi. No entanto, sua moldura e organização são completamente diferentes.

Assumir o fato de que como seres humanos vivemos intensamente em nós mesmos a expressão do que é o feminino e masculino, como sendo campos morfogenéticos complementares, dependendo para esta expressão de uma organização hormonal fascinante, abre a possibilidade de integrar essas polaridades por uma atividade interna que se expressa na arte de viver, no sentido de estabelecer formas de convivência, nas quais o feminino e o masculino tenham as mesmas possibilidades de expressão e cada pessoa seja capaz de cuidar e de fazer as coisas necessárias para a administração de uma moradia, de uma comunidade onde círculos de fundamentação sejam resultantes da contribuição de todos os integrantes da comunidade.

5º) As crenças determinam a atuação em todos os aspectos físicos, nas forças formativas, nos processos anímico-psicológicos e na evolução espiritual

Na tentativa de nos compreender no mundo, é muito comum que cada pessoa elabore uma espécie de "roteiro" que se constitui como uma crença que, assim, se fundamenta em algumas “explicações”.

Este “roteiro” indica e estabelece o caminho das sensações, sentimentos, expectativas, vontades, pensamentos e ideias das pessoas, constituindo a base de suas decisões.

6º) Compreender, fazer a reversão ou conversão, é resultado de um sacro-ofício, de uma Contenção. Somos vocacionados para sermos contentes.

Conter-se é um ato que, quando consciente, passa a ser um sacro-ofício. É, assim, a base do sacramento e do ato de meditar. Mas conter-se nada tem a haver com reprimir-se. Todos buscamos a celebração, o sacramento de cada vitória, de cada conquista. Este processo tem base na disponibilidade para apreender e, então, pode ser observado desde o aprendizado do controle dos esfíncteres.

Falo aqui de reversão ou conversão, no sentido de uma mudança consciente que uma pessoa faz para uma nova forma de vida, baseada na aceitação de uma nova filosofia, religião ou ditames morais escolhidos.

7º) O Inesperado tem muito tempo de preparação e é sempre a oportunidade de novos caminhos.

Venho apreendendo que nunca estamos totalmente preparados pois a perfeição é o ato

de se perfazer continuamente. Não há chegada! Estamos sempre a caminho. Esta é a difícil missão de se assumir como aprendiz permanente, aquele que se perfaz continuamente, e que fundamenta assim o atuar pensando que é a estratégia fundamental para a evolução. Pensar *antes* dificulta o comprometimento e o pensar *depois* só leva ao arrependimento. Pensar *enquanto* é a forma das coisas se revelarem em toda sua magnificência. E lidar com o inesperado como oportunidade de aprendizado é o fundamento de um caminho extraordinário de maturação.

8°) O Encontro é prioritário. A Ordem Imanente coordena o Todo pelo Amor

Como atuação fundamental da identidade antropológica, cada pessoa é chamada a apreender e compreender o caminho do sentimento gregário *(o fundamento do amor biológico)* para o amor consciente (fundamento do Fator Anthropos – O emergir do amor ao próximo[50]).

E então se justifica a prioridade do encontro entre as pessoas no sentido de praticar o respeito efetivo pelas individualidades e ainda pela Abordagem Interativa Metaformal, ou seja, a proposta de *interagir* com os outros estimulando *metamorfoses* e não apenas transformações, que podem ser apenas maquiagens.

E, ainda, para cada encontro é fundamental o aprendizado da entrega, do efetivo doar-se em todas as particularidades que esta entrega exige para a real convivência social!

.-

[50]Amor ao próximo pouco tem a ver com o amor biológico, fundamento do sentimento gregário. Amar o próximo é se comover (mover com o próximo) porque emerge em nós a compaixão (estar alinhado com a paixão do outro – Paixão vem do grego “Pathos” significa o motivo essencial de uma pessoa).

Expressos aqui de forma bem resumida, estes princípios podem se tornar bem operacionais na medida em que forem usados para análise de uma proposta curricular para uma escola, de um planejamento num condomínio, num parque, num centro cultural, etc.

Ou seja, até que ponto uma iniciativa estimula que todas as pessoas possam expressar com liberdade e entusiasmo a integridade de seu ser no mundo?

Até que ponto estes princípios podem se constituir num instrumento de medida do quanto uma iniciativa é bem-vinda para a comunidade?

5.5 – Um Plano de Saída?

E então, como responder à tristeza e à angústia de ver tanta miséria, violência, desrespeito e abandono?

Será que existe um plano de saída que só é conhecido por poucos?

Os desafios batem forte em nossas portas.

Há uma urgência atual que, na verdade, é antiga. Ainda vivemos as consequências dos acontecimentos ocorridos antes, durante e depois da 1ª. Guerra Mundial. Houve a revolução soviética, plena de ideais, mas que com Stalin se tornou tão criminosa e, de outro lado, se institui um sistema liberal, que põe todas as fichas do jogo na mão invisível do mercado como um espólio das visões iluministas que se converteu, em largos passos, nessa utopia equivocada denominada economia de mercado. Surgem os primeiros refugiados do século XX. Os ricos, no início do século XIX, fugiram para África e América Latina. Nessa diáspora, levavam consigo a esperança de, após passar pelas escalas intermediárias, chegariam à meca moderna, de uma nova religião em que a divindade se traduzia pela produtividade e pelo consumo.

Ah, mas o grito! Quando se repisa os efeitos da perplexidade, ouço a cada momento

o grito daquela mulher muçulmana, uma força! Numa reportagem sobre os refugiados muçulmanos, na televisão, me chamou atenção quando uma mulher muçulmana se aparta do grupo que caminhava e saiu da fila, para ficar à parte e dar um grito, parar, abaixar a cabeça e, daí ela volta à caminhada Ver e ouvir o grito desta mulher me deu a certeza da funda busca humana para ser, justamente a partir dos âmagos do ser, que em meio àqueles refugiados das tantas guerras. Eu também já fiz isso. Sei o que é este grito! No meio de sua caminhada essa mulher olhou para o alto e gritou para conseguir ir à frente, para aguentar continuar neste cenário do mais alto nível de desespero ante a miséria do mundo. Este grito que também gritei, sempre me comoveu até as entranhas porque materializa esta pungente e extraordinária situação do absurdo!

Tivemos assim, a instituição do Nazismo, do Fascismo e tantas outras formas perversas de poder, tanto de direita, quanto de esquerda, seguidos da 2ª. Guerra Mundial, Guerra Fria, Queda do Muro de Berlim, Agravamento Ambiental e enormes mudanças climáticas e, finalmente, uma contínua 3ª. guerra mundial expressa nas tantas guerras espalhadas pelo mundo, levando os refugiados que, afinal, somos todos nós, e que, de uma forma ou de outra, cobraremos uns dos outros, se não agora, nas próximas gerações!

Só os ingênuos ou irresponsáveis vão deixar essa conta para ser paga por nossos filhos, netos…

Quais as perspectivas que temos para nós mesmos, para nossos filhos, netos e os tantos outros refugiados de um mundo que está se esvaindo?

E o que, afinal, temos a oferecer aos nossos filhos e netos?

Prepará-los como bons profissionais para trabalhar neste mundo doente, no qual, as únicas alegrias serão as experiências cada vez mais tecno sensoriais?

A perversa e já antiga estrutura do gangsterismo internacional da macropolítica, está aí, quase transparente para todos que, de fato, querem ver!

O que quero ressaltar é que, mesmo que as conquistas materiais cresçam exponencialmente como temos observado nos avanços da tecnologia, fica a pergunta: Isso tudo atende minha busca de ser mais, de poder criar continuamente e apreender de fato o que é o amor? Não falo apenas do sentimento gregário que é a base do crescimento do amor. Falo do efetivo amor ao próximo que revela uma alegria rara e que cresce com a permanente autoeducação.

Porque é este o fundamento de uma mudança para melhor em nossa qualidade de vida! Por isso quero lhe falar dos princípios libertadores, que sempre são surpreendentes...

Não tem mais como: estamos neste limiar que se dá pelo esgotamento dos nossos recursos e expectativas materiais que, então nos colocam perante nós mesmos, perante nossa vida interna do espírito. Sim, falo do espírito, do mundo dos significantes, das coisas e seres ainda sem nome e para os quais insistimos em dar significados e novos nomes a cada momento.

O vazio que, em sua maioria, provoca a busca por mais sensações, drogas, desastres, tragédias, doenças e tudo o mais, pode criar, simultaneamente, também, uma suspensão, um hiato, a abertura para um além, para um vazio aqui e agora?

Lembro que para voar é preciso se lançar no vazio, no mar dos significantes.

Quem tem medo do vazio não consegue o voo pleno. Este além sempre está aqui e agora. Exatamente após o acesso ao limiar. E acredito que quando não temos a pressa e a ansiedade que nos levam às drogas e à busca desenfreada de mais e mais sensações, podemos dar espaço para este hiato, para esta abertura que é o portal tanto esperado para novos universos!

Mas você precisa esperar tragédias para este acesso?

Como a meditação geralmente não é praticada, os conhecimentos que se revelam por esta prática, acabam por se tornar “ocultos” à grande maioria das pessoas, constituindo o que

é chamado de “conhecimento esotérico” ou abordagem esotérica.

Não seria por aí a saída? Para quem quer ir além do modo quotidiano de ser das pessoas, parece ser preciso meditar enquanto somos militantes de todas as causas que nos acometem! Porque é claro, sejamos militantes ativos que meditam, com paciência, diante das coisas!

E por que, infelizmente, no dia a dia, as pessoas se acomodam numa vida incômoda?

O que seria a arte de viver? Será que o exercício consciente da arte de viver se dá como forma de sobreviver e superar todas mazelas e limites na vida?

Por que quando não o fazemos, quando não usamos a arte, a atitude criativa, fugindo de nosso mais íntimo motivo *(que é justamente manter-nos despertos neste limiar para a realização do humano em sua plenitude*), ficamos doentes ou nosso inconsciente nos leva a tragédias e desastres? Tá aí: Há muito eu sei que somos nós os responsáveis por nossas tragédias e desastres!

Não seria o caso pela chamada que faço agora, para que você se coloque por si mesmo, com a sua consciência desperta, exatamente no Limiar em todos os aspectos da vida como vem sendo feito pelo movimento da "Pedagogia da Emergência"[51] e da "Economia Viva ou Associativa"[52]?

Eu fiz minha conversão para me situar no Limiar. Por que a loucura do Vietnã, do

---

[51] A PEDAGOGIA DA EMERGÊNCIA é um movimento iniciado pelo professor de uma escola Waldorf na Alemanha, Bernd Ruf que chocado com o fato de ver tantas crianças traumatizadas por guerras, miséria, abandonos, etc. mobilizou outros professores para que eles se unissem para intervir com atividades pedagógicas com estas crianças. Atualmente a associação „Freunde der Erziehungskunst Rudolf Steiners e.V”. (Amigos da Arte de Educar de Rudolf Steiner) está formando grupos de intervenção pedagógica de emergência para o trabalho com crianças e adolescentes com traumas psíquicos em regiões de crise. Os recursos humanos necessários serão disponibilizados, bem como a logística e a criação de um centro de intervenção. Primeiras medidas de intervenção já ocorreram no Líbano em parte com o apoio da UNESCO nos anos de 2006 e 2007.

[52] A ECONOMIA VIVA OU ASSOCIATIVA é um movimento desenvolvido por economistas antroposóficos que propõem mudar a relação que temos com o dinheiro, compreendendo que existe o *dinheiro de consumo*, o *dinheiro de empréstimo* e o *dinheiro de doação* e que todo o dinheiro acaba se tornando *dinheiro de doação*. Quando isso é conscientizado, tornamo-nos muito mais responsáveis na lida com o dinheiro e procuramos que este esteja sempre a serviço da criatividade e do desenvolvimento da cultura como o fundamento do movimento necessário para o crescimento da consciência e da comunidade.

Holocausto, da miséria do dia a dia, expôs esse limiar. E escrevo isso a partir daí...

Meu caro, minha cara, falo isso por experiência, digo tudo isso pela urgência que encontro em seus olhos que querem muito e, é lindo que queiram muito, mas paguei muito caro pelos resultados obtidos nas decisões dirigidas pela ansiedade!

Mas como, colocar-nos no limiar, no fulcro, no foco dos incêndios, no centro dos furacões? O que é possível fazer quando estou no limite, na sarjeta, no limbo, na situação em que não sei se vou comer nas próximas horas ou dias, não sei onde vou dormir, não sei de nada, não vejo nada possível à minha frente! O que posso fazer?

O que posso fazer com a exigência interna, tão linda, de minha completa incompletude para sempre criar mais, mais e mais?

Percebi que cheguei no Limiar quando fiquei espremido, sem saída, entre as exigências da vida material e as expectativas do espírito em mim. E, então, nem sei dizer como, quando estive nesta situação me pus a andar e "brincar" de ir para qualquer lugar, ir em frente, deixando que meus pés (ou quando não consegui andar, que minha imaginação), me levasse adiante... E, então, a surpresa é que nunca me senti tão livre, tão sem amarras…

Simplesmente, por não ter outra saída, me pus a "brincar" e novos rumos surgiram!

É isso: A experiência me demonstrou a real, indiscutível, possibilidade de transgredir pelo impulso do brincar, impulso lúdico, conforme Schiller em suas "Cartas Estéticas". Está aí, o brincar, o impulso lúdico, já o dissemos, é o motivo essencial da atividade da arte!

Sim! Quem está vivo e procura compreender o que está acontecendo já sente que está no limiar e quando assume a demanda de fazer algo, começa a elaborar uma saída evitando a necessidade da doença ou de algum desastre!

Tenho percebido que pelo efetivo "brincar", sempre se abre um caminho prático, criativo na vida, como também de atuação pedagógica ou terapêutica, ou ainda, no fazer em qualquer área como, por exemplo, na administração de uma empresa.

Em certo momento muito difícil de minha vida, eu fui entrando numa mata, numa região urbana, e comecei coletar folhas, galhos e tubérculos dos mais variados tipos, pois tive a ideia de construir móbiles com barbante para exercitar estruturas que se equilibrassem mutuamente, buscando, desse modo, estimular o meu equilíbrio para evitar a dissolução, o enlouquecimento de mim mesmo. E deu certo!

A Ordem Imanente no mundo, já bem explicitada, tem-me ensinado que dispõe e propõe caminhos surpreendentes para quem livremente começa a se mexer... Foi o que aconteceu comigo!

Mario Meir, que me inspirou o início deste texto, conta como nasce um cabalista:

> *"O cabalista nasce de sua noite escura. Sim, ele nasce de seu vazio e em seguida nascerá de seu caos. No chão raso de sua alma, chega uma hora quando todos os argumentos cessam, quando não há explicações a serem dadas, quando toda fala é cinismo, quando todo gesto parece compensatório e auto-justificatório, e quando toda e qualquer promessa de fidelidade e lealdade apenas cerram sobre a alma a porta da masmorra dos infindáveis falatórios da mente. Nesta hora, precisa prevalecer o silêncio calmo e uma certeza serena de quem confia no encontro. E nessa hora você passa a ter a razão do amor e não lhe resta mais nada a não ser, ser um ser em fluxo. E é nesse momento que a lágrima desce, e nasce o cabalista. E você perceberá, que há muito, os ancestrais lhe esperavam com as lanternas acesas"*

É com isso que trabalham os profissionais da Pedagogia da Emergência: em vez de fazer análises, sínteses, explicações, etc, simplesmente se põem a "brincar" com as crianças e com as pessoas em geral, entre tanques de guerra, sangue derramado na terra seca e areias, para superar traumas, tragédias, doenças…

E, de fato, nas situações mais extremas, este ato livre de "brincar", a arte de viver, é a prova de como superar traumas de qualquer origem!

Então finalmente sentimos, sabemos, saboreamos os novos caminhos para sair dessa miséria moral, e encontrar na Guerra de Todos contra Todos, lugares seguros para edificar o

novo mundo, a nova experiência de Ser inteiro no mundo!

Ora, ousei então afirmar que essa experiência tem como fundamento a Abordagem da Identidade Antropológica/Noética do Conhecer que é o tema desta minha tese baseada em fatos revelados pelo Goetheanismo e pela Antropologia Física. Decidi, assim, apresentar estas ideias, compartilhar experiências, relatar fatos...

A expulsão da arte e, a simultânea expulsão da presença do Eu das atividades do conhecer nas universidades e nas comunidades em geral, não só serviu aos interesses do mercantilismo e do utilitarismo, mas também à sabotagem e boicote dos "círculos de fundamentação", rodas de conversas que respeitam as singularidades das "presenças" e compreensão dos motivos de cada um. Formas que praticam o engajamento pela escuta de cada participante > aprendizado do amor!

Não se acredita no indivíduo epistêmico pois o indivíduo é visto como um sujeito individual psicológico, considerado por isso subjetivo, o que o torna sem credibilidade para tratar dos universais. Este equívoco tem base enquanto afirmamos que o individual é psicológico e socialmente construído, sem perceber que o que são subjetivas são as identidades sociais, psicológicas, elaboradas por este indivíduo objetivo[53], que vai se expressando a partir dessa ***presença*** que desde bebê observa e busca as suas muitas possibilidades de expressão.

E só pude chegar a estes fatos por ter percebido que diante das perguntas, diante do grito desta ***presença*** em mim as visões epistemológicas racionalistas, de um lado, e biológico/sistêmicas de outro lado, e, ainda, finalmente as muitas ideologias espiritualistas que se dizem esotéricas, não me trouxeram as respostas para as minhas perplexidades…

Por isso esta tese se fundamenta no Goetheanismo com sua proposta de contínua

---

[53]Que pode ter o grau obtido por um doutorado ou por uma livre docência bem defendida com fundamento na lógica matemática, o que não o isenta de estar submetido a interesses subjetivos e objetivos de burocracias universitárias que estão muito longe de constatações efetivamente científicas.

metamorfose, o que julgo de importância central para a epistemologia. No entanto, na prática, de maneira inconsciente, a maioria dos pesquisadores propõe o Goetheanismo dentro do pensar biológico/sistêmico, sem abrir a possibilidade de um rompimento radical *(radical não significa cair em algum extremismo. Significa ir às raízes de um fenômeno!)*

A ruptura radical com a ordem é atributo essencial da atuação artística humana.

Assim, partindo do Goetheanismo em geral percebi a demanda de uma Antropologia bem mais elaborada pela dinâmica das metamorfoses materiais e não materiais, o que resulta numa concepção nova da Antropologia quando acrescentamos a esta a dimensão noética.

Por medo do radicalismo (entendido pela maioria como extremismo) e da ruptura, as pessoas preferem entender a metamorfose como sendo um processo sistêmico apenas biológico, mas ao incluir os motivos essenciais do humano em seu constante vir a ser, a Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística integra estes processos de metamorfose em todas as elaborações em espírito adentrando amplamente na expressão do humano no mundo.

Já, ao falar do "conhecimento esotérico", é preciso pontuar que este nada tem a ver com as fantasias do que chamam de espiritual e suas diversas formas de espiritualismos. Este conhecimento só é obtido por um longo processo meditativo que faz o caminho do pensar intelectual, passando pelo pensar imaginativo e inspirativo para chegar à cognição intuitiva, muito bem caracterizada no livro "A Filosofia da Liberdade" de Rudolf Steiner.

Quando se pergunta normalmente às pessoas, o que elas chamam de "espiritual", percebemos que, em geral, gaguejam e que procuram falar de algo como que uma forma etérea, nebulosa, ligada à imagens provindas das várias instituições religiosas, pois não sabem do que se trata. Ora, exatamente incluindo as diversas categorias do pensar que, sim, contempla o real conhecimento esotérico, podemos compreender que o pensar, por sua própria

substância, já é a atividade em espírito. Nossos pensamentos não são realidades materiais. São elaborações em espírito sobre as coisas, as pessoas e o mundo! Então, pelo pensar como atividade essencialmente antropológica, é possível constatar a infinita realidade do mundo, primeiramente em espírito[54], para então, mobilizar-se para intervir nesta realidade, a partir da *presença* do que chamei de Fator Anthropos, que se materializa no ser humano.

O Plano de Saída pode, então, ser compreendido como sendo este de assumir-nos como seres soberanos, seres que brincam porque são livres e, então, vocacionados, chamados, a serem permanentemente criativos, num vir a ser para um futuro que sempre se metamorfoseia e, por isso, é sempre aberto!

E este "Plano de Saída" é, afinal, exercido, por exemplo, por um marceneiro que da madeira bruta constrói um móvel para que este sirva para um propósito, para um vir a ser que tem infinitas possibilidades. O mesmo acontece com o agricultor que joga sementes na terra para que brotem novas possibilidades. Assim é com todos que assumem seu protagonismo e fazem algo com um propósito aberto para o futuro. É disto que se trata: cada um de nós é vocacionado para ser protagonista de si mesmo, trabalhando com os outros protagonistas que vão compondo realidades e paisagens sempre novas no mundo!

E temos assim uma condição a mais para compreender melhor a dimensão infinita de nossa realização, fazendo ainda o vínculo com o estar na terra, no mundo, sobre o chão, como aqui em seguida, Roberison Wittgenstein Dias da Silveira, no diz, no resumo da tese "Filosofia, Arte e Ciência – A paisagem na Geografia de Alexander von Humboldt":

> *"Como base para essa integração inovadora, Humboldt assimila a fundamentação ontológico-metafísica oferecida por Schelling, além da concepção schilleriana e da goethiana concepção de forma. A tese que defendemos é que essa confluência de pressupostos e métodos se harmonize sob o conceito de paisagem e que, nesse*

---

[54]Realidade do espírito é vivida, percebida como tal, pela elaboração de nossa musculatura fina, da linguagem e como já dissemos pela sensação dos pensamentos (veja-se a obra "Os 12 Sentidos" de minha autoria). Esta sensação se inicia pela sensação do Si Mesmo.

domínio, tenha pretendido Humboldt compreender e apaziguar na ciência o embate ontológico que acompanha o saber filosófico desde sua origem, e que é exatamente o ponto alto de toda a transformação operada no pensamento do período: o embate entre as cosmovisões materialista e idealista."

A partir daí, percebi aí que a Filosofia e/ou Ciência da Paisagem abre perspectivas bem mais amplas para situar a divisão, para mim abstrata e, finalmente falsa, no sentido de julgar o que é uma realidade ideal e o real. Então compreender a ação eficaz e serena no mundo implica em assumir que o real é intensamente ou totalmente a atividade artística[55] que nasce do ato livre da autodeterminação de nossa consciência *continuamente em elaboração*.

Por isso, o autor, acima citado, Roberison Wittgenstein Dias da Silveira, faz uma longa digressão que passa pelas obras de Spinoza, Kant, Leibnitz, Fichte, Shiller e Goethe para chegar ao que ele chama de síntese em Schelling que afirma a autoconsciência como a realização da unidade do ideal com o real, levando Humboldt a estabelecer os fundamentos da Geografia moderna. Assim, nas conclusões de sua tese, Roberison Silveira, nos diz:

"Mesmo o objeto por excelência da Geografia se estabelece aqui, na medida em que a análise da superfície da Terra, por parte de Humboldt, é um confluir humano-natural, uma aproximação que vai desde a composição orgânica das raças com seus ambientes, com a natureza da qual é parte sistemática, até a consideração produtiva do olhar, daquele para quem esse conjunto sistemático se dá a ver e que é, nesse pôr, produzido pelo mesmo fundamento único que anima o espírito humano, a atividade que fundamenta a consciência de si. Artística e filosófica, sua produção científica é um dos últimos resquícios dessa tarefa impressionante de pensar o mundo, o Cosmos, como uma unidade indissociável, respondida desta feita tanto pelo que se reconhece como por aquele que reconhece. Concluímos, assim que a paisagem configurou-se como o conceito por excelência da ciência humboldtiana, afinal, permitia ela reunir todo um amplo legado estético-científico e, no papel fundamental que lhe subjaz pela

[55]Estou caracterizando a atividade artística toda elaboração prática nascida do conhecimento, incluindo não só as obras materiais, mas também a elaboração de afirmações científicas, ideologias, etc. Assim na construção de uma moradia com sua paisagem interna e externa no possível quintal ou a vista da janela, estamos exercendo um ato criativo e único que, a cada dia, se renova.

forma, podia responder filosoficamente aos desafios espinhosos que se dispunham. A unidade total estava posta no conceito de paisagem e, por ele, edificada na ciência humbodltiana do Cosmos, consequentemente, na sua Geografia moderna." (pág. 440 no texto original da tese acima citada "Filosofia, Arte e Ciência – A paisagem na Geografia de Alexander von Humboldt")

O que procuro ressaltar parte do princípio de que embora ocorra um todo como uma "unidade indissociável" a autoconsciência se dá por uma ruptura, por uma transgressão que se expressa na atividade artística. Em função do fato de que Goethe leva em conta a prioritária função da forma e do estudo permanente da morfologia, dando a esta, o mesmo valor que se dá ao conteúdo, não há como prescindir da atividade artística desde o observar até o fazer e trabalhar ativamente com os fenômenos. E a atividade artística, necessariamente resulta de uma ruptura, uma transgressão. Por outro lado, Schelling nos indica a possibilidade filosófica de chegar ao "Si Mesmo", mas em minha tese afirmo que as condições embriológicas, anatômicas e fisiológicas, unindo portanto nossa observação da forma e do conteúdo na elaboração do ser humano, proporcionam o ambiente físico fundamental para a emergência deste "Si Mesmo" como realidade objetiva e, portanto, concreta, na consciência humana. No entanto, como já dito antes, a afirmação do indivíduo objetivo como "Eu" só se realiza quando, após a descoberta que cada um faz de seu "Si Mesmo", ocorre a vontade consciente de sair do imobilismo deste "Si Mesmo" para ser no mundo sobre o chão, elaborando sua trajetória. Assumimos aí a postura do ser trajetivo e, então, sim, dizer a si mesmo, com firmeza e eficácia "Eu Sou". Este é o fundamento da "Filosofia da Liberdade" de Rudolf Steiner. Ora, esta liberdade assim adquirida, reafirma a vocação essencial do ser humano para a transgressão no sentido dele criar novas realidades, de maneira, portanto, não instintiva, mas como protagonismo efetivo da identidade real e objetiva deste indivíduo que também elabora suas identidades sociais, estas sim, subjetivas.

Assim, no caminho da reafirmação dos dados e conteúdos já expressos,

quando falo de vontade consciente quero afirmar que o ser humano como mistério a ser compreendido se revela desde a tenra infância com uma vontade, uma busca. Já falamos da intencionalidade. Queremos. Eu sou um Eu que quer. Edmund Husserl (1859-1938), acentua que esta busca tem fundamento na intencionalidade que opera em toda prática científica. Ora, a intencionalidade é um fato concreto que escapa à maioria dos pesquisadores na atualidade, e que é o fato de que o ser humano é um ser ativo, e que, ainda, por decisão própria pode se tornar pró-ativo, que, assim, realiza uma atividade concreta e efetiva como um ser trajetivo como fato evidente por si mesmo e que se vale tanto de sujeitos como de coisas para sua atuação.

Assim, surge uma pergunta obrigatória: O que, de fato, eu quero? Quando por um ato consciente caminho para o que eu quero, posso descobrir que no fundo de todo querer há sempre muito mais guardado no inconsciente, mas se eu pesquiso de fato, vou descobrindo e, lentamente, chegando à expectativa profunda de celebração, de sacramento que se dá pela realização profissional, pessoal e social. E, volto aqui para o motivo óbvio que é descoberto em cada celebração, como sendo resultado de um ato feito para um outro...

Há, então, aí, uma ação de conhecer que dispensa a metafísica e se atém à fenomenologia, mantendo a partir daí, uma permanente e cuidadosa atividade de interpretação dos fatos que evita definir ou explicar, mas caracteriza cada fenômeno em sua expressão circunstancial[56], ou seja, naquele momento ou situação, em forma de "simbolizações eficazes" com todo o rigor do método científico *(que deve sempre desconfiar da mera observação dos sentidos e de seus juízos advindos da percepção e, mais ainda, das conclusões, afirmações ou explicações)*. Sempre, na prática, a ciência trabalha com simbolizações eficazes como é a

[56]Gosto bastante da imagem usada por Deleuze e Guattari de compreender os fenômenos como "rizomas", como já descrevi acima, que se entrelaçam de infinitas maneiras atingindo várias possibilidades de vertentes que estão sempre integradas com outros fenômenos que também se expressam por outros "rizomas". Nesse caminho, formam-se tubérculos, raízes que são como frutos, como legumes comestíveis, como as várias formas de batatas ou, como temos aqui também no Brasil, a mandioca, por exemplo. Estes tubérculos seriam as "Simbolizações Eficazes" que os cientistas elaboram e que se formam nesses tão intrincados caminhos dos "rizomas" e que são afinal, fenômenos mais elaborados, com maior consistência que os rizomas comuns.

teoria atômica, a espiral do DNA e, afinal, todas as elaborações culturais da humanidade que, para os pesquisadores sérios nunca são "explicações definitivas dos fenômenos".

Assim, quando hoje na sociologia se fala que toda identidade é social e que a identidade individual é subjetiva, já que o indivíduo livre é uma elaboração ilusória, tenho defendido a possibilidade, para mim concreta, de que quando integramos a ***"Noesis"*** com a ***"Dianóia"***, podemos descobrir a realidade de um indivíduo objetivo e epistêmico e, por isso, capaz de acesso aos universais.

Sei que esta é uma discussão muito mais complexa e nos remete aos estudos de toda a filosofia, passando principalmente por Fichte e Shelling, para chegar depois a Rudolf Steiner.

Por isso proponho a Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística que, embora já tenha sido apontada por Rudolf Steiner, ainda precisa ser muito mais desenvolvida pois a grande ênfase no estudo da Biologia Goetheanística parece não ter dado o grande salto para a Antropologia/Noética.

Não se trata apenas da abordagem goetheanística da Antropologia Física, mas do estudo e prática das consequências que vão chegar para a Antropologia Geral que inclui não só a expressão física, mas as consequências na cultura no sentido de estimular o "Ser-Aí-Entre", o "Entre-Estar-Aí", no sentido dado por Heidegger, como o caminho para quem, de fato, quer sair do lugar comum.

"Ser-Aí-Entre" é simplesmente ser, estar e fazer sem se justificar, sem julgar, sem esperar soluções imediatas. É estar aí simplesmente e atender, como ser humano que visa ser cada vez mais, a partir do necessário, aqui e agora. Não há pré-requisitos! Valemo-nos da base da Antropologia Física e seguimos para a Antropologia Cultural, no sentido de percebermos que consequências estes fatos têm para nossa cultura, para nossa emancipação como seres humanos. Estar pleno é estar lá, a partir da noite escura da alma, colocando-se com toda força

no Limiar, no estar Entre, no mistério de *Ser-Aí/Entre-Ser.* Apontados os fatos que permitem a sensação do "Si Mesmo" em cada um e que levam a criança a chamar-se a si mesma de "Eu", cada pessoa faz um caminho único e próprio de ir além do "Eu", para ser um "Eu Sou" agora como ato consciente de pautar sua vida pelo Individualismo Ético, elaboração de Rudolf Steiner em seu livro "A Filosofia da Liberdade". Este "Individualismo Ético", ao contrário do egocentrismo descobre sua função, sempre altruísta, em cada atuação, em cada empreendimento pelo qual o trabalho é sempre dirigido para os outros, mesmo que a pessoa não o perceba. Assim, se me proponho a consertar bicicletas, por exemplo, tenho que me instalar com ferramentas e uma oficina que receberá um nome, um substantivo que o contador denomina de "Razão Social". Ora, é claro aí que essa "Razão Social" está sendo estabelecida para atender aos outros, mesmo que eu afirme que me instalei com a oficina para ganhar dinheiro. Ora, só posso ganhar dinheiro para continuar a atender aos outros!

E percebo que esta atividade me exige uma contínua autoeducação para que eu possa realizar no passo a passo, a metamorfose que vai da *Rotina* para que esta se torne um *Ritmo* que acabe num *Ritual.* Esse caminho dos três R's vai fazendo com que eu perceba em meu trabalho um sacramento, um sacro-ofício para ir à demanda dos outros. É este o segredo que se encontra quando chegamos ao ato de superação do Limiar.

O que espero poder ressaltar é uma nova postura epistemológica que assume a ruptura, a mudança radical ou metamorfose *("uma mudança além da forma inicial". Meta no grego significa além)*, o que então significa uma mudança que vai muito além da transformação *(que é o caminhar de uma forma para outra, como nas maquiagens)* pois inclui a ruptura radical com a forma anterior, como no caso da larva que se metamorfoseia em borboleta.

Enfatizo assim a ruptura que ocorre com a concretização do "Fator Anthropos", quando esta concretização se faz na evolução do embrião humano pelo abandono da tendência

biológica de autopreservação ou sobrevivência, para afirmar a presença da prioridade do ser livre, criativo, a partir da percepção do Eu, quando a criança chama de Eu a si mesma, em seu terceiro ano de vida.

Será que cabe então afirmar que o indivíduo que se estabelece como protagonista de sua vida, no sentido de assumir toda a responsabilidade por seus atos, como fatos que se expressam de modo objetivo, leva ao fato de que seus atos não sejam mais considerados subjetivos, mas, ao contrário, na medida em que nasçam de sua determinação individual, por sua pró-atividade, tornam-se caminhos efetivos, objetivo/subjetivos de evolução real para a realização plena e dinâmica da vida física, anímico/psicológica e da vida do espírito?

Não será esta a base para a afirmação de que assim apreendemos o amor e com o exercer este amor participamos efetivamente da elaboração contínua da impermanência da grande ordem imanente, ampliada e emanente?

Assim, o exercício real de seguir a manifestação das formas materiais e das formas não materiais a partir de servir a um propósito estabelece o círculo das pessoas que escolheram "Ser-Aí, no Entre as coisas e os seres no mundo". É o Círculo do Entre-Ser, Entretecer-se, Entreter-se e, finalmente Entregar-se ao propósito do amor ao outro...

Ora, essa entrega é um ato simples, mas que tem nos exigido extrema coragem, pois todos temos medo de nos perdermos. ***Somos tão ciosos de nossa presença que podemos chegar à defesa do protagonismo como estratégia equívoca e perversa da não entrega. É isso: Podemos usar a intensificação do protagonismo como estratégia de fuga do amor.*** Por que o amor se dá quando cada um se propõe a nutrir o outro, respeitando e estimulando sua forma de ser. E a maioria de nós tem medo da entrega para nutrir e para receber ser nutrido, porque nestas polaridades temos que abandonar nosso egocentrismo para chegar ao zerocentrismo, pelo qual a real presença é o Não Eu, mas o Outro!

Estou, portanto, sugerindo que a evolução tão falada neste texto, que vai da percepção inicial da *presença* para a sensação e sentimento do *Si Mesmo* para chegar ao *Eu,* é o despir-se contínuo do Egocentrismo para chegar ao *Eu Sou* que se estabelece de verdade, quando assumo que sou o *Outro.*

E então, estamos nos aproximando do *SER PROFUNDO* no mundo, do vazio total que se estabelece como o *TAO* da Antiga China, ou do *CRISTO* (Aura Solar), quando nos rituais se afirma *Não Eu, mas o Cristo em Mim!* Este é o *ABGRUND* como é falado no Alemão ou do *PENETRAL* de nosso querido Suassuna ou do *GRANDE SERTÃO – VEREDAS* que se abre para quem chega à *TERCEIRA MARGEM DO RIO* de nosso querido Guimarães Rosa!

E para chegar à esta instância precisamos fazer o caminho que se percorre pelas polaridades do masculino e feminino para a intensificação da observação e descrição das formas e de seu vir a ser em cada instante pelo pensar intelectual, seguido pelo pensar imaginativo, desenhando as infinitas configurações que podem se manifestar para então, no silêncio meditar com o pensar inspirativo para então poder chegar à contemplação com o pensar intuitivo. Com esse processo realismo o PENSAR = CURAR o nosso conhecer de toda empáfia e orgulho de quem se refugia encastelado nas elaborações metafísicas do mundo.

Assim chegamos ao apreço do que é único, singular no mundo, pelo processo do

COGITO – MEDITATIO – CONTEMPLATIO - ERGO SUM!

5.6 – Conclusões

Aos meus amores, meus amigos, minha irmã, meu irmão… Estou aqui, diante do portal, à espera. Só me resta mesmo esperar! Porque não posso atravessar o limiar sozinho. Aqui, logo após o limiar, está o menino que nos espera para tomar nossas mãos e dizer: "Vem, não tenha mais medo! É só atravessar a neblina e chegaremos à paisagem que tanto queremos!"

Escrito inspirado pelo filme "Paisagem na Neblina" de Théo Angelopoulos

Será que é possível afirmar que a partir das bases dadas tenha sido indicada a perspectiva extraordinária, mas realista, de realização de cada ser humano quando assume sua praticamente infinita dimensão antropológica, já que pelo seu pensar ele pode se dar esta capacidade de pensar o infinito e infinitamente?

A questão é que quando ficamos presos à dimensão biológica que, afinal, é a ciência natural mais elaborada na atualidade, mantemo-nos limitados a compreender que nossa busca maior será encontrar as sensações que tem como objetivo satisfazer nossas funções biológicas fundamentais. E o amor, então, só poderá ser compreendido em sua expressão de ser apenas o sentimento gregário, ativado bastante pela sexualidade, que é o que liga os seres vivos entre si.

Mas o ser humano quer muito mais!

Assim, que perspectivas de realização temos, muito além do amor dado pelo sentimento gregário? Quem somos afinal e para onde vamos? O que queremos afinal?

Ao nos darmos conta de que o ser humano em sua configuração morfo-antropológica se distancia longamente da necessidade premente pela sobrevivência e da vida instintiva, somos chamados a perceber a demanda pela realização plena de sua capacidade de acesso às Ciências do Espírito acima caracterizadas e, a partir daí, por um caminho antropológico de desenvolvimento, podemos chamar de bio-antropográfico, no sentido de que não sendo só biológico mas também antropológico, o ser humano parece ser vocacionado para a descoberta do amor não só fisiológico, típico do sentimento gregário, mas também de uma infinita criatividade pelo acesso ao infinito da capacidade de pensar.

Ou seja, o ser humano, se diferencia tão amplamente dos outros primatas por uma atitude não natural, colocando-se assim, como já dito acima, desde sua infância, perante o mundo e, simultaneamente, dentro do mundo! Mas o estar no mundo implica em modificá-lo totalmente para que sua função em espírito se depure e se revele lentamente aos multiversos,

na grande ordem imanente em continua reelaboração.

É aqui que se justifica finalmente a permanente elaboração da Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística no sentido de que cada pessoa possa, em seu processo de autoconhecimento e autoeducação, realizar as metamorfoses necessárias para sua contínua realização pessoal/afetiva, profissional e social. E quais seriam, então, as possibilidades de metamorfoses inerentes às expectativas reais do ser humano?

Pela Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística as metamorfoses não estão a serviço de buscar os prazeres mais refinados possíveis. As metamorfoses a partir da assunção do "Eu Sou" convivem com a alegria de amar e compartilhar a *poiésis* e a beleza inerente ao mundo, às pessoas e à descoberta dos multiversos, enquanto se efetiva a elaboração de novas realidades humanas nunca antes nem imaginadas como a "expervivência" de células e espaços de convivência elaboradas com músicas modeladoras de novos formatos e cores resultantes de sínteses renovadas de cyano, magenta e preto. Estas células e espaços de convivência onde as pessoas se encontram e praticam Rodas de Conversa e Rodas de Atividades Artístico-Científicas visando estabelecer Círculos de Fundamentação, colocam-se perante paisagens com formas e cores também novas, inesperadas, que lembram a contemplação das florestas no outono que podem, por exemplo, ser vistas no Canadá.

Assim, a Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística além de fundamentar as metamorfoses físicas que dão ao corpo a plasticidade necessária, por exemplo, para a dança e a elaboração da musculatura fina para os muitos movimentos articulados que levam à articulação dos sons para o emergir da fala articulada, do cantar e do pensar, fundamenta também as metamorfoses anímico/psicológicas que podem assim fazer emergir o ser humano novo que se assume a partir de seu próprio protagonismo verdadeiramente amoroso que exerce, deste modo, o real estar no mundo, como ser criador de novos espaços,

novos formatos e novas paisagens.

Além disso, estará realizando o que Rudolf Steiner indicou como a prática da Trimembração do Organismo Social que é o reconhecimento de que os ideais da Revolução Francesa estão sendo realizados na vida social quando exercemos a *Liberdade* na vida cultural/espiritual, ou seja, cada indivíduo livremente escolhe sua atuação cultural, com seus valores e sua forma de veneração à grande ordem imanente; daí se exerce a *Fraternidade* na vida econômica pela qual todas as pessoas tem acesso àquilo que precisam por meio de acordos sempre renovados entre consumidores, distribuidores e produtores, o que afinal implica na *Igualdade* na vida jurídica o que é a prática de que todas as pessoas tem os mesmo direitos.

Estes fatos têm consequências diretas na elaboração humana da paisagem em todos seus aspectos naturais e urbanos, na medida em que o ser humano, é chamado a estabelecer espaços e formas de convivência compatíveis com suas demandas em todos os níveis.

Daí, diante da visão dominante na filosofia da paisagem, estou propondo a ruptura com a dominância do natural/biológico/sistêmico pela assunção de uma postura bio-antropológica/artística protagonizada pelo indivíduo trajetivo, objetivo e epistêmico, criador de realidades não naturais com profundas metamorfoses na paisagem natural.

Tendo desde o princípio, total gratidão e reverência por tudo o que já feito até aqui, permito-me propor uma revisão dos processos de pesquisa, mineração e produção, integrando a arte em todas as fases de elaboração, já que podemos conjecturar que a construção das máquinas, equipamentos, ferramentas e objetos geralmente usados, tornaram-se poluidores ou causaram vários problemas porque faltou a abordagem da arte em suas elaborações.

Ou seja, a paisagem depende e dependerá cada vez mais da necessidade do ser humano caminhar em seu amplo sentido por uma direção que leve à infinita expansão da consciência, o que impacta diretamente nos estudos e nas práticas da Psicologia Social.

Foi por isso, como consequência destas afirmações, que me permiti ousar a elaboração de princípios antropológicos além dos existentes princípios biológicos e, a partir daí indicar um caminho aberto de ampla realização bio-antropográfica. Este assunto da realização bio-antropográfica, em consonância com os princípios antropológicos deverá constar de uma outra tese a ser elaborada no futuro, como tese de Pós-Doutorado.

Assim, espero ter mostrado que esta tese contem a proposta clara de um chamado para cada pessoa fazer o passo para o "Dasein" no sentido dado por Heidegger, expressando e assumindo a postura da responsabilidade individual de chegar ao "Eu Sou", ou seja, ocorre o caminho que vai da sensação do "Si Mesmo" para a assunção do "Eu" e daí para um passo enorme que é chegar ao "Eu Sou", que se traduz pela postura de protagonista de sua história e, não, como já dito antes, de ser apenas sujeito de sua história, o que modifica boa parte das posturas sociológicas e antropológicas que dominam a Psicologia Social.

É retomada a prioridade da Biologia e de sua evolução para a Antropologia Física que fundamenta objetivamente a emergência do indivíduo epistêmico que "Sendo Aí" (Dasein) se torna muito mais responsável por sua existência e evolução que, assim, visa a emancipação real do ser livre e criativo.

Valendo-nos da obra do filósofo Hans-Georg Gadamer que ampliando a hermenêutica, enfatiza o ser humano como a questão central do conhecimento, estamos propondo o Conceito da Integralidade. Este Conceito da Integralidade vem sendo lentamente acolhido nas premissas da comunidade científica exatamente por também priorizar a interdisciplinaridade, ou seja, o contínuo diálogo com as mais diversas disciplinas do conhecimento do ser humano, o que provocou retomar vários aspectos das pesquisas científicas, percebendo a necessidade de reestudar importantes descobertas, além de integrar conhecimentos de várias tradições culturais que afinal, como o próprio Piaget deixou claro, sempre se orienta por uma lógica intrínseca.

Aqui retomo a obra de Ludwig Feuerbach (1804-1872), já citado. Feuerbach em sua defesa de uma Filosofia do Futuro, colabora, talvez até inconscientemente, para estabelecer as bases deste Conceito da Integralidade, no sentido da afirmação e estímulo do ser humano integral que tem de ser compreendido em sua manifestação simultânea do Pensar, Sentir e Querer. Não é por acaso que um de seus livros recebeu o nome de *"Contra o dualismo de corpo e alma, de carne e espírito"*.

Evidentemente, caminhar na direção de uma *metodologia científica integral*, como aqui estou sugerindo, demanda uma abertura ao aprofundamento de uma *Antropologia Integral.*

Por estimular o atendimento do ser humano como um todo, este Conceito da Integralidade vem sendo proposto com muita ênfase na área da formação médica, conquanto subsistam atitudes e procedimentos ainda fundamentados no assim chamado "Relatório Flexner"[57] – mas, cada vez mais questionadas por vários autores.

Justamente por integrar outras disciplinas à biologia, fazendo-a "conversar" com as questões antropológicas, sociológicas e, ainda, com os determinantes econômicos, jurídicos e culturais contemporâneos, incluindo as mesmas questões e determinantes das antigas tradições, este Conceito da Integralidade contem em sua gênese a possibilidade de compreender mais amplamente a expressão dos fenômenos acessíveis pelas "Ciências do Espírito".

Assim, Hans-Georg Gadamer não se atém apenas ao "como interpretar" mas também à indicação de um sentido para a compreensão do humano como o objeto essencial do conhecimento – para ele, o fenômeno humano exige ir além do método científico predominante nas ciências naturais. Penso que a tal proposta é preciso agregar-se o estudo e a

---

[57](Refere-se ao documento "Medical Education in the United States and Canada – A Report to the Carnegie Foundation for the Advancementand Teaching", publicado em 1910, que propõe a expansão do ensino clínico, priorizando a ênfase na pesquisa biológica como forma de superar a era empírica deste ensino, tornando-se um guia da formação médica em nível internacional).

prática do Conceito da Integralidade por meio da proposta fenomenológica denominada de "Goetheanismo", desenvolvida por Rudolf Steiner a partir de seu trabalho de catalogação e reorganização dos estudos científicos de Goethe, nos arquivos de Goethe e Schiller em Weimar na Alemanha, caracterizando-se por um "ir além" do racionalismo e indicar a necessidade de também superar a ênfase biológico/sistêmica. É ao conjunto destas propostas que denomino ***"método científico integral"***.

A biologia teve grande evolução e descobertas com os estudos da Abordagem Goetheanística por demonstrar as metamorfoses dos diversos tecidos celulares ao longo do desenvolvimento dos seres vivos. E, neste caminho evidencia como estes tecidos, de maneira única no ser humano, se estabeleceram na formação embriológica e posterior do ser humano, de maneira muito diferente em relação aos outros mamíferos.

É a partir daí que se faz, então, necessária, não apenas uma Antropologia Física de abordagem goetheanística, mas também esta Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística por suas consequências em todos os outros aspectos da expressão humana. Como na abordagem Goetheanística é prioritária a arte como a atividade essencial para a atividade do conhecer os fenômenos naturais e também culturais, devemos dizer que essa prioridade, tem fundamento no "impulso lúdico" tão bem expresso por Johan Cristoph Friederich von Schiller (1759 – 1805) e mais recentemente por Johan Huizinga (1872 – 1945). Assim, essa efetiva ação do conhecer, desde a infância, se exprime quando a criança cria brincadeiras e até brinquedos que imitam a sensação e percepção dos fenômenos externos e internos e, depois, nas elaborações desenvolvidas ao longo do crescimento e amadurecimento das pessoas pelas atividades que chegam à sofisticação cultural e tecnológica da atualidade.

Ou seja, estou propondo esta nova abordagem para a Antropologia em geral para afirmar a demanda por uma evolução e realização que não fique circunscrita aos imperativos

biológicos, mas que atenda as expectativas da infinitude do querer, do sentir e do pensar em suas diversas categorias filosóficas, abrindo-nos aos multiversos da realidade física, anímico/psicológica e à infinita realidade do espírito.

E já que estamos tratando do Conceito da Integralidade e da obrigatória necessidade de síntese das diversas vertentes atuantes na expressão humana, temos que também estudar as possibilidades de expressão política do ser humano, junto com o estudo dos determinantes econômicos, psicológicos e sociais no mais amplo sentido.

Ora, Rudolf Steiner, seguindo o Goetheanismo elaborado por ele, a partir dos trabalhos científicos de Goethe, também abordou por esta metodologia a ordem política quando propôs o que acima já caracterizamos e que vem sendo chamado de Trimembração do Organismo Social. Esta trimembração se efetiva na concepção de que os ideais expressos a partir da Revolução Francesa, ou seja, a prioridade de convivermos plenamente com a Liberdade, a Fraternidade e a Igualdade, sejam atividades ***conscientes*** na prática da vida social.

O que Rudolf Steiner demonstra é que o anseio destes ideais existentes em todo ser humano, são fatos *não conscientes* na organização social e que, devido a essa não consciência, deixam de ser efetivamente praticados.

Ou seja,

- A **Liberdade** é a busca de todos nós na vida cultural/espiritual da comunidade: queremos sempre exercer a liberdade de nossos pensamentos, de nossas expressões culturais e de nossa expressão do espírito em nós;
- A **Fraternidade** é realizada no quotidiano de nossa vida, já que todos nós trabalhamos para ir ao encontro das necessidades do próximo, no sentido de que como empregado numa indústria ou como empreendedor de qualquer negócio, procuro ir ao encontro de uma demanda dos outros. O meu ganho de dinheiro com esta atividade é consequência desta

atividade e me possibilita ter o acesso ao produto elaborado pelos outros para atender minha necessidade também – ou seja: as pessoas tem acesso àquilo que precisam por meio de acordos sempre renovados entre consumidores, distribuidores e produtores. Na medida em que me mantenho egoísta pela concepção de que trabalho para mim, exercito exatamente a falta de consciência destes fatos. E pela não consciência destes fatos, vou levando a atividade econômica para os impasses que afetam a todos nós;

- E a **Igualdade** é uma expectativa real de todos nós, já que todos acreditamos que devemos ter os mesmos direitos, iguais a qualquer membro da comunidade.

Dessa maneira, se começamos a agir a partir da plena consciência de como os ideais da Revolução Francesa já estão efetivamente sendo realizados em nosso quotidiano, vamos nos organizar em associações de produtores, distribuidores e consumidores, buscando a harmonia das atividades sócio/econômicas. Essa harmonia, no entanto, vai depender diretamente de um contínuo processo de autoeducação, fundamentada num grande trabalho de educação continuada que atinge as crianças, jovens e adultos. Dessa educação vai ficar claro que o trabalho, a terra, o dinheiro e a cultura não podem ser considerados ativos financeiros por serem os meios pelos quais se produz e se fazem circular os produtos de todos.

É evidente que este é um tema muito mais amplo, como cada uma das vertentes nas quais como seres humanos estamos implicados, mas está sendo descrito aqui, pois ao propor essa Abordagem Antropológica/Noética de base Goetheanística não poderíamos deixar este aspecto de lado.

Não se pode aí, deixar de citar a extraordinária contribuição de Gaston Bachelard que colocou a expressão artística, com foco na Poética, como afirmação essencial e superior da atividade de conhecer a realidade.

E Gilbert Durand, discípulo e seguidor da obra de Gaston Bachelard, afirma o dinamismo organizador da imaginação que é vista como potência dinâmica que amplia as

cópias pragmáticas fornecidas pela percepção.

Com estas ampliações, essa vertente sugerida para a Antropologia em geral, abre a possibilidade de criação infinita de novas e surpreendentes configurações. Pois aqui é importante frisar que Goethe chamou nossa atenção, como já dito antes, para priorizarmos a forma e do contínuo e atento estudo da morfologia, dando-lhe o mesmo valor do que o conteúdo. Ou seja, a forma da planta, da rocha, do osso, de um órgão e, afinal, de qualquer fenômeno é tão importante de ser estudada quanto o conteúdo e os processos ocorrentes em todos os fenômenos. Por isso, podemos demonstrar os fundamentos físicos e fisiológicos que permitem a revelação da *presença* do indivíduo objetivo epistêmico que por sua atividade, como um "acting" permanente, criativo e não só instintivo, elabora seu destino próprio, a cultura e o acesso a diferentes universos de diversas dimensões espaço/temporais, incluindo o fato indiscutível da elaboração das identidades sociais que, estas sim, se constituem como sujeitos psicológicos, que, sendo assim, são indivíduos subjetivos como *novas formas* de ser no mundo que abrem novas perspectivas e amplas possibilidades de atuação.

Dessa forma, na tradição da matriz fenomenológica da psicologia, ocorre o rigor científico, agora ampliado pela visão do Conceito da Integralidade que assume a perspectiva contemporânea da complexidade, aproximando-nos de Frederic Munné, (professor e pesquisador em Psicologia Social na Universidade de Barcelona, além de ser atuante em várias outras universidades, principalmente de língua espanhola). Munné, em lugar de circunscrever o uso de conceitos a limites determinados, precisos e claros, propõe o compromisso epistemológico da perspectiva da complexidade, que está posto sobre o impreciso, o difuso, o indeterminado e, fundamentalmente, sobre o possível.

Munné afirma *"isso significa que uma coisa pode pertencer ou não pertencer, a um mesmo conjunto, simplesmente porque os critérios de pertinência não são nítidos".*[58]

---

[58]Frederic Munné (2014). Perfecto e imperfecto. Estudios sobre la complejidad. Bogotá. California-Edit, p. 224

Com isso, Munné, questiona e põe em dúvida a prevalência das definições operacionais que caracterizam o desenho e o controle experimental, algo que considera uma típica estratégia reducionista da investigação científica em Psicologia, concordando com Bortoft que denuncia essa *estratégia reducionista* na ciência em geral. Assim podemos abrir o campo amplamente para a compreensão dos processos inerentes à criatividade e ao abrangente pensamento científico.

Ora, estamos percebendo a retomada de posições antes consideradas uma defesa do idealismo ou do romantismo, incluindo as análises de Dilthey e mais recentemente de Noam Chomski, ao propor o uso da *estrutura profunda*, uma forma que dá origem a outras formas, vão nos mostrando a limitação dada ao "uso de conceitos a limites determinados, precisos e claros", pois a perspectiva da complexidade já está estabelecida e em muitos casos supera os limites do racionalismo e da visão lógico/matemática.

Então para firmar o todo do que foi estabelecido nos capítulos anteriores, começamos por repetir, dizendo que esta postura nos aproxima do que acima caracterizamos como o fato que nos permite afirmar que a atividade humana na Ciência, na Arte e, afinal, em todas as suas expressões pelo uso das "Simbolizações Eficazes" não necessita e nunca realizou "explicações" ou "verdades" definitivas.

Fizemos um longo caminho para afirmar que a maior performance ou protagonismo desta presença, deste indivíduo epistêmico, se revela na séria e cuidadosa aplicação do método científico integral que como já especificado acima, realiza todo o caminho de observação, descrição, organização, catalogação e conceituação dos muitos dados expressos pelos fenômenos em sua forma material e não material, ou seja, em suas formas físicas e nas muitas ideias inerentes aos fenômenos mas também a toda realidade abrangente. Nesse caminho, o cuidado se revela pela paciência e pela contenção da ansiedade de buscar "explicações". Este método propõe uma permanente meditação das tantas veredas e fluxos

existentes em cada fenômeno e situação com suas muitas possibilidades hermenêuticas, permitindo a expressão do que acima caracterizamos como “Simbolizações Eficazes” como forma efetiva de atuação científica e prática diante dos desafios que temos no mundo. Ou seja, deixando conviver nossas percepções sensoriais com as percepções supra sensoriais, sem pressa, pela capacidade única humana de poder esperar o tempo necessário ou o tempo que cada um precisa, entre uma impressão e suas possibilidades de interpretação, podemos aprender a deixar que as coisas e as pessoas se revelem por si mesmas!

O compreender (apreender com) abre a possibilidade de decisões no agir como profissionais em todas as áreas de atividade humana. Assim, o pedreiro cuidadoso que segue um “design” na construção, o médico que elabora um diagnóstico eficaz para cada um de seus pacientes e, enfim, todos, quando são cuidadosos e trabalham, sem a ilusão das certezas, mas com arte, podem chegar ao âmago das coisas e das pessoas, para a excelência da atuação prática na vida.

Faz sentido dizer que ao estarmos propondo que na vida quotidiana de todos nós, quando usamos da paciência e do cuidado, com a perspectiva clara de um caminho de emancipação e realização pessoal, profissional e social, estamos cumprindo o que esperamos dos pesquisadores e cientistas nas várias áreas práticas da vida e do mundo, além do conhecimento humano em geral?

Fica claro o motivo do uso do método científico, que várias vezes chamei de integral, como sendo essencialmente uma prática permanente de autoeducação para todos nós?

As “Ciências do Espírito” se desenvolvem enormemente pelas atividades no mundo externo, mormente pelo contato com as muitas expressões culturais, genuínas e singulares, dos seres humanos em sua surpreendente diversidade de tipos físicos, psicológicos e de consciências individuais contemporâneas e das antigas tradições.

A dinâmica entre mundo interno e externo pode ser muito bem compreendida quando

hoje estudamos as pré-disposições genéticas que são fundamentais e que se modificam enormemente pelos fatores epigenéticos.

Com estas capacidades das "ciências do espírito", são realizadas as "Ciências Naturais" que se explicitam pela cuidadosa descrição inicial dos fenômenos em sua ocorrência natural e pelo uso de muitos diferentes critérios para a posterior catalogação e organização dos dados obtidos. E aqui podemos repetir e reafirmar que afinal a ciência é sempre uma "Ciência do Espírito", pois ao fazer ciência, se realiza o passo que vai além da descrição inicial. Assim, quando esta descrição é feita de maneira "cuidadosa", já implica em um formato de elaboração do espírito que se faz, ainda mais presente, na catalogação e organização dos dados.

Ocorre que muitos estudiosos apontam a hegemonia de padrões na observação dos fenômenos naturais, anatômicos, fisiológicos, mas também citológicos e bioquímicos. Esta postura epistemológica, como atividade da "ciência do espírito", acaba por priorizar os fatores que aparecem nas manifestações físicas e mensuráveis, deixando, inconscientemente em segundo plano, as manifestações observadas pela consciência das "Ciências do Espírito" em si mesmas, mas que também incluem os fenômenos emocionais, mentais ou sociais que são vistos mais como sendo subjetivos e, portanto, não considerados em sua expressão objetiva e principalmente em sua expressão trajetiva.

Estamos aí entrando na área do interacionismo que, em suas muitas formas, afinal propõe as interações reciprocamente determinantes entre ambiente e organismo, entre a história dos indivíduos e a história da espécie humana em sua relação com a natureza. E então propomos que essa ênfase na postura biológica/sistêmica, inclua finalmente a *presença* do "fator anthropos"! Justifica-se aí, a demanda por uma forma de pensar inclusiva, integradora dos diferentes conhecimentos, formas e experiências da humanidade que, ao mesmo tempo, respeite o rigor e abra caminho para uma compreensão cada vez maior dos fenômenos, a

começar pela integração dos fenômenos da percepção sensível com os fenômenos da percepção supra sensível (ideias, ideologias, classes, etc.).

Assim, ocorrem muitas outras formas de "verdade" como, por exemplo, o conhecimento obtido pelo músico ao buscar em determinado instrumento musical, um som único que lhe satisfaça a melhor comunicação do que ele quer transmitir. E o mesmo podemos dizer, também, sobre um pintor que busca determinada cor, o dançarino que exercita novas posturas e assim por diante. São atos que resultam em conhecer outras realidades! Desta forma, estamos também, mais uma vez, defendendo – com Goethe, Gadamer e tantos outros – a arte como atividade trajetiva e, por isso mesmo essencialmente inclusiva, que, portanto, não cabe ser considerada uma atividade apenas subjetiva pois se torna profundamente objetiva na pesquisa da compreensão das coisas e dos fenômenos.

Outro aspecto é que Gadamer propõe a validade da contribuição das tradições culturais, não como apenas um reconhecimento da alteridade do que aconteceu antes, mas como o reconhecimento de que estas tradições tem algo novo a nos ensinar. Um belo exemplo disso é a referência aos diálogos de Platão, onde a função daquele que pergunta é manter a conversa e não terminá-la com argumentação, o que rapidamente leva ao final do diálogo. É essencialmente uma atividade lúdica na qual o prazer desempenha um papel importante pela disponibilidade que se abre de um contínuo aprendizado.

Buscando, então, outros fundamentos, percebemos que em Schiller, Goethe e, mais recentemente, em Huizinga, a visão do impulso lúdico, como elemento que dinamiza o pensar, abre o caminho para a arte como orientadora do método, como Rudolf Steiner o faz quando elabora o Goetheanismo.

Porque Goethe na descrição da metamorfose das plantas, pelo estudo da metamorfose dos ossos e cartilagens nos vertebrados e em suas descobertas na anatomia humana, indica caminhos novos para a compreensão dos fenômenos biológicos, fornecendo

ainda subsídios para uma Antropologia Goetheanística como uma possível ampliação dos horizontes humanos.

Atualmente há muitos estudos orientados pelo Goetheanismo que indicam novos rumos para a compreensão destas discussões, pois observando as metamorfoses em todas as fases do desenvolvimento, revelam-se outras possibilidades de interpretar, principalmente pelo fato de que a abordagem artística revela e integra dados que antes estavam dispersos.

Steiner ressaltava que pelo Goetheanismo, a forma de perguntar ou pesquisar os fenômenos é muito diferente da forma hegemônica porque nesta, a pergunta nasce de uma hipótese prévia enquanto que com o Goetheanismo a pesquisa não parte de nenhuma hipótese: o que o cientista ou pesquisador faz é a observação criteriosa dos fenômenos, descrevendo o passo a passo dessa observação que, pelo estudo da morfologia e da experimentação com as polaridades e a intensificação, vai revelando formatos e processos antes não evidentes.

Dessa forma o fazer científico se realiza por observar os fenômenos a que temos acesso pelos sentidos físicos, mas também pelas percepções supra sensoriais acessíveis pelo pensar, em sua aparição no mundo para em seguida observar as relações recíprocas entre os mesmos fenômenos. Steiner propunha a “experiência pura”, ou seja a observação das coisas em sua aparição sem juízos prévios ou posteriores. Mas nesta “experiência pura” podemos também observar o nosso pensar que vai se revelando como a atuação que integra os fenômenos que estão isolados em sua aparição “pura”. Ou seja, vai ocorrendo a aparição de uma “ideia” que é obtida pela sensação do pensamento ou por meditação, intuída, na medida em que integra como que perpassando, atravessando as aparições dos fenômenos físicos. Percebe-se aí um caminho dedutivo e objetivo que pode ser repetido por qualquer pessoa que cautelosamente repete a mesma experiência. Continuando, ainda neste caminho dedutivo que implica num processo cuidadoso, meditativo porque não pode ser apressado pela ansiedade de buscar “explicações”, Goethe vai delineando o caminho que leva à descoberta do que ele

denominou de “Fenômeno Primordial” (Urphänomenon) como sendo a aparição de uma realidade “ideial”, uma ideia que enquanto ideia não é algo material, assim como o fenômeno matemático, que também é imaterial, sendo, portanto, acessível pelas “Ciências do Espírito”. Isso quer dizer que na observação das metamorfoses, pode-se intuir uma ideia de *“Forma em movimento”* ou *“Configuração Dinâmica”* como possíveis traduções da palavra alemã “Bildung”, usada por Goethe e que é o fundamento para a descoberta das metamorfoses nas plantas, nos ossos e, enfim, nos muitos processos da natureza, mas também nos processos de elaboração cultural. Goethe considerava “Bildung” mais adequada do que a palavra “Gesthalt”.

Assim não há uma imposição de uma hipótese ou modelo, ou ainda outro formato para a observação dos fenômenos. O que Goethe propõe é permitir aos fenômenos que eles se revelem ou se imponham à nossa consciência. Nestes fenômenos estão não só os exteriores, mas também os interiores como os pensamentos, sentimentos, desejos, etc. Então ocorre nossa atividade interior de meditar e intuir a *“Configuração Dinâmica”* pela qual estes fenômenos se correlacionam.

Podemos então passar a trabalhar com a morfologia não mais dos fatos físicos, mas também dos fatos anímico/psicológicos, percebendo como se faz a metamorfose de nossos sentimentos, expectativas, ansiedades, emoções, instintos, desejos, impulsos, simpatia, antipatia, pensamentos, ideias, concepções, percebendo ainda como é a morfologia de uma individualidade, de uma família, de um casal e de tudo o mais que representa nossa vida pessoal, profissional e social. Abrimos caminho assim às elaborações de uma morfologia da transgressão criadora como superação de morfologias que podem ancorar perversões na relação feminino e masculino, na constituição familiar e na constituição de grupos de trabalho, Rodas de Conversa, Círculos de Fundamentação, etc.

Cabe aqui também deixar claro que os assim chamados “Novos Mistérios” propõem

que a atividade intelectual seja profundamente exercitada para a efetiva e profunda descrição detalhada dos fenômenos e não para a elaboração de explicações, teorias ou doutrinas. E a atividade imaginativa seja a contínua elaboração de imagens vivas das coisas como estão ou como podem vir a ser, chegando à contemplação na atividade inspirativa que exercita a espera, o silêncio, para criar o relicário, o receptáculo do pensar intuitivo que pode chegar à vivência efetiva da dinâmica, do movimento da criação das coisas e do mundo[59].

Proponho assim que cada um acesse essa "Configuração Dinâmica", pela nossa atividade como decisão pró-ativa, objetiva. Isto significa assumir um permanente trabalho conosco mesmos no sentido de caminhar conscientemente para a realização plena em todos aspectos da vida. Por isso é um trabalho extremamente prazeroso que conta com um constante entusiasmo. Foi por isso que ousamos afirmar na tese as possibilidades e as perspectivas do pleno desenvolvimento bio-antropográfico como um permanente configurar (Bildung), ou como se diz atualmente, de fazer o "Design" das infinitas possibilidades do ser humano, abrindo o caminho para o estudo e compreensão de diferentes propósitos e formas de viver a vida, em suas fases de triênios, setênios ou nonênios. Por muitos estudos e práticas que estamos realizando em seminários e encontros humanos, esse caminho se realiza desde a "Identidade Infantil/Biológica" que se expressa por sua constante necessidade de suprir suas carências físicas e psicológicas e se ancora aos 27 anos em média, para a partir daí desenvolver o caminho para o "Eu" que surge pelo aprendizado de conviver com os vazios que nos levam ao ato criativo, o que se ancora aos 54 anos em média, pela "Identidade Madura/Antropológica" e que vai nos fazendo descobrir nossa expectativa, já antes citada, de celebração, de exercício da coragem de buscar o sacramento no trabalho que, afinal, sempre se dirige para os outros. Quando conseguimos o sacramento no trabalho e em nossa vida

[59] Os "Antigos Mistérios" tinham como propósito a elaboração e conscientização dinâmica da atividade do Eu, muito bem expressa na figura imaginativa de "Adam Kadmoun" e sua árvore sefirótica elaborada na Kaballah, mas também em outras grandes tradições como a "AUM BANDAN" da cultura negra, como as muitas expressões orientais da India com seus poemas reunidos em sua grande obra Mahabharata, a Yoga, o Zen Budismo, etc. ou ainda toda a cosmogonia da antiga China com as riquíssimas imagens de seus dragões.

pessoal, abre-se o portal que, então, vai nos levando ao "Eu Sou", à "Identidade Sábia" que é o assumir a postura do Rei, ou Rainha, que sorri amorosamente perante os argumentos, defesas e do medo e se ancora em torno dos 81 anos, pela renúncia, pela resignação em servir, ou seja, em que o Vir a Ser é Ser Vir.

5.6 – O espelho...

Termino aqui então com o conto "O Espelho" que é central na obra "Primeiras Estórias" de João Guimarães Rosa e que, para mim, resume o sentido último da vida:

O ESPELHO

Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições. Tomou-me tempo, desânimos, esforços. Dela me prezo, sem vangloriar-me. Surpreendo-me, porém, um tanto à-parte de todos, penetrando conhecimento que os outros ainda ignoram. O senhor, por exemplo, que sabe e estuda, suponho nem tenha idéia do que seja na verdade — um espelho? Demais, decerto, das noções de física, com que se familiarizou, as leis da óptica. Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.

Fixemo-nos no concreto. O espelho, são muitos, captando-lhe as feições; todos refletem-lhe o rosto, e o senhor crê-se com aspecto próprio e praticamente imudado, do qual lhe dão imagem fiel. Mas — que espelho? Há-os «bons» e «maus», os que favorecem e os que detraem; e os que são apenas honestos, pois não. E onde situar o nível e ponto dessa honestidade ou fidedignidade? Como é que o senhor, eu, os restantes próximos, somos, no visível? O senhor dirá: as fotografias o comprovam. Respondo: que, além de prevalecerem para as lentes das máquinas objeções análogas, seus resultados apóiam antes que desmentem a minha tese, tanto revelam superporem-se aos dados iconográficos os índices do misterioso. Ainda que tirados de imediato um após outro, os retratos sempre serão entre si muito diferentes. Se nunca atentou nisso, é porque vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais

importantes. E as máscaras, moldadas nos rostos? Valem, grosso modo, para o falquejo das formas, não para o explodir da expressão, o dinamismo fisionômico. Não se esqueça, é de fenômenos sutis que estamos tratando.
Resta-lhe argumento: qualquer pessoa pode, a um tempo, ver o rosto de outra e sua reflexão no espelho. Sem sofisma, refuto-o. O experimento, por sinal ainda não realizado com rigor, careceria de valor científico, em vista das irredutíveis deformações, de ordem psicológica. Tente, aliás, fazê-lo, e terá notáveis surpresas. Além de que a simultaneidade torna-se impossível, no fluir de valores instantâneos. Ah, o tempo é o mágico de todas as traições... E os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem, defeitos com que cresceram e a que se afizeram, mais e mais. Por começo, a criancinha vê os objetos invertidos, daí seu desajeitado tactear; só a pouco e pouco é que consegue retificar, sobre a postura dos volumes externos, uma precária visão. Subsistem, porém, outras pechas, e mais graves. Os olhos, por enquanto, são a porta do engano; duvide deles, dos seus, não de mim. Ah, meu amigo, a espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina e lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente... E então?
Note que meus reparos limitam-se ao capítulo dos espelhos planos, de uso comum. E os demais — côncavos, convexos, parabólicos — além da possibilidade de outros, não descobertos, apenas, ainda? Um espelho, por exemplo, tetra ou quadridimensional? Parece-me não absurda, a hipótese. Matemáticos especializados, depois de mental adestramento, vieram a construir objetos a quatro dimensões, para isso utilizando pequenos cubos, de várias cores, como esses com que os meninos brincam. Duvida? Vejo que começa a descontar um pouco de sua inicial desconfiança, quanto ao meu são juízo. Fiquemos, porém, no terra-a-terra. Rimo-nos, nas barracas de diversões, daqueles caricatos espelhos, que nos reduzem a mostrengos, esticados ou globosos. Mas, se só usamos os planos — e nas curvas de um bule tem-se sofrível espelho convexo, e numa colher brunida um côncavo razoável — deve-se a que primeiro a humanidade mirou-se nas superfícies de água quieta, lagoas, lameiros, fontes, delas aprendendo a fazer tais utensílios de metal ou cristal. Tirésias, contudo, já havia predito ao belo Narciso que ele viveria apenas enquanto a si mesmo não se visse... Sim, são para se ter medo, os espelhos.

Temi-os, desde menino, por instintiva suspeita. Também os animais negam-se a encará-los, salvo as críveis excepções. Sou do interior, o senhor também; na nossa terra, diz-se que nunca se deve olhar em espelho às horas mortas da noite, estando-se

sozinho. Porque, neles, às vezes, em lugar de nossa imagem, assombra-nos alguma outra e medonha visão. Sou, porém, positivo, um racional, piso o chão a pés e patas. Satisfazer-me com fantásticas não-explicações? — jamais. Que amedrontadora visão seria então aquela? Quem o Monstro?

Sendo talvez meu medo a revivescência de impressões atávicas? O espelho inspirava receio supersticioso aos primitivos, aqueles povos com a idéia de que o reflexo de uma pessoa fosse a alma. Via de regra, sabe-o o senhor, é a superstição fecundo ponto de partida para a pesquisa. A alma do espelho — anote-a — esplêndida metáfora. Outros, aliás, identificavam a alma com a sombra do corpo; e não lhe terá escapado a polarização: luz — treva. Não se costumava tapar os espelhos, ou voltá-los contra a parede, quando morria alguém da casa? Se, além de os utilizarem nos manejos da magia, imitativa ou simpática, videntes serviam-se deles, como da bola de cristal, vislumbrando em seu campo esboços de futuros fatos, não será porque, através dos espelhos, parece que o tempo muda de direção e de velocidade? Alongo-me, porém. Contava-lhe...

— Foi num lavatório de edifício público, por acaso. Eu era moço, comigo contente, vaidoso. Descuidado, avistei... Explico-lhe: dois espelhos — um de parede, o outro de porta lateral, aberta em ângulo propício — faziam jogo. E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era — logo descobri... era eu, mesmo! O senhor acha que eu algum dia ia esquecer essa revelação?

Desde aí, comecei a procurar-me — ao eu por detrás de mim — à tona dos espelhos, em sua lisa, funda lâmina, em seu lume frio. Isso, que se saiba, antes ninguém tentara. Quem se olha em espelho, o faz partindo de preconceito afetivo, de um mais ou menos falaz pressuposto: ninguém se acha na verdade feio: quando muito, em certos momentos, desgostamo-nos por provisoriamente discrepantes de um ideal estético já aceito. Sou claro? O que se busca, então, é verificar, acertar, trabalhar um modelo subjetivo, preexistente; enfim, ampliar o ilusório, mediante sucessivas novas capas de ilusão. Eu, porém, era um perquiridor imparcial, neutro absolutamente. O caçador de meu próprio aspecto formal, movido por curiosidade, quando não impessoal, desinteressada; para não dizer o urgir científico. Levei meses.

Sim, instrutivos. Operava com toda a sorte de astúcias: o rapidíssimo relance, os golpes de esguelha, a longa obliqüidade apurada, as contra-surpresas, a finta de

pálpebras, a tocaia com a luz de-repente acesa, os ângulos variados incessantemente. Sobretudo, uma inembotável paciência. Mirava-me, também, em marcados momentos — de ira, medo, orgulho abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza. Sobreabriam-se-me enigmas. Se, por exemplo, em estado de ódio, o senhor enfrenta objetivamente a sua imagem, o ódio reflui e recrudesce, em tremendas multiplicações: e o senhor vê, então, que, de fato, só se odeia é a si mesmo. Olhos contra os olhos. Soube-o: os olhos da gente não têm fim. Só eles paravam imutáveis, no centro do segredo. Se é que de mim não zombassem, para lá de uma máscara. Porque, o resto, o rosto, mudava permanentemente. O senhor, como os demais, não vê que seu rosto é apenas um movimento deceptivo, constante. Não vê, porque mal advertido, avezado; diria eu: ainda adormecido, sem desenvolver sequer as mais necessárias novas percepções. Não vê, como também não se vêem, no comum, os movimentos translativo e rotatório deste planeta Terra, sobre que os seus e os meus pés assentam. Se quiser, não me desculpe; mas o senhor me compreende.

Sendo assim, necessitava eu de transverberar o embuço, a travisagem daquela máscara, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma. Tinha de haver um jeito. Meditei-o. Assistiram-me seguras inspirações.

Concluí que, interpenetrando-se no disfarce do rosto externo diversas componentes, meu problema seria o de submetê-las a um bloqueio "visual" ou anulamento perceptivo, a suspensão de uma por uma, desde as mais rudimentares, grosseiras, ou de inferior significado. Tomei o elemento animal, para começo.

Parecer-se cada um de nós com determinado bicho, relembrar seu facies, é fato. Constato-o, apenas; longe de mim puxar à bimbalha temas de metempsicose ou teorias biogenéticas. De um mestre, aliás, na ciência de Lavater, eu me inteirara no assunto. Que acha? Com caras e cabeças ovinas ou eqüinas, por exemplo, basta lhe relancear a multidão ou atentar nos conhecidos, para reconhecer que os há, muitos. Meu sósia inferior na escala era, porém — a onça. Confirmei-me disso. E, então, eu teria que, após dissociá-los meticulosamente, aprender a não ver, no espelho, os traços que em mim recordavam o grande felino. Atirei-me a tanto.

Releve-me não detalhar o método ou métodos de que me vali, e que revezavam a mais buscante análise e o estrênuo vigor de abstração. Mesmo as etapas preparatórias dariam para aterrar a quem menos pronto ao árduo. Como todo homem culto, o senhor não desconhece a Ioga, e já a terá praticado, quando não seja, em suas mais elementares técnicas. E, os "exercícios espirituais" dos jesuítas, sei de filósofos e

pensadores incréus que os cultivam, para aprofundarem-se na capacidade de concentração, de par com a imaginação criadora... Enfim, não lhe oculto haver recorrido a meios um tanto empíricos: gradações de luzes, lâmpadas coloridas, pomadas fosforescentes na obscuridade. Só a uma expediência me recusei, por medíocre senão falseadora, a de empregar outras substâncias no aço e estanhagem dos espelhos. Mas, era principalmente no modus de focar, na visão parcialmente alheada, que eu tinha de agilitar-me: olhar não-vendo. Sem ver o que, em meu rosto, não passava de reliquat bestial. Ia-o conseguindo?

Saiba que eu perseguia uma realidade experimental, não uma hipótese imaginária. E digo-lhe que nessa operação fazia reais progressos. Pouco a pouco, no campo-de-vista do espelho, minha figura reproduzia-se-me lacunar, com atenuadas, quase apagadas de todo, aquelas partes excrescentes. Prossegui. Já aí, porém, decidindo me a tratar simultaneamente as outras componentes, contingentes e ilusivas. Assim, o elemento hereditário — as parecenças com os pais e avós — que são também, nos nossos rostos, um lastro evolutivo residual. Ah, meu amigo, nem no ovo o pinto está intacto. E, em seguida, o que se deveria ao contágio das paixões, manifestadas ou latentes, o que ressaltava das desordenadas pressões psicológicas transitórias. E, ainda, o que, em nossas caras, materializa idéias e sugestões de outrem; e os efêmeros interesses, sem seqüência nem antecedência, sem conexões nem fundura. Careceríamos de dias, para explicar-lhe. Prefiro que tome minhas afirmações por seu valor nominal.

À medida que trabalhava com maior mestria, no excluir, abstrair e abstrar, meu esquema perspectivo clivava-se, em forma meândrica, a modos de couve-flor ou bucho de boi, e em mosaicos, e francamente cavernoso, como uma esponja. E escurecia-se. Por aí, não obstante os cuidados com a saúde, comecei a sofrer dores de cabeça. Será que me acovardei, sem menos? Perdoe-me, o senhor, o constrangimento, ao ter de mudar de tom para confidência tão humana, em nota de fraqueza inesperada e indigna. Lembre-se, porém, de Terêncio. Sim, os antigos; acudiu-me que representavam justamente com um espelho, rodeado de uma serpente, a Prudência, como divindade alegórica. De golpe, abandonei a investigação. Deixei, mesmo, por meses, de me olhar em qualquer espelho.

Mas, com o comum correr quotidiano, a gente se aquieta, esquece-se de muito. O tempo, em longo trecho, é sempre tranqüilo. E pode ser, não menos, que encoberta curiosidade me picasse. Um dia... Desculpe-me, não viso a efeitos de ficcionista,

inflectindo de propósito, em agudo, as situações. Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era — o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona.

Com que, então, durante aqueles meses de repouso, a faculdade, antes buscada, por si em mim se exercitara! Para sempre? Voltei a querer encarar-me. Nada. E, o que tomadamente me estarreceu: eu não via os meus olhos. No brilhante e polido nada, não se me espelhavam nem eles!

Tanto dito que, partindo para uma figura gradualmente simplificada, despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um... desalmado? Então, o que se me fingia de um suposto eu, não era mais que, sobre a persistência do animal, um pouco de herança, de soltos instintos, energia passional estranha, um entrecruzar-se de influências, e tudo o mais que na impermanência se indefine? Diziam-me isso os raios luminosos e a face vazia do espelho — com rigorosa infidelidade. E, seria assim, com todos? Seríamos não muito mais que as crianças — o espírito do viver não passando de ímpetos espasmódicos, relampejados entre miragens: a esperança e a memória.

Mas, o senhor estará achando que desvario e desoriento-me, confundindo o físico, o hiperfísico e o transfísico, fora do menor equilíbrio de raciocínio ou alinhamento lógico — na conta agora caio. Estará pensando que, do que eu disse, nada se acerta, nada prova nada. Mesmo que tudo fosse verdade, não seria mais que reles obsessão auto-sugestiva, e o despropósito de pretender que psiquismo ou alma se retratassem em espelho...

Dou-lhe razão. Há, porém, que sou um mau contador, precipitando-me às ilações antes dos fatos, e, pois: pondo os bois atrás do carro e os chifres depois dos bois. Releve-me. E deixe que o final de meu capítulo traga luzes ao até agora aventado, canhestra e antecipadamente.

São sucessos muito de ordem íntima, de caráter assaz esquisito. Narro-os, sob palavra, sob segredo. Pejo-me. Tenho de demais resumi-los.

Pois foi que, mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei — não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que

se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo.

São coisas que se não devem entrever; pelo menos, além de um tanto. São outras coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde — por último — num espelho. Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto — quase delineado, apenas — mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos que-menino, só. Só. Será que o senhor nunca compreenderá?

Devia ou não devia contar-lhe, por motivos de talvez. Do que digo, descubro, deduzo. Será, se? Apalpo o evidente? Tresbusco. Será este nosso desengonço e mundo o plano — intersecção de planos — onde se completam de fazer as almas?

Se sim, a "vida" consiste em experiência extrema e séria; sua técnica — ou pelo menos parte — exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o "salto mortale"... — digo-o, do jeito, não porque os acrobatas italianos o aviventaram, mas por precisarem de toque e timbre novos as comuns expressões, amortecidas... E o julgamento-problema, podendo sobrevir com a simples pergunta: — "Você chegou a existir?"

Sim? Mas, então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros titubeados. Sim?

João Guimarães Rosa

Só um chamado que não resisto deixar de fazer: Para mim, o centro deste conto central é: "***Por aí, perdoe-me o detalhe, eu já amava — já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria.***

REFERÊNCIAS

BACH Jr., Jonas, Tania Stoltz, Marcelo da Veiga - Schelling e Steiner: Da Essência da Liberdade Humana ao Individualismo Ético. In: “Educação e Filosofia” - Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 423-443, jan./jun. 2014. ISSN 0102-6801

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço – Martins Editora

BACHELARD, Gaston. A Epistemologia – Editora 70

BACHELARD, Gaston. A Filosofia do Não – Editora Presença

BACHELARD, Gaston. A Formação do Espírito Científico – Contraponto Editora

BIE, Gus van der. Embryology - early development from a phenomenological point of view /Anatomy. Disponível em: www.louisbolk.org

BIE, Gus van der. Human Morphology from a phenomenological point of view. Disponível em: www.louisbolk.org

BION, Wilfred. Uma Psicanálise do Pensamento. Campinas: Editora Papirus, 1995

BORTOFT, Henry. Taking Appearance Seriously: The Dynamic Way of Seeing in Goethe and European Thought, Floris Books, 2012.

BRADEN, Gregg. Human by Design – From evolution by chance to transformation by choice – 2017

CHANDRA, Pravin; WEISSTEIN, Eric W. "Fibonacci Number." From MathWorld--A Wolfram Web Resource. http://mathworld.wolfram.com/FibonacciNumber.html

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platos. Editora 34

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo – Imago Editora Ltda. - 1976

DURÃES, Fani Schiffer. O Mito de Fausto em Grande Sertão Veredas.

DURAND, Gilbert – As estruturas antropológicas do imaginário. Lisboa: Editorial Presença, 1989

FEUERBACH, Ludwig - Contra o dualismo de corpo e alma, de carne e espírito. In: Filosofia da Sensibilidade. Escritos (1839-1946). Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: CFUL, 2005 (pp. 183-205)

FEUERBACH, Ludwig – Princípios da Filosofia do Futuro – Universidade da Beira Interior Covilhã, 2001

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Matrizes do pensamento psicológico (9ª ed.). Petrópolis: Vozes, 2002

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. Ética, saúde e as práticas alternativas. In: Figueiredo, L.C.. Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos (6ª ed.). Petrópolis: Vozes, 2011 (Pp.64-101).

FRASSEN, Bas C. van. A imagen científica. São Paulo: Ed. Unesp / Discurso Ed., 2007

GADAMER, Hans-Georg. "Hegel, Husserl, Heidegger" - Editora Vozes – 2012

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, 1999

GOETHE, J.W. A metamorfose das plantas. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1993a.

GOETHE, J.W. Doutrina das Cores. São Paulo: Nova Alexandria, 1993b.

GOETHE, J.W. Máximas e reflexões. 2ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1992.

GOETHE, J.W. Segunda parte: Teoria general de la naturaleza. In: GOETHE, J.W. Teoría de la naturaleza. Madrid: Editorial Tecnos, 1997. p. 139-251.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 2015

HEIDEGGER, Martin. Serenidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001

HOLTON, Gerald. A imaginação científica. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. O Jogo como Elemento da Cultura. (Coleção Estudos). São Paulo: Perspectiva, 2010

HUSSERL, Edmund. Meditações Cartesianas – Introdução à Fenomenologia. Madras Editora, 2001.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. Johann Wolfgang von Goethe: arte e natureza, poesia e ciência. Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro , v. 13, supl. p. 39-54, Oct. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000500003&lng=en&nrm=iso Acesso 08/01/2019.

LACAN, Jacques. O Seminário – Livro 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Porto Alegre: Editora Jorge Zahar, 1985

MORAES, F. O. de. A festa do Divino em Mogi das Cruzes. São Paulo: Anablume/FAPESP, 2003

MUNEÉ, Frederic. Perfecto e inperfecto – Estudios sobre la complexidade. Bogotá: Califórnia Edit, 2014

PIAGET, JEAN; BETH, E.; MAYS W.. Epistemologia. Genética e Pesquisa Psicológica. São Paulo: Editora Livraria Freitas Bastos, 1974

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zélia. Sistemas Lógicos e Sistemas de Significação na obra de Jean Piaget. Psicologia-USP, São Paulo, 2(1/2): 21-23, 1991.

RIBEIRO, S.M.P. Preâmbulo (A trajetividade) In: Paisagem, Imaginário e Narratividade. Olhares transdisciplinares e novas interrogações da psicologia social..1 ed.São Paulo: Zagodoni, 2015, v.1, p. 7-14.

RICOEUR, Paul. Outramente. Petrópolis: Editora Vozes, 1999

SAFRA, Gilberto. Hermenêutica na situação clínica. O desvelar da singularidade pelo idioma pessoal. São Paulo: Ed. Sobornost, 2006

SCHELLING, Friederich W. J. A essência da liberdade humana: investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). O Homem Integral. Antropologia e Utopia em Ludwig Feuerbach. Lisboa: CFUL, 2001

SERRÃO, Adriana Veríssimo. A Humanidade da razão. Ludwig Feuerbach e o projeto de uma antropologia integral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / FCT, 1999

SOUZA, Eudoro de. Mitologia. Lisboa: Guimarães Ed., 1984

STEINER, Rudolf. A Filosofia da Liberdade. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2000.

STEINER, Rudolf. O Método Cognitivo de Goethe – Editora Antroposófica, 2016

VANDENBOS, Gary R.. Dicionário de Psicologia da APA. Porto Alegre: Artmed, 2010

VARGAS, Milton. História da matematização da natureza. Estudos Avançados, São Paulo, v. 10, n. 28, p. 249-276, Dec. 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000300011&lng=en&nrm=iso Acesso 25/12/2018.

SUASSUNA, Ariano. “Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”- Editora Nova Fronteira, 1971

WEISSTEIN, Eric W. "Golden Ratio." From MathWorld--A Wolfram Web Resource. http://mathworld.wolfram.com/GoldenRatio.html

WINNICOTT, Donald Woods – O Brincar e a Realidade – Editora Imago, 1975

GLOSSÁRIO

Apodítico: Fato evidente por si mesmo e que não precisa, portanto, de uma ser provado a ninguém.

Eu: Aqui, emprega-se para referir a personalidade que é elaborada ao longo dos anos por todas as pessoas; neste sentido, tem como realidade interior o Eu Superior ou Eu Maior que é o núcleo do Eu que acessa a vida subconsciente e inconsciente.

Eu Sou: É o Eu plenamente consciente que assume um caminho próprio, sua real individualidade que lida com sua personalidade principal, o Eu, e direciona sua vida em função das metas maiores a que se propõe em função de sua amplitude que é fundamentada pelo amor ao próximo.

Fator Anthropos: É a presença em cada pessoa de um Eu Superior que atua em princípio, e na maioria das pessoas, sempre num nível inconsciente, sendo responsável pelas diferenças essenciais nos processos de crescimento já na vida embrionária e até o fim da vida de cada pessoa.

Goetheanismo: Uma metodologia científica orientada pela arte que integra todas as elaborações intelectuais, imaginativas, inspirativas e intuitivas. É um dos núcleos principais desta tese.

Hierosólima: Outra forma de dizer Jerusalém

Lúdico: Refere-se ao impulso do brincar, elaborado com grande maestria na obra de Schiller: *Cartas Estéticas*. O sentido é deixar claro que a criatividade nasce a partir do brincar e abre as amplas possibilidades para a maior compreensão das coisas.

Metamorfose: Uma mudança global no ser, o que é muito diferente de transformação que é o caminhar de uma forma para outra. A metamorfose é a mudança que se faz partindo de uma forma e chegando a uma forma totalmente nova. Neste sentido, o termo é empregado de modo ampliado em relação à sua definição usual no campo da psicologia: *"Mudança na forma ou estrutura, tipicamente de um estágio do desenvolvimento para outro"* (cf. VandenBos, 2010).

Neotenia: É o nome dado pelos biólogos e embriologistas em geral ao fato de que o desenvolvimento dos indivíduos de uma espécie retenha características juvenis, até embrionárias, não caminhando para a especialização, o que é particularmente frequente na espécie humana.

Protagonismo: A postura esperada de todas as pessoas no sentido de fazerem seu próprio caminho no mundo, a partir de si mesmas e assumindo a responsabilidade total pelas consequências de seus atos.

Si Mesmo: A presença real do ser que cada um de nós é como fato evidente por si mesmo; correlaciona-se ao termo "Self", extensivamente utilizado em psicologia, para indicar *"a totalidade do indivíduo, consistindo de todos os atributos característicos, conscientes e inconscientes, mentais e físicos* (...)*."* (cf. VandenBos, 2010).